

Aurimar Jacobino de Barros Nunes

Nasceu em Teresina. Tem graduação em Ciência Política e mestrado em Relações Internacionais, ambos pela Universidade de Brasília (UnB), e mestrado em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco (IRBr).

Ao longo de sua carreira diplomática, iniciada em 2001, atuou, no Brasil, na Divisão da América Meridional, na Subsecretaria-Geral de Cooperação e Comunidades Brasileiras no Exterior, na Agência Brasileira de Cooperação e na Secretaria-Geral das Relações Exteriores. Atualmente é chefe da Divisão de África II, responsável por acompanhar e monitorar a política interna e as relações bilaterais do Brasil com os países da África Austral e de língua portuguesa, bem como as correspondentes organizações internacionais: Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) e Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

No exterior, serviu nas embaixadas do Brasil em Assunção, Buenos Aires, Lima e Roma – onde se ocupou da administração do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia (MVMBP).

Qual a importância da participação brasileira na luta contra o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial? Qual o peso do legado histórico da Força Expedicionária Brasileira (FEB)? A colaboração brasileira prestada à Causa Aliada pode servir, nos dias de hoje, como instrumento para a projeção internacional do Brasil?

São essas as perguntas que o presente trabalho, apresentado no Curso de Altos Estudos (CAE) do Instituto Rio Branco, tenta responder. O texto, revisto e agora trazido a um público mais amplo pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), procura examinar aspectos historiográficos, políticos, diplomáticos e culturais da memória da FEB.

Trata-se, também, de uma merecida homenagem do Itamaraty aos heróis da FEB. O envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial contra o maior desafio enfrentado pela democracia e pela paz mundial no século XX constituiu uma causa justa a ser recordada e celebrada pelo Brasil e por todas as suas nações amigas.

1945 2020 INSTITUTO RIO BRANCO 75 ANOS

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

ISBN 978-85-7631-838-5

Aurimar Jacobino de Barros Nunes

O ITAMARATY E A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Curso de Altos Estudos

O ITAMARATY E A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)

O legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo de política externa

Aurimar Jacobino de Barros Nunes

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

O Curso de Altos Estudos (CAE) do Instituto Rio Branco (IRBr) foi inicialmente previsto na Lei nº 3.917, de 14 de julho de 1961. A efetiva criação do curso deu-se por força do Decreto nº 79.556, de 20 de abril de 1977, que dispôs que o CAE, após cinco anos, passasse a ser requisito à promoção da classe de conselheiro para a de ministro de segunda classe. Sua primeira edição foi realizada em 1979.

O CAE é parte integrante do sistema de treinamento e qualificação na carreira de diplomata. Serve de instrumento de gestão à administração do Itamaraty no processo de selecionar os diplomatas que estarão aptos a atingir os degraus mais elevados da carreira e a assumir posições de alta chefia na instituição.

A Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) tem publicado várias teses aprovadas no CAE, dando prioridade para as recomendadas pela banca examinadora do curso. A relação dos trabalhos da coleção Curso de Altos Estudos já publicados pela FUNAG encontra-se no final desta publicação.

Todos os textos da coleção Curso de Altos Estudos estão disponíveis, para *download* gratuito, na biblioteca digital da FUNAG (www.funag.gov.br).

Curso de Altos Estudos

O ITAMARATY E A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)

O legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo de política externa

Aurimar Jacobino de Barros Nunes

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO



O ITAMARATY E A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)

O legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo de política externa

Ministério das Relações Exteriores
Fundação Alexandre de Gusmão

A Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

A FUNAG, com sede em Brasília-DF, conta em sua estrutura com o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais – IPRI e com o Centro de História e Documentação Diplomática – CHDD, este último no Rio de Janeiro.

Aurimar Jacobino de Barros Nunes

O ITAMARATY E A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)

O legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo de política externa

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília - 2020

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H, Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília–DF
Telefones: (61) 2030-9117/9128
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@funag.gov.br

Equipe Técnica:
Denivon Cordeiro de Carvalho
Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
Higor Francisco Gomes
Luiz Antônio Gusmão
Rafaela de Sousa Medeiros

Revisores:
Acauã Lucas Leotta
Roberto Goidanich

Programação Visual e Diagramação:
Varnei Rodrigues - Propagare Comercial Ltda.

As opiniões emitidas no presente trabalho são de responsabilidade da autora e não refletem necessariamente a posição oficial do governo brasileiro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N972 Nunes, Aurimar Jacobino de Barros

O Itamaraty e a Força Expedicionária Brasileira (FEB): o legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo de política externa / Aurimar Jacobino de Barros Nunes. - Brasília: FUNAG, 2020.

320 p.

ISBN 978-85-7631-838-5

1. Itamaraty. 2. Política externa. 3. Brasil - Segunda Guerra Mundial. I. Título.

CDU 327
CDD 327

Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.
Bibliotecária responsável: Raimunda Lima Evangelista, CRB-1/3382

Para Liz e Bruna.

Para meus pais, José Ribamar Nunes
e Ana Maria, e meus irmãos Aurino,
Levi, Riba, Gisele e Martha.

Dedicado à memória do general Milton Sils
de Andrade Júnior, ex-adido do Exército
junto à embaixada do Brasil na Itália e
entusiasta da FEB.

Sumário

Lista de siglas e abreviaturas 11

Apresentação 15

Introdução 19

Esquema do trabalho 22

Metodologia 25

1. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial 27

1.1 Antecedentes político-diplomáticos: a estratégia de Vargas 28

1.1.2 O contexto hemisférico e o conflito mundial 31

1.1.3 A III Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro ... 34

1.2 O afundamento de navios brasileiros, o clamor popular e a declaração de guerra 41

1.2.1 A declaração de guerra 43

1.2.2 O encontro de Vargas e Roosevelt em Natal 46

1.3 As primeiras operações: a Marinha do Brasil e a Força Aérea Brasileira 46

1.3.1 Patrulhamento e abastecimento no Atlântico Sul 47

1.3.2 Aeronáutica: o 1º Grupo de Aviação de Caça "Senta a Pua!" e a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação da FAB (ELO) 50

1.4 A decisão e a preparação de uma força expedicionária 57

1.5 Posição dos demais países latino-americanos 61

2. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) 67

2.1 O treinamento e o embarque para a Itália 69

2.2 A campanha da FEB na Linha Gótica 70

2.2.1 Primeiras ações: Massarosa, Camaiore e o revés em Sommocolonia 74

2.3 A tomada do Monte Castello 76

2.4 A libertação de Montese e outras cidades (Marano, Vignola, Collecchio, Zocca e Fornovo di Taro) 78

2.5 As correspondências diplomáticas sobre a FEB 83

2.6 O fim da guerra e a desmobilização da FEB 85

2.7 Os heróis da FEB 90

3. O legado da FEB 99

3.1 A lembrança da FEB na Itália 100

3.2 Os lugares de memória da FEB 103

3.2.1 O Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia .. 104

3.2.2 O Monumento do Monte Castello 110

3.2.3 Monumentos e praças em outras cidades e localidades italianas 111

3.2.4 O Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial do Rio de Janeiro 113

3.3 A visão historiográfica sobre a FEB 115

3.3.1 Os depoimentos e entrevistas com os pracinhas 133

3.3.1.1 Os depoimentos e entrevistas com diplomatas filhos de ex-pracinhas 140

3.3.1.2 Entrevistas com veteranos 143

3.4 Solenidades em homenagem à FEB 150

3.4.1 Museus da FEB 152

3.4.2 Exposições sobre a FEB 153

3.4.3 Associações da FEB no Brasil e no mundo 158

3.4.4 Encontros e seminários sobre a FEB 163

3.5 Intelectuais e personalidades brasileiras na FEB 165

4. O legado da FEB e o Itamaraty: propostas 181

4.1 A FEB como tema político 184

4.1.1 A FEB e o plano multilateral 186

4.1.2 A FEB e a diplomacia bilateral 194

4.2 A FEB e a administração do Itamaraty 200

4.2.1 O Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia .. 201

4.2.2 A questão do terreno do monumento de Pistoia 204

4.2.3 A coordenação com o Ministério da Defesa e outros órgãos 208
4.3 A FEB e a diplomacia cultural 209
4.3.1 Exposições sobre a FEB 210
4.3.2 Seminários acadêmicos 212
4.3.3 A reedição de livros sobre a FEB 213
4.3.4 A FEB e os centros culturais brasileiros (CCBs) 215
4.3.5 O trabalho museológico e a FEB 216
4.4 As autoridades brasileiras e a FEB 219
4.4.1 O Brasil e as comemorações dos Aliados 219
4.4.2 A presença brasileira nas celebrações na Itália 221
4.4.3 O ERERIO e o Monumento aos Pracinhas 226

Conclusão 231

Referências 243
Fotos históricas 265
Fotos dos monumentos e museus da FEB 281
Reproduções do Caderno de Guerra de Carlos Scliar 289
Documentação 297
Depoimento do embaixador Fábio Vaz Pitaluga 309

Lista de siglas e abreviaturas

AECB Associação dos Ex-Combatentes do Brasil

AHI Arquivo Histórico do Itamaraty (Rio de Janeiro-RJ)

AHEx Arquivo Histórico do Exército

ANVFEB Associação Nacional dos Veteranos da FEB

BIBLIEx Biblioteca do Exército

CAE Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco

CCBs Centros culturais brasileiros

CCBA Centro Cultural Brasil-Argentina (Embaixada do Brasil em Buenos Aires)

CDO Coordenação-Geral de Documentação Diplomática do Itamaraty (Brasília-DF)

CEPHiMEx Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército Brasileiro

CPOR Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

CRIFA Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas

CSNU Conselho de Segurança das Nações Unidas

DAIA	Delegação de Associações Israelitas da Argentina
DCED/MRE	Departamento Educacional e Cultural do Itamaraty
DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
DPHDM	Diretoria do Patrimônio Histórico e de Documentação da Marinha
ERERIO	Escritório de Representação do Itamaraty no Rio de Janeiro
ESG	Escola Superior de Guerra
FAB	Força Aérea Brasileira
FAAP	Fundação Armando Alvares Penteado
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FUNAG	Fundação Alexandre de Gusmão
IGHMB	Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IIC	Instituto Italiano de Cultura
IMS	Instituto Moreira Salles
INCAER	Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica
IPRI/FUNAG	Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais da FUNAG
MAB	Museu de Arte Brasileira
MD	Ministério da Defesa do Brasil
MRE	Ministério das Relações Exteriores do Brasil
MVMBP	Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia
NEB	Núcleo de estudos brasileiros
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SERE	Secretaria de Estado das Relações Exteriores

SESFEB Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira

UEL Universidade Estadual de Londrina

UFPR Universidade Federal do Paraná

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

Apresentação

Foi com muita satisfação que recebi o convite para escrever a apresentação para a publicação desta tese de Curso de Altos Estudos (CAE) do Itamaraty sobre o Itamaraty e a Força Expedicionária Brasileira (FEB). A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial sempre teve importância especial para mim, mesmo antes de ingressar no Itamaraty. Dois de meus tios-avôs, oficiais do Exército, envolveram-se pessoalmente no conflito. O primeiro deles faleceu em um dos navios torpedeados por um submarino alemão na costa do Brasil, episódio que levou nosso país a declarar guerra às potências do Eixo. Lembro-me de ir com meu avô, quando ainda criança, no Rio de Janeiro, às cerimônias no Monumento aos Pracinhas em homenagem aos ex-combatentes e às vítimas do conflito – à qual também comparecia meu outro tio-avô, que, então como capitão, integrara a FEB. Recordo-me das histórias que deles ouvia sobre o significativo papel dos pracinhas e os laços especiais que muitos forjaram com os italianos, o que viria a confirmar pessoalmente, tempos depois, como embaixador do Brasil na Itália.

Alguns, no exterior e mesmo no Brasil, chegam hoje a questionar a relevância de nossa contribuição para a vitória aliada, resgatada em boa hora por meio de obras como *Forgotten Allies*, de J. Lee Ready; *Brazil:*

The Fortunes of War, de Neill Lochery; e *1942 – O Brasil e sua guerra quase desconhecida*, de João Barone. A verdade, porém, é que dificilmente se pode aquilatar, sem ir à Itália, a dimensão que teve naquele país a missão das tropas brasileiras. Nossos soldados desempenharam, com bravura e sacrifício, papel muito relevante do ponto de vista militar e granjearam respeito entre combatentes de outros países, mesmo adversários, e *partigiani*. Mas sua contribuição foi muito além disso. Eles deixaram, por onde passaram, uma imagem extremamente positiva do Brasil e dos brasileiros.

Não foram poucos os testemunhos emocionados e agradecidos que ouvi de italianos, crianças à época da guerra, para quem nossos soldados representaram a reconquista da liberdade e a expectativa de melhores condições de vida, sem a busca de contrapartidas: foram, lutaram e regressaram – à exceção de quase 450, que deixaram a vida em combate. Ao contrário de outros, os brasileiros ficaram conhecidos por sua generosidade, que os levava, por exemplo, a dividir o pouco alimento de que dispunham com famílias que então passavam fome – como me relatou, comovida e segurando as minhas mãos, uma senhora que tinha oito anos em 1945 e para quem o final da guerra fora representado pela chegada de um oficial brasileiro em um Jeep e o gesto que tivera de dar de comer a ela e a seus familiares, dentro da modesta casa em que estavam. O fato de nossos soldados também falarem uma língua latina, aliado à natural simpatia e facilidade no trato, certamente ajudou na comunicação. Cerca de 50 pracinhas acabaram casando-se com italianas, entre os quais o pai do atual administrador do Monumento Votivo de Pistoia. A cidade de Montese, palco de dura batalha, hoje tem várias ruas e praças em homenagem ao Brasil e, nas comemorações que realiza todos os anos, crianças de escolas locais entoam a "Canção do Expedicionário" e os hinos nacionais dos dois países, enquanto agitam pequenas bandeiras brasileiras e italianas.

No período em que fui embaixador na Itália, entre o primeiro semestre de 2013 e fins de 2016, estive presente a inúmeros eventos

comemorativos da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, alguns dos quais se realizam regularmente em Monte Castello, Montese e Pistoia, e outros que foram organizados especialmente naquele período, como a mostra do filme *A estrada 47*, em sessão especial na Câmara dos Deputados italiana, e a *Coluna da vitória*, para celebrar os 70 anos da libertação da Itália. A Coluna, que percorreu várias localidades onde os soldados brasileiros combateram, foi formada por veículos utilizados pela própria FEB durante o conflito e contou com a presença de cinco pracinhas, bem como do então comandante do Exército, general Eduardo Dias da Costa Villas Bôas, e do então comandante do Estado-Maior do Exército, general Sérgio Westphalen Etchegoyen.

Cabe reconhecer, contudo, que nem toda a Itália sabe da participação do Brasil na libertação do país, a despeito das contínuas iniciativas de divulgação feitas por ambos os lados. À exceção das localidades mais próximas das áreas de combate, na chamada Linha Gótica, e mesmo em cidades de onde haviam emigrado anteriormente tantos italianos para o Brasil, cujos descendentes hoje compõem cerca de 15% de nossa população, persiste grande falta de informação sobre a missão das tropas brasileiras na luta contra o totalitarismo nazifascista. O mesmo pode ser dito em relação ao próprio Brasil, onde o conhecimento a respeito da FEB por parte da grande maioria da população é limitado ou inexistente. Precisamente por isso, a presente tese, defendida e aprovada no final de 2017 por ocasião do LXII CAE do Itamaraty, é muito oportuna. Suas sugestões, nos âmbitos político, administrativo e cultural, oferecem linhas de ação capazes não apenas de aumentar, na Itália e no Brasil, a difusão de tema de tão grande significado, mas também de projetar ainda mais a presença de nosso país no plano internacional, como defensor da paz, da justiça e da democracia.

Ricardo Neiva Tavares

Introdução

A presente obra procurou desenvolver propostas para uma utilização mais estruturada e planejada, pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), do legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, até hoje pouco aproveitado do ponto de vista diplomático e pouco reconhecido do ponto de vista histórico.

O trabalho foi apresentado e aprovado no âmbito do LXII CAE do Itamaraty, que consiste em uma das etapas da carreira diplomática brasileira. Nela, o(a) diplomata deve apresentar uma tese de caráter propositivo, tendo em conta sua experiência profissional prévia ou tema de seu marcado interesse.

Após a decisão da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) de publicar o trabalho e, assim levá-lo a um público mais amplo – objetivo central de todo o esforço nele concentrado –, foram realizados pequenos ajustes no texto, a fim de torná-lo menos um exercício interno de reflexão e mais uma ação de divulgação do legado da FEB.

A proposta nele contida não se restringiu à mera preservação – temática e material – da memória da FEB e à sua utilização no âmbito das credenciais de projeção internacional do Brasil. As ideias e ações aventadas no trabalho deveriam ter caráter mais abrangente, com vistas

à formulação, no seio do Itamaraty, de efetivo programa de divulgação da contribuição brasileira na luta contra o nazifascismo.

O legado da luta do Brasil junto aos Aliados foi analisado dos pontos de vista político e administrativo, dado a importância da manutenção do único monumento oficial no exterior em homenagem à luta brasileira, em Pistoia, na Itália, onde também se registra significativo número de homenagens adicionais à FEB.

Ademais, a obra emprestou particular ênfase à área cultural e aventa a possibilidade de parcerias institucionais, por exemplo, com o Ministério da Defesa, com associações de ex-combatentes e estudiosos do tema. As propostas buscaram compor quadro para se realizar programa de efeito duradouro, que poderá ser qualificado como um movimento de resgate e promoção do legado da FEB pelo Itamaraty.

A herança da FEB está hoje virtualmente ausente do acervo de ativos da política externa brasileira. A memória de sua contribuição na Segunda Guerra Mundial não costuma ser assimilada, em qualquer instância, pelo discurso que o Brasil projeta para o mundo em seus esforços de inserção internacional.

Em outro plano, também cumpre ter presente que as autoridades nacionais não costumam fazer-se representar nas celebrações internacionais da vitória dos Aliados. Tampouco é frequente a participação de autoridades nacionais de alto nível nas cerimônias realizadas anualmente, especialmente na Itália, alusivas à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e à libertação daquele país.

O trabalho tem por objetivo resgatar tal legado. Baseia-se na premissa de que a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial poderia constituir ativo valioso para a atuação do país no plano multilateral e nas relações bilaterais, especialmente com a Itália e com os Estados Unidos. Considera que tal legado pode constituir elemento importante para a projeção de imagem positiva do Brasil no exterior.

Para tanto, recapitularam-se os fatos principais da presença do Brasil junto aos Aliados no conflito mundial de 1940 a 1945 – que se

tornaria o mais citado exemplo histórico de "guerra justa", segundo o conceito de Michael Walzer[1] –, com vistas a caracterizar aquela participação, e especialmente a lembrança por ela deixada na memória coletiva, em particular na italiana, como um fator positivo para a política externa do país.

Ademais, a contribuição do Brasil na luta contra o totalitarismo nazifascista recobre-se de particular significado como clara reafirmação do compromisso histórico da diplomacia brasileira a favor da paz internacional. Segundo o historiador Vágner Camilo Alves, autor do livro *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*, a incorporação da história da FEB e de seu legado pela diplomacia brasileira guarda relevância na atualidade:

> A despeito dos 70 anos de distância, é importante frisar que a Segunda Guerra Mundial é a "parteira" do mundo contemporâneo. Os aspectos mais destacados do sistema internacional atual (ascensão dos EUA à posição hegemônica, fundação da ONU e dos modernos mecanismos de gerenciamento da economia e segurança internacionais, etc.) foram consequências daquela guerra. Devemos sempre destacar nossa participação no esforço de guerra aliado que possibilitou a constituição do moderno sistema internacional. Isso se refere não somente à atuação da FEB na Itália, mas também aos demais aspectos de nosso esforço de guerra, como atuação da Marinha e da FAB no Atlântico Sul; cessão de território para construção de bases norte-americanas, indispensável para o desdobramento do esforço de guerra estadunidense em direção ao velho mundo; exportação de matérias-primas estratégicas indispensáveis ao esforço de guerra norte-americano; apoio geral à causa aliada na América do Sul, etc. Trata-se de um "CV" nacional destacado e que deve ser divulgado com mais ênfase por nossos servidores públicos em todos os níveis, especialmente o diplomático.[2]

Buscou-se, ao longo do trabalho, sugerir meios de utilização diplomática dessa credencial e de preparação de um programa, na esfera

1 WALZER, *Guerras justas e injustas*, p. 70-91.

2 Entrevista em: 05/10/2016.

do Itamaraty, que incorporasse o legado da FEB na lista dos recursos e instrumentais disponíveis para a diplomacia brasileira. Propôs-se, também, que tal programa pudesse contemplar ações de divulgação cultural e educativa, no plano internacional e junto à comunidade diplomática, sobre a pouco recordada contribuição brasileira à paz mundial no século XX.

Esquema do trabalho

O trabalho desdobra-se em duas grandes partes: uma descritiva, de recapitulação histórica da entrada e da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, bem como do legado por ela deixado, sobretudo junto às populações das cidades das regiões da Toscana e da Emília-Romana, locais principais de atuação das tropas brasileiras; e outra analítica e propositiva, sobre o significado dessa história e dessa memória para a política externa e para a diplomacia brasileiras hoje, mediante propostas de como traduzi-las em linhas de política e iniciativas de divulgação no plano multilateral e também bilateral.

Esta introdução procura descrever a maneira como se distribuirá o mosaico que se busca compor para o aproveitamento e a divulgação, pelo Itamaraty, do legado da FEB na Segunda Guerra Mundial. Também procura delinear os marcos metodológicos utilizados para a pesquisa, a elaboração e a preparação das propostas apresentadas no trabalho.

O primeiro capítulo trata dos antecedentes da entrada do Brasil no conflito mundial. Após a III Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro, em janeiro de 1942, a assim qualificada diplomacia pendular de Vargas dos anos anteriores teve de ser abandonada, principalmente depois do clamor popular provocado pelo afundamento de dezenas de navios brasileiros. As manifestações repercutiram diretamente sobre o rompimento de relações com os três países do Eixo e a declaração do estado de beligerância, em 22 de agosto, e o estado de guerra, contra a Alemanha e a Itália, em 31 de agosto daquele ano.

O segundo capítulo descreve a trajetória da FEB. Do desembarque do primeiro escalão brasileiro em Nápoles, em julho de 1944, ao desfecho após a Ofensiva da Primavera, em abril de 1945, esse segmento da obra expõe, com relativo detalhe, porém sem chegar ao nível da análise estratégico-militar, os principais fatos da campanha dos pracinhas brasileiros na chamada Linha Gótica, na região dos Apeninos italianos.

O terceiro capítulo constitui um dos dois cernes deste trabalho: procura-se nele reconstituir e demonstrar a importância do legado da FEB, em especial na Itália. Nele, narram-se as lembranças, ainda hoje firmes, da população italiana em relação às forças brasileiras; descrevem-se as celebrações anuais em torno das forças brasileiras; e relacionam-se os lugares de memória da FEB ali presentes, sob a forma de monumentos, praças, estátuas e, como mais importante marco, o Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia (MVMBP).

É também nesse trecho do trabalho que se começa a delinear o papel que o Itamaraty pode exercer na preservação, material e substantiva, do legado da FEB. Procura-se deixar clara a vinculação que a participação brasileira na luta contra o totalitarismo pode ter com a imagem projetada internacionalmente pelo Brasil. Dá-se início à ideia de sua ampla divulgação junto aos governos e à sociedade civil de outros países – a contribuição da FEB é muitas vezes injustamente ignorada mesmo em renomados livros internacionais de história sobre a guerra contra o *Reich*.

O quarto capítulo compõe, juntamente com o anterior, a essência do trabalho propositivo que se pretendeu realizar pela presente obra. Nesse trecho, analisam-se as responsabilidades institucionais do Itamaraty sobre o legado da FEB e apresentam-se propostas, de cunho político (multilateral, regional e bilateral), administrativo e, sobretudo, cultural, para a incorporação dessa memória ao atual discurso diplomático do Brasil na apresentação de suas credenciais perante a comunidade internacional. Objetiva-se, sobretudo, a realização de um

constante trabalho de divulgação da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

No trecho conclusivo da obra, avaliam-se, de forma crítica, as propostas apresentadas, para uma melhor utilização do legado da FEB, e procura-se sistematizá-las como instrumento para a agenda diplomática contemporânea do Brasil. Listam-se, também, proposições para o equacionamento criativo das questões administrativas que envolvem a preservação física do legado da FEB e dos cerca de 40 monumentos a ela dedicados na Itália[3].

Das referências constam, na sequência da bibliografia utilizada, a qual inclui relação de sítios eletrônicos de referência sobre a FEB, a lista das entrevistas feitas para a pesquisa; o anexo I traz registros fotográficos da campanha da FEB na Itália e das celebrações em torno do Brasil, realizadas sobretudo na Itália, obtidos junto a órgãos de comunicação das Forças Armadas, centros de pesquisa e, em alguns casos, junto a indivíduos que se dispuseram voluntariamente a colaborar com o presente trabalho; o anexo II compõe-se de fotografias, feitas especialmente para o trabalho, das celebrações anuais do 2 de novembro no MVMBP e de alguns dos lugares de memória da FEB na Itália; o anexo III apresenta ilustrações selecionadas do *Caderno de Guerra* de Carlos Scliar, artista e ex-pracinha da FEB; o anexo IV conta com documentos oficiais de interesse para a obra e para a apreciação das propostas aqui apresentadas; e o anexo V apresenta depoimento do diplomata Fábio Vaz Pitaluga, filho de figura emblemática da FEB, o então capitão, depois general, Plínio Pitaluga, sobre a campanha brasileira, as memórias de seu pai e o possível papel do Itamaraty na conformação de trabalho de divulgação do legado da luta brasileira.

3 Informação prestada pelo Sr. Mario Pereira, auxiliar local da embaixada do Brasil em Roma, responsável pela guarda e manutenção do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia (MVMBP), por *e-mail* de 02/07/2016.

Metodologia

O trabalho não teve como objetivo reconstituir detalhadamente a campanha da FEB na Itália ou analisar taticamente os detalhes de suas operações de combate, as quais, no entanto, serão descritas no capítulo 2 – dada a necessidade de se conhecer o *fenômeno* (a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial) que originou o *objeto* da obra (o legado da FEB).

Da mesma forma, a importância emprestada à compreensão de uma ação dentro de seu contexto histórico fez com que o trabalho de pesquisa buscasse utilizar o método qualitativo. O método qualitativo tem o mérito de enfatizar as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado[4].

O trabalho também se baseou na chamada pesquisa documental, cujo conceito vai além da ideia de utilização de textos escritos ou impressos e usa, como fontes adicionais, documentos escritos e não escritos, filmes, vídeos, fotografias e pôsteres. A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica, tendo como elemento de diferenciação a natureza das fontes.

A pesquisa bibliográfica feita para este trabalho valeu-se de fontes secundárias que já analisaram o objeto, ao passo que a pesquisa documental recorreu a materiais que ainda não receberam tratamento analítico (fontes primárias e entrevistas).

Por um lado, a leitura das dezenas de livros e artigos publicados com memórias de ex-pracinhas, bem como dos trabalhos que analisam política e militarmente a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, engendrou, dentro de uma abordagem hermenêutica, o processo de construção do cabedal de informações, fatos e registros que constituíram o legado da FEB como objeto de estudo.

Por outro lado, no que diz respeito às fontes primárias, realizaram-se pesquisas em diversos arquivos históricos, em especial os

4 GOLDENBERG, *A arte de pesquisar*: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais, p. 30-48.

do Ministério das Relações Exteriores e das Forças Armadas brasileiras. No mesmo diapasão, fizeram-se entrevistas com ex-pracinhas, diplomatas (especialmente com experiência na ONU e na Itália), militares e pesquisadores que atuaram e trabalham com o legado da FEB.

No trabalho de presquisa, procurou-se, sobretudo, traçar um retrato dessa memória do Brasil na Segunda Guerra Mundial e, com base em tal panorama, defender a ideia de que o Ministério das Relações Exteriores tem importante missão a cumprir não apenas na preservação, mas, sobretudo, na incorporação do legado da FEB ao discurso diplomático brasileiro.

Mais ainda, entende-se que o Itamaraty tem a possibilidade de exercer papel fundamental na criação de um programa efetivo de divulgação internacional do legado da FEB, por meio de iniciativas políticas e administrativas, mas especialmente de ordem cultural e educativa.

Capítulo 1

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial

O processo decisório que levou o Brasil a declarar guerra ao Eixo e a mobilizar tropas para envio ao *front* italiano representa um dos temas mais estudados e discutidos entre os historiadores da FEB.

Neste capítulo, pretende-se deslindar os panoramas políticos internacional, hemisférico e interno que engendraram a declaração de guerra pelo Brasil e a decisão de se formar uma divisão de infantaria expedicionária (DIE) para envio ao combate.

A visão mais difundida é a que diz respeito à "diplomacia pendular" utilizada por Getúlio Vargas, característica de seu próprio estilo político, ora fazendo acenos à Alemanha hitlerista, ora se aproximando e acedendo aos apelos norte-americanos. Essa prática teria lugar à medida que o conflito ia-se tornando global, com crescente importância do chamado Saliente do Nordeste para o esforço de abastecimento e patrulhamento do Atlântico Sul.

Dessa forma, a análise combinada do cenário político interno com que lidava Vargas – com o conhecido embate entre os setores "germanófilos" do governo brasileiro e as autoridades que defendiam

o imediato engajamento junto aos Aliados, personificadas na figura do chanceler Oswaldo Aranha – e do quadro internacional e continental que se ia formando à medida que a guerra crescia, permitirá uma melhor compreensão da decisão de se levar o Brasil à guerra.

1.1 Antecedentes político-diplomáticos: a estratégia de Vargas

O debate em torno de uma prévia política dúbia de Vargas fundamenta-se, sobretudo, em aspectos econômico-comerciais, em que o país seria alvo de uma disputa entre a Alemanha e os EUA para, por meio de importações crescentes compradas ao Brasil por ambos os países, conquistar a simpatia de seu governo.

Segundo tal interpretação, para o Brasil, até 1941, teria sido interessante manter uma política de neutralidade para se beneficiar do comércio com a Alemanha, até então tolerado pelos EUA, os quais, no entanto, se mostravam cada vez mais preocupados com essa proximidade[5].

O Brasil praticava com a Alemanha o "comércio compensado", com base na troca direta de mercadorias, chegando a ocupar o posto de principal comprador de produtos alemães na América Latina. Com os Estados Unidos, utilizava um tratado comercial bilateral de 1935 para incrementar as vendas de produtos de base, como café, do qual era o principal exportador para os EUA, e cacau. Os historiadores Amado Luiz Cervo e Clodoaldo Bueno apontam os limites do comércio concomitante mantido pelo Brasil:

> O pragmatismo brasileiro no referente ao comércio exterior estendeu-se, portanto, até a eclosão do conflito. Este criou dificuldades às rotas marítimas alemãs e, ao mesmo tempo, aumentou o fluxo

5 A chamada *missão Sousa Costa*, ministro da Fazenda brasileiro, em junho e julho de 1937, incentivada por Oswaldo Aranha, então embaixador nos EUA, foi exitosa no sentido de conseguir que aquele país aceitasse o "comércio compensado" mantido com a Alemanha.

> de mercadorias em outras, modificando as direções e estruturas do comércio exterior.[6]

Para Ricardo Seitenfus, o processo de decisão que levou à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial faz parte do que ele caracteriza como o primeiro período da diplomacia varguista, de forte acento pan-americanista. Os EUA passariam a atuar de forma mais expressiva sobre a diplomacia brasileira a partir de 1938, quando a ascensão de Oswaldo Aranha ao Itamaraty e o fracasso do golpe integralista provocaram verdadeira mudança na atuação externa do país[7].

Por isso, a missão de Oswaldo Aranha a Washington, em 1939, é considerada um dos dois eventos mais significativos para a decisão brasileira de aderir aos Aliados. De acordo com o historiador Vágner Camilo Alves:

> A viagem do chanceler Oswaldo Aranha aos Estados Unidos, no início de 1939, para tratar não só de questões econômicas e comerciais, mas principalmente de problemas de política internacional e de defesa hemisférica, marca o início da ofensiva diplomática norte-americana para atar definitivamente o Brasil ao seu bloco de poder. A rivalidade cada vez mais acentuada com a Alemanha, tanto em termos econômicos como políticos, tornava essa medida imperiosa.[8]

Em seu livro *O Brasil vai à guerra: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*, Seitenfus oferece esclarecedor resumo da transcendência da missão Aranha para o Brasil. O chanceler viajou a Washington, onde foi, segundo o pesquisador, acolhido "calorosamente" e recebido pelo próprio presidente Roosevelt:

> A extensa pauta proposta por Washington concede à *missão Aranha* uma dimensão imprevista. As questões dividem-se em dois grupos:

6 CERVO; BUENO, *História da política exterior do Brasil*, p. 258.

7 SEITENFUS, Quatro teses sobre a política externa brasileira nos anos 1930. *In:* ALBUQUERQUE (org.), *Sessenta anos de política externa brasileira*, p. 145-146.

8 ALVES, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*: história de um envolvimento forçado, p. 74.

as políticas, a serem tratadas no Departamento de Estado, e as econômicas, no Tesouro.

1. elaboração de um plano de cooperação entre os dois governos a propósito das questões referentes à defesa nacional do Brasil;
2. desenvolvimento de recursos e do comércio brasileiro (assistência de técnicos norte-americanos para a valorização agrícola, estudo sobre o desenvolvimento de tráfego fluvial no Brasil e aumento da produção de borracha, manganês e madeira);
3. diversos (controle da navegação aérea, programas de rádio, refugiados, etc.);
4. modalidade de financiamento de um programa de desenvolvimento econômico em larga escala no Brasil;
5. tratamento que deve ser concedido ao capital norte-americano investido no Brasil;
6. questões relativas ao controle cambial brasileiro;
7. dívida externa e suspensão do pagamento dos juros;
8. medidas para a criação do Banco Central do Brasil.

Além destes pontos, Aranha sugere a discussão sobre o reequipamento das Forças Armadas Brasileiras.[9]

No entanto, o próprio Camilo Alves contesta a premissa – nesse caso fundamental para os que defendem o "jogo" varguista – de que o governo brasileiro teria de fato verdadeira opção para escolher entre um dos lados do conflito mundial. Para Alves, a imaginada distância em relação à guerra passaria uma falsa visão de insulamento do Brasil frente ao conflito mundial, que aguardaria o melhor momento para participar do conflito e assim extrair benefícios dessa decisão. O conceito lançado em *Der totale Krieg*, de 1936, pelo marechal alemão Erich Ludendorff, mostrou-se, na prática, como verdadeiro entrave para que países, mesmo periféricos, mantivessem posição de neutralidade frente a uma guerra que se tornava global[10].

9 SEITENFUS, *O Brasil vai à guerra*: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial, p. 157 (grifo do autor).

10 ALVES, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*: história de um envolvimento forçado, p. 33-35.

Além disso, no campo diplomático, as próprias relações entre Brasil e Alemanha já tinham começado a esfriar em 1938. Antes, em 1936, havia surgido o problema dos cidadãos brasileiros com dupla nacionalidade, que, para o governo alemão, deveriam cumprir o serviço militar obrigatório naquele país. Ademais, os protestos alemães, considerados acima do tom pelo governo brasileiro, relacionados a políticas adotadas pelo recém-instaurado Estado Novo, entre elas a obrigatoriedade do ensino exclusivo do português nas escolas, haviam levado ao pedido formal de substituição do embaixador alemão Karl Ritter.

De forma recíproca, o embaixador Moniz de Aragão teve de se retirar de seu posto e, a partir de outubro de 1938, a ausência de embaixadores em Berlim e no Rio de Janeiro denotava, na visão de Alves, real esfriamento nas relações diplomáticas[11]. As relações seriam reavivadas em junho de 1939, com a designação para Berlim de Cyro de Freitas-Valle, diplomata de total confiança de Oswaldo Aranha, e de Curt Prüfer para o Rio de Janeiro.

1.1.2 O contexto hemisférico e o conflito mundial

A posição dos países latino-americanos frente à guerra que se tornava global foi sendo moldada, não sem estreito acompanhamento norte-americano, ao longo de várias conferências, na esfera de ministros das Relações Exteriores, realizadas entre 1938 e 1942.

É relevante, no entanto, fazer inicialmente referência à conferência diplomática continental de Buenos Aires, em 1936, convocada pelos EUA, dentro do espírito pan-americanista de Roosevelt. Ali, como país-anfitrião, a Argentina começaria a mostrar sua oposição intransigente a qualquer tipo de imposição norte-americana de solidariedade hemisférica, o que explicará a atitude da diplomacia

11 ALVES, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*: história de um envolvimento forçado, p. 64-65.

austral nas reuniões seguintes e a neutralidade mantida pelo país até a fase final do conflito mundial.

Em novembro de 1938, após Roosevelt ter relatado que os EUA não enfrentavam perigo semelhante desde a Santa Aliança e que o litoral do continente estava à mercê de ataques, tanto no Atlântico Norte como no Sul, realizou-se a Conferência Pan-Americana de Lima, na qual se aprovou sistema de consultas hemisférico. A essa altura, crescia a importância do Brasil pelo seu peso continental e por seu posicionamento geográfico estratégico[12].

Entre 23 de setembro e 3 de outubro de 1939, foi convocada a I Reunião de Consultas do Panamá, que resultou na aprovação da proposta norte-americana, com o apoio brasileiro, de estabelecimento de uma faixa de 300 milhas náuticas de largura, começando na costa atlântica dos países do hemisfério americano.

Em julho de 1940, teve lugar nova reunião, em Havana, para tratar da proteção do sistema hemisférico. Programada para outubro, a conferência em Cuba foi adiantada em decorrência da preocupação crescente dos EUA em consolidar um esquema de defesa na região.

O início dos combates, a partir de 1939, foi afastando ainda mais o Brasil da Alemanha e, em paralelo, aumentando a intensidade do fluxo comercial com os EUA. Os norte-americanos, cientes de sua iminente participação na guerra, procuravam, como apontam Bueno e Cervo, "ganhar" a América Latina por meio de retórica pan-americanista e incluí-la em seu sistema de poder.

O presidente Vargas havia, de fato, percebido a oportunidade e aproveitou-a para angariar, como contrapartida de uma possível cooperação estratégica e militar brasileira com os EUA, recursos para a construção da siderúrgica de Volta Redonda e para o almejado – e demandado pelo setor castrense, cujo apoio político interno para a

12 ALVES, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*: história de um envolvimento forçado, p. 73.

sustentação do presidente era indispensável – reequipamento das Forças Armadas brasileiras[13].

Talvez por isso, em 11 de junho de 1940, Getúlio Vargas tenha proferido o famoso discurso a bordo do encouraçado Minas Gerais, em que, se, por um lado, reafirmava seu compromisso com as demais nações do continente, por outro, deixava entrever as qualidades de um estado forte para o desenvolvimento nacional, em clara alusão às potências do Eixo, o que chegou a animar os representantes diplomáticos da Alemanha, da Itália e do Japão no Brasil – e mesmo a imprensa daqueles países – e a alarmar os círculos políticos e militares norte-americanos.

Ao mesmo tempo, é interessante mencionar que, no mesmo mês de junho de 1941, o secretário de Estado Cordell Hull alertava para a possibilidade de ataques alemães na costa atlântica:

> A situação está mudando com grande rapidez e a possibilidade de uma agressão alemã contra o hemisfério ocidental está tornando-se mais iminente. Na avaliação do presidente e dos chefes de Estado-Maior da Marinha e do Exército, os locais sob o ponto de vista da segurança do hemisfério ocidental são: Islândia e Natal, no Brasil. Caso o governo alemão seja capaz, em futuro próximo, de obter controle sobre Dacar, é provável que a Alemanha empreenda um clássico movimento estratégico em forma de pinça, visando a tomada da Islândia e de Natal, o objetivo último sendo, através do uso de forças aéreas baseadas nestas regiões, isolar a Grã-Bretanha dos suprimentos que no momento chegam até ela via oceano Atlântico.[14]

Com efeito, mais de 25.000 aviões passariam por bases no Brasil, durante o conflito, antes de chegar à África, à Europa e ao Extremo Oriente em missões de abastecimento, o que valeu a Natal a alcunha de "trampolim para a vitória"[15].

13 CERVO; BUENO, *História da política exterior do Brasil*, p. 259.

14 DESCH, *When the Third World Matters: Latin America and United States Grand Strategy*, p. 63, *apud* ALVES, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*: história de um envolvimento forçado, p. 95-98.

15 ALVES, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*: história de um envolvimento forçado, p. 95-98.

1.1.3 A III Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro

Foi no contexto do ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, que teve lugar a III Reunião de Chanceleres do Rio de Janeiro, entre 15 e 28 de janeiro de 1942.

Em artigo publicado em 1996, Gerson Moura afirma considerar a Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro como o ponto de inflexão na mudança da posição antes dúbia do Brasil em relação aos dois lados da guerra[16].

Por isso, tal encontro é comumente considerado, ao lado da missão de Oswaldo Aranha aos EUA, em 1939, como ponto-chave que passaria a nortear o posicionamento brasileiro em prol dos Aliados e a decisão de contribuir com o esforço de guerra, por meio da permissão para o uso das bases no Nordeste e pelo envio de uma DIE para o *front*. Vale lembrar, nesse contexto, como faz Ricardo Bonalume Neto, que, antes mesmo da Conferência do Rio, o Brasil já colaborava com os EUA, permitindo que utilizassem as bases de Natal, Recife e Salvador para missões de patrulha no Atlântico Sul[17].

Os EUA esperavam obter, no Rio de Janeiro, consenso em relação ao rompimento das nações do continente contra os países do Eixo. O texto final, dadas as resistências de Argentina e Chile, que, como se verá mais adiante, se mantiveram neutros durante quase todo o conflito, foi aprovado com uma recomendação para que os 21 estados presentes rompessem com os inimigos.

À exceção daqueles dois países, todos os demais estados presentes à reunião, entre eles o país-sede, decidiram pelo rompimento de relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo ao final da III Reunião de Chanceleres do Rio de Janeiro[18].

16 MOURA, O Brasil na Segunda Guerra Mundial. *In*: ALBUQUERQUE (org), *Sessenta anos de política externa brasileira*, p. 87-102.

17 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, 1942-1945, p. 32.

18 Segundo Vágner Camilo Alves, antes do início da Reunião do Rio de Janeiro, Roosevelt teria, em carta pessoal a Vargas, assegurado o pronto envio de equipamento militar para o Brasil. ALVES, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial:* história de um envolvimento forçado, p. 129.

Vale destacar que, para Ricardo Seintenfus, a manutenção da neutralidade brasileira encontrava seu adversário institucional mais resoluto no Itamaraty. Para citar um exemplo, no final de dezembro de 1941, o encarregado de negócios do governo de Salazar junto ao governo de Vichy solicitou ao embaixador brasileiro, Luís Martins de Souza Dantas, que o Brasil conservasse sua neutralidade para estar em condições de desempenhar um papel de mediador. Informado, o Itamaraty teria desconsiderado a proposta[19].

O acadêmico gaúcho também recuperou trechos do discurso de encerramento da conferência pelo chanceler Oswaldo Aranha, em 28 de janeiro. Para Seitenfus, o pronunciamento "retira a última dúvida sobre a posição brasileira diante da guerra":

> O Brasil, meus senhores, em toda a sua história, sempre teve como decisivo o valor de sua palavra. Recebemos de nossos antepassados esse patrimônio moral incomparável e o defenderemos com todas as nossas forças. Estamos dispostos a todos os sacrifícios para a nossa defesa e a defesa da América [...]
>
> Hoje, às 18 horas, de ordem do senhor presidente da República, os embaixadores do Brasil em Berlim e Tóquio e o encarregado de negócios do Brasil em Roma passaram nota aos governos junto aos quais estão acreditados, comunicando que, em virtude das recomendações da III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, o Brasil rompia suas relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, a Itália e o Japão.[20]

Em 31 de março de 1942, o embaixador Moniz Gordilho comunicava ao Itamaraty a entrega das chaves do Palácio Pamphilj ao ministro da embaixada de Portugal em Roma[21]. No mesmo dia, a embaixada do Brasil em Roma relataria, de forma detalhada, a entrega ao Quirinal da nota de rompimento de relações diplomáticas[22].

19 SEITENFUS, *O Brasil vai à guerra*: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial, p. 263-267.

20 *Ibid*., p. 277-278.

21 AHI, embaixada em Roma, telegrama n. 28, de 31/03/1942, de Moniz Gordilho para Oswaldo Aranha.

22 AHI, embaixada em Roma, telegrama n. 30, de 31/03/1942, de Moniz Gordilho para Oswaldo Aranha.

Ademais das obras acadêmicas e dos expedientes oficiais consultados e acima citados, há dois livros considerados fundamentais para se entender o contexto político-diplomático e econômico, bem como o processo institucional, que levaram o governo brasileiro à decisão de integrar o esforço aliado na Segunda Guerra Mundial.

O primeiro deles é considerado uma das obras mais importantes para o estudo da política externa brasileira. Concebida e preparada quando o autor, Gerson Moura, trabalhava na organização dos arquivos de Oswaldo Aranha e do ministro da Fazenda, Sousa Costa, para o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas (CPDOC-FGV), e publicada em 1980, *Autonomia na dependência – a política externa brasileira de 1935 a 1942* traz uma visão analítica considerada até hoje das mais agudas sobre a construção da aliança Brasil-EUA na Segunda Guerra Mundial.

A hipótese central de Gerson Moura apoia-se no argumento de que a política externa de determinado país, no caso o Brasil, estaria condicionada ao sistema de poder em que ela se insere, o do hemisfério americano; bem como às conjunturas políticas interna e externa, que, nesse caso, teriam especificamente nos EUA o seu centro hegemônico.

Para Moura, a partir de 1935, os dois sistemas de poder, representados respectivamente pelos EUA e pela Alemanha, passaram, por motivos estratégicos, a literalmente disputar o Brasil, o que ampliou a margem de ação e negociação do país. O autor conceituou como "equidistância pragmática" o exercício pendular posto em prática, naquele período, pelo governo brasileiro.

Essa equidistância pragmática será analisada por Moura em dois planos: o das relações comerciais entre Brasil e EUA; e o dos entendimentos políticos, subordinados à conjuntura externa, que levaram o governo brasileiro a confirmar a aliança entre os dois países. De acordo com o autor, o comércio exterior, para um país como o Brasil, que começava a reorientar sua economia agroexportadora, constituiu teste decisivo para o pragmatismo engendrado pelo governo Vargas.

Por essa razão, Moura empresta significativa importância já ao tratado comercial assinado entre o Brasil e os EUA em 1935, no âmbito do *New Deal* implementado por Roosevelt a partir de 1933; à visita ao Brasil, em 1936, do subsecretário de Estado norte-americano Summer Welles, que voltava da Conferência de Buenos Aires; à antes citada missão Sousa Costa de 1937; e sobretudo à missão Aranha de 1939, a qual teria representado o primeiro momento de quebra da equidistância pragmática brasileira, dada a intensificação, nos três anos seguintes, dos esforços dos EUA para se contrapor ao sistema alemão e para consolidar o seu próprio sistema de poder.

Para o autor, "até que se quebrasse de modo cabal em 1942 a equidistância pragmática, o governo tratou de arrancar concessões do centro hegemônico", como no caso da siderurgia e do reequipamento das Forças Armadas brasileiras. Na visão de Moura, no entanto, o agravamento da crise no sistema internacional fez com que os EUA, premidos pela necessidade de constituir aquele sistema de poder, fizessem concessões, que explicariam o porquê de os maiores ganhos obtidos pelo governo Vargas terem ocorrido não durante a vigência da equidistância pragmática, mas principalmente no período de sua quebra.

Com efeito, o final dessa equidistância dar-se-ia com a implementação das decisões tomadas no plano político. Logo após a III Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro, em que se confirmou o posicionamento brasileiro ao lado dos EUA, realizou-se nova missão de Sousa Costa aos Estados Unidos, em fevereiro e março de 1942, quando teve início, de maneira rápida, a concretização dos compromissos de Roosevelt com Vargas e a confirmação das novas contribuições brasileiras ao esforço de guerra.

Para Gerson Moura, a equidistância pragmática exigiu um contraponto político, dados os temores provocados pelas políticas nacionalistas tomadas a partir da instauração do Estado Novo. A designação para o Itamaraty, em 1938, de Oswaldo Aranha, até então embaixador em Washington e visto como amigo dos EUA, representou

aceno decisivo contra tais receios do governo norte-americano. Aranha ganhava influência no ministério de Vargas, tendo como aliados o ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, e o encarregado da pasta da Justiça, o diplomata Vasco Leitão da Cunha.

A expressão "equidistância pragmática", que se tornaria clássica a partir da obra de Gerson Moura, significou que, diante de fatores políticos internos resistentes que foram perdendo força e de fatores externos que foram minando a prática daquela protelação no apoio a um dos lados em conflito, o Estado brasileiro soube tirar proveito da conjuntura para angariar, até quando lhe foi possível, benefícios advindos do alinhamento com os EUA.

Como conclui Moura, "o entendimento da política externa brasileira passa por uma conjugação específica de fatores estruturais e conjunturais que nos permitiu caracterizar a ação do Estado brasileiro como autonomia na dependência"[23].

Ao fazer uma leitura crítica do trabalho de Gerson Moura, a professora Leticia Pinheiro, da PUC-Rio, defende que, dadas as concessões que o governo brasileiro já havia começado a fazer aos EUA, a expressão da equidistância pragmática já teria começado a perder força, e sentido, em fins de 1940.

Segundo Pinheiro, a permissão para a utilização das bases aéreas no Brasil; os entendimentos decorrentes da troca de visitas dos chefes de Estado-Maior dos dois países; a criação da Comissão Mista Militar Brasil-EUA, em outubro de 1940; e, sobretudo, as ações de difusão cultural norte-americana junto à opinião pública brasileira, por meio do *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*, deixavam clara a posição que seria tomada pelo governo brasileiro.

Para a autora, teria acontecido, na verdade, uma passagem da equidistância pragmática para o que ela intitula "condescendência

23 MOURA, *Autonomia na dependência:* a política externa brasileira de 1935 a 1942, p. 189.

pragmática", marcada justamente pelo discurso de Vargas a bordo do Minas Gerais, nas comemorações da Batalha Naval do Riachuelo:

> Antes, meu objetivo é demonstrar que de fins de 1940 já não se pode falar de uma posição de "equidistância" do Brasil com relação aos Estados Unidos e à Alemanha, mas sim de uma assimetria na quantidade e qualidade destas relações, o que, no entanto, não impediu que o governo Vargas procurasse obter compensações, algumas vezes com sucesso, pela consolidação da aproximação com Washington... É neste sentido que a ideia de "condescendência pragmática" parece ser mais adequada para explicar o padrão de relacionamento do Brasil com os Estados Unidos a partir da segunda metade de 1940, seguido da fase de consolidação e busca de maiores compensações por tal procedimento, deixando para os anos de 1935 até a primeira metade de 1940, aproximadamente, a apropriada caracterização de um período de equidistância pragmática.[24]

O segundo livro considerado fundamental para se entender o contexto histórico da entrada brasileira na Segunda Guerra Mundial, ademais da própria campanha militar posterior na Itália, é de autoria de Frank D. McCann Jr., brasilianista da Universidade de New Hampshire e considerado, possivelmente, a maior autoridade historiográfica estrangeira em pesquisas sobre a FEB.

O livro *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*, cuja versão em português foi editada pela Biblioteca do Exército (BIBLIEx), é considerado obra-chave para o estudo da evolução das relações com os EUA. McCann assinala que as autoridades norte-americanas se haviam dado conta da posição estratégica do Brasil e do perigo real de que o país cedesse à influência alemã:

> O aumento crescente do interesse e da atividade alemã no Brasil e na América espanhola no final dos anos 30 provocou preocupação em Washington. Aos poucos, ao longo de 1938, os EUA foram se preparando para uma confrontação. Reformou-se a seção latino-americana do Departamento de Estado, tentou-se desenvolver

24 PINHEIRO, *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*, p. 108-119.

> uma política funcional de suprimento de armas e buscou-se fortalecer a unidade continental. O governo Vargas reagiu vigorosamente contra as atividades nazistas em território brasileiro, até mesmo quando o país comprava armas na Alemanha. O chanceler Oswaldo Aranha propôs que Brasil e EUA cooperassem em matéria de defesa e que a Conferência Pan-Americana, marcada para Lima, em dezembro, discutisse um pacto de segurança continental. Embora a oposição da Argentina inviabilizasse o pacto, ele serviu para aproximar Brasil e Estados Unidos.[25]

Nesse contexto, o brasilianista considera que "a posse de Aranha como chanceler do respeitável Itamaraty, em 15 de março de 1938, foi o mais importante desdobramento político desde o golpe de estado de 10 de novembro". As autoridades norte-americanas teriam assistido com claro alívio à ascensão de Aranha à chefia do Itamaraty e nela enxergaram um sinal de que o Brasil passaria a rechaçar as tentativas de aproximação da Alemanha hitlerista.

Quando a guerra irrompeu na Europa, em 1º de setembro de 1939, Aranha dirigiu-se cedo ao Itamaraty, segundo Frank McCann, onde reuniu as chefias da Casa para decidir sobre medidas de proteção aos cidadãos brasileiros na zona de conflito. O Itamaraty já havia remetido instruções às suas embaixadas sobre a repatriação de brasileiros. No dia seguinte, quando o novo embaixador, Cyro de Freitas-Valle, apresentou suas credenciais a Hitler, Vargas definiu a absoluta neutralidade do Brasil no conflito[26].

Ademais, McCann considera outro ponto de fundamental importância a autorização, concedida por Vargas, para a implantação do Programa de Desenvolvimento de Aeroportos (ADP), em conjunto com as autoridades norte-americanas, o que permitiu a eliminação do controle acionário de empresas do Eixo sobre companhias aéreas nacionais como a Varig, a VASP e a Condor[27].

25 MCCANN JR., *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*, p. 91.

26 *Ibid.*, p. 120.

27 *Ibid.*, p. 181-195.

1.2 O afundamento de navios brasileiros, o clamor popular e a declaração de guerra

A represália alemã à nova posição do Brasil não se fez esperar. Entre 16 e 17 de janeiro, de acordo com Ricardo Seitenfus, os embaixadores do Eixo realizaram a entrega de correspondências, de teor bastante semelhante, acerca da manutenção da neutralidade brasileira e alertando sobre as consequências da mudança de posição.

O tom da carta do embaixador alemão Curt Prüfer é emblemático e premonitório: "a ruptura das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha significaria, indubitavelmente, o estado de guerra efetiva, acarretando ocorrências que equivaleriam à eclosão de guerra efetiva..."[28]

Nos meses seguintes à III Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro, o afundamento de dezenas de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, ao custo de 971 vítimas, em sua maioria civis, e a ausência de resposta às reclamações feitas por intermédio da embaixada do Brasil em Lisboa geraram crescente pressão da opinião pública.

Para Bonalume Neto, no essencial livro *A nossa Segunda Guerra*, o mês de agosto de 1942 foi o mais terrível e decisivo para a declaração de guerra por parte do Brasil:

> Até julho de 1942, o Brasil já tinha perdido 13 navios na guerra que os submarinos alemães faziam ao comércio dos Aliados. No mês seguinte, porém, aconteceu algo que causou comoção em todo o país, obra de apenas um submarino nazista, o *U-507*. Em poucos dias o *U-507* afundou cinco navios e um pequeno veleiro. O *Baependy* teve 270 mortos, incluindo soldados do Exército sendo levados ao Nordeste. O *Araraquara* teve 131 mortos. O *Aníbal Benévolo* teve 150 mortos. O *Itagiba* teve 36 mortos. O *Arará*, que tinha parado para socorrer o *Itagiba* teve 20 mortos. Só o pequeno veleiro *Jacira*, com seus seis tripulantes, escapou de ter vítimas fatais.[29]

28 SEITENFUS, *O Brasil vai à guerra*: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial, p. 267.

29 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, p. 43.

A partir desse momento, a posição de neutralidade tornou-se insustentável para o governo de Getúlio Vargas. Multiplicaram-se, em todo o país, manifestações de estudantes universitários e de outros grupos politizados, que exigiam uma reação brasileira aos afundamentos provocados pelos submarinos alemães, o que somente poderia ocorrer por meio da declaração de guerra.

Navios brasileiros afundados por submarinos do Eixo[30]

	Navio	Data do ataque	Tripulantes e passageiros	Mortos ou desaparecidos	Submarinos
1.	Imediato João Silva	março 1941	-	-	-
2.	Taubaté	22/03/1941	-	1	-
3.	Cabedelo	14/02/1942	54	54	Leonardo da Vinci
4.	Buarque	16/02/1942	85	1	U-432
5.	Olinda	18/02/1942	46	-	U-432
6.	Arabutã	07/03/1942	51	1	U-155
7.	Cairu	09/03/1942	89	53	U-94
8.	Parnaíba	01/05/1942	72	7	U-162
9.	Comandante Lira	18/05/1942	52	2	Barbarigo
10.	Gonçalves Dias	24/05/1942	52	6	U-502
11.	Alegrete	07/06/1942	64	-	U-156
12.	Pedrinhas	26/06/1942	48	-	U-203
13.	Tamandaré	26/07/1942	52	4	U-66
14.	Piave	28/07/1942	35	1	U-155
15.	Barbacena	28/07/1942	62	6	U-155
16.	Baependi	15/08/1942	306	270	U-507
17.	Araraquara	15/08/1942	142	131	U-507
18.	Aníbal Benévolo	16/08/1942	154	150	U-507
19.	Itagiba	17/08/1942	181	36	U-507
20.	Arará	17/08/1942	35	20	U-507
21.	Jacira	19/08/1942	6	-	U-507
22.	Osório	27/09/1942	39	5	U-514
23.	Lajes	27/09/1942	49	3	U-514
24.	Antonico	28/09/1942	40	16	U-516
25.	Porto Alegre	03/11/1942	47	1	U-504

30 CANSANÇÃO, Elza. *E Foi Assim que a Cobra Fumou*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 20; GAMA, Artur Oscar Saldanha da. *A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1982, Quadro I, p. 278-9.

Navios brasileiros afundados por submarinos do Eixo					
Navio		Data do ataque	Tripulantes e passageiros	Mortos ou desaparecidos	Submarinos
26.	Apaloide	22/11/1942	57	5	U-163
27.	Brasilóide	18/02/1943	50	-	U-518
28.	Afonso Pena	02/03/1943	242	125	Barbarigo
29.	Tutóia	30/06/1943	37	7	U-153
30.	Pelotaslóide	04/07/1943	42	5	U-590
31.	Bagé	31/07/1943	134	28	U-185
32.	Itapagé	26/09/1943	106	22	U-161
33.	Campos	23/10/1943	63	12	U-170
34.	Cisne Branco	28/09/1943	10	4	U-170
TOTAIS			**2.502**	**976**	

1.2.1 A declaração de guerra

Tal mobilização popular e dos meios jornalísticos nacionais levou à declaração do estado de beligerância do governo brasileiro em relação ao Eixo, em 22 de agosto, e do estado de guerra contra Alemanha e Itália, em 31 de agosto de 1942.

Por realizar apanhado das tratativas diplomáticas dos países do hemisfério em relação ao conflito que se tornava global, vale citar o teor integral da nota, datada do dia anterior, 21 de agosto, com a declaração do estado de beligerância, enviada pelo Itamaraty simultaneamente às embaixadas da Alemanha e da Itália no Rio de Janeiro:

> Nota do Ministério das Relações Exteriores do Brasil aos governos da Alemanha e Itália – 21 de agosto de 1942
> Senhor Ministro:
> A orientação pacifista da política internacional do Brasil manteve-o, até agora, afastado do conflito em que se debatem quase todas as nações, inclusive deste hemisfério.
> Apesar das declarações de solidariedade americana, votadas na Oitava Conferência Internacional de Lima, e na Primeira, Segunda e Terceira Reuniões de Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, efetuadas, respectivamente, no Panamá, em 1939, em Havana, em 1940, e no Rio de Janeiro, 1942, não variou o governo

brasileiro de atitude, embora houvesse sido, insolitamente, agredido o território dos Estados Unidos da América, por forças do Japão, seguindo-se o estado de guerra entre aquela República irmã e o Império agressor, a Alemanha e a Itália.

Entretanto, a declaração XV da Segunda daquelas reuniões, consagrada pelos votos de todos os estados da América, estabeleceu:

> "Que todo atentado de um estado não americano contra a integridade e a inviolabilidade do território e contra a soberania ou independência política de um estado americano será considerado como um ato de agressão contra os estados que assinaram esta Declaração".

Consequentemente, o atentado contra a integridade do território e a soberania dos Estados Unidos deveria ser considerado como ato de agressão ao Brasil, determinando a nossa participação no conflito, e não a simples declaração de solidariedade com o agredido, seguida, algum tempo depois, da interrupção das relações diplomáticas com os estados agressores.

Sem consideração para com essa atitude pacífica do Brasil, e sob o pretexto de que precisava fazer guerra total à grande nação americana, a Itália (Alemanha) atacou e afundou, sem prévio aviso, diversas unidades navais mercantes brasileiras, que faziam viagens de comércio, navegando dentro dos limites do 'Mar Continental', fixados na Declaração XV do Panamá.

A esses atos de hostilidades, limitamo-nos a opor protestos diplomáticos, tendentes a obter satisfações e justa indenização, reafirmando, porém, nesses documentos nossos propósitos de manter o estado de paz.

Maior prova não era possível da tolerância do Brasil e de suas intenções pacíficas.

Ocorre, porém, que agora, com a flagrante infração das normas do Direito Internacional e dos mais comezinhos princípios de humanidade, foram atacados, na costa brasileira, viajando em cabotagem, os vapores "Baependi" e "Aníbal Benévolo" (do lloyd brasileiro, Patrimônio Nacional), o "Araras" e o "Araraquara" (do lloyd Nacional S.A.) e o "Itagiba" (da Cia. Navegação Costeira), que transportavam passageiros, militares e civis, para portos no norte do país.

Não há como negar que a Itália (Alemanha) praticou contra o Brasil atos de guerra, criando uma situação de beligerância que somos forçados

> a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e da América.
>
> Em nome do governo brasileiro, peço, senhor ministro, se digne Vossa Excelência levar esta declaração ao conhecimento do governo italiano (alemão) para os devidos efeitos.
>
> Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta consideração
>
> Oswaldo Aranha.
>
> Ministro das Relações Exteriores do Brasil.[31]

O caso do Japão foi tratado de forma distinta pelo governo brasileiro. Com relações diplomáticas cortadas desde 1942, o governo brasileiro só declarou guerra àquele país em 6 de junho de 1945, a três meses do final da Segunda Guerra, tendo sido já finalizados os combates na Europa.

Não obstante o chanceler José Roberto de Macedo Soares ter afirmado que a declaração tardia vinha em função dos mesmos princípios de solidariedade americana que levaram à beligerância contra a Alemanha e a Itália, não é possível explicar com certeza "os aspectos que fizeram ambos os governos produzirem os quase três anos *sui generis* de uma política de rompimento diplomático não condicionado à declaração de guerra"[32] , a serem ainda objeto de novas pesquisas.

Ademais, como apontam os historiadores Fábio Koifman e Humberto Manabu Oda, não deixou de ser verdade o fato de os cidadãos nipônicos ou nipo-brasileiros terem sofrido os mesmos tipos de restrições e controles a que se viram submetidos os alemães e italianos residentes no Brasil[33].

31 O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, p. 163.

32 KOIFMAN; ODA, *A declaração brasileira de guerra a Japão*.

33 *Ibid*.

1.2.2 O encontro de Vargas e Roosevelt em Natal

Em 28 de janeiro de 1943, o presidente Franklin Roosevelt fez escala em Natal, quando retornava da Conferência de Casablanca com Churchill e de Gaulle, e se reuniu com Getúlio Vargas a bordo do destróier norte-americano Jouett, ancorado no rio Potengi.

O encontro deu início a uma relação cordial entre os mandatários, e Vargas insistiu na questão do reequipamento das Forças Armadas como condição imprescindível para a participação do Brasil no esforço aliado, o que lhe foi novamente assegurado pelo presidente norte-americano. Além disso, o governo dos EUA havia instalado novas bases também em Fortaleza e Belém, temerosos de que tivesse lugar um novo "mini-Pearl Harbor" contra seu território.

Vale citar que, para o ex-pracinha e sociólogo Jacob Gorender, o projeto de contar com um contingente expedicionário brasileiro vinha do próprio Roosevelt e encontrava, no Brasil, a oposição dos generais Eurico Gaspar Dutra e Góes Monteiro, respectivamente ministro da Guerra e chefe do Estado-Maior do Exército.

Nesse caso, teve papel decisivo o general Manuel Rabelo, ministro do Superior Tribunal Militar, que criou a "Sociedade dos Amigos da América", cuja vice-presidência foi exercida por Oswaldo Aranha. O decreto de constituição da FEB somente seria assinado em agosto de 1943[34].

1.3 As primeiras operações: a Marinha do Brasil e a Força Aérea Brasileira

A Marinha do Brasil foi a primeira a tomar de fato parte em operações inerentes à batalha global, ao participar de ações de patrulhamento e da luta antissubmarino no Atlântico Sul, com equipamentos e navios que começavam a ser recebidos dos EUA.

34 GORENDER, A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e suas consequências. *In*: SZMRECSÁNYI; GRANZIERA (org.), *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*, p. 91.

É necessário relembrar que o ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, e a consequente entrada dos EUA no conflito mundial aumentaram a importância estratégica de Natal para o esforço de abastecimento de guerra e, ademais, intensificaram as gestões (e as concessões) norte-americanas pela opção definitiva do Brasil a favor dos Aliados.

Com a aprovação do chamado *Land-Lease Act*, foi também em 1941 estabelecida, pelas autoridades militares brasileiras, a Comissão de Compras em Nova York, logo depois trasladada a Washington. Com aquele instrumento, o governo brasileiro comprometeu-se a ceder seus portos para armazenar óleo combustível a fim de suprir as embarcações norte-americanas.

1.3.1 Patrulhamento e abastecimento no Atlântico Sul

O reequipamento da Marinha do Brasil permitiu que a armada desse início à efetiva participação do país na guerra, por meio do patrulhamento e da escolta de comboios de navios nas costas atlânticas.

A estratégia alemã, depois da invasão da França em maio de 1940, foi isolar o suprimento da Inglaterra por parte de suas então colônias, o que se fez pelo ataque aos navios mercantes que transportavam matérias-primas daqueles territórios para a ilha. Fazia-se necessário o patrulhamento das rotas do Atlântico Sul.

Os meios navais brasileiros não estavam preparados para enfrentar a modernização dos submarinos – já utilizados em profusão na Primeira Guerra Mundial –, não obstante terem sido adquiridos, em 1937, submarinos italianos que ajudaram no treinamento para aquele novo tipo de combate marítimo.

Era necessário, contudo, que a Marinha do Brasil, assim como as outras armas, passasse por um processo de reequipamento, com navios mais modernos, o que foi, em junho de 1942, acordado pelo próprio presidente Getúlio Vargas com o almirante Jonas H. Ingram, comandante da 4ª Frota e da Força do Atlântico Sul, e considerado, por historiadores

como Frank McCann e Nelson Werneck Sodré, homem-chave para o estabelecimento da cooperação militar entre Brasil e EUA.

Os primeiros navios, entregues em Natal, em setembro de 1942, foram os caça-submarinos da classe G (Patrol Crafts). A partir de dezembro daquele ano, receberam-se os da classe J (Sub-Chasers), que passaram a escoltar comboios marítimos[35].

A Marinha do Brasil, com forte apoio do almirante Ingram, passou a ter maiores atribuições na escolta e na caça a submarinos no Atlântico Sul, tendo para tal recebido, entre agosto de 1944 e maio de 1945, oito contratorpedeiros de escolta (CTE). Ao mesmo tempo, dentro de suas possibilidades, construiu, em seu arsenal no Rio de Janeiro, três contratorpedeiros da classe M, atualizando os equipamentos dos cruzadores Bahia e Rio Grande do Sul, e de seus navios-mineiros e navios-hidrográficos[36].

O processo de modernização militar teve início lento, mas rendeu frutos palpáveis. A Marinha, que havia começado a guerra de forma tímida, tal como as outras forças brasileiras, foi assumindo cada vez mais responsabilidades nas operações e se modernizou em termos de adestramento e, sobretudo, na luta antissubmarino.

Considerada a obra de maior referência e acuidade histórica sobre o tema, *A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial*, do almirante Arthur Oscar Saldanha da Gama (que recebeu treinamento nos EUA e comandou, durante a guerra, um caça-submarino em operações de escolta de comboio), traz dados importantes sobre a participação da Marinha do Brasil nos esforços aliados de guerra:

> Por este motivo, a Marinha brasileira, com justa razão, apresenta à nação, como bons serviços prestados durante a guerra – que foram

35 Apelidados de *Caça-Paus* pelos marinheiros brasileiros, pelo seu casco de madeira (ao contrário dos *Caça-Ferro* da Classe G), os navios da Classe J contavam com excelente equipamento para a caça a submarinos (sonar, canhão de 76mm/23mm), metralhadoras, calhas para lançamento de cargas de profundidade e dois lançadores de morteiros, mas possuíam limitada capacidade para combate na superfície.

36 CINQUINI, *Abrindo caminho para a vitória*: a Defesa do Brasil na ação anti-submarino na Segunda Guerra Mundial (1942-1945).

> muitos, em primeira plana, as 16.482.062 toneladas brutas dos 3.164 navios conduzidos em comboios. Desses, perdemos somente três – Fitz John Porter, Pelotaslóide e Vital de Oliveira, num total de 14.141 t, o que representa as pequeníssimas percentagens de 0,08% de tonelagem e 0,09% do número de navios.
>
> Foram percorridos pelos navios de escolta, sem contar os ziguezagues, nem as pequenas saídas para reconhecimento, um total de 600.000 milhas, ou seja, 30 voltas da terra pelo equador [...]
>
> A Esquadra Americana do Atlântico comboiou 16.000 navios, o que corresponde a 16 mercantes por navio de guerra; o Brasil comboiou mais de 3.000 navios, fazendo um total superior a 50 mercantes por belonave [...]
>
> Os alemães reconhecem que as belonaves brasileiras tiveram 76 contactos, seguidos de ataques, durante a guerra, com os submarinos tedescos, assim divididos: 1943, 38 ataques; 1944, 14; e em 1945, até o dia 31 de julho, 24.[37]

Saldanha da Gama faz, igualmente, menção ao apoio prestado à FEB:

> Uma das missões mais honrosas para a Marinha, executadas durante a guerra, foi a de comboiar os navios que transportavam para os campos europeus a Força Expedicionária Brasileira. Durante a campanha, a Marinha sempre deu completa e efetiva proteção aos navios mercantes a serviço do Exército. A ocupação e, depois, a manutenção dos materiais e suprimentos da tropa estacionada em Fernando de Noronha foram executadas graças ao esforço da Marinha em escoltar os comboios destinados àquele arquipélago.[38]

A Marinha do Brasil sofreria sua maior perda após o final da guerra: o afundamento do cruzador Bahia, que se encontrava em missão de apoio aos aviões que partiam da África, em acidente sobre o qual até hoje pairam dúvidas – não se sabe se teria decorrido de erro em exercício de artilharia ou de ataque desesperado do U-977 alemão, que

37 GAMA, *A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial*, p. 198-199.

38 *Ibid.*, p. 217.

depois chegou à Argentina. O saldo fatal foi de 336 mortos, sendo 332 marinheiros brasileiros e quatro marinheiros norte-americanos. Como recorda Bonalume Neto, a maioria dos mortos das marinhas de guerra e mercante brasileiras não tem sepultura[39].

1.3.2 Aeronáutica: o 1º Grupo de Aviação de Caça "Senta a Pua!" e a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação da FAB (ELO)

A Força Aérea Brasileira (FAB) tem sua criação diretamente ligada à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

O Ministério da Aeronáutica havia sido criado por decreto de 20 de janeiro de 1941, juntando a Aviação Militar do Exército e a Aviação Naval da Marinha. Joaquim Pedro Salgado Filho, civil, foi o primeiro titular da nova pasta e permaneceria no cargo até o final da guerra.

À instalação de bases norte-americanas no Amapá, em Belém, em São Luís, em Fortaleza, em Recife, em Natal, em Maceió, em Caravelas e em Salvador corresponderia um intenso programa de treinamento de aviadores junto às Forças Aéreas dos EUA – filho do diplomata brasileiro Aluizio Martins Torres, o aspirante Alberto Martins Torres, que se voluntariou a integrar a Força Aérea, foi um dos escolhidos por falar inglês fluente e poder, na volta, transmitir os conhecimentos adquiridos aos colegas aviadores brasileiros.

Torres, que realizou 64 missões antissubmarino no Atlântico Sul e o maior número de missões de guerra na Itália (100), tendo recebido duas vezes a Cruz de Bravura norte-americana (*Distinguished Flying Cross*) e a *Croix de Guerre avec Palme* francesa, conta, no livro de memórias *Overnight Tapachula – histórias de aviador*:

> Assim, por exemplo, as missões que me proporcionaram maior satisfação emocional foram aquelas em que pude ver meus companheiros Theobaldo Antonio Kopp, Othon Correa Netto e Armando de Souza Coelho, depois de atingidos pela antiaérea, saltarem

39 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, p. 217.

> de paraquedas e chegarem seguramente ao solo, inteiros e vivos. Como síntese desse tipo de missão e da emoção que encerrava, lembro-me da 99ª missão, quando, na região ao norte de Udine, em perseguição aos remanescentes das forças alemãs em retirada, ouvimos pelo rádio a lacônica e dramática ordem de cessar qualquer ataque e retornar à base – era o fim da guerra, era o fim da matança e da destruição e estávamos vivos! Nessa hora lembrei-me dos meus pais.[40]

Desde 1941, mesmo sem terem entrado formalmente na guerra, o Brasil e os EUA haviam organizado uma rota aérea que, passando pelo Norte e pelo Nordeste brasileiros, permitia o suprimento das tropas aliadas na África, tendo em conta a intensa atividade militar do Eixo na orla sul do Mediterrâneo. Segundo o historiador Francisco César Ferraz:

> [...] entre 1942 e 1945, a Base Aérea de Parnamirim tornou-se o núcleo do transporte aéreo e da vigilância dos Aliados no Atlântico Sul. Essa base chegou a ostentar, em 1943, o título de aeroporto mais movimentado do mundo, com até 800 operações diárias de pouso e decolagem. Sem esse apoio, o fluxo de recursos materiais e humanos para as bases aliadas na Europa, África e Oceano Índico estaria estrangulado. Além das Forças Armadas norte-americanas, a recém-criada Força Aérea Brasileira (FAB) e a Marinha de Guerra também utilizavam as bases no Norte e no Nordeste. Dentro de suas limitações materiais, participaram de patrulhamentos e comboios de proteção a embarcações mercantes no litoral brasileiro.[41]

Ademais das ações de proteção da navegação marítima, havia a campanha antissubmarino sendo levada a efeito ao largo do litoral brasileiro, subordinada à 4ª Esquadra norte-americana, responsável pelo Atlântico Sul. Para essa campanha, era essencial contar com ações de vigilância e identificação aérea do inimigo.

Para tanto, a base aérea de Recife foi reorganizada em outubro de 1941; em março de 1942, teve início o funcionamento da base em Natal; e, um mês antes, haviam sido recebidos em Fortaleza aviões de guerra:

40 TORRES, *Overnight Tapachula* – histórias de aviador, p. 168.

41 FERRAZ, *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*, p. 37.

doze caças Curtiss P-36, dois bimotores de bombardeio Douglas B-18 e seis bimotores da mesma natureza North-American B-25 Mitchell, os quais, a partir de maio de 1942, começariam a realizar ataques – só podiam responder a fogo inimigo, pois o Brasil ainda não havia declarado guerra ao Eixo – contra submarinos inimigos que eram avistados.

No mesmo contexto, a Escola de Aviação Naval e a Escola de Aviação Militar uniram-se em uma só instituição, a Escola da Aeronáutica, localizada no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. Dado o número insuficiente de aviões nacionais para treinamento, os EUA cederam ao Brasil mais de 300 aviões para esse objetivo, entre eles 103 pequenos aviões de instrução, os Fairchild PT-19.

Quatro dias depois da declaração de beligerância de 22 de agosto de 1942, foi realizado o primeiro ataque contra um submarino, por um avião brasileiro V-11 Vultee, da base aérea de Porto Alegre, a 50 milhas marítimas do litoral de Santa Catarina. A partir desse momento, os EUA passaram a enviar aviões mais modernos, como os PBY-5 Catalina (que realizariam novos ataques, ao longo de 1943, a submarinos alemães nas costas brasileiras) e os A-28 Hudson.

A partir de abril de 1944, os esquadrões norte-americanos passaram a ser enviados a outros espaços de operações, e a FAB passou a se encarregar, com relativa autonomia, da patrulha do litoral brasileiro. Com o *Land-Lease Act*, o Brasil receberia, de 1942 a 1945, 1.288 aviões dos EUA[42].

A decisão de se enviar uma DIE para a Itália foi ladeada pela de se enviar um contingente da FAB para o teatro europeu, bem como uma esquadrilha para a Artilharia Divisionária da FEB: a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (ELO).

Com a decisão de se enviar também uma Unidade Aérea de Caça ao Mediterrâneo, o governo brasileiro apressou-se em tomar as medidas necessárias para sua efetivação. O 1º Grupo de Caça foi criado em 18

42 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, p. 89.

de dezembro de 1943, e, no dia 27 de dezembro, o major aviador Nero Moura foi nomeado seu comandante.

A partir de janeiro de 1944, os oficiais do Grupo de Caça partiram para períodos de treinamento nos EUA e, em seguida, na base aérea de Agua Dulce, no Panamá, onde começaram a participar, de forma ativa, das ações de defesa do canal, como uma unidade tática completa. O tenente-brigadeiro Nelson Freire Lavenére-Wanderley acrescenta:

> Terminada a etapa de instrução no avião P-47, o Grupo de Caça Brasileiro estava em igualdade de condições, em matéria de treinamento, com relação a outras unidades similares da aviação estadunidense; ademais disso, pelo menos um terço dos pilotos brasileiros eram oficiais com mais de 2.000 horas de voo; deve-se dizer, também, que todos os oficiais do Grupo de Caça se haviam apresentado voluntariamente para combater nos céus europeus, o que era a garantia de uma moral elevada dos pilotos, mais tarde fortemente posta à prova frente ao inimigo.[43]

No dia 6 de outubro de 1944, o Grupo de Caça desembarcou, no navio francês Colombie, no porto de Livorno, sendo transportado para Tarquínia, que seria seu primeiro aeródromo, seguido, a partir de dezembro daquele ano, pela base de Pisa. O grupo brasileiro foi incorporado ao 350º Regimento de Caça norte-americano, parte da Força Aérea Tática do Mediterrâneo.

Os objetivos atribuídos aos brasileiros e às demais unidades de caça formavam parte de um plano de bombardeio que visava a três objetivos principais: apoio às forças terrestres; isolamento do campo de batalha pela destruição das vias de comunicação alemãs ao longo do vale do rio Pó; e destruição de instalações militares e industriais no norte da Itália.

O 1º Grupo de Caça executou 445 missões, com um total de 2.546 saídas e 5.465 horas de voo em operações de guerra. Destruiu 1.304

43 LAVENÉRE-WANDERLEY, *La Forza Aerea Brasiliana durante la Seconda Guerra Mondiale*, p. 16.

veículos motorizados, treze locomotivas, 250 vagões de trem, oito carros blindados, 25 pontes e 31 depósitos de combustível e munição[44].

Em uma única ocasião, o 1º Grupo de Caça apoiou diretamente a FEB, justamente na véspera da conquista do Monte Castello, no dia 20 de fevereiro de 1945, com um forte ataque às defesas alemãs nas elevações de Mazzancana.

Por sua vez, a ELO da FAB, que foi diretamente ligada à Artilharia Divisionária da FEB, realizou 682 missões de guerra e mais de 400 regulações de tiros de artilharia[45].

A obra considerada unanimemente pelos historiadores como a mais importante sobre o 1º Grupo de Caça é o livro *Senta a Pua!*, do então tenente e depois brigadeiro Rui Moreira Lima, publicada pela primeira vez em 1980 e reeditada em 1989 e 2001.

Nela, Moreira Lima, que voltará a ser citado no trecho dedicado aos heróis da campanha brasileira na Itália, faz uma compilação de dados biográficos e histórias vivenciadas por cada um dos integrantes do 1º Grupo de Caça e descreve com detalhes as missões de guerra realizadas pelo grupo. Ao comentar a origem do que viria a se tornar o conhecido nome do grupo, Rui Moreira Lima explica:

> Nessa época [1943/1944], surgiu no Nordeste a gíria: "Senta a Pua!". Ela cobria tudo, porém [o primeiro-tenente-aviador] "Zé Firmino da Paraíba" só a utilizava para apressar os motoristas nas viagens diárias Salvador-Ipiranga [...] e veio o voluntariado para o 1º Grupo de Caça [...] o "Senta a Pua!" passou a fazer parte do palavreado obrigatório do Grupo. Era comum se ouvir frases assim "hoje vou sentar a pua no voo noturno!", ou então um berro através do rádio durante uma instrução de combate: "Senta a Pua! Número

44 A Força Aérea Brasileira computa atualmente 24 baixas do Primeiro Grupo de Aviação de Caça: nove aviadores falecidos, dos quais cinco em combate e quatro em acidentes. Os restos mortais de oito deles estão no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro (RJ), e um no jazigo familiar em Porto Alegre (RS). Entre os meses de outubro de 1944 e maio de 1945, onze pilotos brasileiros saltaram de paraquedas das suas aeronaves: cinco foram tomados como prisioneiros, três conseguiram esconder-se até o final da guerra e outros três conseguiram saltar sobre território amigo. Outros sete aviadores foram afastados das missões por motivos de saúde. Dados disponíveis em: <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/24331/> < http://www.jambock.com.br/v4/historia/estatisticas/baixas>. Acesso em 10 ago. 2016.

45 LAVENÉRE-WANDERLEY, *La Forza Aerea Brasiliana durante la Seconda Guerra Mondiale*, p. 24-34.

> quatro, estás atrasado"... E o "Senta a Pua!" viajou [...] partiu para a Itália, transformando-se no grito de guerra do 1º Grupo de Caça, simbolizado pelo avestruz guerreiro criado pelo Fortunato. Quantas vezes ouvimos no vale do Pó diálogos como esse: "Jambock Yellow estou vendo uma locomotiva". "Senta a Pua!".[46]

O livro traz, contudo, detalhes técnicos sobre a preparação do grupo para as missões na Itália, as operações realizadas e as baixas sofridas, como a de John Richardson Cordeiro e Silva, primeiro piloto a ser abatido:

> Em Tarquínia estavam acampados mais três esquadrões de caça americanos, equipados com P-47 – Thunderbolt. Completamos o quarto esquadrão do 350th Fighter Group [...] no dia 6 de novembro de 1944, houve alvoroço no 1º Grupo de Caça. Os tenentes iam operar pela primeira vez. John voou como ala de uma esquadrilha do 345º Esquadrão de Caça. Voei em outro esquadrão, o 347º [...] o 345º era conhecido no 350th Fighter Group pelo arrojo de seus pilotos e grande experiência no combate. Nada respeitavam e, tanto isso é verdade, que não respeitaram a inexperiência do Cordeiro [...] o Flak pegou-o no primeiro passe [...] ao ajoelhar-me em Pistoia sobre seu túmulo, antes de regressar ao Brasil, confidenciei-lhe o que aconteceu com Hitler e Mussolini.[47]

Em 2014, John R. Harrison, fotógrafo militar norte-americano que serviu na *Fleet Air Wing 16*, em 1943 e 1944, em Natal, Recife e na ilha de Fernando de Noronha, publicou o livro *Fairwing Brazil – Tales of the South Atlantic in World War II*, um registro de 400 páginas com fotografias feitas por ele que retratam as cidades brasileiras, as bases militares norte-americanas, ações de combate e encontros de autoridades. Trata-se de impressionante registro iconográfico de época. O autor escreveu sobre a importância da preservação desses registros históricos:

46 LIMA, *Senta a Pua!*, p. 39.

47 *Ibid.*, p. 217-218.

> *The attempts to memorialize the Brazilian-American joint actions in World War II continue currently at Natal. Several of my Brazilian friends are playing a key role in this effort. Since the Allied actions in the Battle of the South Atlantic were a very important part of the tremendous logistics struggle to win a world-wide war it is important that additional information on that subject be disseminated. Those war years were also a high point in U.S.-Brazilian relations so recounting those activities and memorializing them could have a positive effect on the current relationship between Brazil and the United States.*[48]

Ao final do conflito, terminando com apenas três de suas quatro esquadrilhas e realizando número de missões muito superior ao das aviações dos demais países, o Senta a Pua! fez parte, junto com duas unidades australianas, das únicas unidades aéreas estrangeiras a receberem a *Presidential Unit Citation* do governo dos EUA.

No trabalho de pesquisa, ao lado da necessária, embora sucinta, narrativa factual da preparação e das operações das três Forças Armadas brasileiras no esforço de guerra, foi possível encontrar documentos de marcado interesse histórico.

No dia 18 de julho de 1948, o Estado-Maior do Ministério da Aeronáutica enviou ao Itamaraty relatório cujo assunto era: "Síntese das atividades da F.A.B., durante o período de guerra". O documento arrola as atividades realizadas pela FAB "em missões propriamente de guerra" e detalha as ações na costa brasileira e a participação na Itália "de um grupo de caça (6/X/944 – 16/X/945) [e] o de uma Esquadrilha de Observação e Ligação, posta à disposição da FEB".

O documento traz dados técnicos que se podem assim resumir:

– Patrulhamento do litoral brasileiro "desde Amapá (PA) a Santa Vitoria (RS)";

– As missões de cobertura de comboios foram realizadas em cooperação com os EUA, que ficaram responsáveis pela cobertura desde a ilha de Trinidad até Fernando de Noronha "e daquela ilha para o Sul

48 HARRISON, *Fairwing Brazil – Tales of the South Atlantic in World War II*, p. 8.

– a cargo da F.A.B.", asseguradas por uma média mensal de 115 saídas e 425 horas de voo;

– O Grupo de Caça brasileiro operou principalmente como unidade de Caça-bombardeiros, equipado com aviões P-47 "e permaneceu no teatro de operações como parte integrante do XXII Comando Aéreo Tático da Fôrça Aérea Tática Americana do Mediterrâneo. Realizou um total de 2.546 saídas ofensivas contra objetivos inimigos tendo lançado 4.432 bombas num total de 1.010 toneladas; 850 foguetes e consumindo 1.180.000 tiros de metralhadoras;

– "Entre os 48 oficiais do Grupo de Caça que tomaram parte nas operações, houve um total de 22 baixas sendo que 5 foram mortos em combate, 8 abatidos em território inimigo e aprisionados, 6 foram afastados do vôo por prescrição médica e 3 faleceram em acidentes de aviação"; e

– "A Esquadrilha de Observação e Ligação, durante 7 meses, regulou o tiro da Infantaria Divisionária da FEB. e na fase final das operações, durante a ofensiva, executou com grande êxito missões de reconhecimento em proveito do Comando da FEB."[49]

1.4 A decisão e a preparação de uma força expedicionária

A exitosa Operação Torch de desembarque anglo-americano no norte da África, entre 8 e 10 de novembro de 1942, reduziu significativamente as perspectivas de um ataque nazista ao Nordeste brasileiro.

Com isso, fez-se urgente, para as autoridades brasileiras, a decisão de se engajar belicamente no conflito: o Brasil já havia obtido certo apoio econômico pelas concessões feitas aos EUA para cooperar com o esforço de guerra, por meio da utilização de suas bases costeiras, mas era necessário ampliar esses resultados e, ainda, incluir a modernização dos equipamentos utilizados pelas Forças Armadas.

49 CDO, correspondência recebida do Ministério da Aeronáutica, n. 940.(42)(81), de 18/07/1948.

Segundo Frank McCann, desde setembro de 1942, o general Góes Monteiro, antes considerado contrário ao posicionamento brasileiro junto aos Aliados, falava em convocar dois milhões de homens e enviar ao exterior uma força expedicionária brasileira de 100.000 militares. O presidente Vargas recebia relatórios regulares sobre a cooperação militar com os EUA, seja da Comissão Conjunta de Defesa Brasil-EUA, seja das embaixadas brasileiras em Washington e Londres. Por sua vez, representações como as de Lisboa, Montevidéu, Buenos Aires e Santiago informavam sobre a percepção de terceiros países, alguns deles vizinhos estratégicos, quanto à aliança militar Brasil-EUA.

O mandatário brasileiro pressionava os EUA a manterem o fluxo dos materiais para a construção da usina siderúrgica de Volta Redonda. Segundo McCann, Alzira Vargas, filha do presidente e chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, escreveu ao embaixador do Brasil em Washington, Carlos Martins, que o "'patrão' queria que dissesse aos norte-americanos que 'a siderúrgica não pode parar' e que 'todo sacrifício' deveria ser feito para a continuidade do trabalho, que era 'essencial ao Brasil'"[50].

O governo deu início às negociações para o envio de uma força que pudesse contribuir para o esforço de guerra no *front*, o que resultou, a partir de 1943, no treinamento e na preparação de soldados a serem enviados para o teatro do Mediterrâneo.

Para Gerson Moura, a formação e o envio da FEB à Europa deve ser vista mais como resultado do processo político interno brasileiro – o que, para o autor, dá a dimensão crescente do peso do *establishment* militar no processo decisório e político interno – do que de necessidades do sistema de poder dos EUA, que também já haviam logrado seus objetivos desde o início de 1942[51].

O mencionado encontro entre Vargas e Roosevelt, em Natal, em janeiro de 1943, é considerado decisivo porque teria sido ali que os

50 MCCANN JR., *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*, p. 237-238.

51 MOURA, *Autonomia na dependência*: a política externa brasileira de 1935 a 1942, p. 167.

mandatários acordaram a participação do Brasil nas operações de guerra, com o consequente estabelecimento de uma DIE.

Decidiu-se também pelo imediato envio de militares brasileiros para os EUA, com o objetivo de receberem treinamento que permitisse superar dificuldades, como a da necessidade de modernização requerida para lutar na Segunda Guerra; e a de superação tática do modelo militar francês da Primeira Guerra Mundial, no qual o Exército Brasileiro havia sido doutrinado.

Prepararam-se cursos especiais para militares brasileiros em diversos centros de instrução militar nos EUA, sendo os três mais importantes a Escola de Comando e Estado-Maior em Fort Leavenworth, Kansas; a Escola de Infantaria em Fort Benning, Georgia; e a Escola de Artilharia em Fort Sill, Oklahoma. Segundo Frank McCann, a maioria dos oficiais-chave da FEB frequentou um ou mais desses cursos "desde 1938, mas, depois, em junho de 1943, o nível de frequência aumentou tanto que ao final de 1944 mais de 1.000 militares brasileiros haviam passado por essas escolas"[52].

Em documento do arquivo de Oswaldo Aranha, datado de 25 de janeiro de 1943, citado por McCann, o chanceler brasileiro enumerava ao presidente Getúlio Vargas onze resultados que o Brasil deveria angariar pela participação na Segunda Guerra Mundial:

> 1. uma melhor posição na política mundial; 2. Uma melhor posição na política com os países vizinhos; 3. uma mais confiante e íntima solidariedade com os Estados Unidos; 4. uma ascendência cada vez maior sobre Portugal e suas possessões; 5. criação de um poder marítimo; 6. criação de um poder aéreo; 7. criação de um parque industrial para as indústrias pesadas; 8. criação da indústria bélica; 9. criação das indústrias agrícolas, extrativas e de minérios leves complementares dos norte-americanos e necessários à reconstrução mundial; 10. extensão de suas vias férreas e rodovias para fins econômicos e estratégicos; 11. exploração de combustíveis essenciais.[53]

52 MCCANN JR., *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*, p. 279.

53 *Ibid.*, p. 244.

A acadêmica Leticia Pinheiro traz interessante análise sobre a decisão de se criar uma Força de Infantaria Expedicionária e enviá-la ao *front* europeu:

> Fracassadas as tentativas de enviar tropas brasileiras para o norte da África, Vargas manteve sua política de garantir algum tipo de participação direta no conflito. A insistência brasileira foi de tal ordem que, finalmente, Washington cedeu ao Brasil, concordando com a formação da FEB, por volta de abril de 1943. Deste momento até o efetivo envio das tropas para a Itália transcorreram doze meses. Nesse período, dedicado à preparação e treinamento das tropas, inúmeros foram os desencontros entre Brasil e Estados Unidos no que se refere à liberação do equipamento militar necessário para a atuação da FEB, em que se debatiam mais uma vez a resistência norte-americana em fornecer o material requisitado pelo Brasil e a ausência de uma definição quanto à área de atuação da FEB, ambas as questões concorrendo para retardar a organização efetiva desta força... finalmente liberados os armamentos norte-americanos necessários para a operacionalização da FEB no início de 1944 e superada a resistência britânica à presença de uma força brasileira no Mediterrâneo, área cujo comando estava então dividido entre EUA e Grã-Bretanha, o primeiro contingente de tropas brasileiras embarcou em 5 de maio de 1944 rumo à Itália. Ao longo dos nove meses seguintes, outros cinco contingentes seguiriam para o teatro de operações.[54]

Em termos práticos, o governo brasileiro considerou, inicialmente, a formação de uma Força Expedicionária que incluísse um corpo de exército e três divisões de infantaria, com estimativa de reunir aproximadamente 60.000 homens.

A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) seria constituída por homens da 1ª Região Militar (RM-RJ), da 2ª RM (SP) e da 4ª RM (MG). Os demais contingentes posteriores viriam do Nordeste e do Sul do país.

A Portaria Ministerial nº 47-44, de 9 de agosto de 1943, quase um ano depois da declaração da beligerância, estabeleceu as normas para a estruturação da 1ª DIE, tendo o ministro da Guerra, Eurico Gaspar

54 PINHEIRO, *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*, p. 117.

Dutra, convidado o general de divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes para comandá-la, o que foi prontamente aceito.

A composição da 1ª DIE acabou por adotar unidades aquarteladas no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. O 1º Regimento de Infantaria (RI) ficava no Rio; o 6º, em Caçapava (SP); o 11º, em São João del-Rei (MG); e o 9º Batalhão de Artilharia foi conformado em Aquidauana (à época MT).

Os meses finais de 1943 foram de intensa movimentação para o agrupamento de oficiais da ativa e a convocação de reservistas, os quais, uma vez reunidos, deram início imediato ao programa de instrução e adaptação aos métodos e à doutrina militar norte-americanos.

Em dezembro de 1943, antes mesmo de assumir oficialmente o comando da 1ª DIE, Mascarenhas de Moraes, acompanhado por oficiais brasileiros e norte-americanos, realizou visita às frentes de combate ao norte da África e à Itália. Conta-se que o futuro Comandante da FEB teria exclamado "isso é uma guerra de ricos!" ao verificar a quantidade de equipamentos bélicos modernos e a logística que a conflagração mundial exigia dos países que nela combatiam. Uma comissão de oficiais brasileiros foi deixada na Itália, de onde enviava a Mascarenhas de Moraes relatórios sobre o desenrolar das ações naquele terreno. Com isso, definiu-se o teatro de operações onde as tropas brasileiras iriam atuar: os Apeninos italianos.

1.5 Posição dos demais países latino-americanos

Já na primeira metade da Segunda Guerra Mundial, os países da América Latina, à exceção de Argentina e Chile, romperam relações diplomáticas com o Eixo e chegaram à declaração de guerra. O posicionamento dos países latino-americanos teve três momentos preliminares decisivos.

O primeiro deles refere-se à 8ª Conferência Pan-Americana de Lima, em novembro de 1938, da qual, não obstante o mal-estar causado

por recentes expropriações de empresas norte-americanas no México e na Bolívia, resultou a Declaração de Solidariedade Interamericana.

O segundo momento decisivo foi o do próprio ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, o que determinaria, em grande parte, a posição dos países, em especial centro-americanos, face à agressão sofrida pelos EUA. Segundo o historiador Vágner Camilo Alves:

> Vejamos, por exemplo, a reação de todos os 20 Estados existentes na região ao ataque japonês a Pearl Harbor e a consequente entrada formal dos Estados Unidos na guerra. Ainda em dezembro, Cuba, Haiti, República Dominicana, Guatemala, Honduras, El Salvador, Costa Rica, Nicarágua e Panamá declararam guerra aos países do Eixo. Todos esses países assinaram, em 2 de janeiro de 1942, a declaração das Nações Unidas, comprometendo-se a empenhar todos os seus recursos militares contra o Eixo, e a não negociar a paz ou armistício em separado.[55]

A terceira data decisiva foi justamente a da III Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro, em janeiro de 1942, quando se tomou a decisão de recomendar aos países latino-americanos o rompimento das relações com os países do Eixo – e o texto só não trouxe a declaração de rompimento, como queriam os EUA, em função da oposição de Argentina e Chile.

Para John Bratzel, professor do Centro de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos da Universidade de Michigan, é necessário ter em conta a forte pressão exercida pelos EUA junto aos países da região à medida que o conflito se tornava global:

> *The United States viewed the war as a battle between good and evil. If a person or a country opposed the agenda of the United States, their reasons were not important; the only important factor was their opposition to the United States in its crusade against the Axis. Nations had to demonstrate that they actively supported the United States; anything less was unacceptable. This type of thinking colored all aspects of U.S. policy and resulted in many misunderstandings with Latin American nations...*

55 ALVES, *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*: história de um envolvimento forçado, p. 146.

> *Geography was a determining factor in what happened in the various Latin American states. Brazil gained economic and military benefits from the United States because northeastern Brazil was strategically placed to allow for patrolling between Brazil and Africa and as a ferry point for U.S.-made airplanes bound for the fighting. It was also seen as a possible German invasion route that needed to be garrisoned. Rio de Janeiro was able to broker highly favorable treaties with the United States in exchange for granting U.S. landing rights in Natal and Fortaleza.*
>
> *Geography also privileged those nations near the Panama Canal, including Colombia, Peru, the Dominican Republic, Ecuador (and the Galapagos Islands), the U.S. territory of Puerto Rico, and, of course, Panama itself. It was considerably easier to convince the U.S. government to supply aid to nations the United States might need in the future for the defense of the canal.*[56]

E aqui se entra na análise de três países relevantes para a região e suas respectivas posturas durante o conflito mundial: Argentina, Chile e México.

Desde a Conferência de Buenos Aires, de 1936, a Argentina foi, sem dúvida, o Estado sul-americano que com mais força se negou a aceitar o que considerava uma intromissão dos EUA nas decisões políticas dos Estados da região. Ademais, era conhecida a posição germanófila de vários dos setores políticos internos daquele país, especialmente em parte das Forças Armadas[57].

Na Conferência do Rio, por exemplo, a atitude da delegação argentina, presidida pelo chanceler Ruiz Guiñazú, em consonância com instruções recebidas diretamente do presidente Ramón Castillo, de recusar a proposta de ruptura imediata com o Eixo, deteriorou de forma contundente as relações com os EUA. Nos anos seguintes, as expectativas argentinas de recebimento de auxílio financeiro e de equipamento bélico norte-americano se viram totalmente frustradas.

Para Frank McCann, os EUA nutriam a expectativa de poder trazer a Argentina para o lado aliado até 1942, condicionando o fornecimento

56 BRATZEL; LEONARD (org.), *Latin America During World War II*, p. 9.

57 Juan Domingos Perón foi adido militar em Roma entre 1939 e 1941. SEITENFUS, *O Brasil vai à guerra:* o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial, p. 271.

de armas àquele país ao engajamento de sua marinha nas operações de comboio no Atlântico Sul. Para McCann:

> As razões da hostilidade argentina com relação aos Estados Unidos eram complexas e antigas, mas talvez pudessem ser sintetizadas em quatro pontos fundamentais: 1) a anterior rivalidade argentino-americana pela liderança no continente; 2) o antagonismo da Argentina com relação ao Brasil e sua irritação ante a inabalável adesão brasileira aos EUA; 3) o poder das forças conservadoras argentinas em favor de um modelo totalitário; 4) a localização geográfica da Argentina fora da rota provável de um ataque alemão no Continente americano.[58]

Não obstante a intensa pressão dos EUA, os argentinos somente romperiam relações com o Eixo em 25 de janeiro de 1944. Em 29 e 31 de março de 1945, a embaixada do Brasil em Washington informava por telegrama que o encarregado de negócios da Argentina na capital norte-americana havia circulado nota à União Panamericana, indicando que o governo de seu país, depois de participar da Conferência do México, "declara o estado de guerra com o Japão e a Alemanha"[59].

O Chile adotou, ao longo do conflito, uma posição de neutralidade, só rompida no final da guerra, que não chegou a criar irritantes com os EUA, apesar de ter custado ao país empréstimos financeiros. Preocupava o Chile, que tinha grupos políticos internos claramente simpáticos à Alemanha, a possível utilização dos recursos do *Land-Lease Act* pela Bolívia e pelo Peru para reacender as questões da Guerra do Pacífico. Para o professor Andrew Barnard, do Instituto de Estudos Latino-Americanos, da Universidade de Londres:

> *During the war years Chile thus became increasingly dependent on its economic and financial ties with the United States. However, that increased dependence did not translate into a crude increase in the power of Washington to determine Chilean government policy – rather it helped to create conditions for complex diplomatic games of pressure and*

58 MCCANN JR., *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*, p. 227-228.

59 AHI, embaixada em Washington, telegrama n. 831, de 29-31/03/1945, de Carlos Martins Pereira e Souza para a SERE.

> *counterpressure, games in which Chilean governments were by no means without leverage. Increased dependence – and the recognition of that fact by successive Radical presidents of Chile – did mean, however, that the U.S. government's wishes usually prevailed where Chilean foreign policy was concerned – in the long run at any rate.*[60]

No recente livro *Brazil: the Fortunes of War: World War II and the Making of Modern Brazil*, o historiador Neill Lochery assevera que, durante a Conferência de Chanceleres do Rio, em 1942, as próprias autoridades brasileiras teriam tentado modificar, sem sucesso, as posições da Argentina e do Chile:

> *The conference of foreign ministers was not progressing as smoothly as Washington had hoped. The governments of Argentina and Chile made it clear that they were not willing to formally break relations with the Axis powers. Yet in spite of these problems – or perhaps rather as a result of them – Brazil was proving to be an even more important partner than the United States could have expected. [Sumner] Welles noted that, in private, President Vargas and Aranha were working overtime to try to get Argentina and Chile on board while also keeping four other governments in line with the position of the United States.*[61]

No caso do México, a ascensão à presidência de Manuel Ávila Camacho, como sucessor de Lázaro Cárdenas, em dezembro de 1940, deu início a uma maior aproximação com os EUA.

Após o ataque japonês a Pearl Harbor, a opinião pública mexicana ainda se encontrava dividida em relação à atuação do país na guerra. O México declarou guerra, no entanto, após o afundamento, por submarinos do Eixo, no final de maio de 1942, de dois de seus navios (Potrero del Llano e Faja de Oro).

Em resposta à pressão política interna e ao desejo dos agentes governamentais de participar nas negociações após o final do conflito,

60 BARNARD, Chile. *In*: BETHELL; ROXBOROUGH (org.), *Latin America between the Second World War and the Cold War, 1944-1948*, p. 66-91.

61 LOCHERY, *Brazil: The Fortunes of War: World War II and the Making of Modern Brazil*, p. 125.

Ávila Camacho determinou a criação de uma esquadrilha aérea mexicana para participar diretamente do combate.

O Esquadrão 201 realizou treinamento nos EUA, pelo período de um ano, foi enviado para o teatro de operações no Pacífico e chegou a Manila no dia 30 de abril de 1945. Os membros das Águias Astecas realizaram 59 missões, com um total de 1.200 horas de voo, e participaram ativamente das missões contra alvos em Luzon e em Formosa, perdendo sete pilotos nas Filipinas[62].

Antes, de fevereiro a março de 1945, o México sediou a Conferência Interamericana de Chapultepec, cuja ata estabeleceu as bases para o que viria a ser negociado, dois anos depois, como o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR).

Com isso, é possível, no final deste capítulo, tentar esclarecer uma percepção equivocada, a qual muitas vezes pode ser encontrada em declarações sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a diferença da posição do país em relação aos demais Estados latino-americanos.

Não é difícil encontrar, em trabalhos ou pronunciamentos sobre o tema, a afirmação incorreta de que "o Brasil foi o único país da América Latina a lutar na Segunda Guerra Mundial". O correto está em afirmar, tendo em conta a participação mexicana no teatro de operações do Pacífico, que o Brasil foi, com efeito, o único país da América Latina a enviar tropas, durante a Segunda Guerra Mundial, para o teatro de combates da Europa.

Da mesma forma, é igualmente correto informar que o Brasil foi o único país da América do Sul a participar da Segunda Guerra Mundial e a mandar um contingente expedicionário militar para lutar contra as forças nazifascistas do Eixo.

62 RANKIN, Mexico Industrialization through Unity. *In*: BRATZEL; LEONARD (org.), *Latin America during World War II*, p. 17-35.

Capítulo 2

A Força Expedicionária Brasileira (FEB)

O presente capítulo tem como objetivo principal fornecer informações e dados sobre os principais aspectos da campanha da FEB na Itália. A essência da obra depende dessas informações para que se compreenda a real amplitude do esforço feito pelas tropas brasileiras e da contribuição do país para a causa aliada.

O legado da participação brasileira no conflito, tema principal deste trabalho, poderá ser mais bem examinado se ilustrado pelos passos das tropas brasileiras naquele país e pelas marcas ali deixadas até os dias atuais.

Neste capítulo, faz-se necessário indicar a movimentação, os combates, os reveses e as vitórias de soldados que foram ganhando experiência no próprio campo de batalha e, com isso, recebendo um número maior de missões, igualmente crescentes em termos de responsabilidade.

Em um capítulo, não será possível abranger o grande número de trabalhos voltados especificamente para os aspectos tático-militares da campanha da FEB. Tampouco é essa a meta, dado que se trata de reunir informações que auxiliem a compreensão *ex post facto* da passagem

das tropas brasileiras pelo *front* italiano. Além das obras de cunho especificamente militar, já há livros sobre a campanha brasileira que são considerados clássicos para o entendimento de sua contribuição na Segunda Guerra Mundial, a maioria dos quais se procurou consultar para a elaboração desta seção.

Com relação aos depoimentos dos pracinhas, são também muitos os livros de memórias passíveis de serem encontrados e consultados – infelizmente mais em lojas de livros usados do que em livrarias. Vão desde relatos de oficiais de alta patente, a começar pelo marechal Mascarenhas de Moraes, no livro *A FEB pelo seu Comandante*, a singelas edições de autor preparadas por soldados que sentiram a necessidade de contar suas histórias e experiências. Há também quantidade razoável de documentários sobre a Força brasileira, além de um sem-número de depoimentos e registros de ações de combate, no YouTube.

A pesquisa, a reunião e a citação de trechos dessas memórias feitas neste capítulo, em especial daqueles excertos considerados significativos para se compreender a campanha da FEB, não substitui a emoção com que cada um desses depoimentos pode ser lido. Na verdade, a leitura e a visualização desses relatos demonstram, como costumam acentuar os pesquisadores, quão fundas são as marcas deixadas pela situação-limite de se estar em um campo de guerra sobre quem a vivenciou.

Este capítulo traz, contudo, um dos dois segmentos deste trabalho que podem ser vistos como tentativas até agora pouco exercitadas e que, uma vez mais, se coadunam com a meta principal de se demonstrar a importância do legado da FEB e o porquê da necessidade de sua maior incorporação ao discurso diplomático brasileiro.

A primeira dessas duas partes lista os chamados "Heróis da FEB". Claro é que qualquer cidadão ou cidadã que tenha lutado contra o nazifascismo merece por si só a alcunha de herói. Neste caso, a tentativa foi procurar compilar nomes representativos da força brasileira, cujas histórias se espalham, muitas vezes sem estarem reunidas em

um conjunto específico, pelas dezenas de livros e pelos relatos de ex-combatentes, pesquisadores e entusiastas da FEB.

É no intuito de fornecer elementos históricos que permitam ao mesmo tempo uma melhor compreensão da campanha da FEB e, sobretudo, do legado por ela deixado no Brasil, na Itália e no exterior, que se condensa esta parte do trabalho.

2.1 O treinamento e o embarque para a Itália

Tomada a decisão de se enviar uma DIE para integrar o esforço aliado na Segunda Guerra Mundial, foi necessário, a partir de 1943, implementar intenso programa de recrutamento e treinamento de oficiais e soldados brasileiros.

As dificuldades para reunir o contingente que formaria a FEB, inicialmente pensado em algo entre 60.000 e 100.000 homens, começaram a parecer de tal ordem que daí surgiu a expressão de que seria mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil enviar uma força para participar dos combates da Segunda Guerra Mundial.

Muitos atribuem o dito ao presidente Getúlio Vargas. Circula até a versão de que a frase teria sido dita pelo próprio Hitler. É mais provável que ela venha de expressão local usada por vendedores de rua para anunciar a chegada da polícia e que foi, de alguma maneira, identificada com os trens que levavam os convocados e voluntários para os postos de aquartelamento.

Tendo iniciado seu comando em janeiro de 1944, Mascarenhas de Moraes concentrou as tropas da 1ª DIE no Rio de Janeiro. Verificando-se a lacuna em várias das especialidades requeridas para a utilização dos equipamentos de combate recebidos dos EUA, realizaram-se cursos intensivos no Centro de Instrução Especializada.

No dia 24 de maio de 1944, a DIE realizou grande desfile de despedida no centro do Rio de Janeiro. O embarque das tropas foi cercado de sigilo, inclusive para os próprios soldados, de quem o presidente Getúlio Vargas se despediu na noite de 30 de junho, a bordo

do navio norte-americano General Mann, que partiria, na manhã de 2 de julho, escoltado por navios brasileiros e dos EUA, até Gibraltar, de onde prosseguiria a viagem para Nápoles.

Os outros dois grupos da 1ª DIE embarcaram, no General Mann e no General Meigs, no dia 22 de setembro de 1944. O 4º e o 5º escalões de embarque seguiram em 23 de novembro de 1944 e 8 de fevereiro de 1945, levando o Depósito de Pessoal da FEB, unidade de recompletamento indispensável em uma campanha militar.

Os três primeiros grupamentos da 1ª DIE receberam os equipamentos militares norte-americanos ao desembarcarem na Itália, sendo conduzido o 1º escalão de Nápoles para a região de Tarquínia, onde, no início de agosto de 1944, teve início, ao ser incorporado ao V Exército Americano, novo programa de treinamento. O 1º Regimento de Infantaria (RI) e o 11º RI chegaram a Nápoles no dia 6 de outubro, de onde foram trasladados, em navios de desembarque, até Livorno.

Vale citar que, no dia 19 de agosto, após presenciar a invasão do sul da França, o primeiro-ministro britânico Winston Churchill visitou o V Exército dos EUA, identificou os soldados brasileiros e fez elogiosa referência à colaboração do Brasil no esforço de guerra[63].

2.2 A campanha da FEB na Linha Gótica

O primeiro escalão brasileiro chegou a Nápoles em 16 de julho de 1944. Como aponta Bonalume Neto, era a primeira força expedicionária sul-americana a intervir nos assuntos europeus[64].

Como jornalista de profissão e especialista em reportagens militares, Bonalume consegue fazer uma descrição clara para qualquer leitor sobre a composição da FEB, que vale reproduzir em toda sua extensão:

63 Muitas das informações, presentes no trecho final do capítulo anterior e na introdução deste capítulo, sobre a preparação da FEB e sobre o embarque para a Itália, foram extraídas de texto de autoria do febiano general Octavio Costa (*Jornal de Guerra*), publicado no fascículo que compila as edições de O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, p. 23-39.

64 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, p. 119

> A FEB era uma divisão de formato "triangular", ou "ternária", isto é, cada unidade costuma ser subdividida em três menores[...] quando ficou completa, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária tinha oficialmente 14.254 homens (734 oficiais e 13.520 praças). O total de homens enviados à Itália foi de 25.334 (a 1ª DIE, mais o depósito de pessoal e órgãos não divisionários). Também foram enviadas 67 enfermeiras que trabalharam em hospitais americanos e junto ao 1º Grupo de Caça[...] as principais unidades de infantaria eram três regimentos de 3.256 homens cada, comandados por coronéis – 1º Regimento de Infantaria, 6º Regimento de Infantaria e 11º Regimento de Infantaria. Cada regimento tinha três batalhões de 871 homens, comandados por majores (1º Batalhão, 2º e 3º). Cada batalhão era dividido em três companhias de 193 homens e uma CPP (Companhia de Petrechos Pesados) de 166 homens, comandadas por capitães. A numeração, sequencial, correspondia aos batalhões. Assim, o 1º Batalhão tinha a 1ª, a 2ª e a 3ª companhias, além da CPP-1, o 2º Batalhão tinha a 4ª, a 5ª e a 6ª companhias, além da CPP-2; e o 3º Batalhão tinha a 7ª, a 8ª e a 9ª companhias, além da CPP-3[...] cada companhia era dividida em três pelotões de fuzileiros e um pelotão de petrechos leves (metralhadoras e morteiros de menor calibre), comandados por tenentes. Cada pelotão tem 41 homens. O pelotão também tem sua subdivisão, três Grupos de Combate (G.C.), em geral de 13 homens cada, comandados por sargentos, incluindo além dele um cabo e 11 soldados[...] também havia uma unidade de engenheiros de combate, o 9º Batalhão de Engenharia, com 55 homens e cujo equipamento incluía desde tratores e reboques até 47 botes de assalto[...] a artilharia divisionária era dividida em quatro Grupos de Obuses.[65]

As tropas foram deslocadas para a chamada Linha Gótica na região dos Apeninos italianos, última posição defensiva alemã ao sul do território ocupado, formada pela 148ª Divisão de Infantaria Alemã, pela 232ª Divisão de Infantaria Alemã e pela Divisão Monterosa italiana.

Para os alemães, a Linha Gótica – denominação dada pelos norte-americanos em referência à invasão dos visigodos à Itália no século IV – chamava-se Linha Verde, dividida em Linha Verde 1, no

65 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, p. 133-135.

trecho que incluía Pistoia; e a Linha Verde 2, mais ao norte, com cidades como Montese. Era defendida por treze divisões de 98.000 combatentes.

Vale citar que, ao contrário do que muitos apontam equivocadamente, pesquisas militares sérias indicam que as tropas brasileiras se defrontaram, sim, com inimigos experientes – vários deles exauridos, mas não todos – que provinham, especialmente do lado alemão, da frente russa e com experiências nos *Afrika Korps*. Isso quer dizer que a FEB teve de enfrentar, em uma guerra fundamentalmente de infantaria, militares muito mais experientes e sobreviventes de combates duros.

Com a decisão, transmitida ao comandante adjunto das Operações no Mediterrâneo, Harold Alexander, em junho de 1944, de se deslocar um contingente de quase um milhão de homens dos Apeninos para a invasão do Sul da França (Operação Dragoon), o que teria provocado protesto de Churchill a Roosevelt, os soldados brasileiros fizeram-se necessários para transpor a linha intensamente defendida pelos alemães nos Apeninos.

Isso não quer dizer que os soldados brasileiros tenham sido recebidos sem desconfiança. Em seu livro sobre as tropas canadenses na campanha italiana, *The Gothic Line – Canada's Month of Hell in World War II Italy*, Mark Zuehlke assevera que, no novo contexto do posicionamento das tropas nos Apeninos:

> *Alexander did have one surprising American backer – Fifth Army Commander General Mark Clark. An unapologetic anglophobe, Clark was also a glory hound. He realized that there would be scant glory for an American general commanding an army whittled down to a mere five divisions and three tank battalions. Worse, the men he was losing – both French and American – represented 40 per cent of his most experienced combat strength. Word that his strength would be bolstered by a regimental combat team from the recently formed and unblooded 92nd U.S. Negro Infantry Division little raised his spirits. He was even less impressed when the untried Brazilian Expeditionary Force was attached to his army.*[66]

66 ZUEHLKE, *The Gothic Line – Canada's Month of Hell in World War II Italy*, p. 53.

No livro *The Path to Victory – the Mediterranean Theater in World War II*, o historiador Douglas Porch, que tenta, com seu trabalho, argumentar a favor da importância do espaço italiano de operações no conjunto da guerra, refere-se inicialmente de forma pouco lisonjeira à FEB. Porch reconhece, em seguida, como viria a ser o caso em vários trabalhos militares, a participação efetiva brasileira nos combates (assim como, em outros relatos, a experiência que ia aos poucos sendo adquirida pela tropa brasileira, a ponto de igualá-la às demais divisões estrangeiras que lutavam na Linha Gótica):

> *The only fresh troops immediately available to stand in for Truscott´s Sixth Corps, departed for Anvil, were the U.S. Ninety-second Division, black troops under white officers who arrived in September, and an ill-equipped division of Brazilians who disembarked at the end of October. Clark had little confidence in either formation [...]*
>
> *So many peaks fell to the Tenth Mountain, recruited largely among college boys on ski teams, that by twilight on 15 April the division stood on the verge of breakthrough. For the next three days, the German Ninety-Fourth Division threw up smoke screens and defensive artillery fire to cover their retreats before the Tenth Mountain´s relentless advance, which drew the Brazilian Division and the First Armored Division in its wake.*[67]

Os pracinhas, como seriam chamados os soldados brasileiros, foram incorporados ao IV Corpo do V Exército Americano, responsável pelos combates na parte ocidental da Linha Gótica. Com um total de 171.062 homens, o V Exército também contou com o apoio das brigadas de *partigiani*, italianos que lutavam contra o regime fascista de Mussolini.

Durante sua campanha, a FEB lutou basicamente em duas frentes: no outono de 1944, no vale do rio Serchio, e, em seguida, no rio Reno, ao norte de Pistoia. A FEB combateu, no *front* italiano, ao lado de 22 divisões: seis norte-americanas, seis britânicas, três canadenses, duas polonesas, três indianas, uma sul-africana e uma neozelandesa.

67 PORCH, *The Path to Victory – The Mediterranean Theater in World War II*, p. 615 e 647.

Os primeiros meses de 1945 assistiram à chamada Ofensiva da Primavera, quando a FEB alcançou suas duas mais expressivas vitórias: a tomada do Monte Castello, em 21 de fevereiro, e a liberação da cidade de Montese, em 14 de abril daquele ano.

2.2.1 Primeiras ações: Massarosa, Camaiore e o revés em Sommocolonia

Os soldados da FEB teriam seu batismo de fogo ao libertar as cidades de Massarosa, Camaiore e Monte Prana. Com o avanço das tropas da 6ª Divisão Blindada sul-africana na parte central da Linha Verde 1, foram superadas, com relativa facilidade, as resistências alemãs em Pistoia, as quais se retiraram para a localidade de Barga. Essa localidade e Gallicano, tendo nesta a FEB sofrido reconhecido revés, somente foram libertadas na metade do mês de outubro, com intensos combates entre os dois exércitos.

As tropas da FEB continuaram avançando, na segunda quinzena de outubro, em direção ao objetivo de Castelnuovo di Garfagnana, com a percepção de que as tropas alemãs se encontravam debilitadas, o que constituiu grave erro de avaliação baseado em informes imprecisos. Os contra-ataques alemães desferidos, ao longo de 30 e 31 de outubro, contra as companhias brasileiras em Sommocolonia resultaram em baixas da ordem de 59 homens (quinze mortos) e representaram o primeiro revés – e que talvez por isso tenha adquirido forte caráter simbólico – até hoje discutido entre veteranos e historiadores da FEB.

Em seguida, no final daquele mês, as forças brasileiras avançaram sobre Porretta Terme, onde se estabeleceu o Comando-Geral da FEB. O quartel teve de ser deslocado para outro edifício na mesma cidade, tendo em conta os intensos bombardeios das tropas inimigas, que ocasionaram muitas baixas e mostraram que, não obstante a relativa melhora na situação em Pistoia, a guerra ali continuava a ser lutada de forma severa.

Em 30 de outubro de 1944, teve lugar a Conferência do Passo de Futa, durante a qual o general Mark Clark, comandante do

V Exército, reuniu, em seu quartel-general localizado naquela cidade, todos os generais comandantes de Corpos de Exército e de Divisões Expedicionárias a ele subordinados para tratar do desenvolvimento das operações na Itália. Pelo lado brasileiro, participaram Mascarenhas de Moraes e o coronel Lima Brayner, chefe do Estado-Maior da FEB.

Naquela reunião, considerada histórica no âmbito da campanha italiana, o general Clark procurou analisar e expor a situação em que se encontrava todo o conjunto que compunha o V Exército, que se encontrava naquele momento a 15 km de Bolonha. Classificou alguns casos, como o do 2º Corpo de Exército, como "deploráveis", pela falta de equipamentos e pelo escasso recompletamento de homens, e assinalou que as únicas reservas eram a 1ª Divisão Expedicionária Brasileira e parte da 92ª Divisão de Infantaria dos EUA.

Com o propósito de manter o maior número de divisões alemãs na Itália, evitando com isso seu deslocamento para as frentes na França e na Rússia, Clark comunicou que o Alto Comando Aliado havia decidido pela ocupação de posições nas montanhas e pela retomada das operações em princípios de dezembro. Dirigindo-se diretamente ao general Mascarenhas de Moraes, determinou o deslocamento imediato dos brasileiros do vale do Serchio para o vale do Reno, com a entrega de todos os equipamentos e armamentos necessários para tanto. Mencionou que a FEB havia sido "promovida ao primeiro *team* do V Exército"[68].

No início de novembro, com o destacamento das operações do Serchio para o Reno, a FEB ocupou Torre di Nerone, onde estabeleceu uma "cabeça-de-ponte", cercada por tropas alemãs, até abril de 1945. Em meados daquele mês, as linhas defensivas brasileiras seriam ampliadas, passando a incluir a Estrada nº 64 (Porretta Terme-Bolonha) e o rio Marano. Com o rigor do inverno, as tropas permaneceram estacionadas com vistas a preparar o ataque de uma das posições mais simbólicas para a FEB: o Monte Castello.

68 PORCH, *The Path to Victory – The Mediterranean Theater in World War II*, p. 223.

2.3 A tomada do Monte Castello

O Monte Castello e o Monte Belvedere formavam parte do objetivo militar a ser conquistado e que permanecia defendido fortemente pelas tropas alemãs. Em 24 e 25 de novembro de 1944, já haviam sido feitas duas tentativas de conquistá-lo, com o apoio do II Batalhão do 6º Regimento de Infantaria à *Task Force* 45 dos EUA, malogradas e com grande número de baixas.

O terceiro e novamente mal-sucedido ataque ao Monte Castello – o primeiro dos três que seriam realizados exclusivamente sob o comando e com tropas brasileiras – foi levado a cabo no dia 29 de novembro, um dia após a retomada, pelas tropas alemãs, das posições norte-americanas no Monte Belvedere.

O ataque desferido em 12 de dezembro representou grande revés para a FEB e produziu 150 baixas e vinte mortes nas tropas brasileiras. Ademais das péssimas condições climáticas (que haviam sido anunciadas pelos boletins meteorológicos), no momento da partida (6h), a artilharia norte-americana desencadeou intenso bombardeio sobre o Monte Belvedere, o que rompeu o sigilo da operação brasileira, a qual, com pequenos avanços, começou a ser alvo de intensa contraofensiva alemã.

Para se ter uma ideia do esforço feito nesses primeiros ataques ao Monte Castello, vale avaliar as baixas brasileiras no período. Em novembro de 1944, foram 74 mortos em ação, 241 feridos, 85 acidentados e 16 extraviados, sendo quinze destes recuperados ao final da guerra. Em dezembro, a FEB sofreu 84 mortes em ação, teve 267 feridos, 146 acidentados e 22 extraviados, onze dos quais foram recuperados após a cessação das hostilidades. Começava a se provar acertada a posição defendida pelo general Mascarenhas de Moraes de enviar todo o grupo expedicionário, e não apenas determinado número de batalhões, para a ofensiva contra o Castello.

Como se viu, a intensificação do inverno provocou um estacionamento das tropas. De 13 de novembro de 1944 a 18 de fevereiro de 1945, os combatentes ficaram ao "pé da trincheira", onde a escassa

visibilidade não permitia hostilidades diretas, mas sim a utilização de patrulhas e bombardeios de artilharia e morteiros, que provocaram muitas baixas na Infantaria Expedicionária. Essa etapa foi considerada, no entanto, crucial para a adaptação e adequada preparação dos soldados para a nova ofensiva sobre o objetivo.

Nesse período, o Alto Comando Aliado sofreu relevantes modificações em sua composição. O marechal *sir* Harold Alexander – que em visita à FEB, em 8 de novembro, sob intenso bombardeio, agradeceu a Mascarenhas de Moraes as "salvas de artilharia" em sua homenagem – assumiu o Comando do Teatro de Operações do Mediterrâneo; o general Mark Clark passou a comandar o XV Grupo de Exércitos, que incluía o V Exército Americano, cuja chefia foi confiada ao tenente-general Lucian Truscott Junior, e o VIII Exército Britânico.

No dia 20 de fevereiro de 1945, a 10ª Divisão de Montanha dos EUA tomou de assalto o Monte Belvedere e os montes Gorgolesco e Mazzancana, este último com apoio do 1º Grupo de Caça brasileiro Senta a Pua!. No dia seguinte, paralelamente à ação dos brasileiros contra o Monte Castello, a 10ª Divisão de Montanha conquistou o Monte della Torraccia. A essa ação coordenada deu-se o nome de Operação Encore, com vistas a assegurar bases para a ofensiva sobre Bolonha.

Dessa vez, as tropas brasileiras atuariam segundo direções convergentes. Ao Regimento Sampaio (1º RI) caberia a ação ofensiva principal sobre Monte Castello e La Serra. O ataque frontal foi feito pelo Batalhão Franklin (III/1º RI) e a ação flanqueante pelo Batalhão Uzeda (I/1º RI).

O Monte Castello foi conquistado no decisivo ataque de 21 de fevereiro de 1945, ao custo de 98 baixas do lado brasileiro, o maior número de perdas em uma batalha no *front* italiano.

No livro *A FEB pelo seu comandante*, publicado pela primeira vez em outubro de 1946, o general Mascarenhas de Moraes descreve os momentos conclusivos da ofensiva:

> Finalmente, às 17h20min, a defesa inimiga entrou em colapso.
>
> Seguiram-se operações de limpeza, com a captura dos defensores remanescentes e a ocupação definitiva das encostas setentrionais do arrogante morro.
>
> A soldagem das novas posições brasileiras em Monte Castello, com as demais da porção oriental do setor, logo se operou com a ocupação de Abetaia pelo Batalhão Ramagem (II/11º Regimento de Infantaria). O Regimento Sampaio instalou-se defensivamente nos objetivos conquistados...
>
> Com a captura de tal elevação, escrevera a Força Expedicionária Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida. Monte Castello, resistindo durante três meses às investidas aliadas, erigira-se a cidadela da presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, representara um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar...
>
> Sumidouro de centenas de vidas patrícias, a sua captura pelas nossas forças constituiu um dever de consciência e um imperativo de dignidade militar. Assinalou o início de uma série de vitórias esplêndidas para nossas armas, vitórias que elevaram o nome do Brasil e o prestígio de nosso Exército.[69]

Entre 23 e 24 de fevereiro, as tropas brasileiras, no combate de La Serra, conquistaram ainda o saliente na rocha Soprassaso, na ofensiva para libertar Castelnuovo.

2.4 A libertação de Montese e outras cidades (Marano, Vignola, Collecchio, Zocca e Fornovo di Taro)

Não obstante o caráter simbólico da tomada do Monte Castello, a conquista de Montese pode ser apontada como a mais importante ação dos militares brasileiros na campanha italiana – e a mais sangrenta delas.

No início de março, as tropas brasileiras haviam realizado ações no vale do Marano e capturado as localidades de Santa Maria Villiana, Rocca

69 MASCARENHAS DE MORAES, *A FEB pelo seu comandante*, p. 135-136.

Pitigliana e Ca' Del Fabbro. O quartel-general da 1ª DIE foi transferido para Lizzano in Belvedere e, em seguida, para Gaggio Montano.

Iniciada no dia 14 de abril, data que marca o registro da libertação da cidade, foram pelo menos mais cinco dias de intensa resistência, por parte dos alemães, e uma série de combates urbanos, que incluíam avanços pelos prédios semidevastados (80% das casas foram destruídas) e trocas de fogo nas ruas e passagens de Montese.

Vale aqui citar a descrição do historiador italiano Andrea Giannasi, autor do livro *Il Brasile in Guerra: la Força Expedicionária Brasileira in Italia (1944-1945)*:

> *Tutto era pronto pzer sferrare l'attaco a Montese, previsto per le prime ore del 12 aprile, ma le pessime condizioni del tempo e la morte del presidente deglie Stati Uniti Franklin Delano Roosevelt indussero i comandi a rinviare l'azione alle ore 10.15 del 14 aprile* [...]
>
> *Finalmente, il 14 aprile alle ore 9.45 tutto il settore centrale della Linea Gotica si mosse in avanti dopo um intenso fuoco delle artigliere e dopo gli attachi a volo radente degli aerei alleati* [...]
>
> *Alle 15.00, alla testa dei suoi uomini, il tenente Iporan Nunes de Oliveira entrò in Montese tra lo scopio dele granate d'artiglierie alleate. Successivamente giunse nel paese distrutto anche il resto dela 1ª compagnia dell' 11º del capitano Álvares, che assunse il comando del centro abitato* [...]
>
> *Da questo momento le forze alleate sfruttarono il sucesso, investendo le unità tedesche in ritirata veso nord in quella che fu una vera e propia corsa, alla quale anche i brasiliani parteciparono proficuamente* [...]
>
> *Tuttavia, entrati a Montese i brasiliani dovettero contare le perdite: il 1º regimento de fanteria lamentava 8 morti e 27 feriti; il 6º fanteria contava 14 morti, 131 feriti e 3 dispersi. Infine l'11º regimento soffrì 12 morti, 224 feriti e 7 dispersi. In totale, dal 14 al 18 aprile il Corpo di spedizione brasiliano lamento 34 morti, 382 feriti e 10 dispersi, per um tottale di 426 uomini fuori combattimento.*[70]

Depois da tomada de Montese, o 6º Regimento de Infantaria, unidade brasileira com maior número de jornadas em combate, partiu da

70 GIANNASI, *Il Brasile in Guerra: la Força Expedicionária Brasileira in Italia (1944-1945)*, p. 120-124.

área, no dia 16, com o III Batalhão, em meio a maciça artilharia, e sofreu pesadas baixas. Continuou a progressão e, no dia 21, tinha superado a resistência e tomado o vale do médio Panaro, as localidades de Zocca, onde encontrou forte defesa, Marano e Vignola. Em seguida, nas operações decisivas da planície do Pó, recuperou Collecchio e Fornovo di Taro[71].

Foi em Fornovo di Taro que a FEB, com efetivos reduzidos, conseguiu, após combates infrutíferos e uma bem-sucedida negociação, obter a histórica rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, comandada pelo general Otto Fretter-Pico, e de remanescentes da Divisão Bersaglieri italiana, comandada pelo general Mario Carloni, que se procuravam dirigir à Ligúria para uma nova ofensiva contra o V Exército.

O general Willis D. Crittenberger, comandante do 4º Corpo do Exército Americano, reconhece, em *Campanha ao noroeste da Itália*, a importância da FEB para a Ofensiva da Primavera:

> Os esforços da FEB, durante a primeira parte da Ofensiva da Primavera, foram de grande valia e os brasileiros prestaram destacada contribuição ao ataque do 4º Corpo. Indiscutivelmente, por sua agressividade, imobilizaram, na sua frente, infantaria e artilharia que os alemães ansiavam por deslocar, a fim de empregá-las em outros pontos.
>
> A contínua atividade dos brasileiros na região de Montese atraiu sobre si não pequena quantidade de fogos de artilharia e morteiros que, de outro modo, teriam sido dirigidos diretamente sobre o flanco da 10ª Divisão de Montanha, o que teria complicado seus problemas de suprimento e de segurança. O auxílio prestado pelos brasileiros incluiu também a substituição de elementos da 10ª de Montanha, o que não somente a liberou, desde logo, de responsabilidades defensivas, como permitiu-lhe dispor de um maior efetivo para empregar no ataque principal.[72]

71 Informações sobre o 6º Regimento de Infantaria disponíveis em: <http://henriquemppfeb.blogspot.pe/2011/12/6-ri-regimento-de-infantaria-regimento.html>. Acesso em: 23 out. 2016.

72 CRITTENBERG (coord.), *Campanha ao noroeste da Itália*, p. 46.

O historiador italiano Giovanni Sulla, profundo conhecedor, colecionador e um dos mais efetivos divulgadores do legado da FEB em seu país e no exterior, sobre o qual se prestarão maiores informações ao longo deste trabalho, fez, em entrevista, considerações importantes sobre o final da campanha da FEB na Itália.

Em primeiro lugar, lembrou o fato, pouco conhecido fora do círculo de especialistas, de que, após concluído o conflito, o Exército Francês teria avançado 20 km dentro do território italiano, no Valle de Susa, e passado a reclamar a área como conquista da guerra. Parte da FEB havia sido enviada pelo V Exército para o local e, segundo Sulla, o capitão Plínio Pitaluga, "com muita diplomacia", convenceu os franceses a retornarem para os limites de seu território, o que foi uma relevante conquista simbólica, levada a termo pelas forças brasileiras, e pouco divulgada.

Outro ponto destacado por Giovanni Sulla diz respeito ao papel importantíssimo das tropas brasileiras no que diz respeito à manutenção da ordem nas cidades para as quais foram enviadas, tais como Alessandria, Turim e Susa. Nesses locais, é amplamente conhecido, até os dias de hoje, o fato de a FEB ter evitado verdadeiros derramamentos de sangue por parte dos *partigiani* e comunistas italianos, que queriam se vingar de seus conterrâneos que apoiaram o fascismo de Mussolini[73].

A campanha brasileira na Itália encerrou-se em 2 de maio de 1945, quando se declarou o cessar-fogo no *front* italiano. O Brasil enviou 25.334 soldados e contabilizou 443 mortos e 1.577 feridos em ações de combate.

É interessante indicar a seguinte opinião do historiador militar Cesar Campiani Maximiano sobre a campanha da FEB na Itália e, mais importante, a visão que se costumou a propagar sobre ela:

> Apesar da dureza das condições da linha de frente enfrentadas pela FEB e demais divisões do V Exército, por muitas décadas perdurou a noção

73 Entrevista em: 02/11/2016.

> de que a Campanha da Itália teria sido um "passeio", em comparação com os demais *fronts* da Europa. Essa ideia foi gerada tanto pelas más interpretações da documentação quanto pela propaganda que exaltou ao máximo as operações nas frentes oriental e ocidental, relegando a Itália à condição de um teatro de operações altamente custoso e que não teria proporcionado nem vitórias nem avanços significativos na maior parte de sua duração...
>
> No início de junho de 1944, as atenções das potências ocidentais pairavam sobre a batalha por Roma. Um dia após a entrada do V Exército na cidade, sob o comando do general Mark Wayne Clark, os anglo-americanos realizaram com sucesso o grande desembarque na Normandia em 6 de junho. Nunca mais o interesse pela Campanha da Itália seria o mesmo.
>
> Até os últimos dias de guerra no noroeste e centro da Europa, enquanto os soviéticos e anglo-americanos faziam avanços substanciais que atraíam a atenção da imprensa e a expectativa mundial em relação ao final da guerra, o V Exército e o VIII Exército estagnavam em buracos ante seus oponentes, numa das campanhas mais inconclusivas, ingratas e difíceis de todo o conflito.[74]

Tendo sido destacados fatos relevantes para a compreensão da campanha das tropas brasileiras no terreno italiano, apresenta-se, a seguir, quadro resumido dos números da FEB.

74 MAXIMIANO, *Barbudos, sujos e fatigados*: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial, p. 96.

1 – EFETIVO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
Tropa em ação – 15.069
Depósito pessoal – 10.265
TOTAL – 25.334

2 – PRISIONEIROS DE GUERRA CAPTURADOS
Generais – 2
Oficiais – 892
Soldados – 19.679
TOTAL – 20.573

3 – TOMBADOS, FERIDOS, ACIDENTADOS
Mortos
Oficiais – 13
Soldados – 422
Oficiais (FAB) – 8
TOTAL – 443

Feridos
em ação de combate – 1.577
acidentados em combate – 487
acidentados – 658
TOTAL – 2.722

4 – MILITARES BRASILEIROS CAPTURADOS
Oficiais – 1
Soldados – 34
TOTAL – 35

5 – DESAPARECIDOS – 23
Obs.: 10 foram sepultados como desconhecidos.

Fonte: *O Brasil na Segunda Guerra Mundial*: a participação da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália. Nova edição (Adidância do Exército junto à embaixada do Brasil na Itália em colaboração com Mario Pereira). Modena: ETA Edizioni, 2008, p. 8.

2.5 As correspondências diplomáticas sobre a FEB

O Itamaraty transmitia às suas representações no exterior, por meio de telegramas, o chamado boletim de informações, notícias pontuais sobre a campanha brasileira e os avanços da FEB durante a guerra.

Para citar alguns exemplos, o telegrama nº 23, de 10 de outubro de 1944, informava que "o Ministério da Guerra anunciou oficialmente a chegada à Itália do segundo escalão da Força Expedicionária Brasileira"[75]. No dia 4 de novembro de 1944, o Boletim de Informações nº 39 transmitia à embaixada em Washington que "os jornais dão grande destaque ao primeiro boletim de elogio nominal, por atos de bravura, de oficias e soldados da Força Expedicionária Brasileira"[76]. No dia 13 do mesmo mês, o Boletim nº 70 dava a notícia da chegada do terceiro escalão da FEB à Itália[77].

As comunicações telegráficas também tratavam de assuntos diretamente relacionados aos entendimentos do governo brasileiro com o Comando Aliado. No dia 22 de julho de 1944, o telegrama nº 370 instruía a embaixada em Washington a solicitar junto àquele Comando a designação de Vasco Leitão da Cunha como "observador diplomático em Roma" e pedia urgência na gestão, "à vista de fôrças brasileiras na Itália"[78].

Também as correspondências consulares tratavam da FEB. Como acima citado, o cônsul do Brasil em Nápoles informava a Secretaria de Estado sobre a chegada do segundo contingente expedicionário do Exército Brasileiro, sob o comando dos generais Falconière da Cunha e Cordeiro de Farias, agregando que "tive a ocasião de oferecer os serviços deste consulado e os meus pessoais àqueles chefes brasileiros" e que "após quatro dias de permanência, seguiram os nossos soldados rumo norte, agora em embarcações de menor calado"[79]. É interessante notar que, em comunicação de 5 de novembro de 1944, o consulado em Nápoles informava novamente sobre o oferecimento de seus serviços à FEB:

> Em cumprimento às instruções de Vossa Excelência, tratei, logo de chegar, de estabelecer contacto com o general Mascarenhas de Moraes,

75 AHI, embaixada em Washington, telegrama n. 23, de 10/10/1944, da SERE.

76 AHI, embaixada em Washington, telegrama sem número (minuta), de 04/11/1944, da SERE.

77 AHI, embaixada em Washington, telegrama sem número (minuta), de 13/11/1944, da SERE.

78 AHI, embaixada em Washington, telegrama sem número 370, de 22/07/1944, da SERE/DP.

79 AHI, consulado em Nápoles, telegrama de 09/10/1944, para Leão Velloso.

> comandante da Fôrça Expedicionária Brasileira. Sua Excelência estava de partida para o local onde se encontrava a tropa brasileira, já então distanciada do ponto de desembarque. Tive ainda o ensêjo de oferecer-lhe os serviços do consulado. Disse-me, entretanto, que só eventualmente recorreria aos mesmos porque suas relações com o Comando Aliado se processam por intermédio de um oficial de ligação do Exército dos Estados Unidos da América, capitão Lewis, de origem portuguesa. Exerce funções de ligação, por parte do contingente brasileiro, o major Luiz Pinheiro. Possue, além disso, a Fôrça Expedicionária Brasileira, um correio aéreo em vias de normalização, feito pelo *Air Transport Command*. Vossa Excelência poderá ver, assim, que a ajuda deste Consulado ao Corpo Expedicionário ficará limitada às funções de notariado.[80]

Com efeito, o consulado em Nápoles, por expediente de 12 de novembro de 1945, informaria e solicitaria "o obséquio de encaminhar ao Ministério da Guerra as cartas anexas, dirigidas a componentes da FEB e enviadas a esta repartição, para serem remetidas ao Brasil, pelas autoridades postais americanas"[81].

No final da guerra, o encarregado de negócios da embaixada do Brasil em Washington informava, em 28 de maio de 1945, estar encaminhando texto confidencial – e registrava ter sido o único país latino-americano a recebê-lo – da declaração "pela qual os governos dos Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, Rússia dão por concluída a guerra com a Alemanha"[82].

2.6 O fim da guerra e a desmobilização da FEB

Vale citar a avaliação de Cervo e Bueno sobre o final da Segunda Guerra Mundial, a participação brasileira e os ganhos auferidos pelo país:

> Em termos materiais, a participação no conflito deixou saldo positivo ao Brasil. O Exército e a Força Aérea foram modernizados e equipados

80 AHI, consulado em Nápoles, telegrama de 05/11/1944, para Leão Velloso.

81 AHI, consulado em Nápoles, telegrama n. 63, de 12/11/1945, para a SERE.

82 AHI, embaixada em Washington, telegrama n. 94, de 28/05/1945, para a SERE (correspondência especial).

> numa escala superior ao período imediatamente anterior, com quadros de pessoal treinado em centros mais avançados que os nacionais. Afora isso, é preciso considerar o aumento do prestígio internacional do país, figurando ao lado dos vitoriosos (não obstante sua modesta contribuição nas operações bélicas), e o aumento do componente de orgulho incorporado ao sentimento nacional.[83]

Após o final da guerra, a FEB, antes de retornar ao Brasil, realizou escala em Lisboa, onde foi celebrada nas ruas e pelas autoridades da capital portuguesa. Em 2015, a adidância do Exército junto à embaixada do Brasil em Lisboa coordenou a publicação de livro com documentos inéditos sobre essa memorável passagem, incluindo o célebre desfile da FEB, no dia 3 de setembro de 1945, na capital portuguesa.

Foram compilados jornais da época (*Diário de Notícias* e *Diário de Lisboa*), com destacadas manchetes sobre o regresso da FEB ao Brasil, as homenagens prestadas às tropas brasileiras e itens inteiramente inéditos, como um levantamento do cancioneiro que foi produzido, por artistas portugueses, aos pracinhas brasileiros, como o fado *Nossos Irmãos*, composto por João Linhares Barbosa e gravado por Natália dos Anjos Figueiredo.

A publicação traz também esclarecimentos importantes, baseados em fontes documentais fidedignas, sobre o que seria um famoso acidente, muito comentado e ocorrido quinze anos depois, em Lisboa, com avião brasileiro que transportava as urnas dos soldados brasileiros para o Brasil.

O acidente aconteceu às 14h10 do dia 11 de dezembro de 1960, quando o trem de aterrisagem e a asa direita do C-54 da FAB se partiram na cabeceira do aeroporto da Portela. O fogo espalhou-se pela parte frontal do avião, mas o socorro prestado pela Força Aérea Portuguesa permitiu que as 485 urnas permanecessem intactas e pudessem ser levados para o Brasil. Ademais, forneceu um novo C-54, que se encontrava na Ilha do Sal, para permitir o transporte dos corpos dos

83 CERVO; BUENO, *História da política exterior do Brasil*, p. 266-267.

pracinhas brasileiros para o Rio de Janeiro. Tal apoio é personificado pelo sargento-mor da Força Aérea Portuguesa Gilberto Duarte Barata, um dos primeiros militares portugueses a chegar para debelar o fogo na aeronave brasileira, sendo por isso alcunhado de "o herói português da FEB"[84].

Após a vitória aliada, a FEB retornou ao Brasil, em primeiro lugar no navio norte-americano U.S. General Meighs e depois no navio Mariposa, também estadunidense, e foi festejada nas ruas do Rio de Janeiro com o famoso, e muito bem documentado, desfile aberto na Avenida Rio Branco.

Em suas memórias, o general Mark W. Clark recorda as manifestações de rua que recepcionaram a FEB, para algumas das quais ele foi convidado a participar como comandante do V Exército ao qual estiveram subordinadas as tropas brasileiras durante a maior parte de sua campanha:

> À meia-noite do dia 5 de julho, o 15º Grupo de Exércitos foi desfeito, e durante cinco horas fiquei sem função. Às cinco e vinte e quatro da manhã, assumi o comando das fôrças dos Estados Unidos na Áustria. Enquanto isso, eu dormia.
>
> Dez dias depois, com o general Crittenberger, o general Brann, alguns oficiais de estado-maior e o sargento Chaney, fui de avião para o Brasil. Desde o instante em que nosso aparelho tocou ligeiramente em Natal, onde passei revista a uma formação de oficiais e praças do Exército, da Marinha e da Fôrça Aérea, nossa visita àquele país constituiu uma sucessão permanente de emoções e cerimônias oficiais. Desde o Rio de Janeiro, onde a Sra. Clark se reuniu a mim, até Belo Horizonte, São Paulo, Pôrto Alegre e novamente o Rio, participamos das jubilosas boas-vindas aos primeiros soldados brasileiros que tomaram parte numa guerra na Europa [...]
>
> O povo brasileiro tinha o direito de estar orgulhoso dos feitos e sacrifícios de sua magnífica Fôrça Expedicionária Brasileira,

84 CASALI (coord.), *Força Expedicionária Brasileira em Lisboa*: a célebre passagem das tropas brasileiras em Portugal, p. 26-27. A íntegra da publicação pode ser consultada em: <http://pt.calameo.com/read/0012382069ba1af06957d>. Acesso em: 14 set. 2016.

> comandada pelo chefe capaz e esclarecido general Mascarenhas de Moraes.[85]

Internamente, no entanto, a FEB foi desmobilizada de imediato. A ordem foi dada em 6 de julho, doze dias antes que o primeiro escalão desse início ao retorno ao Brasil. Como havia lutado em prol da democracia, e o Brasil permanecia sob um regime ditatorial, o governo temia que os expedicionários tomassem parte em atos para destituí-lo. Nessas condições, seus principais componentes que permaneceram na ativa foram enviados para localidades distantes, espalhadas pelo país.

Há, ademais, a problemática questão, pouco estudada e comentada até recentemente, da reinserção social dos febianos. Autor de tese de doutorado sobre o tema, depois editada em livro, o professor Francisco César Alves Ferraz aborda o tema também no livro *A guerra que não acabou – a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*:

> Vitoriosos, os expedicionários foram recebidos com grandes festas e homenagens, nas maiores concentrações populares de toda a história brasileira recente. No entusiasmo da recepção, vantagens e direitos foram prometidos para os agora ex-combatentes.
>
> O tempo passou, e começaram a surgir as dificuldades de reintegração social. Não houve, nem por parte do governo, nem da sociedade brasileira em geral, preparação para receber os jovens que voltavam. Estes, que viveram a experiência-limite que é participar de uma guerra, estavam naturalmente mudados [...] as pessoas já não queriam mais ouvir suas histórias de guerra, e não era raro ao ex-combatente ouvir de populares que o período passado na Itália foi mais um "passeio" que uma guerra de verdade.
>
> Os maiores problemas surgiram, contudo, na reintegração profissional. As leis que determinavam a retomada dos empregos nem sempre eram cumpridas, e, mesmo quando isso acontecia, eram frequentes as dispensas depois da readmissão, sob argumento de inadaptação, incompetência ou problemas de relacionamento [...] segundo as

85 CLARK, *Risco calculado*, p. 469.

> associações de ex-combatentes criadas logo após o seu retorno, o desemprego entre os Veteranos brasileiros era contabilizado aos milhares.
>
> No Brasil, o governo tentou solucionar o problema decretando leis, cujo cumprimento nunca foi seguido à risca. Apenas em 1988, com a nova Constituição Federal, os Veteranos de guerra conquistaram o direito de uma pensão especial, como reconhecimento de seus sacrifícios na linha de frente. Os benefícios, no entanto, chegaram tarde demais para a maioria deles: dos 25 mil expedicionários, pouco menos de 10 mil ainda estavam vivos quando o reconhecimento foi aprovado. Ao esquecimento histórico de sua participação na guerra, acrescentou-se o esquecimento concreto, material.[86]

Nesse livro, com efeito, Alvez Ferraz descreve que as reações de indiferença ou mesmo hostilidade contra os febianos que decidiram seguir na carreira militar começaram dentro do próprio exército. Os militares, muitos dos quais haviam procurado não integrar a Força, preocuparam-se com suas carreiras ao verem, dois ou três anos depois, os expedicionários "voltando carregados de glórias e prestígio popular, [e] seus receios aumentaram, pois sentiam que poderiam 'ficar para trás' na carreira". Conta Ferraz:

> Porém, o receio dos militares não febianos eram infundados. O Ministério da Guerra e os governos nacionais (particularmente os presididos por generais, como Dutra e os do regime militar), desde 1945, mostraram-se pródigos em criar leis, normas, atos administrativos, proibições e extensões de benefícios que tiveram por consequência estabelecer limites para o gozo dos direitos dos militares pertencentes à FEB e uma "distribuição" dos benefícios, atribuídos originalmente aos expedicionários, aos militares não febianos [...] quando os atos oficiais e leis ressaltavam, em favor dos expedicionários, as diferenças entre o exército "da FEB" e o "de Caxias", limites eram impostos de modo a dissolver a deferência aos combatentes da campanha da Itália.
>
> Essa prática já começou nas normas de desincorporação da FEB, quando os expedicionários, de retorno ao Brasil, foram proibidos de

86 FERRAZ, *A guerra que não acabou*: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000), p. 68-70.

> usar os uniformes e emblemas da FEB e da FAB, depois de oito dias a contar de sua chegada ao Brasil.[87]

2.7 Os heróis da FEB

A presente seção traz algumas figuras emblemáticas, cujas história, bravura e, sobretudo nas décadas seguintes, na maioria dos casos, dedicação à manutenção e à divulgação do legado da FEB fizeram com que seus nomes e histórias se tornassem referência na narrativa sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

a) Max Wolff Filho (1911-1945)

O nome do sargento Max Wolff Filho é possivelmente o mais significativo na memória dos heróis da FEB.

Wolff ficaria conhecido por sua bravura e disposição para liderar missões de patrulha. Enquanto cada sargento, comandante de um grupo de combate, liderou de oito a nove patrulhas durante a campanha italiana, Wolff realizou 36 delas.

Aos 33 anos, idade pela qual chegou a ser considerado inapto para integrar a Força, foi incorporado ao 11º Regimento de Infantaria, com o qual seguiu para a Itália em outubro de 1944. Destacando-se sempre em ações de remuniciamento e resgate de feridos, Wolff Filho foi morto em 12 de abril de 1945, atingido por uma rajada de metralhadora inimiga, durante a realização de patrulha de reconhecimento, no Ponto Cotado 747 da ofensiva de Montese, enquanto a tropa brasileira combatia naquela cidade. Na tentativa de resgate de seu corpo, foi morto o soldado João Estevan e ficaram feridos o sargento Faccion e o soldado Antonio de Sá Rodrigues.

São inúmeros os depoimentos que dão conta da maneira paternal com que tratava seus subordinados e da admiração que angariou junto

87 FERRAZ, *A guerra que não acabou*: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000), p. 139.

aos companheiros da FEB e do V Exército Americano. Integrante da Companhia de Comando, participou intensamente do ataque a Monte Castello de 12 de dezembro de 1944, mesmo sem estar ligado diretamente às atividades de combate, recarregando munição e resgatando feridos e tombados.

Foi promovido *post mortem* a segundo-tenente e agraciado com a Cruz de Campanha, Sangue do Brasil, Cruz de Combate de 1ª Classe e *Bronze Star* dos EUA. Em 2010, o Exército Brasileiro criou a Medalha Max Wolff Filho para subtenentes e sargentos da Força Terrestre.

Em 2011, o Centro de Comunicação Social do Exército lançou edição da revista *Verde-Oliva* em homenagem ao centenário de nascimento de Max Wolff Filho. No artigo intitulado "Patrulha de Infantaria – Max Wolff Filho, a sua maior expressão", o coronel Adhemar Rivermar de Almeida prestou o seguinte depoimento:

> A notícia da morte de Wolff espalhou-se por todos os acampamentos brasileiros. Tal fato ocorreu na frente e na retaguarda das tropas, nos *fox holes* e nos postos de observação avançados, reforçando a cada narrativa a figura heróica do personagem. Ficara retida, nas mentes, a figura do soldado destemido, líder do seu grupo e, o mais relevante, a marca de sua personalidade altruísta e espírito de companheirismo denotado a quem precisasse.[88]

Cabe registrar, por fim, que, na localidade de Biscaia, na Itália, foi erigido um monumento, no local de seu falecimento, em homenagem ao sargento Max Wolff Filho (foto no anexo II).

Em homenagem ao "Rei dos Patrulheiros", a Escola de Sargentos das Armas do Exército (EsSA), em Três Corações (MG), o Centro de Recuperação de Itatiaia (RJ) e o 20º Batalhão de Infantaria Blindada, em Curitiba, onde se incorporou como voluntário aos 18 anos, têm todos a denominação sargento Max Wolff Filho.

88 Centenário de nascimento do sargento Max Wolff Filho – Força Expedicionária Brasileira (diversos artigos). VERDE-OLIVA, p. 3-20.

b) Plínio Pitaluga (1910-2002)

O general Plínio Pitaluga costumava afirmar não se considerar um herói. De forma austera, respondia que "heróis são os que ficaram lá e não voltaram". Segundo Ricardo Bonalume Neto, que o entrevistou:

> O homem que comandou durante a maior parte do tempo o Esquadrão de Reconhecimento da FEB, o então capitão Plínio Pitaluga, lutou como soldado na Revolução de 1932, como parte da cavalaria do governo de Getúlio. Por um problema disciplinar, tinha sido rebaixado, e ficou um ano como soldado.[89]

Com a impetuosidade dos militares da cavalaria, Pitaluga, promovido a capitão em dezembro de 1944 na Itália, é lembrado, no panteão dos heróis da FEB, como agente de um dos maiores feitos militares brasileiros durante a guerra: a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã e da 91ª Divisão Bersaglieri da Itália, em que foram feitos prisioneiros 14.779 soldados alemães e italianos.

No município de Valença (RJ), encontra-se, no quartel do 1º Esquadrão de Cavalaria Leve do Exército, por ele comandado após a Segunda Guerra, o Museu Capitão Pitaluga, criado em novembro de 2002. O museu é também conhecido como Esquadrão Tenente Amaro, em homenagem ao oficial morto em combate no conflito e cujas peças, junto com as da enfermeira Bertha Moraes Nereci, já compunham parte de seu acervo, com cerca de 300 itens, incluindo armamentos aliados e alemães, quadros, insígnias e uniformes, além de objetos pessoais, como fotos e documentos militares[90].

O general Plínio Pitaluga fundou e foi reeleito presidente, por mais de trinta anos, da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. Agraciado com a Ordem de Rio Branco, recebeu, entre mais de trinta condecorações nacionais e estrangeiras, a Cruz de Combate de 1ª Classe, a Ordem do

89 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, p. 125.

90 É possível assistir a entrevista do general Plínio Pitaluga, concedida ao apresentador Jô Soares, da TV Globo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFQNGjNkZqg>. Acesso em: 6 set. 2016.

Mérito Militar (Grande Oficial), a Medalha de Bravura *Bronze Star* dos EUA e a Cruz de Guerra com Palma da França.

c) "Os três heróis brasileiros"

Em local próximo a Porretta Terme, onde se instalou o Comando Militar Brasileiro, foram encontradas três cruzes, com os seguintes dizeres em alemão: "três heróis brasileiros" (*drei brasilianische Helden*).

A história faz alusão a três pracinhas, Geraldo Baêta da Cruz, Arlindo Lúcio da Silva e Geraldo Rodrigues de Souza, que resistiram bravamente a intenso fogo alemão e por isso receberam a honrosa reverência por parte das tropas inimigas. Na localidade de Abetaia, foi erigido monumento em homenagem aos três militares brasileiros.

É interessante notar que, apesar de muito conhecida entre os ex-combatentes, historiadores e interessados na participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, uma das homenagens aos "três corajosos brasileiros" tem natureza distinta e contemporânea.

Com efeito, o grupo de *power metal* Sabaton, da Suécia, que tem em seu repertório músicas normalmente relacionadas a temas históricos de guerra, compôs a canção *Three Smoking Snakes*, do álbum *Heroes*, de 2014, dedicada àqueles heróis brasileiros, na qual entoam, em português, "Cobras Fumantes, eterna é a sua vitória"[91]. A música foi tocada pela Banda do Exército Brasileiro em apresentação realizada em 2015[92].

d) "Os 17 de Abetaia"

A história dos "17 de Abetaia" relembra um dos episódios mais dolorosos da FEB, que teve lugar no quarto ataque brasileiro ao Monte Castello, em 12 de dezembro de 1944, quando as tropas nacionais sofreram o maior número de baixas naquele objetivo.

Na ocasião, o grupo, integrado por um sargento, cabos e soldados do 1º e do 11º regimentos de infantaria, saiu da cidade de Bombiana

91 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1M7sUCElJK0>. Acesso em: 25 ago. 2016.

92 Disponível em: <https://www.reddit.com/r/brasil/comments/35vypv/banda_do_ex%C3%A9rcito_brasileiro_toca_smoking_snakes/>. Acesso em: 25 ago. 2016.

e, chegando a Abetaia, no município de Gaggio Montano, avançou em direção a um grupo de casas, que estava inesperadamente guarnecido pelos alemães.

Os combatentes brasileiros foram alvo de intenso fogo das armas inimigas, e todos os 17 pereceram no ataque. Os corpos somente puderam ser resgatados em fevereiro de 1945, após a conquista do Monte Castello.

O grupo passou à história da Força como "Os 17 de Abetaia", tendo sido inaugurado, em abril de 2015, no local, monumento em sua homenagem.

e) Rui Moreira Lima (1919-2013)

O tenente-brigadeiro do ar Rui Moreira Lima representa, nesta seção dedicada às figuras emblemáticas da história da FEB, o 1º Grupo de Caça da FAB, com o qual cumpriu 94 missões de guerra na Itália. Recitava longos trechos de carta, recebida em 1939, de seu pai, o juiz Bento Moreira Lima: "Sê um patriota verdadeiro e não te esqueças de que a força somente deve ser empregada a serviço do Direito".

O brigadeiro Rui Moreira Lima foi um dos veteranos mais ativos na preservação da memória da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, sempre disponível para prestar depoimentos e resgatar a memória da FAB e da FEB no *front* italiano. Autor de um dos livros considerados fundamentais para se entender a participação da FAB na Segunda Guerra Mundial, *Senta a Pua!*, sobre o qual se baseou o completo documentário homônimo, publicou também, em 2008, *O Diário de Guerra*.

O professor Paulo Ribeiro da Cunha, da Universidade Estadual Paulista, relata, em artigo publicado na *Revista de História*, sob o título "Um militar exemplar", o reconhecimento tardio a Rui Moreira Lima:

> Só depois de seu falecimento, em fins de 2013, o Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa a uma ação reparatória reconhecendo seus direitos. Não viveu, portanto, para ver o epílogo de uma longa trajetória militar e política: a promoção à patente de tenente-brigadeiro, último

> posto da Força Aérea. A FAB o dignificara já no enterro, com toque de silêncio e voos rasantes de aviões de caça da unidade Senta a Pua. A homenagem ao oficial cassado seria um passo importante para a decisão posterior do STF.[93]

Rui Moreira Lima foi promovido a tenente-brigadeiro do ar *post mortem* pelo então presidente em exercício Michel Temer, em maio de 2016.

f) Miguel Pereira (1918-2003)

O sargento Miguel Pereira alistou-se voluntariamente no exército em 1938, embarcou com a FEB em 1944 e participou como operador de rádio durante a campanha brasileira na Itália, onde constituiu família e permaneceu até o final de sua vida[94].

Pereira foi quem entregou pessoalmente ao general Zenóbio da Costa o despacho de Harold Alexander que comunicava a conclusão da guerra. Miguel Pereira é conhecido, no entanto, por ter sido, por mais de cinco décadas, o "fiel guardião" do Cemitério Brasileiro de Pistoia. A partir de 1946, foi encarregado pelo próprio Mascarenhas de Moraes como "zelador" dos restos mortais dos soldados brasileiros, muitos dos quais ajudou a encontrar nos anos seguintes.

Após o traslado dos corpos para o Rio de Janeiro e a construção do MVMBP, em 1966, foi também encarregado de zelar pelo monumento, como contratado da embaixada do Brasil em Roma[95]. Pereira sempre atendia solicitamente visitantes e prestava inúmeros depoimentos sobre a FEB a pesquisadores e documentaristas. Em 2004, sua família encontrou e publicou o diário que mantinha no *front*[96].

---

93 CUNHA, *Um militar exemplar*. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/um-militar-exemplar>. Acesso em: 17 nov. 2016.

94 Vale aqui citar o dado de que, após o conflito, foram celebrados 58 casamentos entre pracinhas brasileiros e esposas italianas, a maioria das quais migrou para o Brasil.

95 Miguel Pereira chegou a ficar, na realidade, sem função oficial entre o traslado dos restos mortais dos ex-combatentes, em 1960, e a inauguração do Monumento de Pistoia, em 1966. Durante esse período, segundo seu filho, Mario Pereira, o ex-pracinha continuou cuidando do terreno do antigo cemitério brasileiro até ser contratado, pela embaixada do Brasil em Roma, na condição de encarregado do monumento.

96 PEREIRA, *Diario 12/10/1944 – 24/11/1944*.

g) Frei Orlando (1913-1945)

Conhecido pela maneira extremamente cordial e humana de tratar e reconfortar os soldados brasileiros, o capitão capelão Antônio Alvares da Silva, que adotou o nome religioso de Frei Orlando, é lembrado constantemente nos depoimentos de ex-febianos e nos trabalhos sobre a FEB. Nos campos da Itália, teve como primeira função a celebração de missa para os praças brasileiros na catedral da cidade de Pisa.

Frei Orlando foi morto, em 20 de fevereiro de 1945, por um tiro acidental dado por um *partigiano* que tentava remover uma pedra a coronhadas, quando descia de seu jipe para levar uma palavra de conforto aos soldados brasileiros que, no dia seguinte, realizariam o ataque conclusivo ao Monte Castello – alguns pediam a extrema-unção antes dos ataques àquele alvo.

Em Gaggio Montano, nas cercanias de Bombiana, foi inaugurada placa em homenagem a Frei Orlando, hoje patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SARExx).

Em 2013, por ocasião do centenário de seu nascimento, o Exército Brasileiro organizou, no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, exposição de obras artísticas em homenagem a Frei Orlando[97].

h) Major Elza Cansanção (1921-2009) e os "Anjos de Branco" da FEB

A major Elza Cansanção Medeiros, por seu dinamismo e atuação em prol do legado da FEB, ocupa lugar de destaque na galeria de heróis da FEB. Possuía acervo de cerca de 5.000 fotos e 1.700 *slides* da campanha, que utilizava nas palestras que frequentemente proferia sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, no Brasil e no exterior.

97 Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2013/10/mnmsgm-realiza-exposicao-de-obras-de-arte-alusivas-ao-frei-orlando>. Acesso em: 8 nov. 2016.

Deu início ao atendimento a feridos de guerra ainda no Brasil, quando foi chamada às pressas para prestar auxílio aos sobreviventes do torpedeamento do navio Itapagé, em setembro de 1943, em Maceió.

Aos 22 anos, havia seguido para o Recife, burlando a desaprovação do pai médico, apresentando-se como a primeira voluntária brasileira ao comandante da 7ª Região Militar. Fez parte da 1ª Turma do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército, no Rio de Janeiro, tendo embarcado com o Destacamento Precursor de Saúde para a Itália[98].

Durante a participação brasileira na guerra, atuou como oficial de ligação e se destacou como enfermeira-chefe do 7*th Station Hospital* de Livorno, onde foi promovida a enfermeira de Primeira Classe. Sofreu grave acidente, ao cair na cratera de uma granada, durante bombardeiro inimigo, em dezembro de 1994, fato presenciado pelo filho do Presidente Getúlio Vargas, o médico Lutero Vargas. Ao regressar, como os demais pracinhas, foi desmobilizada e passou a trabalhar no Banco do Brasil até 1957, quando retornou ao Exército[99].

Primeira mulher a ingressar como membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), seus livros, como *E foi assim que a cobra fumou*, *Nas barbas do Tedesco* e *Eu estava lá*, comprovadamente bem documentados e com o imenso material fotográfico por ela reunido, obtiveram sucesso junto aos especialistas e ao público em geral.

Considerada uma das mulheres mais condecoradas do Brasil, recebeu distinções como a Ordem do Mérito Militar, a Medalha de Campanha da FEB, a Medalha Mérito Tamandaré, a Medalha do Mérito Santos Dumont, a *Meritous Service United Plaque*, dos EUA, a Medalha do Soldado Polonês Livre e a *Ancien Combattant du Théâtre d'Opération de L'Europe* francesa, entre as cerca de 200 condecorações que ostentava nas cerimônias alusivas à FEB.

Em junho de 2007, a major Elza Cansanção esteve em Pistoia para a cerimônia de inauguração do busto do marechal Mascarenhas de

98 CANSANÇÃO, *E foi assim que a cobra fumou*, p. 36.

99 CORTÊS, *Major Elza*, p. 43.

Moraes, no Monumento Votivo Militar Brasileiro. Na ocasião, proferiu emocionante discurso, em italiano, com recordações elogiosas que guardava do ex-Comandante da FEB[100].

A major Elza Cansanção integrou o que se costuma chamar, na historiografia febiana, os "Anjos de Branco da FEB", jovens voluntárias brasileiras que foram destacadas para atuar como enfermeiras nos cuidados dos soldados feridos no *front* italiano.

Com a preparação da força expedicionária, fez-se necessário um quadro de enfermeiras, criado e aprovado pelos decretos nº 6.097 e 14.257, de 15 de dezembro de 1943. Ingressaram no Serviço de Saúde da FEB e foram enviadas, em pequenos grupos, para o *front* italiano. Na chegada, depararam com situação peculiar no que tocava à hierarquia e ao acesso aos oficias, diferentemente, por exemplo, das enfermeiras norte-americanas, que possuíam patente de oficias. Por isso, o próprio Mascarenhas de Moraes se esforçou para conseguir a promoção das enfermeiras ao posto de segundo-tenente.

Cabe aqui esclarecer a questão do número de enfermeiras brasileiras. Foram ao todo – e são assim consideradas oficialmente – 73 enfermeiras, sendo que 67 delas serviram ao Exército e, por conseguinte, à FEB, e seis delas à FAB.

A página eletrônica do Portal FEB conta com seção, muito rica e bem documentada, dedicada às enfermeiras que atuaram na Itália, com informações que vão desde sua relação nominal completa a perfis individuais, com dados biográficos e fotografias de cada uma das brasileiras que se somaram aos esforços brasileiros na Itália[101].

100 Para referência sobre a cerimônia, ver telegrama n. 692, ostensivo, de embaixada do Brasil em Roma, de 05/06/2007.

101 Informações sobre as enfermeiras da FEB disponíveis em: <http://www.portalfeb.com.br/category/enfermeirasfeb/>. Acesso em: 26 jul. 2016.

Capítulo 3

O legado da FEB

O legado da FEB constitui objeto de intenso debate entre estudiosos, acadêmicos, militares, jornalistas, ex-combatentes e interessados em sua história que se disponham a dar início a um processo sistemático de pesquisa sobre o tema.

Do ponto de vista político, a volta dos pracinhas para o Brasil, vindos de uma Europa onde haviam combatido forças totalitaristas, repercutiu junto à sociedade brasileira e influenciou os acontecimentos políticos que deram cabo à ditadura varguista de 1930-1945.

Sob a ótica militar, os ganhos da FEB chegam a ser considerados imensuráveis. A modernização e o reequipamento obtidos pelas Forças Armadas brasileiras com a participação na guerra são quase unanimidade nos trabalhos sobre a campanha do Brasil no conflito.

Importa reforçar que a presença brasileira na Segunda Guerra Mundial e o esforço humano e solidário dos pracinhas deixaram um legado histórico, sentimental e diplomático que permanece vivo nas regiões italianas em que os soldados brasileiros combateram. Esse legado, sob a forma de monumentos, homenagens oficiais, depoimentos,

livros de memórias, filmes e documentários, constitui um cabedal até hoje pouco utilizado pela diplomacia brasileira.

Este capítulo traz, ainda, o segundo dos exercícios que poderão fornecer elementos inéditos para as propostas a serem levantadas por esta obra. A reunião de informações – cujo desconhecimento foi palpável nas pesquisas e entrevistas realizadas na preparação deste trabalho – sobre personalidades e intelectuais brasileiros, do quilate de Celso Furtado e Clarice Lispector, que atuaram na FEB mostra uma nova faceta a ser explorada, mostrada e ensinada sobre o legado da campanha da Força brasileira. Mesmo porque muitas dessas personagens de peso no panorama intelectual brasileiro do século XX deixaram registros sobre sua experiência no *front* italiano.

3.1 A lembrança da FEB na Itália

São claras as evidências da marca positiva que as Forças Armadas brasileiras deixaram na Itália. A lembrança afetuosa dos pracinhas brasileiros junto à população italiana, que vivenciou os horrores da guerra, afigura-se como elemento comum nos documentos e depoimentos sobre a FEB. Este, advoga-se no presente trabalho, é um dos pontos fortes para o aproveitamento do legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo para a política externa brasileira.

Um primeiro exemplo, eloquente no seu simbolismo, refere-se ao destino italiano que teve a singela palavra em português "mingau". Ao assistir a documentários sobre a FEB, é possível ver como os cidadãos italianos encontraram nas tropas brasileiras solidariedade incomum aos demais exércitos combatentes. São inúmeros os relatos de como os soldados dividiam suas rações de comida e ajudavam aquelas pessoas que viviam o flagelo da guerra. Por isso, a palavra "mingau" virou gíria na Itália e é hoje utilizada comumente pela juventude nas cidades da Emília-Romana e da Toscana, especialmente onde passaram os brasileiros. Ali, "mingau" é sinônimo de algo positivo e bom. Ricardo

Bonalume Neto apresenta uma explicação para que a palavra seja utilizada com esse sentido afetivo:

> Os brasileiros criaram o hábito de alimentar crianças italianas necessitadas. Um dos resultados é a permanência na região de algumas palavras em português, segundo um morador, o italiano Giovanni Sulla. Uma delas é autoexplicativa: "mingau". Antônio André, ex-sargento e mecânico-chefe da 1ª Companhia de Transmissões da divisão brasileira, revisitou o Castelo em 1994 a pedido de uma equipe da Rede Globo. Foram recebidos por um pastor que tinha 14 anos quando a FEB ocupou o morro. "Ele fez festa, chorou, nos serviu pão, queijo e vinho", diz André.[102]

Outro exemplo está no depoimento do músico brasileiro João Barone (Os Paralamas do Sucesso), filho do pracinha João de Lavor Reis e Silva e membro do Grupo Histórico FEB, associação civil criada para a preservação da memória do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Em seu livro mais recente, relata viagem, feita em 2009, às cidades em que a FEB combateu e fala da comoção ao sentir que "a impressão dos italianos é outra, baseada na lembrança dos brasileiros que davam comida, remédios, agasalho e água para quem precisasse". Segundo Barone, "em matéria de valorizar o que a FEB realizou, os italianos dão uma lição [...] nos vários discursos proferidos pelas autoridades, a expressão que mais se escutava era *non dimenticare*, que significa 'não esquecer'"[103].

O depoimento é um dos que capturam com maior precisão o espírito do presente trabalho: não deixar a presença do Brasil na libertação da Itália e na vitória aliada cair no esquecimento, valorizando-a como substância de política externa e ferramenta de ação diplomática brasileira.

Rubem Braga, em texto escrito para a cuidadosa edição dos desenhos de guerra feitos pelo artista e ex-pracinha Carlos Scliar,

102 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, p. 203.

103 BARONE, *1942*: o Brasil e sua guerra quase desconhecida, p. 268-269.

comentados mais adiante, menciona a viagem que fez, 25 anos depois, aos locais por onde a FEB passou e dá um emocionante depoimento:

> Essa viagem, que teve momentos tão belos, me encheu de uma indefinível tristeza. Tristeza por quê? A lembrança dos mortos e dos que ficaram truncados para sempre no corpo e no espírito? Não era apenas isto. Vinte e cinco anos é muito tempo; eu quase diria que todo passado é triste, porque é a nossa mocidade vista de longe. Tenho a impressão de que também você, Carlos Scliar, teria, se voltasse a essas aldeias, graves ataques de melancolia. Mas uma coisa foi para mim motivo constante de conforto e alegria. Foi ouvir, na boca desses camponeses de montanha que você às vezes retrata neste seu álbum, a palavra *brasiliano* pronunciada com um acento de saudade e de carinho. Para essas rudes mulheres, esses duros homens da montanha, a palavra *brasiliano* soa ainda, graças a Deus, como uma senha de amigo: ela faz abrir o sorriso e os braços e a garrafa de vinho. E só para sentir isso, Carlos Scliar, valeu a pena voltar.[104]

Para o embaixador Vasco Leitão da Cunha, que serviu na Itália na época da guerra e visitou várias vezes as tropas da FEB, a lembrança que os italianos guardam dos brasileiros impressiona:

> Os italianos adoravam os brasileiros. Porque os brasileiros são naturalmente generosos, e quando os italianos, famintos, chegavam ao quartel brasileiro, recebiam ração. A convivência dos italianos com os americanos era um pouco mais difícil, sobretudo com os americanos de origem italiana, que pensavam que sabiam tudo.[105]

Em maio de 2014, o embaixador do Brasil na Itália, Ricardo Neiva Tavares, registrava em telegrama o seguinte:

> Os eventos comemorativos da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial deixaram claro o apreço e a amizade que os habitantes das cidades por onde passaram os soldados brasileiros ainda nutrem por eles.[106]

104 CADERNO de guerra de Carlos Scliar, p. 15.

105 CUNHA, *Diplomacia em alto-mar*: Depoimento ao CPDOC, p. 132.

106 Telegrama n. 440, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 02/05/2014.

No caso do 1º Grupo de Caça "Senta a Pua!", a opinião do brigadeiro Delano Teixeira Menezes, diretor do Núcleo Brasília da Escola Superior de Guerra (ESG), é igualmente eloquente:

> [o legado da FAB] constitui capital importante para a política externa brasileira. Esse acontecimento histórico criou profundos laços com parcela do povo italiano que teve contato com os nossos Pracinhas e pilotos que participaram da guerra na Europa. Estes laços começam a se obliterar com a morte dos últimos protagonistas, tanto brasileiros como italianos. A unidade da Força Aérea Brasileira, que já nascia no meio de uma grande guerra, o 1º Grupo de Aviação de Caça, diferentemente da Força Expedicionária Brasileira, ficou a maior parte do período da guerra baseada em Pisa e lá estabeleceu profundos vínculos com a comunidade ao ponto de terem mandado construir um monumento ao Brasil na cidade e anualmente promoverem eventos comemorativos do fim da guerra em que convidam componentes do 1º Grupo de Caça Brasileiro para participar.[107]

3.2 Os lugares de memória da FEB

Em seu livro sobre os monumentos dedicados à FEB na Itália, a historiadora Carmen Lúcia Rigoni, coordenadora do Museu do Expedicionário de Curitiba, de 1982 a 1994, utiliza o conceito de "lugares de memória" para destacar os marcos construídos em homenagem à FEB.

Tais marcos funcionariam como sinalizadores de um tempo, de uma lembrança que não deve ser esquecida, nos quais o Estado, as famílias e os combatentes revelam suas memórias: "são ícones celebrados pelas comunidades, com o desejo de recordar. Não são apenas marcas visuais no sentido da estética, mas que remetem ao ausente e lembram, rememoram e eternizam"[108].

Rigoni fez exaustivo levantamento dos monumentos, a começar pelo MVMBP, o mais importante deles, mas também listou marcos,

107 Entrevista em: 03/11/2016.

108 RIGONI, *Bravos combatentes da FEB*: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história (1995-2005), p. 24-25.

como o *Alla Libertá,* no Largo Brasiliano de Montese; e o monumento a Max Wolff Filho, na mesma cidade. Em Gaggio Montano, localizam-se os monumentos *Brasile* e *Liberazione*. Após 2003, teriam sido criados, segundo a autora, os novos marcos de Serrasiccia e de Livergagno.

Vale citar que, em 2005, o editor Fabio Gualandi publicou a compilação *Monumenti dedicati al soldato brasiliano della Forza di Spedizione Brasiliana in Italia (FEB)* sobre os principais marcos que homenageiam a participação brasileira na libertação da Itália.

De acordo com documento eletrônico da adidância do Exército da embaixada do Brasil em Roma, poderiam ser contabilizados mais de trinta monumentos alusivos aos locais onde a FEB combateu. O dado coaduna-se, grosso modo, com informação extraoficial de que haveria cerca de 40 localidades com esse tipo de manifestação, que, em sua maioria, teria sido feita pelas próprias populações como sinal de gratidão às forças brasileiras[109].

3.2.1 O Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia

Eles vieram felizes, como
para grandes jogos atléticos
com um largo sorriso no rosto,
com forte esperança no peito
– porque eram jovens e eram belos.

Marte, porém, soprava fogo
por estes campos e estes ares.
E agora estão na calma terra,
sob estas cruzes e estas flores,
cercados por montanhas suaves.

São como um grupo de meninos
num dormitório sossegado,
com lençóis de nuvens imensas,
e um longo sono sem suspiros,
de profundíssimo cansaço.

Suas armas foram partidas
ao mesmo tempo que seu corpo.
E, se acaso sua alma existe,
com melancolia recorda
o entusiasmo de cada morto.

Este cemitério tão puro
é um dormitório de meninos:
e as mães de muito longe chamam,
entre as mil cortinas do tempo,
cheias de lágrimas, seus filhos.

Chamam por seus nomes, escritos
nas placas destas cruzes brancas.
Mas, com seus ouvidos quebrados,
com seus lábios gastos de morte,
que hão de responder estas crianças?

109 Disponível em: <http://www.adiexitalia.org/pontos-geo-monumentos-f-e-b>. Acesso em: 27 out. 2015.

E as mães esperam que ainda acordem,
como foram, fortes e belos,
depois deste rude exercício,
desta metralha e deste sangue,
destes falsos jogos atléticos.

Entretanto, céu, terra, flores,
é tudo horizontal silêncio.
O que foi chaga, é seiva e aroma
– do que foi sonho, não se sabe –
e a dor anda longe, no vento...

"Pistóia – Cemitério Militar Brasileiro"
Cecília Meireles (1955)

A partir do final de 1944, os corpos dos soldados brasileiros, alguns já enterrados em outros cemitérios, passaram a ser levados para um terreno arrendado, nas cercanias de Pistoia, onde funcionavam o quartel-general recuado da FEB e serviços como intendência, enfermaria e comunicações.

É interessante anotar que a edição especial, comemorativa do final do conflito, de 31 de maio de 1945, do jornal oficial da FEB, *O Cruzeiro do Sul*, a ser descrito mais adiante, já aventava, em artigo intitulado "A Casa do Brasil", a necessidade da criação de um lugar que recordasse o legado das tropas brasileiras em solo italiano, o que teria sido ideia de "graduado funcionário do Ministério das Relações Exteriores":

> [...] seria ideal que uma casa na Itália fosse um museu da FEB e, ao mesmo tempo, mansão acolhedora para os que chegassem. Uma casa do Brasil para os brasileiros. Ali seriam guardadas "maquetes" das regiões e as cartas das diversas zonas. Ali seriam conservadas fotografias, troféus, tudo que pudesse relembrar a passagem da tropa brasileira. E ali ficaria também a homenagem que nós que voltarmos prestamos aos camaradas mortos com saudades e emoção. Solicitamos ao alto comando brasileiro estudar o assunto, escolhendo um dos antigos quartéis-generais para tal fim. A sugestão não é propriamente nossa, mas de um soldado honorário, o embaixador Mauricio Nabuco, cujo nome pedimos aos expedicionários guardar em segredo, de acordo com a nossa promessa.[110]

110 Fac-símile da edição n. 34 (Número Especial). *In*: MASCARENHAS DE MORAES (org.), *O Cruzeiro do Sul* – coleção completa do Órgão Especial da FEB na Itália, 2011.

O MVMBP foi construído na área do Cemitério Militar Brasileiro. A elaboração do projeto esteve a cargo de Olavo Redig de Campos, arquiteto oficial do Itamaraty, e sua execução foi feita pelo engenheiro italiano Luigi Cafiere.

A inauguração do monumento deu-se em 7 de junho de 1966, com a presença do embaixador do Brasil, Francisco D'Alamo Lousada; do ex-febiano general Floriano de Lima Brayner, chefe da delegação das Forças Armadas brasileiras; dos adidos militares dos países aliados na Itália; e, do lado italiano, do ministro das Relações Exteriores, Amintore Fanfani; do bispo de Pistoia e dos prefeitos de Pistoia e de Florença. Na ocasião, o prefeito Conrado Gelli disse: "no coração do povo de Pistoia, é perene a lembrança dos soldados brasileiros mortos, aos quais amam como seus próprios filhos".

Após o traslado dos corpos dos mortos brasileiros para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM), no Rio de Janeiro, em 1960, descrito a seguir, passou-se a exigir a restituição do terreno, sob a alegação de que não havia mais nenhum soldado brasileiro ali enterrado. Com o decisivo auxílio do pároco da Igreja de Parma, Monsenhor Cavalli, teve início o trabalho de localização do corpo de um pracinha brasileiro que teria sido morto em Fornovo. Depositado no monumento de Pistoia e assim resolvendo o impasse, o soldado desconhecido foi identificado como Fredolino Chimango, do 3º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria[111].

Memorando interno, pesquisado no arquivo da embaixada em Roma, sem data, possivelmente de 1987, traz descrição mais detalhada sobre o MVMBP. O monumento tem área de 7.320 m², equivalente exatamente ao terreno ocupado anteriormente pelo Cemitério Militar Brasileiro. Conta com entrada de serviço de 82,50 x 4,00 m, situado do

111 A identidade do soldado desconhecido no Monumento de Pistoia é fonte de dúvidas, dado terem sido realizadas, pelo Exército Brasileiro, provas inconclusivas de DNA. O fato é que Fredolino Chimango é um dos três combatentes brasileiros considerados oficialmente desaparecidos e cujos corpos (de dois deles) não foram localizados até os dias de hoje.

lado direito, até a Via Brescandola. Na parte sem construções, existe extenso e bem cuidado jardim de árvores e flores.

O ingresso pela estrada Sei Arcoli é formado por uma calçada de mármore de 18 x 2,60 m, quatro pirâmides de mármore de 1,40 m e três segmentos de correntes de bronze de 5,40 m cada, formando uma abertura de 16 m. À esquerda, encontram-se dois prismas de mármore com 1,45 m de altura, com dizeres de Olavo Redig de Campos sobre a concepção do monumento. Há três mastros de 8 m de altura para as bandeiras do Brasil, da República Italiana e do município de Pistoia. Diariamente é hasteada somente a bandeira do Brasil, sendo as demais hasteadas em dias de cerimônia. O MVMBP tem um lago entre a plataforma e o muro de mármore, de 3 m de altura por 70 m de comprimento, com os nomes dos 465 pracinhas mortos gravados, em ordem hierárquica e alfabética[112].

De junho de 1986 a março de 1987, em consequência de calamidade natural, o MVMBP teve de ser restaurado e, a pedido das viúvas dos militares, foram colocadas lajotas de mármore, com uma pequena cruz e o nome e a graduação de cada combatente falecido.

Em 24 de abril de 1987, realizou-se a cerimônia de reabertura do MVMBP, presidida pelo ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, general Paulo Campos Paiva. Pelo lado do Itamaraty, encontrava-se à frente da delegação o embaixador Marcos Castrioto de Azambuja, assessorado pela secretária Marília Sardenberg Zelner Gonçalves.

Também assistiram à cerimônia, entre outros, a presidente da Associação de Viúvas de Militares, Marvione Ferraz Falcão, e o presidente da Associação Nacional dos Veteranos de São Paulo, Samuel

112 Na plataforma sobrelevada a 40 cm do solo e com medida de 400 m², encontram-se a pira de chama perpétua, na frente da qual se situa o Túmulo do Soldado Desconhecido, com placa de bronze onde se lê "Ao Soldado Brasileiro Morto em Combate em Terras da Itália a Pátria Reconhecida"; a Cruz de Santo Andrea; e a edícula de 11 m de altura. À direita do altar está outro mastro de 16 m, para hasteamento da bandeira brasileira de sete panos pela máxima autoridade brasileira nas cerimônias. Na calçada principal estão gravadas as oito principais batalhas da Força Expedicionária Brasileira e as datas de suas vitórias: Camaiore (18/IX/1944); Monte Prano (28/IX/1944); Monte Castello (21/II/1945); Castelnuovo (05/III/1945); Montese (14/IV/1945); Zocca (21/IV/1945); Collecchio (27/IV/1945); e Fornovo (28/IV/1945).

Silva. Pela embaixada do Brasil em Roma, participaram o embaixador Carlos Alberto Leite Barbosa e o então secretário Mario Vilalva[113].

O embaixador Marcos Castrioto de Azambuja, quem à época da missão ocupava o cargo de subsecretário de Temas Multilaterais do Itamaraty, relatou que a missão teve origem na ideia de que o monumento, ao ser reinaugurado, pudesse gerar um convencimento da importância do local como "espaço de memória" e, assim, criar um compromisso das autoridades brasileiras com sua missão.

De acordo com o embaixador Azambuja, a promessa de trasladar os corpos dos pracinhas mortos na Itália para o Brasil, feita aos familiares e cumprida pelo marechal Mascarenhas de Moraes, deixou de levar em consideração que cemitérios militares, por serem "um depósito de vidas jovens, de vidas truncadas", têm grande poder de evocação cívica e de comoção.

Para Azambuja, o cemitério de Pistoia é um dos maiores símbolos que o Brasil possui no exterior, por representar prova de que o país se engajou em uma guerra justa. Tendo angariado recursos financeiros para sua restauração, a realização de uma missão cívico-militar como a de 1987 representou, ademais, segundo o diplomata, um reforço, no fim do ciclo militar, do compromisso do Brasil com as boas causas da democracia.

O embaixador Marcos Castrioto de Azambuja disse estar convencido da necessidade de se "reconsagrar" o cemitério de Pistoia, ressacralizando seu terreno e criando condições para que não venha a ser futuramente esquecido, retomado ou reduzido em suas dimensões. Como, para ele, "todo passado tem a mesma idade", ou seja, fatos e datas vão-se misturando e perdendo na memória coletiva, faz-se necessário haver uma reeducação, a cada número razoável de anos, sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, um dos poucos momentos, para Azambuja – que assistiu ao regresso do 1º Grupo de Caça "Senta a Pua",

113 Memorando interno, embaixada do Brasil em Roma, s/d (possivelmente 1987).

no dia 16 de julho de 1945, no Campo dos Afonsos –, em que o país teve protagonismo como ator importante fora de seu espaço geográfico natural, o da bacia do Prata.

Para o embaixador Azambuja, depois secretário-geral das Relações Exteriores, a Segunda Guerra Mundial representou um momento no qual "o Brasil esteve do lado certo, no lugar certo e fazendo a coisa certa", daí resultando prestígio para o país; participação relevante na criação das Nações Unidas; uma cooperação eficaz entre a diplomacia e as forças militares; e uma projeção do poder nacional[114].

O embaixador Azambuja conclui, ao recordar a missão de 1987, que as guerras devem ser superadas, mas não esquecidas, em especial no caso da Segunda Guerra. A valorização do legado da FEB, com a consequente divulgação, interna e externa, do único monumento dessa natureza que o país tem no exterior, poderia reforçar a posição do Brasil na contemporaneidade, em um momento de reconfiguração estratégica do cenário internacional[115].

Vale citar, igualmente, o depoimento de um dos grandes diplomatas brasileiros do século XX, o embaixador Vasco Leitão da Cunha, designado, ao final do conflito, para reabrir o consulado do Brasil em Roma e, em seguida, nomeado encarregado de negócios do Brasil na capital italiana:

> Do ponto de vista político, a participação do Brasil num conflito daquela natureza era uma indicação de maioridade. O Brasil deixava de ser um país adolescente para ser um país sério. Os países vivem das decisões que tomam: quando são erradas, descobre-se rapidamente; quando são certas, devem ficar. Apesar do pessimismo do general Dutra, quando esteve na Itália ele acabou comandando o Exército Aliado durante três dias, o que em termos militares é de uma importância capital. Mas como já disse, não sabemos aproveitar as coisas que fazemos bem-feitas. Devíamos celebrar, mas o brasileiro não sabe o que os pracinhas fizeram. Não se ensina isso no colégio. Era natural que os americanos que combateram no Pacífico ignorassem a existência da

114 Entrevista em: 22/09/2016.

115 *Ibid*.

> FEB. Mas que os brasileiros ignorem os méritos da FEB, é uma coisa imperdoável! Imperdoável! Eu, quando vou àquele monumento, fico desanimado.[116]

3.2.2 O Monumento do Monte Castello

O segundo monumento, já citado acima entre os marcos em Gaggio Montano, situa-se em Guanella, próximo ao Monte Castello. Concebido pela artista plástica brasileira Mary Vieira, teve sua construção coordenada pelo consulado-geral do Brasil em Milão. A obra, com dois arcos de 7 m de altura e 14 m de largura, intitula-se Libertação: Monovolume a Ritmos Abertos e foi idealizada para as comemorações, em 1995, dos 50 anos do final da Segunda Guerra.

A artista chegou a lançar sua pedra inaugural, em 1999, tendo falecido antes de ver a imponente estrutura inaugurada, em junho de 2001. A citada historiadora Carmen Lúcia Rigoni fez questão de, em texto sobre Mary Vieira, de quem se tornou amiga pessoal, ressaltar a participação do embaixador Wladimir Murtinho, então assessor internacional do Ministério da Cultura brasileiro, para equacionar as "dificuldades burocráticas" encontradas para a construção do monumento[117].

O terreno para a construção do monumento foi doado ao governo brasileiro pelo advogado e ex-*partigiano*, que combateu ao lado dos brasileiros, Dr. Francesco Berti Arnoaldi Veli. Vale fazer menção ao fato de que, antes de sua inauguração, havia no local outro marco em homenagem à FEB e à conquista do Monte Castello, construído voluntariamente pela população de Gaggio Montano, para onde foi levado depois da instalação do Monovolume a Ritmos Abertos.

116 CUNHA, *Diplomacia em alto-mar*: depoimento ao CPDOC, p. 106.

117 RIGONI, *70 anos da conquista de Monte Castello na Itália* – Os traços de Mary Vieira. Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/70-anos-da-conquista-de-monte-castello-na-italia-os-tracos-de-mary-vieira/>. Acesso em: 8 nov. 2016.

É interessante apontar que, no livro *A Travel Guide to World War II Sites in Italy*, a professora Anne Leslie Saunders, da Universidade de Charleston, inclui, no capítulo dedicado aos locais de interesse para visitação, entre Lucca e Bolonha, o Monovolume a Ritmos Abertos, mas não indica o MVMBP:

> *From Querciola, drive through Gaggio Montano toward the village of Abetaia... to the thirty-foot abstract sculpture, which stands in the middle of the fields and was created by the artist Mary Vieira to honor Brazilian forces. Its title is Liberation: A Single Volume in Free Rhythm. In the distance looms Mount Castello, which Brazilian troops captured from the Germans in 1945.*[118]

Não obstante a acadêmica norte-americana ter incluído, no minucioso apanhado sobre os monumentos militares da Segunda Guerra Mundial na Itália, a grande escultura perto do Monte Castello, não deixa de chamar atenção o fato de que o MVMBP – local do cemitério brasileiro na guerra e de caráter simbólico e mesmo físico nitidamente mais importante – não tenha sido incluído no livro. É mais um indício da necessidade de se proceder a uma divulgação ampla da participação brasileira na campanha da Itália.

3.2.3 Monumentos e praças em outras cidades e localidades italianas

A FEB tem recebido, ao longo das décadas, diversas homenagens, sob a forma de monumentos e denominação de praças e ruas, nas localidades italianas pelas quais passaram suas tropas. Tais homenagens reforçam o fato de que a lembrança da colaboração brasileira na libertação da Itália se afigura como matéria de sincero reconhecimento e gratidão naquelas regiões.

É possível citar, como principais exemplos, o Monumento em Homenagem à FEB e a Piazza Brasile, em Montese; o monumento

118 SAUNDERS, *A Travel Guide to World War II Sites in Italy – Museums, Monuments, and Battlegrounds*, p. 77.

Ordem e Progresso, em Gaggio Montano, ademais do relógio solar que marca a data da libertação daquela cidade em 3 de março de 1945; o monumento erigido em Fornovo di Taro; o monumento Onore Gloria, em Neviano de Rossi; a Piazzeta FEB, em Massarosa; e o monumento Precaria Vergato, em Castelnuovo di Vergato.

Há também monumentos e placas alusivas à FEB nas cidades e localidades de Porretta Terme, Massarosa, Quiesa, Candalla, Camaiore, Bagni di Lucca, Borgo a Mozzano, Poggiolino, Neviano de' Rossi, Castel di Casio e Fanano. Muitas delas se encontram em propriedades particulares e são acessíveis por trilhas que demandam algumas horas de caminhada, por se localizarem em meio a bosques e campos.

Em pesquisa realizada no Arquivo Histórico do Exército Brasileiro, foi possível encontrar uma brochura, sem data, em português, mas nitidamente escrita por um italiano, que propunha a criação de um "templo votivo no campo de batalha de Bombiana (Bologna) em lembrança dos soldados brasileiros cahidos no Frente Italiano".

Na localidade de Staffoli, no município de Santa Croce sull'Arno, Província de Pisa, foi redescoberta uma pequena capela (*marginetta*) construída pelos soldados brasileiros, que a dedicaram a Nossa Senhora de Lourdes. Esquecida por muitos anos e encontrada graças a especialistas, é hoje mantida, recuperada, por casal de moradores das redondezas.

O monumento às forças brasileiras mais recente na Itália foi inaugurado, por exclusiva iniciativa das autoridades locais, em 7 de janeiro de 2016, na cidade de Roldano, Província de Milão, em homenagem ao piloto Aurélio Vieira Sampaio, do 1º Grupo de Caça, abatido naquela região. Fato tão recente demonstra que a atuação brasileira na libertação da Itália continua viva na memória local, merecedora de reconhecimento e gratidão.

Apesar de esta seção referir-se aos demais monumentos na Itália, cabe citar, a título de exemplo, que existem outros lugares de memória,

quase desconhecidos, em outros países europeus, que homenageiam brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

Na pequena cidade holandesa de Aagtekerke, foi inaugurado, em outubro de 2013, monumento em homenagem a Georges Schteinberg, nascido em Paris, em 1922, e residente no Brasil de 1933 a 1942, quando se alistou como voluntário na Força Aérea da França Livre. Em outubro de 1943, seu avião do 1º Esquadrão do 20º Grupo de Aviação Lorraine foi atingido pelo fogo antiaéreo em missão de bombardeio próxima a Roterdam, na Holanda ocupada. Foi condecorado *post mortem* por decreto assinado pelo general de Gaulle. O nome de Schteinberg encontra-se indicado no Mausoléu dos Franceses no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Na cerimônia de inauguração do monumento, estiveram presentes autoridades diplomáticas e militares francesas e holandesas, além de duas de suas irmãs residentes na capital carioca[119].

Os registros fotográficos dos monumentos em homenagem à FEB, tomados durante a pesquisa para a obra, encontram-se no anexo II. Alguns documentos reproduzidos no anexo IV também fazem referência a lugares de memória da FEB na Itália.

3.2.4 O Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial do Rio de Janeiro

Idealizado pelo comandante da FEB, marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, o retorno dos corpos dos pracinhas falecidos teve início com a criação, em outubro de 1952, por decreto do presidente Getúlio Vargas, da Comissão de Repatriamento dos Mortos do Cemitério de Pistoia.

Após a doação, pelo governo do então Distrito Federal, de área no aterro da Glória, foi realizado concurso público para a escolha do projeto do monumento. Venceram os arquitetos Hélio Ribas Marinho

119 Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/inaugurado-o-monumento-em-memoria-do-franco-brasileiro-abatido/>. Acesso em: 31 ago. 2016.

e Marcos Konder Neto. As obras tiveram início em junho de 1957 e foram concluídas em junho de 1960. A partir de 1959, o embaixador do Brasil na Itália, Adolpho Cardozo de Alencastro Guimarães, presidiu as solenidades de exumação dos corpos dos pracinhas brasileiros mortos em solo italiano e sepultados no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia.

As urnas com os restos mortais dos 462 veteranos brasileiros chegaram ao Rio de Janeiro no dia 16 de dezembro de 1960, tendo sido realizada solenidade, no dia 22 de dezembro, conduzida pelo presidente Juscelino Kubitschek, que colocou a urna do soldado desconhecido na base do pórtico do monumento.

O monumento guarda, além dos restos mortais dos combatentes brasileiros, a cruz original do Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia e a imagem de Nossa Senhora Aparecida que acompanhava os pracinhas. Com uma plataforma elevada de 31 m de altura e esculturas que homenageiam a FAB e os pracinhas e um painel dedicado aos civis e militares mortos em operações navais, foi tombado oficialmente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em novembro de 2013[120].

O Monumento aos Pracinhas do Rio de Janeiro recebeu, em outubro de 1964, o general Charles de Gaulle, na primeira de uma série de visitas de autoridades estrangeiras. O papa João Paulo II lá esteve duas vezes (1982 e 1998), e também o visitaram a rainha Elizabeth II (1968), a primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi (1968), e o futuro presidente dos EUA Jimmy Carter (1972).

De acordo com seu diretor, coronel Carlos Alexandre Cunha Campos, é frequente a visita de autoridades estrangeiras ao monumento. Anualmente, pelo fato de ali se encontrarem sepultados nove soldados brasileiros com dupla nacionalidade polonesa, o embaixador da Polônia promove cerimônia em homenagem a tais soldados, muitas vezes com a participação de militares que se deslocam daquele país.

120 LIMA, *Iphan publica tombamento definitivo do Monumento aos Pracinhas.*

Em 2015, o porta-aviões norte-americano Limit, segundo o coronel Campos, fez escala no Rio de Janeiro e seu comandante e tripulação fizeram questão de realizar oferenda floral aos pracinhas brasileiros enterrados no monumento. Também seriam frequentes visitas de autoridades russas e de grupos de turistas chineses[121].

3.3 A visão historiográfica sobre a FEB

Parece importante fazer menção inicial, nesta seção do trabalho, ao livro *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*, publicado em 1944 pelo Ministério das Relações Exteriores, em dois volumes, com edição da Imprensa Nacional[122].

O chamado *Livro Verde* do Itamaraty afigura-se como valioso compêndio de documentação oficial sobre a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Além das declarações emanadas das conferências interamericanas realizadas até o início dos anos 1940, traz documentos de marcado valor histórico, como telegramas trocados entre a Secretaria de Estado das Relações Exteriores e as representações diplomáticas brasileiras; relatos das embaixadas sobre as situações nos países que aos poucos se viam envolvidos no conflito; e uma série de relatórios e notas de protesto, sobretudo no que diz respeito ao afundamento dos navios brasileiros, o que levou ao rompimento de relações e à declaração do estado de beligerância e de guerra contra os países do Eixo.

O livro é de difícil acesso e pode ser encontrado, atualmente, em bibliotecas oficiais e livrarias especializadas em edições antigas. Trata-se de uma espécie de compilação oficial dos fatos e da documentação a eles atinente, que justifica a posição do Brasil face à evolução da Segunda Guerra Mundial.

Cabe aqui citar alguns exemplos, dentre as dezenas de documentos contidos nos dois volumes, de correspondências de inegável valor

121 Entrevista em: 22/09/2016.

122 BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*.

historiográfico. No capítulo III, intitulado "A guerra e a neutralidade brasileira", em telegrama expedido pela embaixada do Brasil em Berlim, em 1º de setembro de 1939, o embaixador Cyro de Freitas-Valle comunicava:

> É esperado a todo momento o rompimento de relações com a França, Grã-Bretanha e Polônia, em virtude da sessão desta manhã do *Reichstag*. A anexação de Dantzig é justificada como sendo o resultado da rejeição das propostas alemãs pela Polônia, que no entanto jamais teve conhecimento oficial das mesmas. Foram convidados o embaixador polonês e o pessoal da missão a não deixar o prédio da embaixada – CYRO DE FREITAS-VALLE.

O capítulo V traz a série de troca de correspondências diplomáticas entre o Ministério e a embaixada brasileira em Londres sobre o "bloqueio britânico", com especial referência ao famoso caso do navio Siqueira Campos, que transportava material bélico comprado pelo Brasil junto à Alemanha e fora retido pelos ingleses. Em telegrama expedido à embaixada do Brasil em Londres, em 15 de dezembro de 1940, o equacionamento da apreensão, objeto de gestões bilaterais (e de auxílio por parte das autoridades norte-americanas), é destacado:

> Muito nos desvaneceu a prova de interesse do governo da Grã-Bretanha e do seu representante entre nós pela solução dada ao deplorável incidente quando hoje, domingo, foi-nos comunicada pelo embaixador Knox, a notícia da libertação do Siqueira Campos. A Vossa Excelência e seus auxiliares enviamos sinceros agradecimentos, junto com os do governo brasileiro, pela dedicação demonstrada e pedimos também expressar a Lord Halifax a satisfação com que acompanhamos os seus esfôrços e recebemos a decisão dêsse governo – MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES.

Ainda sobre o afundamento de navios brasileiros, a embaixada em Berlim pedia, em 27 de março de 1941, confirmação sobre ataque alemão ao navio Taubaté, recebendo, no dia seguinte, resposta da Secretaria de Estado:

> Confirmo a notícia que diz que um avião alemão atacou um navio mercante brasileiro que não viajava em comboio e que levava carga para Alexandria, Porto Sudão e Nova York. O consulado em Alexandria está procedendo a inquérito – MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES.

Para não se estender demasiadamente na transcrição dos expedientes contidos no *Livro Verde*, cuja importância a esta altura já deve figurar nítida, vale mencionar o telegrama expedido aos interventores federais nos estados, de 28 de janeiro de 1942, após o rompimento de relações com os países do Eixo, que cassa o *exequatur* dos cônsules daqueles países:

> Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o senhor presidente da República mandou declarar sem efeito o *exequatur* concedido a todos os funcionários da Alemanha, da Itália e do Japão no Brasil. Rogo, portanto, a Vossa Excelência determinar com urgência as providências necessárias para a suspensão de tôdas as atividades dêsses funcionários, nêsse estado, a partir das dezoito horas de hoje. Atenciosas saudações, OSWALDO ARANHA, Ministro das Relações Exteriores do Brasil.

E, ainda, o telegrama, recebido da embaixada do Brasil em Lisboa, em 22 de janeiro de 1942, que comunica a aceitação de Portugal em representar os interesses brasileiros junto aos países do Eixo, assim como a correspondência da embaixada da Espanha no Rio de Janeiro, de 31 daquele mês, pela qual confirma que responderá pelos interesses do governo alemão no Brasil[123]:

> O presidente do Conselho comunicou que o Govêrno de seu país aceita encarregar-se dos interêsses do Brasil na Alemanha, Itália e Japão, após o rompimento de relações entre o Brasil e esses três países. – ARAUJO JORGE
>
> [...]
>
> *Señor Ministro,*

123 A embaixada da Espanha assumiria igualmente os interesses do governo japonês (nota de 04/02/1942), sendo que a embaixada da Suíça assumiu os interesses do governo italiano (nota de 04/02/1942).

> *Tengo la honra de comunicar a Vuestra Excelencia que acabo de recibir instrucciones de mi Gobierno para que esta Representación se haga cargo de los intereses alemanes en el Brasil.*
>
> *Aprovecho la oportunidad, Señor Ministro, para reiterar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi más alta y distinguida consideración.*
>
> *Fernandez Cuesta*
>
> *Embaixador da Espanha no Rio de Janeiro*

Por fim, faz-se mister citar a circular nº 1.646, reproduzida no livro, que dá ciência às representações diplomáticas brasileiras da declaração do estado de beligerância do Brasil com os países do Eixo:

> Circular n. 1.646 – Às missões diplomáticas na Europa, Ásia e África – 22 de Agôsto de 1942
>
> Queira comunicar a esse Govêrno que, à vista dos atentados contra a nossa navegação de cabotagem por submarinos das potências do Eixo, o Govêrno brasileiro, de acordo com as normas adotadas e os compromissos assumidos nas Conferências de Buenos Aires e Lima, assim como nas Reuniões Panamericanas de Consulta, levou ao conhecimento dos governos americanos que fez saber aos governos da Alemanha e da Itália que, a despeito de sua atitude sempre pacífica, não há como negar que esses países praticaram contra o Brasil atos de guerra, criando uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania, da nossa segurança e da América. Queira comunicar aos consulados brasileiros nesse país. – MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES.

A documentação do *Livro Verde*, do qual pequena parte foi objeto de indicação acima, demonstra cabalmente a importância dessa publicação. Apesar de não tratar especificamente da FEB, em nenhum momento – até porque foi publicada antes do envio das tropas brasileiras – constitui referência historiográfica fundamental, em termos documentais, para qualquer estudo sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Por sua vez, os trabalhos estrangeiros clássicos sobre a história da Segunda Guerra Mundial trazem menções, na maioria das vezes

discretas, porém elogiosas, sobre a participação do Brasil no conflito. Interessa ressaltar que quase sempre é anotada a singularidade do envio de tropas, por parte do Brasil, em relação aos demais países da região.

No livro *The Penguin History of the Second World War*, de Peter Calvocoressi, Guy Wint e John Pritchard, a entrada do Brasil no conflito é citada no contexto latino-americano:

> *Only Brazil, which declared war on the Axis powers in August 1942 and on Japan in May 1945, sent a force to Europe (to Italy in 1944). It emerged from the war with the largest slice of Land-Lease to Latin America and the strongest armed forces. The other major South American countries, Argentina and Chile, were the least keen to declare war, partly because of their natural quarrel over the islands off the southern tip of the continent.*[124]

Em *A World at Arms – A Global History of World War II*, Gerhard L. Weinberg cita igualmente a participação brasileira em duas ocasiões, uma delas no quadro hemisférico e outra na campanha italiana em si:

> *Only Brazil sent troops to the front, in this case to Italy, and those involved with that effort in some instances came to play major roles in post-war Brazilian politics... the one field in which Brazil and several other Latin American countries made some progress during the war was that of reducing foreign control of the economy... the slowly rebuilding French army provided a welcome addition on the southern portion of the Western front and relieved the Allies of rear area security duties there. A small Brazilian expeditionary force was adding its weight to the continuing struggle on the Italian front.*[125]

O livro *The War North of Rome June 1944 – May 1945*, do ex-soldado da 10ª Divisão de Montanha norte-americana Thomas R. Brooks, por sua vez, faz várias referências elogiosas à FEB, com particular atenção ao reforço por ela representado para o V Exército Americano no *front* italiano. Brooks reconhece com precisão a ameaça representada pelas divisões alemãs sitiadas nos montes Belvedere-Castello-della Torraccia:

124 CALVOCORESSI; PRITCHARD & WINT, *The Penguin History of the Second World War*, p. 215.

125 WEINBERG, *A World at Arms: A Global History of World War II*, p. 505, 751-752.

> *By now, two other outfits were on the way to Italy, however – the American all-black 92nd Division and the Brazilian Expeditionary Force, consisting of three regimental combat teams and auxiliary support* [...] *the arrival of the 25,000-strong Brazilian Expeditionary Force in August and, later, of the all-black 92nd Division would boost the Fifth Army´s Strength* [...] *on September 15 [1944], a task force of armor and infantry took the beach resort. On the same day, the Brazilian Expeditionary Force entered the line, relieving Task Force 45 troops in the mountains overlooking the coastal plain. As the Brazilian 6th Combat Team liberated Massarosa and moved north towards Camaiore, Task Force 45 regrouped on the narrowing coastal plain and resumed its attack* [...] *on February 28 [1945], the Brazilians took over the western wing of the 10th's zone with the 10th Antitank Battalion and the 10th Recon now on Riva Ridge under their operational control. The Brazilian 1st Infantry´s defensive positions ranged from Rocca Corneta, beneath Riva Ridge, across Belvedere and Gorgolesco to emplacements just short of Monte della Torraccia, held by the 86th. The balance of the Brazilians held a sector east of the 87th which had replaced them on the forward slope of Monte Castellina* [...] *by dark on April 15, the 10th was well beyond the Green Line, the Brazilians filling in smartly on its left flank, and the 1st Armored on the right had taken Monte Pero* [...] *meanwhile, the partisans captured Genoa on April 21 and were fighting in Milan and Turin. The Brazilians came out of the mountains and turned west along the edge of the Apennines to cut off Germans attempting to escape north along Highway 12.*[126]

O livro *The Gothic Line*, do historiador inglês Douglas Orgill, de 1969, é considerado o trabalho historiográfico mais preciso dedicado integralmente ao *front* onde combateram os brasileiros. Vale citar que a bandeira brasileira figura na capa do livro, ao lado das dos outros países que combateram na Linha Gótica, e que, em seu Apêndice A, ao delinear o organograma das Forças Aliadas na Itália e do V Exército Americano, um dos componentes registrados é o da *Brazilian Expeditionary Force* (Mascarenhas de Morais [sic]). Orgill cita aspectos táticos da FEB com precisão:

126 BROOKS, *The War North of Rome June 1944 – May 1945*, p. 138-384.

> *Though the decisive break had been made in the centre, the left and the right wings of Fifth Army also moved forward. The US IV Corps, edging forward in the West in its role of maintaining pressure on the Germans, occupied the coastal resort of Viareggio on the 15th and pushed on to Forte dei Marmi, just short of the western end of the Gothic Line. Here, too, the 6th Combat Team of the Brazilian Expeditionary Force entered the line, the first units from any South American country ever to fight on the soil of Europe.*[127]

O secretário de Estado norte-americano, Cordell Hull, deixou registrada sua impressão favorável sobre a contribuição brasileira ao esforço de guerra, bem como, ademais, sobre o importante papel do chanceler Oswaldo Aranha no posicionamento do país:

> *Without the air bases Brazil permitted us to construct on her territory victory either in Europe or in Asia could not have come so soon. These bases, jutting far out in the South Atlantic, permitted us to fly war planes across that ocean in waves to West Africa and thence to the theaters of operation in Europe or on to the Far East. Had it not been for these Brazilian bases we could not have got so much help to the British in Egypt as we did at the crucial moment of the Battle of El Alamein* [...] *from Brazil too we received valuable diplomatic assistance in our negotiations with her mother country, Portugal. That far-sighted statesman, Oswaldo Aranha, never wavered from the cause of the Allies, and neglected no opportunity to give us his backing* [...] *Brazil sent an expeditionary force to Europe. Her small navy played its share in patrolling the Atlantic. She lost an appreciable portion of her merchant marine in the effort to transport supplies to the United States. She assisted us in keeping an eye on Dutch and French Guiana.*[128]

Cabe ainda mencionar que, na Itália, foram publicados diversos trabalhos sobre a FEB. Em 1986, o professor da universidade La Sapienza de Roma, Mariano Gabriele, que viria a ser depois presidente da Società Italiana di Storia Militare, publicou o importante trabalho *La Forza di Spedizione Brasiliana (FEB) nella Campagna d'Italia (setembre 1944 aprile 1945)*[129].

127 ORGILL, *The Gothic Line. The Autumn Campaign in Italy*, 1944, p. 204.

128 BERDING; HULL, *The Memoirs of Cordell Hull*, p. 1423.

129 GABRIELE, *La Forza di Spedizione Brasiliana (FEB) nella Campagna d´Italia (setembre 1944 aprile 1945).*

Em 1995, Walter Bellisi, jornalista italiano de Modena e membro efetivo do IGHMB, publicou *Arrivano i Nostri – il Brasile nella Seconda Guerra Mondiale, la presa di Montecastello e la bataglia di Montese*[130]. Merece também destaque o livro *Gli Eroi Venuti dal Brasile*, de 2005, uma extensa e completa coleção de fotografias da participação brasileira na guerra, advindas da coleção de Giovanni Sulla, historiador autodidata citado em mais de uma ocasião neste trabalho[131].

Mais recentemente, em 2014, o diretor do Museo Storico della Liberazione da cidade de Lucca, Andrea Giannasi, publicou o livro *Il Brasile in guerra: la Força Expedicionária Brasileira in Italia (1944-1945)*[132]. A obra foi lançada, em abril de 2014, em Pistoia, com a presença do embaixador brasileiro[133].

Na opinião do professor Amado Luiz Cervo, a participação brasileira na guerra encontra-se "exposta em vasta historiografia brasileira, [é] conhecida em boa medida pela historiografia norte-americana e ignorada quase vergonhosamente pela historiografia europeia"[134]. O emérito historiador norte-americano Frank McCann faz, logo na introdução de seu livro *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*, a seguinte avaliação da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial:

> A história da campanha da Itália é perpassada de nomes e acontecimentos famosos. Embora a participação em combate do Brasil tenha sido pouco percebida nos Estados Unidos, devido às ações mais abrangentes das tropas americanas, ela se revestiu de considerável importância na História do Brasil e para as relações interamericanas. Era a primeira vez que soldados latino-americanos combatiam na Europa, e o Brasil foi a única nação latino-americana a enviar tropas terrestres para o conflito na Segunda Guerra Mundial. Os resultados foram imediatos e de longo alcance. O Brasil tornou-se potência

130 BELLISI, Arrivano i Nostri – *il Brasile nella Seconda Guerra Mondiale, la Presa di Montecastello e la Bataglia di Montese*.

131 SULLA, *Gli Eroi Venuti dal Brasile*.

132 GIANNASI, *Il Brasile in Guerra*: *la Força Expedicionária Brasileira in Italia* (1944-1945).

133 Telegrama n. 440, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 02/05/2014.

134 Entrevista em: 24/10/2016.

> militar proeminente na América Latina e as Forças Armadas passaram, gradativamente, a dominar a política nacional.
>
> Mas a entrada do Brasil na guerra teve uma importância maior no desfecho daquele conflito global. Sem a cooperação brasileira, muito do que aconteceu poderia ter se mostrado diferente. O estabelecimento por Getúlio Dornelles Vargas de uma ditadura no final de 1937 lançou sombras de incerteza sobre o futuro da democracia no continente americano. De 1938 a 1940, a Washington oficial preocupava-se com o espectro de um Brasil aliando-se, ou pelo menos cooperando, com a Alemanha nazista. Especialmente durante os dias sombrios de 1940, quando parecia que a Grã-Bretanha poderia sucumbir, diplomatas e planejadores militares americanos trabalharam diligentemente para proteger o Brasil. Embora os Estados Unidos ainda fossem neutros, era evidente aos Departamento de Estado e da Guerra que as Américas deveriam permanecer unidas. Se o Brasil se associasse ao Eixo, a fortaleza da América se tornaria vulnerável e o Atlântico Sul seria fechado ao transporte aliado; seria impossível suprir os ingleses cercados no Egito e se concederia aos alemães a dominação do norte da África e a influência crescente no Oriente Médio. A partir daí, dividir o sul da Ásia com os japoneses teria sido uma consequência lógica. Felizmente, o Brasil, ao final, associou-se aos aliados e o Atlântico Sul não apenas permaneceu aberto como também se tornou a principal rota de suprimento até a África e o Extremo Oriente.[135]

É na historiografia brasileira que o debate se torna tema delicado. Ao lado de dezenas de relatos sinceros de ex-combatentes, que contam de um ponto de vista pessoal a experiência humana de ter passado por uma guerra, é nas obras de maior escopo e pesquisa que se dá a cisão.

Pode-se explicar esse movimento por alguns aspectos: o primeiro refere-se ao fato de que alguns dos oficiais da FEB se tornaram figuras-chave durante o regime militar brasileiro, a começar pelo tenente-coronel Humberto Alencar de Castelo Branco, primeiro presidente durante o regime de exceção no Brasil. Durante esse período – à exceção de algumas obras de análise estratégica e de depoimentos contundentes, como o do livro *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre*

135 MCCANN JR., *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*, p. 13-14.

a FEB, de 1949, a história da FEB passou por momento de exaltação exagerada dos feitos dos pracinhas, em contraste com o progressivo abandono material a eles dispensado.

Com o retorno da democracia ao Brasil, em meados da década de 1980, surgiu o contra-ataque: foi a vez de a academia, na qual a maioria das vozes foi censurada durante os governos militares, publicar uma série de livros que passaram a consolidar uma imagem de total despreparo e falta de organização da FEB – o que tampouco corresponde à verdade, dadas as crescentes missões, em termos de importância, que foram sendo dadas às tropas ao longo de sua permanência no *front* italiano.

Os dois exemplos mais emblemáticos e que mais polêmica causaram, à época de seus lançamentos, entre a comunidade de ex-combatentes e pesquisadores, são, sem dúvida, o livro *As duas faces da glória – a FEB vista por seus aliados e inimigos*, do conhecido jornalista William Waack, editado em 1985 e revisto em 2015, e o documentário *Rádio Auriverde*, de 1991, de Sylvio Back.

A obra de William Waack goza, por um lado, de reconhecimento quase unânime em função do ineditismo de suas fontes de pesquisa. Por ter trabalhado, de 1979 a 1984, como correspondente de jornais brasileiros na Alemanha e depois na Inglaterra, o jornalista teve o mérito de pesquisar nos arquivos disponíveis naquele primeiro país, de entrevistar veteranos alemães e de buscar documentos em instâncias até então pouco investigadas, como as do National Archives de Washington e do Public Records Office em Londres. A introdução à primeira edição de seu livro é frequentemente apontada como reveladora do viés presente na obra:

> Este livro não é contra a Força Expedicionária Brasileira, embora documentos e depoimentos apresentados desmintam ou corrijam muito do que se vem dizendo nos últimos quarenta anos sobre a participação de brasileiros na Segunda Guerra Mundial. É uma contribuição à história do Brasil, e não um libelo. Pertenço à geração que nasceu vários anos depois do conflito, quase nada aprendeu sobre

> ela e nunca votou para presidente. Esse último fato pode ser atribuído em boa medida a alguns dos oficiais que estiveram na FEB.[136]

Ademais, William Waack toca negativa e polemicamente em pontos que, de fato, não parecem corresponder à realidade, como no seguinte caso:

> Monte Castello nunca existiu para os alemães – seu nome não consta de qualquer comunicado oficial de divisões, exércitos e muito menos dos volumosos "Diários de Guerra" (*Kriegstagebücher*) do Supremo Comando da *Wehrmacht*. As encostas onde a FEB sofreu mais de um terço de todas as suas baixas na Itália (um total de 465 mortos e 1.577 feridos), até conquistá-las, em fevereiro de 1945, eram para os alemães o anônimo "101/19", ou seja, o ponto 19 do quadrado 101 da sétima edição do mapa (codificado) em escala 1:1.000.000, utilizado pelo Comando do XIV Exército desde novembro de 1944.[137]

Outro aspecto da obra de Waack que exaspera ex-combatentes e pesquisadores diz respeito a que, segundo o autor, as nove divisões alemãs com que a FEB se defrontou na Itália, em especial a 232ª de Infantaria, estariam formadas por soldados envelhecidos ou por jovens sem experiência. Muitos historiadores contestam o fato de o jornalista ter ignorado que a composição de novas divisões, em particular no trecho final da guerra, alinhava veteranos alemães, com experiência em Staligrando e nos *Afrika Korps,* ao lado de jovens soldados que, muitas vezes, podiam ser ainda mais mortíferos no emprego da força. Quando o livro de Waack recebeu nova edição revista, Bonalume Neto não o poupou de críticas:

> O livro de Waack tem essa inegável virtude: foi além do que se costumava falar no país. Entrevistou veteranos alemães, fuçou nos arquivos da *Wehrmacht* [as Forças Armadas alemãs da Segunda Guerra] e nos completíssimos arquivos americanos [...] mas Waack foi profundamente injusto com a FEB. Não acho que tenha sido por

136 WAACK, *As duas faces da glória*: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos, p. 9.

137 *Ibid*., p. 130.

> má-fé. Ignorância de história militar é uma explicação mais razoável, como mostram as várias críticas feitas por McCann ao livro de Waack. Basta ver que os brasileiros começaram a guerra em um setor mais tranquilo da frente, para serem testados. Se tivessem falhado, teriam ficado ali o resto da guerra, como ficaram as tropas da pouca aguerrida 92ª Divisão de Infantaria americana, formada por negros que não tinham moral elevado para combater porque eram comandados por brancos, repetindo na guerra a segregação da qual eram vítimas em casa. Dali a FEB foi para a região central da frente, onde poderia ter causado graves problemas se fosse tão ruim como o livro de Waack parece querer demonstrar. Na ofensiva final e antes dela, a FEB lutou nessa região ao lado de divisões de primeira categoria, como a 10ª de Montanha, a 1ª Blindada ou a 88ª de Infantaria. Cumpriu as missões que lhe foram confiadas. Que mais pedir?[138]

O historiador Cesar Campiani Maximiano, por sua vez, faz a seguinte avaliação do livro de Waack:

> Ignorando a literatura da FEB, Waack presumiu que havia esqueletos no armário da campanha, com a premissa anacrônica de revelar aquilo que os próprios veteranos já admitiam. *As duas faces da glória* é o filho de uma falsa polêmica e seria injusto afirmar que o livro foi superado pelas pesquisas mais recentes, pois já era inconsistente nos anos 80. A documentação do destacamento americano é utilizada precariamente [...] Waack desconsiderou as dificuldades inerentes às operações multinacionais e, se tivesse estudado a cooperação entre os neófitos americanos e os britânicos no norte da África, encontraria idêntico teor nos relatórios [...] Waack desconhece questões elementares envolvendo a história da *Wehrmacht* [...] ele acatou os depoimentos de veteranos alemães, comprovadamente eivados de eufemismos sobre seu compromisso com o nazismo. A falta de familiaridade com a historiografia, a deficiência analítica no trato com a documentação e com as doutrinas de combate que balizam o livro ressaltam uma condição da história militar: o campo continua reservado aos especialistas.[139]

138 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, 1942-1945, p. 11-12.

139 MAXIMIANO, *Reedição de "As duas faces da glória" traz pesquisa falha de William Waack*.

O documentário *Rádio Auriverde*, do cineasta Sylvio Back, afigura-se igualmente como uma das obras emblemáticas desse período em que se procurou detratar deliberadamente a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial[140]. Considerado pelo jornalista e historiador Ricardo Bonalume Neto "meu candidato para o pior documentário de todos os tempos" e conhecido por muitos cinéfilos como "o filme mais odiado da história", o filme mescla, de foma *nonsense*, transmissões da Rádio Auriverde, que transmitia contrapropaganda nazista para as tropas brasileiras, em português, ao lado de imagens da propaganda norte-americana, que seria propositadamente farsesca, sobre a empreitada militar brasileira.

Por sua vez, Back sempre defendeu a obra e afirmou ter tentado mostrar um pracinha "humanizado, em carne e osso", além de criticar mitos intocáveis de corporações como a militar. Em 2010, quando a TV Brasil exibiu novamente o filme que tanta celeuma havia provocado vinte anos antes (com ameaças, na época, de protestos por parte dos ex-combatentes em suas exibições), o crítico de cinema Ely Azeredo escreveu: "Privilégio inglório: em nenhum lugar do mundo foi exibido para o grande público filme veiculando a voz do *Reich* nazista sobre a participação dos brasileiros na segunda guerra mundial"[141].

Em artigo intitulado "Uma velha história revisitada", publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 6 de agosto de 1992, o professor emérito de literatura russa, tradutor e ex-pracinha Boris Schnaiderman comenta o filme, o qual "certamente não gostaria de rever":

> O filme de Sylvio Back, *Rádio Auriverde*, precipitou uma discussão sobre a atuação da FEB na Itália, o que dá margem a que se recorra à memória e se traga um pouco de vida à narração dos fatos, conforme registrados nos documentos. Como já tive ocasião de declarar à Folha, "é justo voltar-se contra a glorificação pura e simples da FEB, mas aqui a verdade histórica foi também distorcida no sentido oposto

140 RÁDIO AURIVERDE, 1991.

141 Disponível em: <https://carmattos.com/2010/05/04/o-filme-mais-odiado-da-historia/>. Acesso em: 18 out. 2016.

> ao da história oficial". Realmente, no afã de se contrapor a uma visão triunfalista, o diretor se empenhou em diminuir o alcance da participação brasileira. Teria sido ela tão secundária, como se insiste em dizer no filme? Evidentemente, não se vai comparar a importância da Frente Italiana à das ações que se desenrolavam na mesma época no Leste Europeu. Mas as empreendidas pelo Brasil tiveram a sua importância, o seu alcance. Monte Castelo era uma posição estratégica nos Apeninos, na passagem para o vale do Pó, e a sua posse permitia controlar os movimentos pela estrada 64. Mais ainda, quando os brasileiros se responsabilizaram pelo setor, já tinham ocorrido ali dois ataques fracassados pelos norte-americanos. Se a tomada do monte foi facilitada pela conquista do Belvedere pela 10ª divisão de montanha, do exército americano, nem por isso a ação brasileira deixou de ter sua importância para a vitória final.[142]

Os anos 90 vão trazer um período, que se estende até hoje, de maior ponderação nos trabalhos sobre a FEB, nos quais são reconhecidos tanto suas falhas como seus méritos. A começar pelo especialista norte-americano Frank McCann, que já tratava a FEB com precisão analítica desde o final dos anos 70, surgiram jovens historiadores, como Ricardo Bonalume Neto, Vágner Camilo Alves, Francisco Cesar Alves Ferraz e Cesar Campiani Maximiano, que passaram a publicar trabalhos mais bem documentados e desprovidos tanto de arroubos ufanistas como de um viés revanchista.

São trabalhos analíticos que mostram que o desempenho da FEB pode ser comparado ao das melhores unidades aliadas envolvidas na frente italiana. Para citar outra indicação, mais abalizada, de Alves Ferraz, doutor em História pela USP e professor da UEL, o golpe militar de 1964 é injusta e frequentemente ligado ao nome da FEB:

> [...] quando voltaram [da luta contra o totalitarismo], derrubaram sua versão nacional, o Estado Novo. Em 1964, davam continuidade à sua luta, agora contra o populismo de João Goulart [...] mas essa era apenas uma parcela reduzida de oficiais militares, muitos já

142 SCHNAIDERMAN, *Uma velha história revisitada*, p. 3.

> envolvidos politicamente antes da guerra. A maioria esmagadora dos brasileiros que lutaram na Europa não participou dessas articulações, e não obteve quase nenhum benefício de sua condição de Veterano de guerra. Muito pelo contrário, aqueles milhares de homens que realmente participaram da luta tiveram como principal recompensa o esquecimento.[143]

Para o historiador Francisco Doratioto, professor da Universidade de Brasília e do Instituto Rio Branco, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, mesmo que de caráter simbólico do ponto de vista militar, deve ser reconhecida por guardar relação direta com a construção de uma nova ordem mundial democrática, sob uma ótica diferente daquela que privilegia a política de troca que teria sido empreendida pelo governo brasileiro para integrar o esforço de guerra:

> Nossa participação militar, ainda que simbólica, e política na Segunda Guerra Mundial coloca o Brasil como parte da construção de uma nova ordem mundial, na qual a democracia e os direitos humanos são pilares básicos. Com a FEB e o alinhamento político ao lado dos aliados, o Brasil apresentou-se, mais uma vez (sim, pois o país esteve na SDN), como parceiro na construção de soluções multilaterais para os problemas internacionais [...] a opção pelo lado aliado significou a rejeição ao totalitarismo, ao militarismo, à xenofobia e ao racismo. Certamente o Brasil tinha essas características com a ditadura do Estado Novo, mas, ao mesmo tempo, setor significativo da sociedade brasileira não estava de acordo com elas, haja vista as mobilizações no Rio de Janeiro e em outras cidades em favor dos Aliados, instrumentalizadas por Oswaldo Aranha. Seria interessante dar destaque a esse aspecto, em lugar da tradicional ênfase na "barganha", de que ao se colocar do lado dos Aliados o Brasil industrializou-se, etc... É mais do que isto.[144]

O fato é que a visão historiográfica contemporânea geral sobre o legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial vai ao encontro das mesmas linhas seguidas, no Brasil, pelos trabalhos mais

143 FERRAZ, *A guerra que não acabou* – a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000), p. 68.

144 Entrevista em: 31/10/2016.

atuais sobre a FEB. Em artigo intitulado "Pela ótica dos adversários", publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 2001, o jovem historiador Cesar Campiani Maximiano dá conta de dois interessantes livros, publicados naquele ano, que trazem visões de militares alemães e italianos sobre a FEB.

No primeiro livro, *Bomber, Jabos, Partisanen Die 232 – Infanterie-Division 1944-45 in Italien*, o ex-combatente alemão Heirinch Boucsein dedica a maior parte dos capítulos à 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária da FEB e à 10ª Divisão de Montanha norte-americana. Um dos capítulos, *Die Brasilianer und der Monte Castello*, traz as memórias do veterano sobre a luta contra os brasileiros e suas primeiras derrotas até a tomada do simbólico elevado do Monte Castello. Como em tantos outros livros, descreve também as dificuldades da luta naquele que foi um inclemente inverno nos Apeninos italianos.

O segundo livro, *La Guerra Sulla Linea Gotica Ocidentale*, de autoria do italiano Cesare Fiaschi, veterano da Divisão Alpina Monterosa, recorda os combates contra os brasileiros, no início da campanha da FEB na Itália, em outubro de 1944. Apesar de achar que os brasileiros combateram tão somente em função dos interesses dos EUA, Fiaschi reconhece a tenacidade dos pracinhas, chama-os de "oponentes honrados" e faz questão de lembrar que, na rendição de sua divisão às tropas da FEB em abril de 1945, os brasileiros lhes prestaram honras militares e impediram seu sumário fuzilamento pelos *partigiani*. Cesar Campiani Maximiano conclui que a importância desses depoimentos de soldados adversários reside no fato de eles desfazerem vários mitos a respeito da FEB:

> Ao contrário da grandiloquência com que o episódio costuma ser descrito em cerimônias e textos militares, e do extremo oposto derrogatório oferecido por William Waack em *As Duas Faces da Glória* e pelo vexaminoso filme de Silvio Back, *A Rádio Auriverde*, as obras de Boucsein e Fiaschi ajudam a provar que independente de sua importância no contexto do planejamento das operações militares em grande escala, todas experiências de guerra marcaram indelevelmente

> as memórias daqueles que combateram. A participação brasileira foi depreciada pelo fato de os brasileiros não terem combatido num teatro de operações de relevância estratégica, sem levar em consideração que as condições que os soldados enfrentavam eram idênticas em quaisquer das frentes de batalha da Europa, embora entre os Veteranos exista o consenso de que a Itália foi um dos campos de batalha que mais dificuldade apresentou. Documentos do Serviço Médico Americano revelam que a taxa de brasileiros baixados por doenças e problemas dentários era equivalente à média das divisões americanas. O número de brasileiros baixados por doenças foi utilizado como argumento para atestar a inaptidão da FEB, mas tanto brasileiros, americanos e alemães foram hospitalizados aos milhares durante o inverno de 1944.[145]

No contexto das celebrações dos 70 anos da chegada da FEB à Itália, em 2014, foi lançada, na embaixada do Brasil em Roma, a edição italiana do livro *A campanha da Força Expedicionária Brasileira pela libertação da Itália*, de Durval de Noronha Goyos Jr., com a presença de diplomatas da chancelaria italiana e, sobretudo, do subsecretário de Estado Mario Giro. Tal fato pode ser interpretado, como se vê na própria produção historiográfica italiana sobre a FEB, que o legado deixado pelos brasileiros não constitui tema sensível para as autoridades centrais italianas. Cumpre salientar que, no caso das autoridades regionais, esse tipo de cerimônia é invariavelmente feito de forma calorosa[146]. No ano seguinte, ao receber, na embaixada, a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, o subsecretário da Farnesina, o Ministério das Relações Exteriores da Itália, voltou a se referir ao legado da FEB. Mario Giro mencionou a abertura brasileira à imigração italiana e deu destaque à contribuição da FEB para a libertação da Itália do nazifascismo. Concluiu que os dois países compartilham valores "basilares" no plano internacional, que se refletem na defesa dos direitos humanos e na promoção da paz[147].

145 MAXIMIANO, *Pela ótica dos adversários*.

146 Telegrama n. 1.064, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 17/10/2014.

147 Telegrama n. 1.052, ostensivo, embaixada em Roma, 30/10/2015.

É interessante notar que, de acordo com os depoimentos colhidos para o presente trabalho, tampouco parece haver resistência por parte das Forças Armadas italianas em tratar da participação das tropas brasileiras na libertação de seu país. O general Hélio Chagas de Macedo Júnior, que desempenhou a função de adido do Exército junto à embaixada do Brasil em Roma, entre 1999 e 2001, disse não ter encontrado, durante os contatos com seus homólogos, qualquer dificuldade relacionada à memória dos combates da FEB em solo italiano e lembrou a constante participação de militares brasileiros no Curso de Altos Estudos de Defesa, promovido pelo Ministério da Defesa da Itália.

O general Chagas de Macedo Júnior fez questão de lembrar que, por instrução expressa do embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, a adidância do Exército, com a utilização de material cedido pelo historiador italiano Giovanni Sulla, organizou a primeira exposição sobre a FEB na embaixada do Brasil em Roma, por ocasião do Dia da Vitória, no ano de 2001[148].

Em entrevista, o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, cujo sogro foi médico da FEB no *front* italiano, mencionou que a concepção da exposição partiu justamente da necessidade de se divulgar, de forma mais abrangente, o esforço feito pelo Brasil para combater o nazifascismo na Europa. Flecha de Lima ressaltou que a exposição obteve grande êxito de público e fez questão de exaltar a contribuição dada por Giovani Sulla para sua montagem.

Para o ex-secretário-geral do Itamaraty (1985-1990) e ex-embaixador do Brasil na Itália (1999-2001), a história e o legado da FEB lembram que o Brasil não pode ocupar um papel marginal nas grandes questões internacionais. Portanto, a incorporação do papel da FEB ao discurso diplomático brasileiro deveria ser feita como demonstração constante de que a contribuição dada pelo país na

148 Entrevista em: 01/11/2016.

Segunda Guerra Mundial teve real importância – ao fazê-lo, o Itamaraty prestaria, a seu ver, "um serviço ao Brasil"[149].

Por sua vez, o adido do Exército em Roma, coronel Hamilton Teixeira Camilo, repetiu, em 2016, não ver qualquer mal-estar, no que diz respeito à memória da FEB, entre as Forças dos dois países. Ao contrário, recorda o militar brasileiro que a brigada Folgore de paraquedistas, do Batalhão de Infantaria de Pistoia, bem como os Carabinieri, do Ministério da Defesa, se oferecem anualmente para fornecer material logístico e auxiliar na montagem da estrutura para a cerimônia de 2 de novembro no MVMBP[150]. Com efeito, o coronel Mariano Bianchi, da mencionada Folgore, asseverou ser necessária a manutenção da memória da colaboração militar brasileira no *front* italiano: "é necessário saber da colaboração brasileira para que não se corra o risco de perder [esse registro] dentro das Forças Armadas italianas"[151].

3.3.1 Os depoimentos e entrevistas com os pracinhas

É possível encontrar, se qualquer pesquisador se der ao trabalho de buscar a fundo e garimpar livros e publicações que muitas vezes foram tiradas como edições do autor, dezenas de depoimentos de ex-combatentes da FEB. Estima-se em mais de 300 os livros publicados sobre a FEB, que vão de relatos de seus oficiais superiores, a começar pelo do marechal Mascarenhas de Moraes (*A FEB pelo seu comandante*, citado no capítulo anterior, e suas *Memórias*[152]), e reuniões de histórias da guerra feitas por expedicionários a estudos acadêmicos sobre o legado da tropa brasileira.

Para os objetivos deste trabalho, decidiu-se por fazer menção àqueles que os pesquisadores sobre a FEB consideram os mais relevantes, sem prejuízo da importância e da emoção que relatos mais simples e

149 Entrevista em: 22/11/2016.

150 Entrevista em: 01/11/2016.

151 Entrevista em: 02/11/2016.

152 MASCARENHAS DE MORAES, *Memórias*.

menos técnicos de um soldado que esteve na guerra podem trazer a qualquer leitor.

O primeiro livro que cabe citar é o famoso *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*, publicado pela primeira vez em 1949. Frank McCann e Ricardo Bonalume Neto – que se pergunta sobre como as autoridades militares permitiram a publicação, logo depois da guerra, de depoimentos tão contundentes e honestos – consideram a polêmica obra "um dos livros mais úteis sobre a FEB"[153].

Publicado em 1960, o livro *Heróis esquecidos*, de Paulo Vidal, reúne artigos publicados em jornais pelo mensageiro da 1ª DIE. Em uma época em que pouco se havia editado sobre a FEB, o livro merece destaque por registrar, pela primeira vez, a reação dos ex-combatentes face à indiferença para com os pracinhas no Brasil. No prefácio do livro, Vidal, que visitava regularmente os ex-companheiros na Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas (CRIFA)[154], é enfático:

> Aos meus antigos camaradas que jazem em Pistóia ou aos milhares de mutilados e doentes que perambulam pelos quatro cantos do território brasileiro, desamparados do Poder Público, o meu mais profundo respeito.[155]

Os livros do operador de rádio, do Pelotão de Transmissões do Regimento Sampaio, Joaquim Xavier da Silveira, constituem obras presentes em qualquer estudo sobre a FEB. Interessa notar a diferença de natureza das duas obras, *Cruzes Brancas – Diário de um Pracinha*, de 1947; e *A FEB por um soldado*, de 1989. Na primeira, o jovem ex-combatente descreve com muita franqueza o cotidiano do *front* e revela sentimentos que passariam do espanto à quase indiferença provocados pela brutalidade do conflito. É um livro confessional, sem pretensões e contado de forma direta, muitas vezes sem rodeios, temor

153 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, 1942-1945, p. 17.

154 A CRIFA foi criada em 1945 e dissolvida pelo Presidente Ernesto Geisel, após uma visita surpresa ao local, onde constatatou as más condições de funcionamento, em 1975.

155 VIDAL, *Heróis esquecidos*, p. 17.

hierárquico ou pudor. O segundo livro, publicado mais de 40 anos depois, revela um ex-pracinha "hoje amadurecido e talentoso advogado", como escreve o ex-febiano general Carlos de Meira Mattos em seu prefácio. A obra é mais completa e traz nitidamente maior preocupação em contextualizar e explicar, com detalhes, a campanha da FEB na Itália.

De fundamental importância é o livro, organizado por Aspásia Camargo e Walder de Goés, com o depoimento ao CPDOC-FGV do marechal Osvaldo Cordeiro de Farias, um dos participantes da FEB que veio da Coluna Prestes e da geração dos tenentes de 22, 24 e 30 e que, após o golpe militar de 1964, sobretudo, com a tomada de poder por Costa e Silva e seu grupo, disse ter sofrido "sua última decepção política". O militar foi para a Itália como jovem general e organizou e comandou a Artilharia Divisionária da FEB. Ao regressar, e após a queda de Getúlio Vargas, foi nomeado adido militar na embaixada do Brasil em Buenos Aires.

Nas 87 páginas de seu depoimento dedicadas à FEB, Cordeiro de Farias expõe, com riqueza de detalhes, questões pouco discutidas nos livros sobre a Força brasileira, como é o caso dos grupos políticos formados dentro da FEB, durante a guerra, e dos desentendimentos e disputas entre aqueles oficiais. Interessa, para os fins deste trabalho, reproduzir trecho da entrevista em que Cordeiro de Farias menciona sua impressão sobre o legado da FEB:

> Há outro aspecto que enaltece a participação brasileira e que revela nossa capacidade de adaptação. Nossos soldados conviveram muito bem com a população faminta do interior italiano. Eram generosos, distribuíam inclusive parte de sua comida, e fizeram lá muitos amigos. Nossa origem latina aproximou os brasileiros dos italianos, que tinham muito de semelhante conosco. Ainda hoje somos lembrados nas áreas por onde passou a FEB.[156]

156 CAMARGO; GÓES (org.), *Meio século de combate*: diálogo com Cordeiro de Farias, p. 315.

Nesse sentido, retomando a questão das disputas políticas dentro da FEB, é obrigatória a leitura do livro *A verdade sobre a FEB – memórias de um chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália*, de 1968, do marechal Floriano de Lima Brayner. A obra descreve com detalhes as operações de campanha, mas, na opinião da grande maioria dos estudiosos, não deixa de apresentar um viés pelas críticas de Brayner às decisões tomadas por alguns oficiais da FEB, principalmente dirigidas a seu desafeto, o tenente-coronel e futuro presidente Humberto de Alencar Castelo Branco.

O livro *Crônicas da guerra – a Força Expedicionária Brasileira na Itália*, de Cássio Abranches Viotti, coleta histórias dos pracinhas brasileiros na campanha italiana. Viotti ofereceu-se como voluntário para lutar na guerra, para onde embarcou no primeiro escalão e de onde só retornou no último. Integrou o 11º Regimento de Infantaria de São João del-Rei[157]. Na crônica "A Primeira Missa", Viotti relata, com singular talento literário, a cerimônia religiosa inaugural da FEB:

> No domingo após nosso desembarque, foi rezada uma missa no acampamento. No local, uma clareira, não cabia toda a tropa. Boa parte ficou à beira do mato, em condições de participar. Foi um espetáculo belíssimo, emocionante, singular. Único em nossa história. Pela primeira vez uma tropa brasileira desembarcara na Europa para participar de uma guerra. Estavam todos sérios, comovidos, compenetrados. Aquela missa tinha uma similitude extraordinária com a primeira missa rezada no Brasil pelos portugueses, com os índios curiosos, assistindo a tudo, trepados nas árvores. Havia em nosso meio alguns índios, mas fardados, pertencentes ao Batalhão de Engenharia que viera de Aquidauana, no Mato Grosso.[158]

Em 2005, o historiador Cesar Campiani Maximiano redigiu, com base nos depoimentos e anotações do expedicionário, o livro *Irmãos de*

157 O Google Arts and Culture organizou a exposição virtual *War and Ethnicity – Soldiers of Italian Origin in the Allied Armies*, para a qual solicitou à família imagem do veterano Cássio Abranches Viotti. A exposição encontra-se disponível em: <https://www.google.com/culturalinstitute/beta/exhibit/pgJimskv1fTeLA?hl=en>. A informação foi prestada pelo Sr. Eduardo Viotti, filho do combatente brasileiro, em entrevista concedida em 18/10/2016.

158 VIOTTI, *Crônicas de guerra* – A Força Expedicionária Brasileira na Itália, p. 64.

armas: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial, com as experiências do tenente José Gonçalves, que comandou um pelotão do 6º Regimento de Infantaria e recebeu a Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe ainda na Itália[159].

Publicado pelo ex-pracinha general Ruy Leal Campello, o livro *Um capitão de Infantaria da FEB* descreve a atuação do capitão Valdir Moreira Sampaio, comandante da 5ª Companhia do 2º Batalhão do Regimento Sampaio, que recebeu a *Bronze Star Medal* dos EUA por sua atuação na tomada do Monte Castello, no dia 21 de fevereiro de 1945[160].

Os exemplos acima dão ideia da vasta quantidade de depoimentos de ex-combatentes sobre a FEB. Com a possibilidade de estar deixando injustamente fora da lista dezenas deles (a maioria dos quais se encontra na bibliografia deste trabalho), vale a pena citar mais alguns dos relatos sobre o cotidiano dos soldados brasileiros na campanha italiana: *Xavantes na Itália – crônicas de pracinhas da FEB*, do general Mário Fernandes; o livro do jovem historiador Pedro Ferrari, *Entreato – o cotidiano de um praça brasileiro na Segunda Guerra Mundial*, elaborado com base nos diários do avô, José Gonçalves Gomes Filho; *Fragmentos de História*, do expedicionário Leonel Junqueira; a tese de mestrado da PUC-SP, editada em livro, *"Zé Carioca" vai à guerra – histórias e memórias sobre a FEB*, do historiador Alfredo Oscar Salun, com diversas entrevistas de ex-combatentes; *Com um pelotão na FEB – roteiro evocativo*, de Joaquim Urias de Carvalho Alencar; *Eu fui capelão da FEB*, escrito pelo padre Brito; *Notas de um expedicionário m*édico, de Alípio Corrêa Neto; *Anotações do "front" italiano*, de Ferdinando Piske; *Terceiro Batalhão – O Lapa Azul*, de Agostinho José Rodrigues; e *Fontes para a história da FEB*, do major Francisco Ruas Santos.

Os registros audiovisuais sobre a FEB trazem igualmente relevantes depoimentos de ex-combatentes, na maioria das vezes marcados pela sinceridade e pela emoção. No documentário italiano *Fuoco sulla*

159 GONÇALVES; MAXIMIANO, *Irmãos de armas*: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial.

160 CAMPELLO, *Um capitão de Infantaria da FEB*.

Montagna, do diretor Marco Managlia, a major Elza Cansanção destaca que uma das maiores dificuldades às quais os soldados brasileiros tiveram de se adaptar dizia justamente respeito ao terreno montanhoso dos Apeninos. Para ela, a prova de adaptação constituiu verdadeiro desafio levando-se em conta que os militares brasileiros não tinham qualquer experiência nesse tipo de terreno, pouco comum na geografia brasileira[161].

No documentário *A cobra fumou*, há momentos particularmente tocantes de depoimentos de ex-combatentes. O veterano Manoel Ramos de Oliveira diz claramente: "não gosto de contar porque vi tanta miséria e tanta desgraça. Não me sinto feliz por tanta infelicidade que vi." Relata ele que, em um dia de dispensa, se dirigiu a uma pequena localidade, onde uma família lhe ofereceu que mantivesse relações com uma das mulheres da casa, cujo marido se encontrava acamado. Oliveira diz que esvaziou os bolsos e entregou tudo o que tinha àquela família e conta: "ali eu morri".

Em outro trecho do documentário, o diretor Vinicius Reis consegue reunir um grupo de veteranos no conjunto habitacional de Benfica, na Zona Norte do Rio de Janeiro, construído para abrigar os ex-combatentes em 1957, por ordem do presidente Juscelino Kubitschek, depois de haver visitado, em janeiro de 1956, o Cemitério de Pistoia.

Um dos pracinhas diz com franqueza: "não gosto de falar porque me emociona muito". E outro veterano se aproxima com um quadro, onde se veem dois soldados, e diz que um deles era seu irmão, que foi para a guerra como voluntário, e o outro, ele próprio, que havia sido convocado. Conta que o encontrou em Livorno e que "depois ele sumiu", retirando-se em lágrimas e com a cabeça entre as mãos[162].

O premiado filme *Senta a Pua!*, de 1999, conseguiu recolher depoimentos de vários pilotos e militares do 1º Grupo de Caça. Vale destacar, incialmente, o registro feito pelo major John Williams Buyers,

161 *FUOCO SULLA MONTAGNA, LA LINEA GÓTICA FRA IL RENO E IL PANARO*, 2002.

162 A COBRA FUMOU, 2002.

da *U.S. Air Force*, que participou do treinamento dos brasileiros nos EUA e no Panamá. Buyers faz questão de destacar a importância da disciplina imposta, nas instruções em Aguadulce, pelo coronel Gabriel P. Disosway, chefe de instrução do grupo. O brigadeiro Rui Moreira Lima revela que ele dizia "os senhores estão treinando para combate! Eu não quero nenhum brasileiro morto!".

Buyers também conta que o capitão Ariel Nielsen, comandante do *350th Fighter Group*, ao qual o 1º Grupo de Caça foi incorporado, teria dito que não havia pedido pelos sul-americanos, ao que ele respondeu "o senhor terá um dia muito orgulho de ter esse grupo sob seu comando". Para Buyers, "o 1º GC começou com o pé esquerdo [pelos acidentes no início da campanha], mas depois foi se desenvolvendo e se destacando".

O filme é repleto de casos impressionantes: o brigadeiro Joel Miranda descreve, emocionado, como foi abatido e resgatado pelos *partigiani* italianos, que usavam crianças para inicialmente reconhecer se um soldado era aliado. Relata a história do segundo-tenente Danilo Rocha, que, abatido, caminhou sozinho por quase um mês, muitas vezes passando pelas tropas alemãs, até regressar, para surpresa geral, à base de Pisa.

E revela histórias como a do brigadeiro Othon Corrêa Netto, feito prisioneiro pelos alemães e levado para o campo de concentração de Nuremberg, onde encontrou o também prisioneiro primeiro-tenente aviador Josino Maia de Assis, e, em seguida, para o Stalag Luft VIIA, em Moosburg, onde foi liberado pelas tropas do general Patton em 29 de abril de 1945. Ou, ainda, que o médico dos pilotos do "Senta a Pua!" era o Dr. Lutero Vargas, filho do presidente Getúlio Vargas, enviado para a campanha na Itália[163].

O documentário *O Lapa Azul*, produzido em 2007, conta a história do 3º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria de São João del-Rei, com muitos integrantes de Juiz de Fora (MG). Particularmente tocante é a

163 SENTA A PUA, 1999.

entrevista de Firmo G. de Carvalho, que atuou como "esclarecedor", o soldado que se dirigia sozinho, inicialmente, para checar as condições de determinado objetivo: "no Sete de Setembro a associação promove nosso desfile. Ouvi diversos deboches do público, na Avenida Rio Branco, um sujeito dizendo 'olha esses bobos aí'. Mas doeu um bocado!"[164]

É interessante, ademais, mencionar o documentário italiano *Il Filo Brasiliano*, de 2004, da diretora Marilia Cioni, que contém depoimentos não apenas de ex-pracinhas, mas de cidadãos italianos que conviveram, em sua maioria na infância, com as tropas brasileiras. Os italianos relatam a maneira humana e cordial com que eram atendidos pelos soldados. É curioso anotar que o título do documentário se refere aos milhares de quilômetros de fios de cobre deixados pelos brasileiros em Gaggio Montano, os quais foram utilizados, depois da guerra, para a reconstrução das redes elétrica e telefônica da cidade[165].

3.3.1.1 Os depoimentos e entrevistas com diplomatas filhos de ex-pracinhas

Dado que este trabalho constitui exercício institucional interno destinado, inicialmente, ao Itamaraty, faz-se mister destacar que alguns diplomatas têm fortes vínculos familiares com a FEB.

O embaixador Marco Antônio Diniz Brandão é filho do terceiro-sargento Wanderley Gomes Brandão, do 11º Regimento de Infantaria de São João del-Rei. Para ele, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a atuação da FEB são fatos singularmente pouco conhecidos de nossa história, no Brasil, e também, em geral, em outros países. Relatou o diplomata não terem sido poucas as vezes em que teria causado estranheza a colegas estrangeiros, mesmo os de base cultural ampla, americanos, britânicos ou italianos, ao dizer que o Brasil havia participado efetivamente das duas guerras mundiais do século XX

164 O LAPA AZUL, 2007.

165 IL FILO BRASILIANO, 2004.

e que uma divisão brasileira se havia distinguido nos campos de batalha da Itália, integrando as forças aliadas que ali lutaram. O embaixador Brandão conta que:

> Como filho de expedicionário, desde criança convivi com memórias de guerra. Não tanto memórias vivas de meu pai, sempre reticente em evocá-las, mas depoimentos de meus avós, tios e outros parentes, e lembranças físicas, como o uniforme paterno, condecorações e insígnias italianas e alemãs colhidas como troféus, um álbum de fotografias trazidas da Itália e as medalhas de guerra e da campanha a que fez jus. A isso acrescente-se a folha de serviços nunca mencionada por meu pai, mas que registra citações de seus comandantes a seus atos sempre além do mero cumprimento do dever e que configuram sereno testemunho de heroísmo.[166]

Motivado por esse quadro, o embaixador Marco Antônio Diniz Brandão relatou ter sempre sido de seu interesse, em seus anos de estudo e na vida adulta, o tema da FEB. Diz ter ficado dessas leituras a certeza de que a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi motor de importantes transformações no cenário político brasileiro e "a convicção de que teve papel crítico em nova inserção do Brasil no mundo"[167].

Segundo Brandão, as transformações da vida política, a redemocratização do país, as mudanças econômicas e a consolidação de nova consciência social e de cidadania que vieram na esteira do retorno da FEB ao Brasil são bem estudadas. No entanto, "tanto quanto eu saiba, porém, são muito pouco estudadas as consequências da participação brasileira na Segunda Guerra no que tange à adoção de novas fórmulas de política externa, à conformação de um Brasil mais atuante, mais aceito e significativamente mais importante na cena internacional". Pergunta ele: "teria o Brasil o mesmo peso no mundo se não tivesse

166 Entrevista em: 02/12/2016.

167 *Ibid*.

participado da Segunda Guerra e não tivesse enviado à Itália uma força expedicionária?"[168]

O embaixador Everton Vieira Vargas é filho do sargento João Domingos da Luz Vargas, que lutou no *front* italiano, e prestou o seguinte depoimento:

> Meu pai deixou-me sempre claro que fora para a Itália consciente do risco, mas, sobretudo, convicto de que se tratava de momento ímpar da sua carreira e que moldaria sua vida para sempre. Aos 23 anos, tinha toda a vida pela frente. Longe de casa (residia no Rio de Janeiro, e a família – mãe e irmãos – vivia no Rio Grande do Sul) não lhe ocorreu dúvida quanto ao dever que tinha como militar e para com o País. Meu pai sempre me contou sobre o horror da guerra, da solidão da trincheira. Mas também tinha reminiscências do contato com o povo italiano, com os quais os soldados brasileiros, ele inclusive, construíram um vínculo muito especial. Outro aspecto que sempre me deixou claro é que não nutria ódio ou rancor aos soldados alemães. A guerra não é um teatro, mas no teatro de guerra todos os atores têm um *script* semelhante. Meu pai serviu no I Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio – e era sargento. Participou de várias batalhas, mas as que mais lhe impressionaram foram Monte Castello e Montese. Ficou 9 meses na Itália. Jamais regressou ao país que ajudou a libertar.[169]

O ministro Fabio Vaz Pitaluga é filho de um dos nomes mais expressivos da FEB, o capitão, depois general, Plínio Pitaluga. O diplomata recordou, em entrevista, que seu pai foi inicialmente dispensado de integrar a DIE, tendo em conta ter recebido treinamento nos EUA, o qual deveria, segundo as autoridades militares de então, ser repassado aos militares que embarcariam para a Itália.

O então tenente Plínio Pitaluga teria ido pessoalmente ao ministro da Guerra e afirmado que, sendo ele favorável à entrada do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados, desde 1939, no início das hostilidades

168 Entrevista em: 02/12/2016.

169 Entrevista em: 21/11/2016.

alemãs na Europa, pediria baixa do Exército se não fosse enviado para participar do contingente brasileiro[170].

Para o diplomata, a característica mais marcante de seu pai foi justamente a incessante preocupação com os companheiros combatentes e com seus familiares após o conflito. O general Plínio Pitaluga presidiu a Associação de Ex-Combatentes do Brasil desde 1973, quando se reformou das Forças Armadas, tendo-se engajado em incessante atividade política para ver amparados os direitos dos ex-pracinhas. Segundo Fabio Pitaluga, não obstante a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã e da 91ª Divisão Bersaglieri italiana ter tido em seu pai o maior de seus protagonistas e ser estudada até hoje em academias militares como a de West Point, nos EUA, o militar brasileiro nunca se deixou impressionar por esse tipo de recordação. Fabio voltou a frisar que seu pai sempre teve como maior de suas preocupações a situação familiar de seus companheiros de luta, segundo lhe dizia, "pessoas que foram, sem pedir nada, lutar por um ideal que não tínhamos dentro de casa"[171].

Na ocasião do falecimento do general Plínio Pitaluga, em 2002, seu filho, que diz ter nele exemplo pessoal de dedicação ao Brasil, recorda que o veterano recebeu as mais altas honras militares, tendo sido velado no Comando Militar do Leste, com a presença do comandante do Exército. E lembra-se da frase que ouviu: "Pitaluga foi um dos grandes combatentes da FEB, que honrou o Brasil"[172]. O anexo V é composto por depoimento sobre a FEB e sobre o general Plínio Pitaluga, escrito pelo diplomata especialmente para esta obra.

3.3.1.2 Entrevistas com veteranos

A maioria dos pesquisadores que se defrontam com a tarefa de realizar trabalhos sobre a FEB encontra na realização de entrevistas

170 Entrevista em: 22/11/2016.

171 *Ibid.*

172 *Ibid.*

com os veteranos brasileiros um desafio. Muitos dos ex-pracinhas, além de estarem em idade avançada, não se sentem até hoje à vontade para relembrar a crua realidade vivida na guerra – ou, principalmente, o progressivo abandono material e moral a que foram sendo relegados, pelas autoridades e pela opinião pública brasileira.

Alguns, no entanto, decidiram conceder entrevistas para o presente trabalho, especialmente depois de se explicar que se tratava não de nova pesquisa sobre a história da FEB, mas, sobretudo da elaboração de um conjunto de propostas que poderão divulgar e inserir, na esfera institucional do Itamaraty e no discurso diplomático brasileiro, o legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. É desnecessário ressaltar quão emocionantes foram tais contatos.

Para o tenente-médico Carlos Bessa, do 1º Batalhão de Saúde da FEB, com 97 anos à época deste trabalho, "é justo que se procure registrar, de maneira verdadeira – basta que seja verdadeira para que seja honrosa –, e prolongar a história da FEB" para que ela chegue às gerações mais jovens de brasileiros[173].

Segundo o Dr. Bessa, a quem cabia o primeiro atendimento aos feridos trazidos pelos padioleiros na frente de batalha, seria importante destacar, em nível internacional, que "a participação do Brasil foi nobre e, ao contrário do que se diz, não foi pequena, pois tivemos metade do *front* italiano sob nossa atuação". Nesse caso, a atuação do Itamaraty a favor da preservação e da divulgação do legado da FEB seria "louvável porque poderia reavivar, em outros órgãos, como o Ministério da Educação, o interesse por realizar atividades didáticas e mostrar, de forma mais apropriada, a história da FEB nos livros escolares brasileiros"[174].

Para o veterano Ramiro Hey Cabral, a divulgação da FEB, seja no plano internacional, seja no interno, com a participação do Itamaraty, constituiria iniciativa de importante registro histórico. Para Cabral, de

173 Entrevista em: 23/11/2016.

174 *Ibid*.

93 anos, "quase ninguém mais fala, todo mundo está se esquecendo de que a FEB esteve na Itália e que lutamos contra o nazismo"[175].

A entrevista feita com o tenente Hugo Alves Correa, de 95 anos, trouxe detalhes interessantes sobre a visão dos expedicionários a respeito de sua campanha. Cadete da turma de aspirantes a oficial, da Escola Militar do Realengo, foi um dos dez voluntários de sua turma a embarcar para a Itália, poucos dias depois da formatura, realizada em 4 de novembro de 1944[176].

O tenente Alves Correa, autor do livro *Um pelotão de Infantaria em combate*, publicado em edição própria, foi incorporado ao 6º Regimento de Infantaria, o qual, segundo ele, "foi o que mais participou em ações de combate na Itália sem que isso tenha sido devidamente registrado". Comandou o 2º Pelotão da II Companhia daquele Regimento e recebeu a Cruz de Combate de II Classe, com a seguinte citação:

> No dia 28 de abril de 1945 durante a posse de Caiamo, foi o seu pelotão que mais se aproximou daquela localidade e graças aos preciosos fogos de suas armas automáticas, puderam outros nossos elementos conquistar a referida localidade. O tenente Hugo é um oficial jovem, bravo e tem revelado grande ardor combativo.[177]

Para o veterano Alves Correa, seria importante que o governo brasileiro pudesse empenhar-se na preservação dos monumentos existentes na Itália, em especial os de Pistoia, Montese e Gaggio Montano, "que era a cidade para onde íamos descansar das atividades no *front*". Nesse caso, ele se lembra da aproximação com a população local: "somos parecidos, brasileiros e italianos, e por isso houve camaradagem. Tanto foi assim que nos locais onde as tropas passaram e permaneceram mais tempo são feitas comemorações até hoje". Interessa notar que, para o tenente Hugo Alves Correa, a FEB constituiu uma oportunidade nova para ter contato "com outros povos que combateram conosco, como os

175 Entrevista em: 24/11/2016.

176 *Ibid.*

177 ALVES CORREA, *Um pelotão de Infantaria em combate*.

sul-africanos e até mesmo os norte-americanos, a quem a FEB ficou subordinada no V Exército"[178].

Alves Correa também mencionou que o momento que mais o emocionou foi o da rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, nas cercanias de Fornovo di Taro, da qual participou diretamente: "os alemães se entregaram de forma militar, fizeram uma parada, com as ambulâncias na frente, depois banda de música e, depois, o desfile de bandeiras. Para você ver como eram"[179].

Para o veterano Antônio de Pádua Inham, que embarcou para a Itália como soldado da 9ª Companhia do 3º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, e que foi depois promovido a tenente, é marcante a indiferença com que a FEB é tratada no Brasil em comparação com a lembrança e o carinho que a população italiana dos Apeninos demonstra até hoje pelas tropas brasileiras. Com 92 anos quando entrevistado e falecido em setembro de 2019, "Toninho", como era conhecido pela comunidade febiana, presidiu por quase trinta anos a Associação de Veteranos de Juiz de Fora. Para ele, que participou do ataque de 29-30 de novembro de 1944 a Monte Castello e foi ferido depois da libertação de Montese, seria importante a realização de exposições sobre a FEB: "ao contrário da Itália, onde há dezenas, Brasília não tem nenhum monumento em homenagem à FEB!"[180]

José Cândido da Silva, natural de Alagoas, de 93 anos, que relatou ter emigrado para o Rio de Janeiro aos 18 anos, em 1941, "sentando praça na infantaria, que chamamos 'pé-de-poeira', porque é quem faz contato direto com o inimigo", foi incorporado ao Regimento Sampaio no embarque para a Itália. Assevera o veterano que, do convívio com outros companheiros, percebe um ressentimento pelo fato de as autoridades brasileiras não divulgarem mais "o nosso heroísmo porque posso dizer, com orgulho e verdade, que não esperávamos nos sair bem porque não

178 ALVES CORREA, *Um pelotão de Infantaria em combate.*

179 Entrevista em: 24/11/2016.

180 Entrevista em: 28/11/2016.

tínhamos a instrução ou os equipamentos que os alemães tinham". Ainda vai a colégios ministrar palestras sobre a FEB e diz "ficar triste porque a imprensa brasileira não fala nem no Dia da Vitória, 8 de maio, sobre a participação do Brasil"[181].

José Cândido da Silva participou do custoso ataque frustrado ao Monte Castello de 12 de dezembro de 1944 e atribui a Deus não ter perecido, como muitos de seus companheiros de *front*, o que lhe causou grande impacto. Tomou parte da libertação de Montese, na qual, dos dois sargentos que comandavam seu grupo, um foi abatido e o outro ferido: "o medo estava dentro de mim. [Mas] sinto um grande orgulho do trabalho que fiz"[182].

O coronel Amerino Raposo Filho foi para Itália como tenente da 2ª Bateria de Obuses do 3º Grupo 105, de Barueri (SP). O veterano comparece anualmente à celebração, feita no final do mês de abril, que comemora o último tiro dado pela Artilharia da FEB – por ele executado na Itália e repetido nas solenidades no Brasil – antes da rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã e da Divisão Bersaglieri italiana. Por ter sido a única unidade de artilharia do estado de São Paulo a participar da campanha, o agrupamento recebeu, em 1946, a designação histórica de Grupo Bandeirante. Em entrevista, o coronel Amerino Raposo Filho diz ter doado todas as suas 28 condecorações ao Museu da FEB instalado no 20º Grupo de Artilharia de Campanha Leve (GACL), do Exército Brasileiro, naquela cidade paulista[183].

A entrevista com o veterano, único oficial brasileiro a realizar, durante a guerra, o curso de esquiador alpinista, traz revelações sinceras sobre algumas das batalhas da FEB. Para Amerino Raposo, é necessário reforçar, em primeiro lugar, que a Divisão Expedicionária Brasileira entrou em combate em setembro de 1944 e assim prosseguiu

181 Entrevista em: 28/11/2016.

182 *Ibid.*

183 *Ibid.*

ininterruptamente – ao contrário das demais divisões, que tinham períodos de descanso entre suas missões – até abril de 1945[184].

O coronel considera "criminosas" as ordens do general Mark W. Clark, que, como é amplamente informado nos livros de história militar, perseguia com afinco o objetivo de "[chegar a] Bolonha antes do Natal", para que as tropas brasileiras realizassem os primeiros ataques frustrados ao Monte Castello, com grande perda de vidas: "sabíamos, e os oficiais brasileiros avisaram a Mark Clark, inclusive o general Mascarenhas de Moraes, que a tomada do Castello só seria possível com a do Belvedere pela 10ª de Montanha, como aconteceu". E relata que "nós depois avançamos e conquistamos La Rossa e Castelnuovo, que eram objetivos da 10ª, formada por uns jovens alpinistas das Montanhas Rochosas"[185].

O coronel Amerino Raposo Filho recorda-se detalhadamente da crueza do ataque a Montese, e que a sua bateria foi designada para se deslocar de Bibiana até Collechio, em 28 de abril de 1945. Elogia o capitão Ernani Ayrosa, cujo jipe foi destruído ao passar sobre uma mina, o que causou a morte de um dos pracinhas que o acompanhavam e fez com que Ayrosa fosse atirado a dezenas de metros: "ficamos sem oficial, sendo alvejados por traçantes, chovia muito, muita lama. Disse não ter material para calcular o tiro e recebi a ordem 'faça o que for possível'". Calculou um raio e começou os disparos[186].

Depois da meia-noite, relatou, os alemães e os italianos se renderam com três condições "do general Otto Fretter-Pico: que os mais de 900 feridos recebessem cuidados; que os soldados italianos fossem protegidos dos *partigiani*; e que as tropas se deslocassem com seus próprios meios", o que foi acordado pelas tropas brasileiras. Conta ter ouvido, muitos anos depois, em Munique, o seguinte comentário de

184 Entrevista em: 28/11/2016.

185 *Ibid*.

186 *Ibid*.

um alemão: "o dia 30 de abril deveria ser feriado no Brasil pela rendição da 148º Divisão alemã"[187].

Na conclusão da entrevista, o coronel Raposo Filho novamente mostrou grande sinceridade: "se nós pudéssemos divulgar, é doloroso dizer isso, a maioria dos brasileiros não se lembra da FEB, à exceção de Barueri (SP) e Caçapava (SP). Nós fomos proibidos por quatro anos de comemorar qualquer coisa da FEB", o que diz ele ter sido revertido pelo general Zenóbio da Costa em 1949. O veterano conclui: "seria excepcional que o Itamaraty pudesse divulgar, por meio das suas embaixadas, o esforço que representou a ida do Brasil para a guerra. Sempre há tempo para olharmos o passado, e é um passado que nos orgulha"[188].

O tenente Israel Rosenthal formou-se na Faculdade Nacional de Odontologia em 1943 e, tendo feito o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), apresentou-se como voluntário e embarcou no último escalão da FEB, o de recompletamento de pessoal. Após chegar à Itália e ser designado motorista para o transporte de material da tropa, descobriu-se que faltavam dentistas. Israel Rosenthal foi mudado de função e passou a atender diariamente, em condições precárias, os mais de 5.000 homens acampados em Staffoli[189].

Recorda a pitoresca história de que, como o pessoal de saúde não tinha direito a folga, ele e seus companheiros conseguiram uma licença, após o final da guerra: foram a Paris e lá estiveram justamente no dia 14 de julho, quando presenciaram as ruas tomadas por "enorme manifestação de alegria pelo fim da guerra"[190].

Israel Rosenthal, de 95 anos, é presidente do Conselho Deliberativo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) do Rio de Janeiro. Esteve na embaixada do Brasil em Roma, durante as comemorações dos 60 anos do final da Segunda Guerra Mundial.

187 Entrevista em: 28/11/2016.

188 *Ibid*.

189 Entrevista em: 29/11/2016.

190 *Ibid*.

Para o veterano, seria muito importante que o Itamaraty e o ERERIO se aproximassem da Associação, dada a contribuição que esse vínculo poderia trazer para "manter a memória" da FEB[191].

3.4 Solenidades em homenagem à FEB

No Brasil, a principal solenidade em homenagem à FEB tem lugar durante o desfile militar do Sete de Setembro, quando uma das colunas é conformada por seus veteranos.

Além disso, não é incomum que as Forças Armadas, em solenidades nacionais – ou quando as realizam nas sedes das embaixadas brasileiras, por meio de suas adidâncias –, exibam filmes com imagens da luta dos pracinhas na Itália. Também no Brasil, várias unidades do exército, em especial aquelas vinculadas historicamente à FEB, promovem solenidades em datas significativas, como no caso da acima citada cerimônia do "último tiro" realizada anualmente no 3º Grupo 105, de Barueri (SP).

Na Itália, as duas principais celebrações têm lugar na cidade de Montese, normalmente no dia 25 de abril (*Anniversario della Liberazione*), e no Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistoia, no dia 2 de novembro. Isso não quer dizer que os municípios por onde passaram as tropas brasileiras, em especial os que foram por ela libertados, não realizem cerimônias, de forma sistemática, em homenagem à FEB.

Muito embora a cerimônia de Pistoia seja a mais tradicional e de caráter formal, com a reunião de autoridades brasileiras e italianas em torno do legado da FEB, cabe aqui citar uma descrição feita pelo embaixador brasileiro da emocionante celebração anualmente realizada em Montese:

> O dia 25 de abril, data em que se comemora a libertação da Itália, foi dedicado a homenagens na cidade de Montese, local de uma das últimas batalhas da campanha italiana [...] a primeira homenagem em

191 Entrevista em: 29/11/2016.

> Montese foi um desfile de cerca de 50 crianças locais que empunhavam bandeiras da Itália e do Brasil [...] o cortejo, que contava com banda de música passou por marcos alusivos à presença brasileira na região e atraiu a atenção de numeroso público.[192]

Durante a pesquisa realizada para o presente trabalho foi possível assistir à parada de Montese e acrescentar à descrição acima o emocionante fato de que a música entoada pelas crianças italianas, em perfeito português, é a *Canção do expedicionário*.

A partir de 2010, começou a ser também realizada, na localidade de Livergnano, cerimônia em homenagem ao piloto John Richardson Cordeiro e Silva, do 1º Grupo de Caça, primeiro aviador brasileiro abatido nas operações antiaéreas das defesas germânicas. Foi também ali inaugurado um busto do piloto brasileiro, com uma placa alusiva ao fato.

Parece importante anotar que, ao contrário do que se possa imaginar, a Itália não se envergonha de sua libertação e organiza sua comemoração em diversos países. Para citar um exemplo, em 23 de abril de 2016, o Instituto Italiano de Cultura (IIC) de Lima, ligado diretamente à embaixada italiana na capital peruana, realizou evento alusivo ao Dia da Libertação, que contou com a presença do deputado italiano Fabio Porta, com residência e fortes vínculos familiares com o Brasil, eleito como um dos *diputati all'estero* daquele país[193].

Em São Paulo, o dia 25 de Abril de 1945 também foi lembrado, em agosto de 2016, no IIC, com a presença do cônsul-geral italiano na capital paulista, Michele Pala; do ex-primeiro-ministro da Itália, Massimo D'Alema; do deputado Fabio Porta; e do diretor do IIC, Renato Poma. O professor Marco de Cardoso, pesquisador associado do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, proferiu a palestra

192 Telegrama n. 440, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 02/05/2014.

193 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m1TUZopzbDs>. Acesso em: 25 ago. 2016.

"Uma Guerra, dois povos – a memória do convívio dos soldados da FEB com os italianos"[194].

3.4.1 Museus da FEB

É difícil encontrar uma cidade de médio ou grande porte no Brasil que, mesmo sem o conhecimento de seus habitantes, não contenha alguma referência à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e à campanha da FEB na Itália. Nomes como o do marechal Mascarenhas de Moraes, o de cidades como Pistoia e Montese, o de locais de batalhas emblemáticas como Monte Castello e mesmo a própria palavra "pracinhas" dão denominação a centenas, senão milhares, de praças, avenidas e ruas nas cidades brasileiras.

No que diz respeito à distribuição e à exibição do material historiográfico e de peças da tropa brasileira, é possível destacar alguns museus e associações que possuem material – pouco organizado, segundo especialistas entrevistados – sobre a FEB, muitos dos quais transferidos para quartéis das Forças Armadas, pelas dificuldades financeiras enfrentadas, nos anos recentes, pelas associações de veteranos para a manutenção desse acervo.

Alguns deles podem-se aqui indicar: Museu da ANVFEB (sede RJ); Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB), na cidade de São Paulo; Museus da FEB em Belo Horizonte e São João del-Rei (MG), Campo Grande e Porto Alegre; Associações de Veteranos de Campinas (SP), Petrópolis (RJ) e Florianópolis; os dois importantes Museus da Legião Paranaense do Expedicionário e da FEB, em Curitiba; as ANVFEB de Fortaleza e do Recife; Museu Conde dos Arcos (RJ); Museu do Forte de Copacabana (RJ); Museu do 9º Batalhão de Engenharia, de Aquidauana (MS); Museu do 6º Batalhão de Infantaria de Caçapava (SP); Museu de Jaraguá do Sul (SC); Museu do 62º Batalhão de Infantaria de Joinville (SC); Museu do 5º Regimento de Carros de Combate de Rio Negro (PR);

194 Disponível em: <http://www.comunitaitaliana.com/site/noticias/20-julio-vanni.html.> Acesso em: 25 ago. 2016.

Museu do 20º Batalhão de Infantaria Blindado de Curitiba; e Museu do Colégio Militar da capital paranaense.

Na Itália, merecem destaque o próprio acervo histórico exposto no Monumento Votivo em Pistoia; o Museu de Montese; e o Museu de Gaggio Montano. O então embaixador do Brasil na Itália participou, em abril de 2014, ao lado do prefeito de Montese, Luciano Mazza, da reinauguração do Museu della Rocca, que conta com sala de exposição dedicada à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, com grande quantidade de peças originais provenientes da coleção do historiador e especialista Giovanni Sulla. Foi também ao Museu de Iola, que dispõe de espaço expositivo sobre a campanha brasileira na Itália, com material de trincheiras recuperadas e que havia sido reaberto a visitações públicas[195].

3.4.2 Exposições sobre a FEB

A organização e a realização de exposições fotográficas e de objetos (uniformes, armamentos e utensílios de campanha) sobre a FEB deve ocupar lugar central em qualquer estratégia mais ampla de divulgação e de caráter educativo sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Por se tratar de um conjunto memorialístico palpável – e que pode ser trasladado para diferentes países e localidades –, as exposições sobre a FEB têm a capacidade de atingir e, mais importante, de educar amplo número de espectadores, principalmente os das gerações mais novas, sobre a contribuição brasileira na luta contra o nazifascismo.

De 17 de maio a 17 de junho de 2006, esteve aberta, no Palácio do Planalto, em Brasília, possivelmente a mais expressiva exposição sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, que esteve antes em São Paulo e depois no Rio de Janeiro. Com o título de *A II Guerra Mundial: o Brasil e Monte Castelo: Por quê? Como? Para quê?: Memória*

195 Telegramas n. 270 e n. 440, ostensivos, embaixada do Brasil em Roma, respectivamente 12/03/2014 e 02/05/2014.

do Exército Brasileiro e do Jornal do Brasil, a mostra foi organizada conjuntamente pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), pelo Museu de Arte Brasileira (MAB) e pela Diretoria de Assuntos Culturais do Exército Brasileiro, com a colaboração da Casa Brasil, do CPDOC-FGV e da ANVFEB, além de museus militares e de arte brasileira de várias cidades do território nacional.

Dividida em mais de 60 seções, entre espaços de projeção, salas de fotografias, maquetes e exposição de materiais originais, *A II Guerra Mundial: o Brasil e Monte Castelo: Por quê? Como? Para quê?: Memória do Exército Brasileiro e do Jornal do Brasil* reuniu extenso acervo que, muito além de simplesmente exibir registros da FEB em sua campanha italiana, procurou contextualizar, política, social, econômica e culturalmente o ambiente que circundou a participação brasileira no conflito mundial.

A mostra, com peças e documentos de época brasileiros, norte-americanos e alemães, principalmente, contou com seções temáticas, tais como: relação de material bélico da FEB; artefatos militares, uniformes, fotos e medalhas ligados às operações da FEB na Itália; cartas topográficas alemãs com o dispositivo de defesa de fevereiro de 1945; mapas do Saliente do Nordeste brasileiro e das ações no vale do rio Sercchio; registro de mortos; cartas originais do então tenente-coronel Humberto de Alencar Castelo Branco enviadas do *front* a sua mulher, D. Argentina; cartas de expedicionários e de familiares dos pracinhas; poemas escritos pelos combatentes brasileiros; certificados de reservistas; relações dos programas de diversão das tropas; programas e shows exibidos para os combatentes; programação da estação de rádio; e programa de culinária e cardápio das tropas.

É importante destacar que, paralelamente, a equipe da Casa Brasil, dirigida por Perla Naum, realizou, com os arquivos históricos do *Jornal do Brasil*, trabalho detalhado de contextualização política e cultural, do período que vai de 1929 a 1945, a fim de traçar um quadro amplo dos fenômenos políticos e das manifestações artísticas – nacionais ou vindas do estrangeiro – que influenciavam a população do país na época da

guerra, como, para citar apenas este exemplo, os repertórios musicais e cinematográficos norte-americanos exibidos no Brasil da época. Na opinião de Ricardo Bonalume Neto, registrada em reportagem de 2005, a exposição transcendeu o objetivo da realização de um mero registro factual:

> É pena que dure pouco menos de um mês. Mostras como esta, temporária, na FAAP, sobre a participação brasileira na Segunda Guerra deveriam fazer parte de museus históricos, pois juntam informação e boa técnica de exposição museológica sobre um momento importante da história recente. Apesar de ser sobre a participação numa guerra, o tom não é tão ufanista quanto se poderia imaginar, pois um dos focos é a vida do soldado comum na campanha da Itália em 1944-45 [...] mas a FEB vai além do Exército. Ela era um microcosmo do Brasil, com virtudes e defeitos, como disse Rubem Braga, que foi correspondente de guerra na Itália [...] O título da exposição alude ao monte Castelo, uma elevação que os brasileiros tomaram em 1945. Braga escreveu sobre o Castelo. Ele reparou que do lado alemão havia "um denso pinheiral com seu verde-escuro, contrastando com o 'nosso' lado, árido e liso [...]. Perguntei a mim mesmo se algum dia nossos homens galgariam aquela montanha maldita [...]". Galgaram e a tomaram debaixo de fogo, 60 anos atrás.[196]

Vale destacar, por fim, que da exposição resultou cuidadosa publicação, de mais de 400 páginas e com dimensões semelhantes às de um catálogo de arte, editada pela FAAP, incluindo CD-Rom com visitação virtual à mostra[197].

No caso específico do Itamaraty, a pesquisa realizada para este trabalho demonstrou que já foram realizadas exposições e solenidades, pela rede de postos diplomáticos do Brasil no exterior, relacionados ao legado da FEB.

Por exemplo, desde 2013, a Delegação de Associações Israelitas da Argentina (DAIA) propunha à embaixada do Brasil em Buenos Aires

196 BONALUME NETO, *FAAP registra o Brasil na 2ª Guerra*.

197 RIBEIRO (coord.), A *II Guerra Mundial*: o Brasil e Monte Castelo: Por quê? Como? Para quê?: Memória do Exército Brasileiro e do Jornal do Brasil.

a realização de cerimônia de homenagem à FEB. O Brasil fora escolhido por ter sido "o único país latino-americano que combateu o nazismo e o fascismo no *front* italiano, durante a Segunda Guerra Mundial". Em abril de 2015, a proposta foi retomada pelo simbolismo de se realizar o ato nos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial[198].

A homenagem da DAIA realizou-se no Palácio Pereda, residência oficial do embaixador do Brasil na capital argentina, em 13 de novembro de 2015. O evento contou com a participação do presidente da DAIA, Dr. Júlio Schlosser, do general de divisão Luiz Eduardo Ramos Baptista Pereira, representando o comandante do Exército Brasileiro, e do senhor João Batista Moreira, veterano de guerra, de 93 anos, cabo da 5ª Companhia do 2º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria da FEB.

Após as palavras de boas-vindas do chefe do posto, seguidas de apresentação de vídeo sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o pracinha João Batista Moreira compartilhou sua experiência no *front* europeu.

Foram lidos trechos do livro *Crônicas de guerra*: a Força Expedicionária Brasileira na Itália, de memórias do então tenente Cássio de Abranches Viotti. Em seu discurso, o embaixador Everton Vieira Vargas, como visto, filho de veterano da FEB, lembrou os brasileiros declarados pelo Estado de Israel como "Justos entre as Nações": o então embaixador do Brasil na França, Luiz Martins de Sousa Dantas, e a senhora Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, que concederam vistos a judeus durante a Segunda Guerra Mundial – no caso da Senhora Aracy, com o conhecimento e apoio do então cônsul adjunto em Hamburgo e futuro embaixador João Guimarães Rosa[199].

No âmbito da mencionada cerimônia de homenagem da DAIA à FEB, o Centro Cultural Brasil-Argentina (CCBA), da embaixada em Buenos Aires, promoveu, paralelamente, programação cultural sobre o

198 Telegramas n. 2.212 e n. 726, ostensivos, embaixada em Buenos Aires, respectivamente, de 15/10/2013 e 22/04/2015.

199 Telegrama n. 2096, ostensivo, embaixada do Brasil em Buenos Aires, 16/11/2015.

legado da FEB. O CCBA levou a cabo três atividades de difusão cultural que complementaram as celebrações promovidas na embaixada. Realizou-se mesa de debate com a participação do veterano João Batista Moreira e da professora María Inés Tato, da Universidade de Buenos Aires (UBA). Na sequência, foi inaugurada exposição de fotografias históricas sobre a FEB. Por fim, exibiu-se o documentário italiano *Il Filo Brasiliano*, de 2004, da diretora Marilia Cioni, que não apenas autorizou sua exibição, como se mostrou entusiasmada com a participação da obra no âmbito das celebrações sobre a FEB promovida pela DAIA e pela embaixada[200].

Em fevereiro de 2016, a embaixada em Londres promoveu, em parceria com o King's College e as adidâncias militares, toda uma semana de atividades culturais relacionadas à FEB, no contexto do aniversário da tomada de Monte Castello. As atividades foram inauguradas com palestra do doutor Vinícius Mariano de Carvalho, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor visitante na importante instituição inglesa, sobre a produção artística dos pracinhas. Em seguida, foi aberta exposição dos retratos de guerra desenhados pelo pracinha Carlos Scliar durante a campanha na Itália. No dia seguinte, exibiu-se o filme *Estrada 47*, ficção que retrata o envio da FEB ao *front* europeu. Os eventos foram encerrados, com sucesso de público ao longo de toda a sua duração, com palestra do professor Leslie Bethell, da Universidade de Oxford, sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra[201].

Em julho de 2016, o Grupo Parlamentar Brasil-Itália, em coordenação com os Comandos das Forças Armadas e com a embaixada italiana em Brasília, promoveu exposição em homenagem à FEB, na Câmara dos Deputados (Espaço Cultural Mário Covas)[202]. Na ocasião, a vice-presidente da Câmara dos Deputados da Itália, Marina Sereni, ressaltou "a importância de se cultivar a história a respeito dos

200 Telegrama n. 2.099, ostensivo, de embaixada do Brasil em Buenos Aires, de 17/11/2015.

201 Telegrama n. 202, ostensivo, embaixada do Brasil em Londres, 26/02/2016.

202 Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/credn/noticias/grupo-brasil-italia-vai-promover-exposicao-em-homenagem-a-participacao-do-brasil-na-2a-guerra-mundial>. Acesso em: 24 jul. 2016.

brasileiros e italianos que deram a vida para reconquistar a democracia e a liberdade"[203].

O embaixador da Itália no Brasil, Antonio Bernardini, destacou que a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial constitui episódio fundamental na relação entre os dois países. Segundo Bernardini, "é importante recordar este momento. O Brasil é um país amigo. Quando um país envia seus soldados para libertar o nosso país, é um sentimento de gratidão enorme"[204].

Por sua vez, não deixa de ser interessante, para efeitos deste trabalho, observar como outros países utilizam o legado de sua participação na Segunda Guerra Mundial como instrumento diplomático e de divulgação cultural no Brasil. Em junho de 2016, o consulado-geral da Rússia no Rio de Janeiro promoveu, na sede da ANVFEB, exposição dos cartazes artísticos feitos pelos soviéticos como parte do esforço de guerra. A exposição obteve marcado êxito de público e repercutiu junto à imprensa, além de ter reunido autoridades diplomáticas, militares e civis, inclusive o chefe do ERERIO. Esse tipo de ação, feito com afinco até hoje pela diplomacia russa, não deixa cair no esquecimento o enorme esforço levado a cabo pela então União Soviética para a vitória aliada no conflito mundial. Ao mesmo tempo, é necessário ressaltar que funciona como uma ação de divulgação bem planejada por parte da chancelaria daquele país.

3.4.3 Associações da FEB no Brasil e no mundo

No Brasil, são duas as principais associações que congregam os veteranos da Segunda Guerra Mundial: a Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB), que tem várias sucursais estaduais; e a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB).

203 *Ibid*.

204 BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. Força Aérea Brasileira. Parlamentares destacam a luta de brasileiros pelos valores da democracia e liberdade. Disponível em: <http://www.fab.mil.br/noticias/mostra/26559/MEM%C3%93RIA%20%E2%80%93%20Parlamentares%20destacam%20a%20luta%20de%20brasileiros%20pelos%20valores%20da%20democracia%20e%20liberdade>. Acesso em: 24 jul. 2016.

O objetivo inicial das agremiações de ex-combatentes era resguardar e reforçar os laços criados no *front* italiano. Com o esquecimento a que foram sendo relegados, os ex-pracinhas reunidos em torno delas perceberam que teriam como foco principal lutar – novamente – por reconhecimento oficial e pelos direitos que lhes haviam sido prometidos nas celebrações quando de seu retorno ao Brasil.

A AECB, cuja sede se encontra em Brasília, com seções em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, é a mais antiga delas, tendo sido criada logo em 1945. No Paraná, em 1947, fundou-se a Legião Paranaense do Expedicionário.

Em julho de 1963, foi fundado, no Rio de Janeiro, o Clube dos Veteranos da Campanha da Itália, o qual, a partir de 1969, passou a se denominar ANVFEB, até hoje muito atuante e com seções em onze estados e no Distrito Federal.

Da ANVFEB fazem parte os ex-integrantes da FEB e da FAB (1º Grupo de Caça), as enfermeiras que participaram das operações militares na Itália e, hoje em dia, civis que se interessam pela manutenção da memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

A diferença entre as duas associações diz respeito, em sua gênese, ao fato de a ANVFEB ter procurado congregar somente ex-combatentes que estiveram no *front* italiano, ao passo que a AECB passou a incluir, em seus quadros, todos os militares brasileiros que estiveram em conflitos ou missões internacionais de segurança.

Segundo a historiadora e ex-diretora do Museu do Expedicionário do Paraná, Carmen Lúcia Rigoni, "a grande cisão destas associações [foi] provocada por questões ideológicas e de mando, [que] proporcionariam a fragmentação das mesmas. Os rígidos estatutos não permitiram um entrosamento maior com a sociedade civil. Neste aspecto não houve renovação". Para Rigoni, tais associações vivem hoje situação financeira

precária e muitas delas, como já se viu, entregaram seus acervos ao Exército Brasileiro ou a Clubes Militares[205].

Cumpre destacar que a ANVFEB tem realizado, desde 1972, o Encontro Nacional de Veteranos da FEB, cuja edição de 2015 teve lugar na cidade de Santa Rosa (RS). Em tais eventos, além do congraçamento entre os ex-combatentes, seus familiares e historiadores, organizam-se palestras e ciclos de debates sobre questões mais atuais discutidas em torno da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

A reunião dos veteranos da FEB de 2016 realizou-se na cidade de São Luís, entre 19 e 22 de outubro, incluindo visita e formatura do 24º Batalhão de Infantaria e um seminário sobre as perspectivas da associação.

O atual presidente da ANVFEB, Breno Vinicius de Amorim, um civil que se engajou, com recursos de sua empresa, na restauração da sede da associação no Rio de Janeiro – que esteve sob ameaça de venda por parte da prefeitura da capital carioca –, lembra que, nas palavras de Marco Lucchesi, da Academia Brasileira de Letras (ABL), a lembrança da FEB na Itália constitui um dos poucos traços que não foram objeto de revisionismo histórico até os dias atuais. Tal fenômeno, que aconteceu mesmo com as brigadas dos *partigiani*, denotaria o forte simbolismo da presença brasileira naquele país[206].

Segundo Amorim, a grande queixa da "comunidade febiana", aí incluídos ex-combatentes, familiares, pesquisadores e entusiastas, refere-se justamente à escassa repercussão e divulgação da história da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. A ANVFEB, que chegou a ter 54 seções regionais e municipais, tem procurado hoje se estabelecer com um novo perfil, passando de um foro inicial de auxílio na resolução de questões burocráticas e de congregação de seus associados para um formato de associação cultural e de preservação da memória

205 Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/o-futuro-das-associacoes-de-ex-combatentes-no-brasil/>. Acesso em: 15 set. 2016.

206 Entrevista em: 23/09/2016.

da FEB, como demonstraram o museu recém-reformado, em sua sede central no Rio de Janeiro, e os eventos acadêmicos e de divulgação que procura realizar[207].

Ademais, explicou Amorim, com a gradativa diminuição da comunidade de ex-pracinhas, a associação tem buscado angariar novos sócios e mantenedores, em particular entre os descendentes dos veteranos e a comunidade civil que se preocupa com a preservação do legado da FEB, o que, ressaltou ele, é feito hoje ainda com frequência pelas unidades militares que compuseram a força brasileira em 1944-1945[208].

Cabe citar, dado o objetivo deste trabalho, o fato de a ANVFEB ter uma exposição itinerante, com acervo fotográfico e variado material de campanha, hoje expostos em seu museu, que poderia, como destacou seu presidente, ser colocada à disposição do Ministério das Relações Exteriores[209].

O fato é que as associações de ex-combatentes, até mesmo pela passagem do tempo, se encontram hoje, como visto, em situação precária, principalmente em termos financeiros – daí a necessidade de se angariarem novos sócios e interessados em manter viva a memória da FEB. Para citar um exemplo, o artista brasileiro Vik Muniz, internacionalmente reconhecido, doou à ANVFEB quadro de sua autoria que retrata a famosa cena do que é considerado o primeiro tiro disparado pelas tropas brasileiras na Itália, baseada na foto, presente em quase todos os trabalhos sobre a FEB, do soldado colocando a peça de artilharia no obuseiro com os dizeres "A cobra está fumando". A obra, avaliada em cerca de US$ 15.000, não encontrou até o momento comprador.

É também digno de nota o Grupo Histórico da FEB (GHFEB), entidade civil dedicada à promoção de palestras e debates e à organização de viagens de reconhecimento pelas trilhas dos soldados brasileiros na Itália. Vinculada ao grupo, chama a atenção a realização anual da

207 *Ibid.*

208 Entrevista em: 23/09/2016.

209 *Ibid.*

chamada Coluna da Liberdade, caravana organizada por ex-combatentes, familiares e interessados na campanha brasileira. Anualmente, no mês de abril, coincidindo com as comemorações pelo Dia da Libertação em Montese, a Coluna refaz, muitas vezes com fardamentos, artefatos e veículos originais da FEB, o percurso das tropas brasileiras no *front* italiano.

Na Itália, na região de Gaggio Montano, existe o grupo Fratelli della montagna, formado por italianos também dedicados ao resgate da FEB. O grupo participa de muitas das homenagens à força brasileira e possui dela indumentária e artefatos originais.

Nesse caso, cabe citar o exemplo do cidadão italiano Giovanni Sulla, mencionado em dezenas de livros e documentários como um dos maiores especialistas e entusiastas da FEB, sempre disposto a auxiliar pesquisadores brasileiros. Sulla é o fundador do Fratelli della montagna e mencionado, de forma sempre elogiosa, como assíduo colaborador da embaixada do Brasil em Roma e das adidâncias militares no que diz respeito à organização de cerimônias, doação de material para exposições e realização de palestras e depoimentos para documentários sobre a FEB. Participa anualmente, no Brasil, do encontro dos veteranos da FEB. Morador de Montese e autor de diversos artigos e de dois livros (*Gli eroi venuti dal Brasile* e o recente *Fratelli sulla montagna – Esercito brasiliano e partigiani sull'Appennino Tosco-Emiliano*) sobre os soldados brasileiros e em particular sobre sua relação com a população italiana. O conhecido Sulla percorre, desde a sua infância, os campos por onde a FEB passou, reunindo acervo de milhares de peças originais da tropa brasileira. Esse material deu origem a um museu, por ele criado e montado, na torre medieval da cidade de Gaggio Montano, bem como ao citado Museu della Rocca em Montese.

São também dignos de referência a Brigata Partigiana 'Giustizia e Libertá', de Bolonha, e o Comitato Recupero e Valorizzazione Fortificazioni della Linea Gotica, de Mozzano, na Província de Lucca,

os quais normalmente se fazem presentes nas cerimônias, realizadas na Itália, em homenagem ao legado da FEB[210].

3.4.4 Encontros e seminários sobre a FEB

As universidades brasileiras têm procurado reavivar o debate sobre a FEB, incentivando novas linhas de pesquisa sobre o tema e promovendo seminários internacionais a respeito do papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Em junho de 2009, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) promoveu, em seu Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, em parceria com a Universidade Estadual de Londrina (UEL), o I Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira (I SESFEB)[211].

À parte de palestras e discussões pontuais, normalmente realizadas com regularidade, tanto no Brasil como na Itália, o seminário da UFRJ foi possivelmente o encontro mais bem estruturado e organizado academicamente sobre a FEB até os dias de hoje. Cerca de 40 pesquisadores, de distintas universidades brasileiras e estrangeiras, apresentaram trabalhos ao longo de dez sessões temáticas. Para citar apenas algumas, as apresentações tinham temas como "A Era Vargas e a criação da FEB: identidades em conflito"; "A FEB como instrumento de capilaridade entre a política externa e interna durante o Estado Novo"; "A censura postal e militar e a FEB: política e espionagem de guerra em correspondências pessoais"; "A vida no 'Teatro de Operações' sob o olhar de um soldado da FEB"; "Soldados Brasileiros Judeus da FEB"; e "A formação do 1º Batalhão de Saúde da FEB", entre vários outros painéis.

Digno de nota foi o logro de o SESFEB ter reunido nomes de marcado peso intelectual e pesquisadores ligados à própria construção historiográfica contemporânea em torno da participação brasileira na Segunda Guerra. A conferência de abertura foi proferida pelo

210 Documento avulso, s/d, encontrado no Monumento Votivo Militar de Pistoia, 2008.

211 Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/arqtxt/ISemEstFEB_MESTHIS.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

professor da USP e ex-pracinha Boris Schnaiderman. Frank D. McCann foi moderador de uma das mesas e realizou palestra no painel sobre as relações Brasil-EUA. A sessão de encerramento esteve a cargo do historiador José Murilo de Carvalho, da UFRJ, e de Celso Castro, da Fundação Getulio Vargas (FGV).

É igualmente interessante anotar que a comissão organizadora desse inédito seminário esteve composta justamente por representantes da nova geração de historiadores responsáveis por um tratamento mais equilibrado e bem documentado sobre a Força Expedicionária Brasileira. Seus integrantes foram Cesar Campiani Maximiano (PUC-SP), Francisco César Alves Ferraz (UEL), Renato Lemos (UFRJ) e Uri Rosenheck, da Universidade Emory (EUA).

Infelizmente, não se publicou registro do I SESFEB de junho de 2009, sob a forma, por exemplo, de livro ou vídeo (à exceção de algumas apresentações colocadas no YouTube, na Internet)[212].

Em junho de 2011, o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR) organizou, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação, do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx), da Universidade Estadual de Londrina e da Legião Paranaense do Expedicionário, o II SESFEB, na sede do Museu do Expedicionário de Curitiba.

A segunda edição do SESFEB contou igualmente com expressiva participação de pesquisadores, nacionais e estrangeiros, que apresentaram novos trabalhos sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Jovens pesquisadores apresentaram painéis como: "Ritos de morte: o Pelotão de Sepultamento da FEB (1944-1945)", de Adriane Piovezan; "A mobilização brasileira para a luta aliada por meio da revista *Em guarda* (1941-1945)", de Aline Vanessa Locastre;

212 Alguns dos trabalhos apresentados, como o do professor Dennison de Oliveira, da Universidade Federal do Paraná, estão disponíveis na Internet. Disponível em: <http://www.lemp.historia.ufrj.br/revista/Reintegracao_social_do_ex-combatente.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

"A Associação de Ex-Combatentes do Brasil: o conflito ideológico e a esquerda militar (1945-1950)", de Carlos Henrique Lopes Pimentel; e "Saco vazio não pára em pé: a alimentação e os hábitos alimentares na FEB", de Luciano Meron[213].

É importante apontar que o II SESFEB, ao contrário da edição inicial, contou com registro, publicado pelo CEPHiMEx e editado pela UFPR em 2012, de todo o conteúdo dos trabalhos apresentados no seminário, que se encontra disponível na Internet[214]. Ao final do II SESFEB, foi decidido que a edição seguinte teria lugar em junho de 2013, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o que acabou não se concretizando.

Desde 2012, A Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx), por intermédio do CEPHiMEx, tem organizado os Seminários Nacionais sobre a Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (SENAB – 2ª GM). Faz-se necessário apontar que o evento, que já teve edição realizada na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende (RJ), tem natureza, ao contrário de outros debates acadêmicos, nitidamente voltada para estudos de caráter estratégico-militar.

Tais questões, como as de organização de encontros acadêmicos e sobretudo de publicação dos registros desses debates, voltarão a ser tratadas no próximo capítulo, o qual traz propostas que poderiam ser implementadas, no seio do Itamaraty, para resguardar e divulgar o legado da FEB no Brasil e no exterior.

3.5 Intelectuais e personalidades brasileiras na FEB

É de escasso conhecimento que vários dos intelectuais, acadêmicos e artistas que marcariam o panorama cultural brasileiro no século XX

213 Listagem de trabalhos pré-selecionados para o II SESFEB. Disponível em: <http://www.pucsp.br/polithicult/II_Seminario_de_Estudos_sobre_FEB.html>. Acesso em: 10 ago. 2016.

214 Íntegra da publicação do II SESFEB, intitulada, disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

integraram a FEB. Nesse contexto, pretende-se aqui resgatar alguns desses nomes e indicar as impressões que eles deixaram sobre a participação do país na Segunda Guerra Mundial.

a) Boris Schnaiderman (1917-2016)

Primeiro professor de Letras Russas da Universidade de São Paulo (1960) e autor de inéditas traduções, diretamente do idioma original, dos grandes autores russos para o português (Púchkin, Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov, Górki, Maiakóvski e outros), o acadêmico Boris Schnaiderman, nascido em Uman, Ucrânia, e emigrado para o Brasil com a família, que fugia dos *pogroms* de 1925, foi, até o final de sua vida, um dos mais eloquentes intelectuais a falar e a relatar sua participação na FEB[215].

Finalmente naturalizado brasileiro em 1941, foi convocado para a guerra depois de ter feito o curso de sargento, em um quartel de Campinho (RJ), requisito para regularizar a situação de seu diploma do curso de agronomia, concluído um ano antes.

Em 1964, Schnaiderman publicou *Guerra em surdina*, texto ficcional no qual o estudante de medicina João Alfonso, convocado para a FEB, relata, de forma direta e com grande sensibilidade, toda a trajetória dos praças brasileiros[216].

Como se viu anteriormente em seu comentário sobre o filme *Rádio Auriverde*, de Sylvio Back, Schnaiderman pode ser considerado um dos intelectuais brasileiros que mais se empenharam em desfazer equívocos sobre a campanha brasileira, sem perder de vista as falhas cometidas, e sobretudo em prestar depoimentos para que a FEB não caísse no esquecimento. No já citado artigo "Uma velha história revisitada", Boris Schnaiderman faz um relato sobre a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã e das batalhas de Montese e Zocca:

215 ASSIS, Ivone Gomes de. *Guerra em Surdina*: a ficção de Boris Schnaiderman entre a politica e a poética. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014, p. 12-26.

216 PAVAM, *Relatos do praça Boris Schnaiderman*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/867/boris-schneiderman-relatos-de-um-praca-9039.html>. Acesso em: 31 maio 2016.

> Esta rendição de uma divisão alemã e restos de uma italiana à FEB foi a culminação de uma operação ofensiva iniciada em 7 de abril e que teve como um de seus lances dramáticos a batalha de Montese, com a tomada desse povoado. A investida em direção ao vale do Pó se deu então com bastante rapidez, mas não se pode dizer que tenha sido um passeio militar. Lembro-me, por exemplo, da resistência alemã em Zocca, onde entramos após percorrer o vale do Panaro. Pelo caminho, passamos por uma encosta com o cadáver de um brasileiro de bruços, agarrado ao terreno. Calculamos tiros sobre Zocca, em cujos arredores nos instalamos pouco depois e ouvimos uma explosão tremenda ao lado da casa, parecia um terremoto [...] quando nos pusemos de novo em movimento, tive a grande satisfação de ver magotes e magotes de soldados nazistas completamente desmoralizados, conduzidos pelos nossos mulatos franzinos. Por que diminuir a importância deste feito, que me parece tão grandioso em seu simbolismo? Será preciso sempre comparar a nossa participação com a importância de batalhas como a de Stalingrado?[217]

Em 2015, aos 98 anos, um ano antes de seu falecimento, Boris Schnaiderman lançou o livro *Caderno italiano*, que traz novamente várias histórias do *front* italiano. À diferença de *Guerra em surdina*, a nova obra deixou de lado o tom ficcional e adotou uma narrativa claramente autobiográfica. Schnaiderman explica, no prefácio do livro, o porquê de ter resolvido escrever uma obra de tom pessoal sobre a FEB:

> Acontece, porém, que, nós outros, ex-combatentes, temos o dever de vir a público, sempre que possível, e prestar nosso depoimento em face da incompreensão generalizada em relação ao nosso desempenho na Itália. Que se afirme tratar-se de um setor de combate relativamente secundário, se pensarmos na Frente Russa ou no desembarque na Normandia, tudo bem, nada a objetar. Mas não pensar um pouco sequer no sacrifício de tantos jovens e no que isto significou na vida de cada um é um verdadeiro absurdo.[218]

217 SCHNAIDERMAN, *Uma velha história revisitada*.

218 SCHNAIDERMAN, *Caderno italiano*, p. 11.

Boris Schnaiderman faleceu em maio de 2016. A jornalista Rosane Pavam publicou então artigo intitulado "O ato desmedido de Boris Schnaiderman – na guerra e na tradução, o escritor, morto aos 99 anos, negou a covardia". Pavam resgata uma entrevista por ele concedida, quando do lançamento do *Caderno italiano*, em que Schnaiderman faz a seguinte avaliação da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial:

> Fiquei perplexo porque esperava um desastre completo. No entanto, os brasileiros se saíram bem. Agora vêm essas conversas de que afinal de contas era uma linha de frente secundária... tudo bem, mas não tinha nada de secundário naquele combate! Afinal de contas, um exército alemão foi imobilizado na Itália, uma coisa importante. Aliás, o fato de existir uma frente na Itália facilitou o desembarque aliado na Normandia... a FEB teve algumas derrotas. O primeiro ataque ao Monte Castello resultou num fracasso completo, mas houve poucos insucessos. Incrível o que se conseguiu. A tomada de Montese, em abril de 1945, foi uma coisa extraordinária. Quer dizer, eu só participei calculando tiro. Mas os homens da infantaria lutaram de rua em rua e de casa em casa. Não se pode diminuir isso de modo nenhum.[219]

b) Carlos Scliar (1920-2001)

O gaúcho Carlos Scliar, um dos grandes nomes da pintura brasileira e com reconhecimento internacional, participou da FEB e, mais importante, dela deixou extraordinário registro artístico: um caderno com os desenhos que fez no *front* italiano.

É interessante anotar, inicialmente, que o correspondente Joel Silveira se lembra da atuação de Scliar e, ressalte-se, do filho do chanceler Oswaldo Aranha: "dois dos cabos que manejam os telefones se chamam Oswaldo Aranha Filho, o Vavau, e Carlos Scliar, que nas horas vagas passa para o seu caderno croquis dos nossos soldados e dos *contadini* locais".[220]

219 PAVAM, *O ato desmedido de Boris Schnaiderman*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/cultura/o-ato-desmedido-de-boris-schnaiderman>. Acesso em: 31 maio 2016.

220 SILVEIRA, *O inverno da Guerra*, p. 94.

O *Caderno de guerra* de Carlos Scliar, com cerca de 60 desenhos de sua autoria e com texto especialmente preparado para o livro por Rubem Braga, recebeu, em 1995, cuidadosa edição da Pinacoteca do Estado de Estão Paulo. A família do artista autorizou a reprodução de algumas das obras neste trabalho.

De dezembro daquele ano a janeiro de 1996, a Pinacoteca preparou exposição com os desenhos de guerra de Scliar, que são de singeleza tocante. Retratam as faces pensativas dos soldados e as tarefas do dia a dia que continuavam a ser realizadas pelas camponesas italianas. Feitos ao longo de toda a participação do Brasil na guerra até o retorno do artista em agosto de 1945, trazem registros das paisagens da Toscana, mas também cenas fortes de soldados mortos em combate ou recebendo tratamento nas enfermarias. O próprio Carlos Scliar chamava suas obras de "desenhos da salvação":

> Estes desenhos foram realizados nas minhas horas de folga, de minha função de controle horizontal na central de tiro na artilharia da FEB, nos onze meses que permaneci na Itália entre 1944 e 1945, durante a guerra e a bordo do *D. Pedro I*, na volta [...] sinto que foram esses desenhos, quase um mil, não sei exatamente quantos, tantos rasguei, quase tantos quanto guardei. São esses desenhos, apontamentos do meu entorno: os companheiros, as famílias italianas que nos hospedavam, os interiores, as paisagens, tudo o que me cercava. Foram esses desenhos que me salvaram. Todos os dias pareciam os últimos, a tensão era permanente. Através dos desenhos, sem me dar conta eu revalorizava a vida, redescobria o mundo: modifiquei minha visão do mundo, percebi que ele poderia ser essencial e belo, salvei minha cuca! Sim, tenho certeza que posso classificá-los como desenhos de salvação.[221]

No prefácio da mesma edição, Rubem Braga fala, com o brilhantismo característico de um dos maiores cronistas brasileiros de todos os tempos, sobre o caderno com os desenhos de Scliar:

221 CADERNO de Guerra de Carlos Scliar, p. 3.

> Neste caderno não estão as imagens mais dolorosas nem as mais cheias de movimento de guerra que nossos homens viveram. O cabo-artilheiro Carlos Scliar não é um repórter, nem estava fazendo reportagem. Trabalhava na Central de Tiro de seu Grupo: mas às vezes largava o transferidor sobre a carta e, olhando a paisagem cinzenta pela janela de vidros baços e partidos, esquecia o controle horizontal. Comovem-me essas paisagens simples que êle rabiscava então; umas árvores em Marzolara, um ângulo de montanha de Porreta, uma casa de pedras esburacada em Gaggio Montano.[222]

Vale lembrar, ademais, que Carlos Scliar passou a colaborar, a partir da edição de número 17, de 1º de março de 1945, para *O Cruzeiro do Sul*, publicando no jornal preparado pelos soldados da FEB vários dos desenhos que fazia com as impressões seja da frente de combate, seja das cidades pelas quais passava a tropa brasileira e de seus habitantes. O número especial do jornal que comemorava o final da guerra foi inteiramente diagramado por Scliar.

No quadro deste trabalho e das propostas a serem por ele apresentadas, os desenhos de Carlos Scliar têm lugar de destaque, por sua qualidade artística, mas igualmente pelo alcance que as obras podem ter no que diz respeito à divulgação do legado da FEB. Mediante generosa autorização da família do pintor, alguns deles compõem o anexo III.

Nesse contexto, cumpre destacar, como se viu anteriormente, a importância do esforço da embaixada do Brasil em Londres para preparar e apresentar, em fevereiro de 2016, a exposição *Retratos de Guerra*, com os desenhos de Carlos Scliar, que alcançou notável sucesso de público.

c) Celso Furtado (1920-2004)

Um dos mais proeminentes economistas brasileiros do século XX, Celso Furtado, integrou o contingente da Força Expedicionária Brasileira na Itália. Aos 24 anos e já colaborando como jornalista, desde 1940, na *Revista da Semana*, na capital carioca, e na *Revista do Serviço Público*, do Departamento do Serviço Público (DASP), onde havia ingressado

222 CADERNO de Guerra de Carlos Scliar (Texto de Rubem Braga), p. 15.

por concurso, Celso Furtado cursou o CPOR ao mesmo tempo em que concluía o curso superior na faculdade de direito.

Em novembro de 1944, foi convocado para a FEB e, em janeiro de 1945, embarcou para a Itália, como aspirante a oficial. Baseado na Toscana, serviu como oficial de ligação junto ao V Exército Americano e sofreu acidente em missão durante a ofensiva final dos Aliados no norte da Itália, sendo recolhido ao hospital norte-americano e retornando ao Brasil em agosto daquele ano[223].

É interessante notar que o primeiro livro de Celso Furtado, *Contos da vida expedicionária de Nápoles a Paris*, de 1946, que Francisco Iglesias qualifica como uma das poucas obras de ficção na produção do autor, relata casos vividos no *front* italiano. Dele Furtado comentaria, em 1997, no prefácio à reunião de sua obra autobiográfica:

> Os *Contos da vida expedicionária*, escritos há mais de cinquenta anos, permaneceram praticamente inéditos, pois tiveram uma edição privada e sua distribuição se frustrou em razão da falência do editor responsável. Eles refletem o deslumbramento de um jovem saído do interior do Nordeste brasileiro face à riqueza de uma velha civilização que parece desmoronar. Desse choque ficou a percepção de que só o conhecimento amadurecido do vasto mundo nos permite ver claro no espaço que nos cabe ocupar.[224]

Os contos de Celso Furtado – praticamente tão desconhecidos quanto sua própria participação na FEB – têm marcada qualidade literária e contam episódios do cotidiano dos pracinhas e sobretudo do encontro com a população italiana. Celso Furtado partiria novamente para a Europa em dezembro de 1946, para realizar seu doutorado em economia na Universidade de Paris. A partir dali, o ex-pracinha deixaria marca profunda no pensamento contemporâneo brasileiro.

223 Informações disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/celso-monteiro-furtado>. Acesso em: 10 ago. 2016.

224 FURTADO, Contos da vida expedicionária de Nápoles a Paris. *In*: FURTADO, *Obra autobiográfica*, p. 16.

d) Clarice Lispector (1920-1977)

É quase desconhecido que a escritora brasileira, possivelmente a autora nacional mais traduzida para outros idiomas, nascida em Techetchelnik, na Ucrânia, e vinda para o Brasil em 1922, quando contava dois anos de idade, manteve contato e atuou diretamente, como uma espécie de assistente social, junto aos soldados da FEB.

Em 1943, Clarice Lispector havia-se casado com o jovem diplomata Maury Gurgel Valente, adotando o nome de Clarice Gurgel Valente, e com ele se mudou, em janeiro de 1944, para Belém, onde o escritório do Itamaraty recebia autoridades estrangeiras que passavam pela cidade. No dia 5 de julho de 1944, um mês após o Dia D, Maury Gurgel Valente foi transferido para servir como vice-cônsul e cuidar da instalação do consulado brasileiro em Nápoles. A representação consular brasileira deveria servir, como foi oferecido às autoridades militares, também como apoio para os 25.000 homens da FEB.

A viagem para a Itália foi longa, tendo começado no deslocamento até a base norte-americana de Parnamirim, no Rio Grande do Norte. Passando por várias cidades africanas (Acra, Robertsfield, Dacar e Argel, entre outras), desembarcou em agosto em Lisboa, onde ela conheceu o poeta brasileiro Ribeiro Couto. Depois de uma semana e meia, foi-lhe confiada a missão de correio diplomático de volta até Argel para transportar correspondência ao Dr. Vasco Leitão da Cunha, representante do Brasil junto ao governo provisório da República Francesa ali sediado.

Em pouco tempo, o embaixador Vasco Leitão da Cunha seria designado para assumir a recém-reaberta embaixada do Brasil em Roma. O futuro chanceler e Mozart Gurgel Valente, irmão de Maury, acompanharam Clarice de navio até a Itália, escoltados por dois destróieres até Taranto, de onde viajou para Nápoles no avião particular

do comandante em chefe das forças aliadas no Mediterrâneo. Chegou no dia 24 de agosto, um dia antes da libertação de Paris[225].

Desde sua chegada, Clarice Lispector apoiou os integrantes da FEB que se encontravam acolhidos no hospital americano instalado na outrora Mostra d'Oltremare de 1940, com pavilhões que haviam celebrado as colônias italianas.

Segundo a já citada major Elza Cansanção, a escritora brasileira solicitou das autoridades brasileiras e norte-americanas autorização para visitar diariamente os doentes, e foi difícil sua obtenção, por se tratar de civil, mesmo sob a égide de sua condição diplomática, a qual foi por fim concedida.

Em carta ao escritor e amigo Lúcio Cardoso, Clarice contava visitar diariamente todos os doentes, "dando o que precisam, conversando, tratando de suas necessidades com a administração do hospital". Há relatos das cartas que lia – e das que escrevia a pedido deles – para os soldados brasileiros. Clarice diz "vou lá todas as manhãs e quando sou obrigada a faltar fico aborrecida, tanto os doentes já me esperam, tanto eu mesma tenho saudade deles". Por toda a sua dedicação, que incluiu até a realização de um almoço brasileiro a pedido de um dos oficiais brasileiros mutilados, Clarice recebeu de Elza Cansanção o apelido de "a nossa boa fadinha". Para Joel Silveira e Rubem Braga, ela era a *Principessa di Napoli*[226].

Por seu trabalho voluntário no hospital norte-americano, em particular junto aos feridos brasileiros, Clarice Lispector recebeu, em agosto de 1945, ofícios assinados pelos médicos da FEB com agradecimento pelos serviços prestados[227].

É possível encontrar, no anexo I deste trabalho, rara foto da escritora com oficiais e soldados da FEB, em Nápoles, pesquisada no

225 O Instituto Moreira Salles dispõe de sitio-internet especifico sobre a vida de Clarice Lispector, do qual várias das informações citadas neste trecho do trabalho foram extraídas. Disponível em: <https://claricelispectorims.com.br/vida>. Acesso em: 31 maio 2016.

226 MOSER, *Clarice, uma biografia*, p. 240-258.

227 Disponível em: <http://claricelispectorims.com.br/Facts>. Acesso em: 31 maio 2016.

Instituto Moreira Salles, responsável pela guarda e pela manutenção do acervo da escritora, e cuja publicação foi especialmente autorizada pelo filho de Clarice Lispector, Sr. Paulo Gurgel Valente.

e) Jacob Gorender (1923-2013)

Considerado um dos mais importantes cientistas sociais brasileiros do século XX, Jacob Gorender abandonou a Faculdade de Direito para ingressar voluntariamente nas fileiras da Força Expedicionária. Nascido em Salvador e de origem ucraniana judaica, Gorender escreveu obras de relevo para o pensamento social brasileiro, como *O escravismo colonial*, de 1978.

Jacob Gorender deixou, no entanto, poucos escritos sobre a FEB. No ciclo de conferências Getúlio Vargas e a Economia Brasileira Contemporânea, organizado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em outubro de 1985, e depois compilado em livro, Jacob Gorender realizou apresentação e publicou o texto "A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e suas consequências", no qual fala sobre a FEB:

> Devo dizer, ainda, que a contribuição militar da FEB foi modesta, porém digna. Ademais, teve notável influência do ponto de vista da democratização do nosso país. O fato de o Brasil ter-se empenhado, no plano mais efetivo, na guerra contra o nazifascismo, enquanto vivia, internamente, sob um regime aparentado com ele, criava uma contradição que, em 1945, se resolveu na campanha pela democratização, com o fim do Estado Novo, a queda de Vargas e a eleição da Assembleia Constituinte. Pesou positivamente nesse processo político o envio de tropas brasileiras à frente de batalha na Itália, tropas que ganharam carinhosa recepção popular ao retornar da Europa.[228]

Não deixa de ser interessante anotar que, em sua alocução e, posteriormente, no texto dela reproduzido, Jacob Gorender

228 GORENDER, A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e suas consequências. *In*: SZMRECSÁNYI & GRANZIERA (org.), *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*, p. 92.

não menciona sua participação nas fileiras de combate da FEB. No entanto, na edição nº 7 de *O Cruzeiro do Sul*, de 24 de janeiro de 1945, o jovem soldado Jacob Gorender fazia sua estreia como colaborador do periódico da FEB, o que se tornaria comum nos números seguintes, com o texto "Defendemos uma causa justa":

> Sim, o povo brasileiro tem sido consequente com a causa das Nações Unidas, lançando ao combate o máximo de suas energias disponíveis. Ele desbaratou, no *front* interno, a rede de intriga e espionagem da quinta coluna, composta de agentes nazistas e traidores da Pátria. Tão pouco, pode ser olvidado o constante fornecimento de matérias primas aos arsenais democráticos e a atuação da Marinha de Guerra e da Força Aerea, na Defesa do Atlântico Sul. E, como prova máxima de sua intrepidez e de sua lealdade, tem o povo brasileiro nos campos de batalha da Europa, uma já gloriosa Força Expedicionária, que desfere incansavelmente golpes poderosos sobre os hitlerianos. Que deseja o povo brasileiro? Que desejam os seus jovens vanguardeiros da Força Expedicionária? O nosso desejo unânime é de que seja a guerra liquidada no mais curto prazo neste ano de 1945, evitando se prolongue o sacrifício da juventude de todas as Nações Unidas e perdure, ainda que, por mínimo tempo, a ameaça intolerável da escravidão nazista.[229]

f) Correspondentes de guerra

A FEB teve suas ações acompanhadas por correspondentes de guerra brasileiros e estrangeiros. Em sua maioria, tais jornalistas publicaram posteriormente coletâneas de reportagens ou livros de memórias sobre a campanha.

Pelo lado da mídia nacional, estiveram presentes nomes de peso, como Rubem Braga, do *Diário Carioca*; Joel Silveira, dos *Diários Associados*; Egydio Squeff, de *O Globo*; Raul Brandão, do *Correio da Manhã*; e Thassilo Mitke, da *Agência Nacional*.

Também instalados no quartel general da FEB de Pistoia se encontravam Henry Bagley, da *Associated Press*; Frank Norall e Allan

229 Fac-símile da edição n. 7. *In*: MASCARENHAS DE MORAES (org.), *O Cruzeiro do Sul* – coleção completa do órgão especial da FEB na Itália.

Fisher, da Coordenação de Assuntos Interamericanos dos EUA; e Francis Hallawell, conhecido pelo grande público, por suas transmissões radiofônicas, como "o Chico da BBC".

A despeito da desconfiança do então ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, e de Lourival Fontes, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) getulista, contrários ao envio dos correspondentes brasileiros – e superados após nomes como Assis Chateaubriand, Austregésilo de Athayde, Paulo Bittencourt e Horácio de Carvalho se terem recusado a publicar somente material da *Agência Nacional*, como queria o governo –, era por intermédio dos correspondentes brasileiros que a população tomava conhecimento do cotidiano dos pracinhas, e a eles se afeiçoava diante das notícias transmitidas via telégrafo.

Os repórteres tiveram também de enfrentar, ao chegar à frente de combate, resistências dos militares brasileiros, em especial dos mais graduados. Tal desconfiança, com os meses de convivência, transformou-se em verdadeira relação de intimidade com os soldados, cabos e sargentos e de amizade com os oficiais e com o próprio Mascarenhas de Moraes[230].

Vale lembrar que esses jornalistas deixaram obras de grande valor testemunhal e mesmo literário. Rubem Braga, considerado um dos maiores cronistas brasileiros, publicou, logo em 1945, *Com a FEB na Itália*, e, em 1985, *Crônicas da guerra na Itália*, além de haver escrito o prefácio do já citado *Caderno de guerra* do pintor Carlos Scliar.

Joel Silveira, mais tarde apelidado "a serpente", por sua verve, escreveu livros essenciais sobre a FEB, como *Histórias de pracinha (oito meses com a Força Expedicionária Brasileira)*, de 1967; *A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial*, de 1983, com Thassilo Mitke; *Segunda Guerra Mundial: todos erraram, inclusive a FEB*, de 1989; e *O inverno da Guerra*, de 2005. Francis Hallawel publicou,

230 As informações sobre os correspondentes de guerra que acompanharam a FEB, embora espalhadas por vários textos, foram recolhidas, em sua maioria, em SILVEIRA, *O Inverno da Guerra*, p. 9-41.

em 1946, o raro livro *Scatolettas da Itália*, compilação de reportagens e histórias sobre a FEB escritas pelos colegas correspondentes.

Nesse ponto, é importante ressaltar a existência, no seio da FEB, de uma rede de publicação de notícias impressas que, à época, traziam informações, e distraíam e confortavam os soldados brasileiros – e às vezes lhes permitiam exercer seus dotes poéticos ou sua veia crítica. Esses jornais viriam a constituir, décadas mais tarde, importantes fontes para pesquisas históricas sobre a FEB e seu cotidiano.

O mais importante desses veículos jornalísticos internos, feitos com colaborações de soldados de todas as patentes e textos dos correspondentes de guerra, foi sem dúvida *O Cruzeiro do Sul*, boletim oficial da FEB, o qual mereceu, em 2011, cuidadosa reedição completa pela BIBLIEx. O jornal era editado e produzido nas dependências do quartel-general da Divisão Expedicionária, embora se abstivesse de adotar um tom oficialista. Tinha seções como "O que vai pelo Brasil", "Noticiário internacional", "A guerra em 4 frentes" e "Cartas do Brasil"[231].

Para citar dois exemplos, em seu 2º número, de 7 de janeiro de 1945, *O Cruzeiro do Sul* trazia, na seção "O que vai pelo Brasil", três notícias sobre o Itamaraty: informava sobre o falecimento, em Genebra, do diplomata Raul do Rio Branco, filho do barão do Rio Branco; noticiava audiência de trabalho, mantida na Casa Branca, pelo embaixador brasileiro Carlos Martins com o presidente Roosevelt; e destacava a designação de Lourival Fontes como novo embaixador do Brasil no México[232].

Com efeito, a leitura atenta de cada uma das 34 edições d'*O Cruzeiro do Sul* também permite ao pesquisador extrair preciosas informações, no caso aqui em especial sobre as relações de representantes do Ministério das Relações Exteriores do Brasil com a FEB na época da guerra. A edição de número 9, de 1º de fevereiro de 1945, trazia, novamente em

231 Na transcrição de excertos dos jornais da FEB, optou-se por manter a ortografia original.

232 Fac-símile da Edição n. 2. *In*: MASCARENHAS DE MORAES, (org.), *O Cruzeiro do Sul* – coleção completa do órgão especial da FEB na Itália.

"O que Vai pelo Brasil", notícia sobre a visita de diplomatas brasileiros ao *front* da FEB:

> Diz um despacho de Roma que os Srs. Mauricio Nabuco, embaixador brasileiro no Vaticano e Vasco Leitão da Cunha, ministro em Roma, visitaram as linhas do *front* brasileiro na Italia. Os ilustres diplomatas brasileiros detiveram-se em observar a ação da Infantaria, dentro de "*fox-holes*", num momento em que era intenso o fogo inimigo. Mais tarde percorreram as zonas da artilharia, impressionando-se vivamente.[233]

Por sua vez, a edição nº 14, de 18 de fevereiro de 1945, trazia matéria sobre uma nova visita dos dois diplomatas brasileiros às tropas brasileiras:

> Estiveram em visita às tropas brasileiras os Srs. embaixador Mauricio Nabuco e ministro Vasco Leitão da Cunha, respectivamente nossos representantes junto ao Vaticano e ao Governo da Italia. Os ilustres patrícios foram recebidos pelo Sr. general comandante da F.E.B. e todos os outros generais, sendo imediatamente apresentados aos oficiais do Estado-Maior e no dia seguinte aos comandantes de unidades e chefes de serviço. Durante alguns dias os dois diplomatas viveram com os oficiais, percorrendo as posições da infantaria e da artilharia com detalhe e tomando as suas refeições no Quartel General e em diversos postos de comando [...] pelo cordial entendimento e simpatia de trato aos visitantes, causou ótima impressão à tropa o gesto dos diplomatas vivendo comnosco alguns dias a realidade da vida em campanha, a que não faltaram nem mesmo as granadas com que o inimigo abrilhantou as homenagens prestadas [...] o Sr. general Mascarenhas assim se referiu, em boletim, à visita dos nossos representantes [...] os ilustres visitantes, numa eloquente demonstração de solidariedade percorreram os nossos hospitais, confortando os nossos doentes e feridos, e animaram com suas palavras e presença os nossos camaradas [...] a todos expressando a admiração e o entusiasmo que lhes causaram o animo forte e a resistência física que encontraram nos elementos da F.E.B.. Este Comando sente-se particularmente satisfeito em transmitir aos

233 Fac-símile da edição n. 9. *In*: *Ibid*.

> seus comandados a agradável e animadora impressão que levaram da F.E.B. os distintos patrícios, dignos representantes na Italia das nobres tradições do Itamarati.[234]

O Cruzeiro do Sul contou com 34 números, editados regularmente às quartas ou quintas-feiras e sempre aos domingos, a partir de janeiro de 1945. Seu último número, datado de 31 de maio de 1945, foi exatamente um número especial, como se viu, totalmente paginado por Carlos Scliar, que comemorava o final da Segunda Guerra Mundial na Europa e a vitória sobre o inimigo.

Por sua vez, quando foi decidido o envio da FEB para a Itália, o jornalista Roberto Marinho decidiu editar *O Globo Expedicionário*, caderno de oito páginas, feito por Pedro Motta e Rogério Marinho especialmente para os soldados brasileiros. Lançado oficialmente em 7 de julho de 1944, o suplemento chegava toda semana ao *front* italiano, com informações sobre política nacional, a guerra e esportes, além de notícias sobre familiares e amigos. Circularam 37 edições semanais até 23 de maio de 1945.

Na edição de 22 de fevereiro de 1945, o tabloide trouxe a gravura estilizada do lema "A cobra está fumando", desenhado por Walt Disney. O mencionado Egydio Squeff, correspondente de *O Globo* junto à FEB, assim destacou a importância do suplemento:

> Para muitos dos nossos Pracinhas, a ausência de cartas e notícias do Brasil era talvez tão dura como lutar com os alemães. Por isso quero destacar o papel desempenhado por um jornalzinho modesto que seguia daqui para as mãos dos nossos combatentes: *O Globo Expedicionário*. Não vinham cartas? Não chegavam jornais? Pois ali sempre encontravam alguma coisa, recado da família, namoradas, simples amigos, informações, vitória do Flamengo e até nome de filmes. Um só exemplar do "Globinho", como o chamavam, percorria centenas, milhares de mãos, pois o transporte de grande número era impraticável. A avidez por notícias do Brasil era tamanha que surgiu na frente uma folha mimeografada, o "Zé Carioca", feita com devoção,

234 Fac-símile da edição n. 14. *In*: MASCARENHAS DE MORAES, (org.), O Cruzeiro do Sul – coleção completa do órgão especial da FEB na Itália.

> mas que não bastava, obviamente, para cortar a sede sentimental dos Pracinhas. O "Globinho" foi um pequeno herói anônimo na nossa guerra.[235]

De fato, a FEB tinha folhetins impressos próprios, mimeografados e produzidos em diferentes regimentos, batalhões e companhias, como o *Zé Carioca*, que chegou a ter mais de 50 números; o *E a cobra fumou*, do 6º Regimento de Infantaria; *O camelo* e *A voz do petrecho*, da infantaria; e o *Só penas*, da Engenharia de Combate. Eram editados e impressos pelos soldados nas cidades por onde passava a tropa brasileira[236].

235 Disponível em: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/o-globo/o-inicio/a-guerra-e-o-globo-expedicionario.htm>. Acesso em: 14 set. 2016.

236 Nesse contexto, diante de novas pesquisas que estão sendo feitas sobre a FEB, incluindo aspectos inovadores da presença das tropas brasileiras na Itália, vale voltar a destacar o trabalho do professor Vinícius Mariano de Carvalho, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Palestrante no seminário sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, organizado pela embaixada em Londres, em fevereiro de 2016, tem procurado pesquisar e escrever sobre a produção artística dos pracinhas brasileiros durante a época da guerra. Telegrama n. 202, ostensivo, embaixada do Brasil em Londres, 26/02/2016.

Capítulo 4

O legado da FEB e o Itamaraty: propostas

Em 2013, no livro *Nos bastidores da diplomacia: memórias diplomáticas*, o diplomata e historiador Vasco Mariz comentou experiências vividas à frente de seu último posto, a embaixada em Berlim, à época capital da República Democrática Alemã (RDA), que guardam forte relação com o objetivo deste trabalho.

Mariz relata, inicialmente, que, em sua apresentação de credenciais, em janeiro de 1985, comentou com o então presidente da RDA, Erich Honecker, que havia sido convocado a embarcar para o *front* italiano antes do final da guerra. Honecker respondeu, para total espanto de Vasco Mariz, que não sabia que o Brasil havia participado da guerra, atribuindo tal desconhecimento ao fato de ter permanecido na URSS durante o conflito, fugindo da perseguição de Hitler aos comunistas alemães, aonde não chegavam notícias do terreno italiano. Mariz aproveitou então para, com base inclusive em sua experiência como cônsul em Nápoles, em 1956, quando se aproximou das lembranças da

FEB, fornecer ao mandatário alemão-oriental dados sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial[237].

O segundo fato é, na versão do embaixador Mariz, "ainda mais estranho". Ao visitar o Castello de Cecilienhof, onde foram negociadas a rendição da Alemanha e a partilha do país em quatro zonas, após 8 de maio de 1945, Mariz notou que havia um quadro, no salão de entrada, com as bandeiras e os dados dos países que lutaram contra o nazismo, faltando somente a África do Sul (ausência que atribui ao regime do *apartheid* então vigente naquele país) e o Brasil: "ao ver o quadro de honra, que omitia o Brasil, aquele remoto oficial brasileiro de 1945 sentiu-se ofendido e reclamei veementemente junto ao administrador de Cecilienhof... pedi então audiência especial ao chanceler Oskar Fischer, que de nada sabia". Após inúmeras negociações, o diplomata enviou ao local informações para a inscrição dos dados do Brasil[238].

Mariz conta então que, ao regressar a Berlim, em 2002, pediu a um antigo colaborador da embaixada para verificar se a correção fora feita, tendo recebido como resposta que os quadros haviam sido retirados depois da reunificação alemã. E comenta:

> Como um quase *pracinha*, que esteve com data marcada para embarcar para a Itália em junho de 1945, senti-me frustrado com essas informações [...] em maio de 2005 foram realizados importantes festejos do fim da Segunda Guerra Mundial nos EUA, na França, Inglaterra e na Rússia, sendo sempre convidado também o ex-chanceler alemão Gerard Schroeder. Para minha surpresa, o Brasil não foi convidado a participar dessas comemorações. Nossas embaixadas em Washington, Moscou, Paris e Londres aparentemente não receberam instruções para recordar às autoridades desses países a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial [...] no meu entendimento houve falha do Itamaraty e sobretudo do Ministério da Defesa e estou certo de que os remanescentes membros da FEB ficaram frustrados.

237 MARIZ, *Nos bastidores da diplomacia:* memórias diplomáticas.

238 *Ibid*.

> Eu fiquei. Afinal de contas morreram quase dois mil brasileiros e eles agora estão esquecidos?[239]

Na linha defendida pelo embaixador Mariz, o presente trabalho – não obstante o erro factual do citado texto quanto ao número de baixas da FEB, que pode ser entendido se somadas as vítimas dos navios mercantes brasileiros torpedeados, e com o tom veemente de quem já não está nos quadros da ativa do Serviço Exterior Brasileiro – visa justamente a fazer sugestões para que a participação brasileira na luta contra o nazifascismo passe a figurar como tema da agenda diplomática nacional.

A hipótese principal deste trabalho é que de fato existe um cabedal positivo sobre a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial passível de ser transformado em ações diplomáticas positivas de *soft power* para o Brasil. Nesse caso, vale citar o depoimento do embaixador Everton Vieira Vargas, ele próprio, como visto, filho de ex-integrante da FEB:

> A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial é uma das decisões transcendentes no conjunto da política externa brasileira. Equipara-se à demarcação das fronteiras ou à decisão de Rio Branco de aproximar-se dos Estados Unidos num momento em que a Inglaterra começava a declinar. Trata-se de decisão que não só rechaçou de maneira inequívoca a agressão externa ao país, mas também delineou a inserção do país no contexto internacional do pós-guerra. A participação da FEB nos combates na Itália consolidou o enfoque universalista da política externa brasileira. Esse enfoque ganhou maior relevância ainda na participação do Brasil nas negociações da Carta de São Francisco, que criou as Nações Unidas, em outubro de 1945. No plano interno, a decisão de enviar tropas ao teatro de operações da Itália gerou na sociedade brasileira a consciência de que estamos inseridos em um mundo no qual ações, ainda que distantes do nosso território, têm impacto direto na salvaguarda dos nossos interesses imediatos e futuros.[240]

239 MARIZ, *Nos bastidores da diplomacia*: memórias diplomáticas, p. 244-251.

240 Entrevista em: 21/11/2016.

Para tanto, a seguir, passam a ser indicadas áreas específicas e delineadas propostas concretas, com a participação do Itamaraty, para que o legado da FEB seja incorporado à agenda diplomática brasileira e à imagem que o Brasil pretende projetar junto à comunidade internacional.

Para o ex-ministro da Defesa e ex-embaixador do Brasil na Itália, José Viegas Filho, a relevância da preservação e da divulgação do legado da FEB assenta-se sobre quatro premissas: o fato de o Brasil ter sido o único país latino-americano a enviar tropas ao teatro de operações europeu; a participação brasileira na luta pela democracia no momento de sua maior crise no século XX; a caracterização do envio da FEB como "um dos momentos mais nobres, em termos de desprendimento, da vida de um país cuja política externa é universal e tem como essência o diálogo, a cooperação e a igualdade entre os Estados"; e as relações de solidariedade, deixadas pelos pracinhas brasileiros, que ainda perduram duas gerações depois[241].

4.1 A FEB como tema político

Discute-se aqui o possível papel a ser exercido, pelas áreas temáticas do Itamaraty, na incorporação do legado da FEB como item substantivo do discurso diplomático brasileiro.

Criada em 2010 como parte do gabinete do secretário-geral das Relações Exteriores, a Coordenação-Geral de Assuntos de Defesa (CGDEF) exerceu, até o ano de 2016, papel inovador no estreitamento da coordenação do Itamaraty com a pasta da Defesa e com os três Comandos Militares brasileiros. Um dos assuntos preponderantes era, por certo, a participação do Brasil nas missões de paz da ONU, mas havia também espaço para o estabelecimento de produtivo diálogo e preparação de reuniões, no formato "2 + 2" (ministros das Relações Exteriores e da Defesa), com países importantes para a diplomacia brasileira.

241 Entrevista em: 14/10/2016.

Em 2016, a CGDEF foi substituída pela Divisão de Assuntos de Defesa (DVAD/MRE), subordinada ao novo Departamento de Assuntos de Defesa e Segurança (DADS/MRE), de acordo com o Decreto nº 8.816, de 21 de julho de 2016, o qual aprovou nova estrutura regimental do MRE[242]. Em nova reforma da estrutura regimental do MRE, de acordo com o Decreto nº 9.683, de 9 de janeiro de 2019, a nova Divisão de Assuntos de Defesa (DADF/MRE) passou a subordinar-se ao Departamento de Defesa (DDEF/MRE). Em todos esses casos, afigura-se como de marcada importância o fato de o Itamaraty contar com setor específico para tratar de temas de defesa e articular a interlocução com os órgãos militares.

O legado da FEB inclui-se nesse diapasão. Para o embaixador Afonso Álvaro de Siqueira Carbonar, que foi ministro-conselheiro da embaixada do Brasil em Roma, entre 2006 e 2008; esteve à frente da CGDEF entre 2009 e 2012; e assumiu, em outubro de 2016, o consulado-geral do Brasil na capital italiana, "o Brasil precisa aproveitar certos legados históricos, e cabe a instituições de Estado, como o Itamaraty, de tradicional memória institucional, usá-los como instrumento diplomático"[243].

O embaixador Carbonar lembra que o Brasil tem, na Itália, amplo campo de atuação. Segundo o diplomata, é justamente no quadrilátero da Toscana e da Emília-Romana que o legado da FEB constitui vínculo com as autoridades e com a população local a ser aproveitado para engendrar iniciativas políticas que possam ir além de solenidades[244].

Da mesma forma, seria importante incluir a Assessoria Especial de Gestão Estratégica (AEG), órgão diretamente integrado ao gabinete do ministro de Estado das Relações Exteriores e responsável pela elaboração de documentos substantivos e analíticos sobre temas de política externa, no esforço de incorporação do legado da FEB ao discurso diplomático que se pretenda projetar internacionalmente.

242 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8817.htm>. Acesso em: 1 set. 2016.

243 Entrevista em: 02/11/2016.

244 *Ibid*.

Vale citar o seguinte caso, que teria ocorrido há alguns anos. Em audiência com o chanceler dos Países Baixos, que realizava visita de trabalho ao Brasil, o tema da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial surgiu no diálogo com o ministro das Relações Exteriores brasileiro. Em situação semelhante à descrita pelo embaixador Vasco Mariz, o homólogo holandês disse, de maneira franca e polida, não ter informações sobre a ida do Brasil ao *front* europeu e perguntou gentilmente se lhe poderia ser fornecido algum documento a respeito. A partir daquele momento, ressaltou a fonte que pediu para permanecer anônima, deu-se verdadeira corrida para a elaboração urgente de informação, em inglês, sobre a participação do Brasil na guerra e sobre o legado da FEB.

É nesse sentido que aqui se propõe que as áreas temáticas do Itamaraty tenham documentação atualizada sobre a FEB, que possa alimentar possíveis pronunciamentos a serem proferidos pelo senhor ministro de Estado – por exemplo, no Dia da Vitória Aliada, no Sete de Setembro ou em solenidades sobre a FEB.

4.1.1 A FEB e o plano multilateral

Na incorporação da FEB ao repertório ativo da política externa brasileira, aspecto a valorizar é a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como antecedente de peso da contribuição do país para esforços internacionalmente concertados a favor da paz.

Ao lutar, na Linha Gótica, ao lado do 2º Corpo do Exército Polonês, do 1º Corpo Canadense (do qual fazia parte a 2ª Divisão Neozelandesa), da 19ª Brigada Indiana, da 6ª Divisão Blindada Sul-Africana e do Corpo Italiano de Libertação, o Brasil teve possivelmente a primeira experiência do gênero em sua história moderna, ainda que fora de qualquer moldura institucional multilateral, o que teria lugar com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945.

Assim, a atuação da FEB e sua participação na vitória dos Aliados podem ser retomadas como argumentos históricos nos momentos em

que o Brasil haja por bem ocupar maiores espaços em iniciativas de paz e segurança internacional.

Não deixa de ser interessante notar que o próprio discurso público do Itamaraty no que diz respeito à participação do Brasil nas missões internacionais de paz traz consigo um chamamento ao final da Segunda Guerra: "para um membro fundador das Nações Unidas, historicamente comprometido com a solução pacífica de controvérsias, participar de operações de manutenção de paz é um desdobramento natural de suas responsabilidades internacionais"[245].

Nas décadas seguintes, o Brasil tornar-se-ia um dos países que mais contribuiriam com efetivos para as missões de paz das Nações Unidas. Como aponta o general de brigada Sergio Roberto Dentino Morgado, diretor cultural do Exército Brasileiro, após a campanha da FEB, "o soldado brasileiro, admirado e respeitado por sua coragem e pela sua cordialidade, ganhou notoriedade e passou a ser requisitado para compor as Forças de Paz da ONU e da OEA"[246]. Com efeito, depois da Segunda Guerra Mundial, o Brasil foi convocado a participar de mais de 50 missões das Nações Unidas e da OEA e similares, tendo enviado cerca de 33 mil militares, policiais e civis ao exterior.

Recentemente, além do Haiti e do Líbano, nos quais respectivamente foi responsável pelo comando da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH) e lidera a força-tarefa marítima da Força Interina das Nações Unidas para o Líbano (UNIFIL), o Brasil também conta com mais de 1.700 integrantes nas missões de paz no Chipre, na Costa do Marfim, na Libéria, na República Centro-Africana, na República Democrática do Congo, no Saara Ocidental, no Sudão e no Sudão do Sul. Em 2010, foi instalado o Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil – Centro Sérgio Vieira de Mello (CCOPAB), localizado na Vila Militar, no Rio de Janeiro, voltado para a preparação de militares,

245 Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/4783-o-brasil-e-as-operacoes-de-paz>. Acesso em: 31 ago. 2016.

246 RIBEIRO, (coord.), A *II Guerra Mundial*: o Brasil e Monte Castelo: Por quê?, Como?, Para quê?: Memória do Exército Brasileiro e do Jornal do Brasil, p. 7.

brasileiros e estrangeiros, que irão compor as missões de paz das Nações Unidas[247].

O conselheiro Eduardo Uziel, autor da tese *O Conselho de Segurança, as operações de manutenção de paz e a inserção do Brasil no Mecanismo de Segurança Coletiva das Nações Unidas*, apresentada no Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, lembra que, na década de 1940, a diplomacia brasileira costumou utilizar a Força Expedicionária Brasileira como credencial nas campanhas brasileiras por vagas em órgãos multilaterais. Para ele, seria importante que o Itamaraty resgatasse a memória da participação brasileira no conflito. Sugeriu, igualmente, a edição de livro específico sobre o Cemitério de Pistoia[248].

No caso da valorização do papel brasileiro na criação da ONU, é importante não cair na vinculação aparentemente fácil do legado da FEB com temas mais amplos da agenda multilateral do Brasil, como é o caso do pleito a um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). O fato é que as credenciais brasileiras no processo de reforma do Conselho com as quais se procura esgrimir tal pleito parecem estar mais atreladas à legitimidade do país do que a seu poderio militar.

Ademais, dois dos países perdedores do conflito, Alemanha e Japão, fazem parte, ao lado da Índia e do Brasil, do G4, plataforma primeira pela qual o governo brasileiro buscou promover seu projeto. Não se pode esquecer tampouco que o argumento brasileiro e de outros países em prol da reforma do CSNU tem como uma de suas premissas a necessidade de adaptá-lo ao mundo atual, não podendo refletir a realidade de 1945 e a prevalência dos vencedores da Segunda Guerra Mundial.

Nesse contexto, vale lembrar a advertência, feita pelo professor Amado Luiz Cervo, de que o diálogo sobre assuntos de guerras passadas

247 Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/index.php/relacoes-internacionais/missoes-de-paz>. Acesso em: 31 ago. 2016.

248 Entrevista em: 17/10/2016.

por parte das diplomacias constitui tema delicado e que requer prudência, "porque cada diplomacia tende a exibir sua correção de conduta no envolvimento, sem uma visão crítica que a análise histórica tende a evidenciar". Para Cervo, autor, ao lado de Clodoaldo Bueno, do livro de referência *História da Política Exterior do Brasil*, conviria acoplar o tratamento dado à participação do Brasil na Segunda Guerra "ao pacifismo da política exterior brasileira, tendência preciosa e de longo prazo. Por necessidade viu-se na obrigação de envolver-se nas guerras dos outros, tanto a primeira como a segunda"[249].

De fato, o pesquisador em assuntos de defesa Expedito Bastos, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ressalta que:

> Relembrar aqueles anos difíceis e a importância da participação do Brasil naquele contexto é de suma importância e o mesmo pode ser feito através da manutenção do Monumento em Pistoia, bem como de palestras, exposições, museus e viagens alusivas às principais datas que relembram os feitos da FEB, com, ainda, a presença dos veteranos, que já se encontram em extinção. O melhor tratamento é divulgar mais intensamente e didaticamente a nossa participação, o aprendizado e o legado recebido naqueles conturbados anos, sem ferir suscetibilidades, visto que os inimigos de ontem não são os de hoje e que toda a conjuntura mundial sofreu grandes alterações.[250]

É nesse sentido que a tese procura apresentar propostas para um revigoramento da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial não por suas características militares ou como antecedente de projeção de poder bélico. A começar pelos vizinhos sul-americanos, indo até os integrantes do G4 derrotados na guerra, qualquer discurso que procurasse incorporar à agenda diplomática brasileira o legado da FEB com matizes militares poderia trazer resultados contrários aos esperados.

249 Entrevista em: 24/10/2016.

250 Entrevista em: 14/10/2016.

Para o embaixador Paulo Roberto Tarrisse da Fontoura, autor da tese *O Brasil e as operações de manutenção de paz nas Nações Unidas*, apresentada no Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, para países como o Brasil, interessa o fortalecimento do sistema multilateral, "única base plausível para a construção de uma ordem internacional que não se fundamenta na desigualdade e na força, algo que inclui naturalmente responsabilidades pela manutenção da paz e segurança internacionais"[251].

O embaixador Tarrisse da Fontoura lembra que, no mesmo período temporal, além de ser o único país latino-americano a ter participado das duas guerras mundiais com o envio de efetivos armados, "estivemos presentes nas crises de Letícia (1933-34), Guerra do Chaco (1932-38) e Conflito Peru-Equador (1941-42), sem contar as operações de paz do pós Segunda Guerra Mundial, conflito da Cordilheira do Condor, etc.". Para ele, o combate ao nazismo e ao fascismo enquadra-se nesse contexto: "não travamos uma guerra contra a Alemanha, a Itália e o Japão, mas contra os regimes autoritários que detinham o poder à época, cujos valores tinham de ser derrotados. Hoje, temos relações estratégicas com os três países"[252].

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, segundo o embaixador Paulo Tarrisse da Fontoura, ilustraria, portanto, o grau de responsabilidade que o país aspira assumir nesse campo e abriria espaço para que temas de segurança e defesa – que fazem parte do governo como um todo – passassem a ser considerados pela política externa de maneira mais concreta. Segundo o diplomata, com as novas ameaças não tradicionais, seria preciso, assim, "harmonizar diferentes perspectivas, sempre tendo como âncora nossos compromissos com a paz, como demonstrado pela criação da FEB na Segunda Guerra Mundial, que representou a resposta adequada naquelas circunstâncias"[253].

251 Entrevista em: 22/11/2016.

252 *Ibid*.

253 Entrevista em: 22/11/2016.

O ponto mais importante que o conjunto deste trabalho tem procurado destacar é justamente que o legado da FEB, para a política exterior brasileira, se apresentado em seu devido contexto histórico, mostra o apego perene da diplomacia brasileira aos valores da democracia e da paz universais, como apontou anteriormente o embaixador José Viegas Filho. Vale reproduzir a construção do embaixador Viegas, para quem a "FEB e seu legado simbolizam que a política externa [brasileira] é universal e tem como essência o diálogo, a cooperação e a igualdade entre os estados"[254].

Ademais, de forma realista, é importante não esquecer que, para as diplomacias dos países mais importantes do cenário internacional, como EUA, Reino, Unido, França e Rússia, o tema continua a ser de alta relevância política. No caso da Rússia, que contou enormes perdas em sua contribuição para a vitória sobre a Wehrmacht, a história de sua participação na Segunda Guerra Mundial aparece claramente em seu repertório diplomático, dado que haveria certa resistência em incluir completamente o país nas comemorações alusivas ao final do conflito, sob a alegação de que se tratava da extinta União Soviética a representante entre os Aliados, e não da Rússia.

Segundo o Dr. Israel Blajberg, diretor cultural da ANVFEB e autor do importante livro e documento histórico *Soldados que vieram de longe*: os 42 heróis brasileiros judeus da 2ª guerra mundial[255], a incorporação mais contundente da lembrança da FEB ao discurso diplomático brasileiro faz-se necessária justamente porque demonstra "o apego do Brasil à democracia, pelo combate ao nazismo e empenho em preservar a paz mundial". Para Blajberg, "a importância do Brasil como uma das 19 nações aliadas possui elevado capital simbólico e deve ser sempre ressaltada, mormente por permitir [ainda hoje] a conexão do Brasil com os diferentes graus do espectro ideológico"[256].

254 Entrevista em: 14/10/2016.

255 BLAJBERG, *Soldados que vieram de longe*: os 42 heróis brasileiros judeus da 2ª Guerra Mundial.

256 Entrevista em: 24/10/2016.

Em artigo derivado de sua tese apresentada no Instituto Rio Branco, *O sexto membro permanente: o Brasil e a criação da ONU*, o diplomata Eugênio Vargas Garcia aborda a questão de como, ao final da Segunda Guerra, o Brasil chegou próximo de se tornar membro permanente do Conselho de Segurança da organização criada na Conferência de São Francisco.

Segundo Eugênio Vargas, a ideia de o Brasil ingressar entre os "policiais", como se havia logrado fazer com a França, teria partido do presidente Franklin D. Roosevelt. Lembra o autor que "a colaboração brasileira aos Aliados havia sido em geral muito apreciada pelo governo norte-americano, em particular por Roosevelt e pelo secretário de Estado Cordell Hull"[257]. Desde Dumbarton Oaks, a resistência britânica e a posição do chefe da delegação soviética, Andrei Gromyko, que via no ingresso do Brasil a entrada de um voto automaticamente alinhado ao dos EUA – reforçando-se que o Brasil varguista não mantinha relações diplomáticas com a URSS – foram minando a proposição norte-americana, que acabou por retirar a proposta de menção ao Brasil[258].

Finalmente, mesmo com a mudança em direção a uma proposta de criação de um assento para a América Latina, a troca de Hull por Edward Stenttinius (que já havia sido contrário ao nome do Brasil em Dumbarton Oaks) e a morte de Roosevelt representaram duro golpe para o país. Na Conferência de São Francisco, Vargas ainda citava, em suas instruções a Leão Velloso, o "justo reconhecimento... da nossa colaboração e sacrifício, assegurando-nos um lugar permanente no Conselho"[259]. Em vez disso, como se viu, ganhou força e acabou por prevalecer o apoio norte-americano à proposta de que o Brasil fosse escolhido para ocupar uma das cadeiras não permanentes na primeira composição do CSNU.

257 GARCIA, *De como o Brasil quase se tornou membro permanente do Conselho de Segurança da ONU em 1945*, p. 160.

258 *Ibid*.

259 *Ibid.*, p. 172.

Na opinião de Frank McCann, o caminho brasileiro em direção à almejada cadeira permanente no Conselho de Segurança poderia ter sido pavimentado caso o país tivesse aceitado a proposta norte-americana para participar da ocupação aliada da Áustria, que durou até 1955. Segundo McCann, com a rápida desmobilização das tropas dos EUA na Europa e com a designação do general Mark Clark como chefe da ocupação daquele país, foi rapidamente lembrado o fato de que cerca de 10.000 pracinhas haviam permanecido no estágio de instrução, para recomposição de pessoal, sem entrar em combate direto, sendo assim considerados tropas "descansadas" e aptas a atuar na Áustria[260].

McCann teria a informação de que Vasco Leitão da Cunha, já em Roma, ouvira do general britânico Harold Alexander que "o brasileiro é um belo soldado. Lamento saber que eles querem voltar para casa e não ir para a Áustria"[261]. O embaixador Vasco Leitão da Cunha enviou telegrama à capital e recebeu como resposta a indicação de que se tratava de estratégia para o Brasil pagar as despesas da ocupação. Na mesma linha, o general Crittenberger teria consultado o então tenente-coronel Castelo Branco sobre a possibilidade de o Brasil participar da ocupação da Itália, tendo obtido como resposta que, por não integrar o conselho aliado que governaria a península, não deveria envolver suas tropas na empreitada[262].

Por essa razão, mais do que cair na imediata vinculação do legado da FEB ao tema do pleito brasileiro por um assento permanente no CSNU, é mais importante que a contribuição brasileira na luta contra o nazifascismo seja utilizada politicamente como mostra da vocação do país para lutar pelas causas consideradas justas pela comunidade internacional.

260 TOSTA, *Pais foi chamado a ocupar a Austria*. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,pais-foi-chamado-a-ocupar-a-austria,383584>. Acesso em: 1 jun. 2016.

261 Tal informação é confirmada pelo embaixador Vasco Leitão da Cunha em seu depoimento ao CPDOC, em que comenta "nós abdicamos das vantagens conquistadas". CUNHA, *Diplomacia em alto-mar:* Depoimento ao CPDOC, p. 105.

262 TOSTA, *op. cit*.

4.1.2 A FEB e a diplomacia bilateral

Um dos pontos que merecem maior destaque e que poderiam fornecer maior margem para a ação diplomática brasileira em relação ao legado da FEB diz respeito à diplomacia regional na Itália.

Com efeito, como se procurou demonstrar ao longo deste trabalho, em particular no capítulo anterior, há pelo menos dois planos em que a memória da FEB não somente está presente, como é vista de forma muito positiva.

Em primeiro lugar, o comparecimento das autoridades das localidades da Toscana e da Emília Romana, nas quais se realizam solenidades em homenagem aos pracinhas brasileiros, atesta a relevância política do tema no plano bilateral.

Nesse caso, o Itamaraty poderia incentivar a aproximação com cidades daquelas duas províncias. Um primeiro movimento importante poderia ser feito com a organização de visitas oficiais regulares do embaixador do Brasil junto à República Italiana e dos cônsules-gerais brasileiros naquele país a tais localidades. A realização de missões a cidades como Montese, Gaggio Montano, Camaiore e Fornovo di Taro, entre outras, poderia representar um passo de estreitamento tanto político como cultural.

A embaixada em Roma também poderia sugerir, quando da realização de missões dos estados da Federação, a inclusão, em suas agendas, de visitas a essas cidades, das quais poderiam resultar – como tem sido costumeiro na prática das autoridades regionais – entendimentos de irmanação entre cidades brasileiras e italianas em torno do legado da FEB.

Nesse contexto, é interessante citar artigo, publicado no periódico mineiro *Jornal das Lajes*, da cidade de Resende da Costa (MG), intitulado "2ª Guerra Mundial: por que Montese (Itália) e SJDR ainda não são cidades irmãs?". A reportagem tinha como tema, justamente, proposta, que teria sido feita em 2014 pelo prefeito da cidade mineira de São João del-Rei, sede do antigo 11º Regimento de Infantaria da FEB, ao

prefeito de Montese, Luciano Mazza, para que as duas cidades "fossem oficialmente estabelecidas como Cidades Irmãs". Entrevistado, Mazza informou, de forma polida, que a proposta não teve seguimento por parte das autoridades brasileiras. Ressaltou ele "a grande dívida de gratidão com a FEB, [sendo que] por muito tempo não foi realçado o valor histórico desse acontecimento, tanto na Itália quanto no Brasil." O prefeito da cidade italiana mencionou ainda que Montese tem acordo de irmanação, assinado em 2000, com Fortaleza, onde existe um grande bairro que leva o nome da cidade italiana[263].

Em segundo lugar, parecem ter ficado patentes, no decorrer deste trabalho, a emoção e o sincero carinho que a lembrança das tropas brasileiras evoca na população italiana, em especial nas cidades onde a FEB lutou ou, como é o caso de Montese, que foram por ela libertadas do jugo fascista.

Essa lembrança representa um elemento de simpatia que se encontra na própria razão de ser da atividade diplomática, no caso, estritamente falando, de se lograr que o interlocutor tenha simpatia e apoie o posicionamento de um país em determinado assunto – essência do conceito de *soft power* de Joseph Nye. Esse exercício é interessante porque, no caso das localidades italianas que se lembram com clareza do legado da FEB até os dias atuais, essa simpatia é concedida de forma espontânea e direta. Com isso, a embaixada do Brasil em Roma, o consulado-geral na capital italiana e o consulado-geral em Milão têm abertos espaços para realizar uma série de atividades políticas e culturais, que normalmente outras representações diplomáticas levariam anos para alcançar.

Segundo o embaixador Ricardo Neiva Tavares, que esteve à frente da representação diplomática brasileira em Roma de 2013 a 2016, a experiência na Itália mostrou que o legado da FEB é importante,

263 RESENDE, *2ª Guerra Mundial: por que Montese (Itália) e SJDR ainda não são cidades irmãs?* Disponível em: <http://www.jornaldaslajes.com.br/integra/2a-guerra-mundial-por-que-montese-italia-e-sjdr-ainda-nao-sao-cidades-irmas/1702/>. Acesso em: 19 set. 2016.

sobretudo nas localidades em que a tropa brasileira atuou em sua liberação. Para ele, o Brasil tem ali um "capital de simpatia" que perdura até os dias de hoje. O diplomata lembra que, em reunião de reitores universitários Brasil-Itália, em outubro de 2016, em Parma, o prefeito da cidade italiana fez questão de mencionar, no discurso de inauguração do colóquio, o papel da FEB para seu país[264].

O embaixador Ricardo Neiva Tavares também não vê, como já citado, qualquer resistência no tratamento do tema pela Farnesina, que também demonstra amplo reconhecimento pela maneira como o Brasil recebeu os imigrantes italianos e que empresta importância aos mais de 30 milhões de seus descendentes no país. No caso da chancelaria italiana, recordar o papel da FEB torna-se ainda mais relevante para que seja do conhecimento das novas gerações de diplomatas italianos[265].

Ademais, retomando o aspecto multilateral tratado anteriormente, o embaixador Ricardo Neiva Tavares avalia que seria importante a participação de autoridades brasileiras nas comemorações do Dia D. E acrescenta que, diante de possíveis argumentos sobre o fato de as tropas brasileiras não terem participado do desembarque na Normandia, é necessário lembrar que a FEB integrou o esforço global aliado – e que até as autoridades italianas costumam comparecer às celebrações do 6 de junho na Europa[266].

O embaixador José Viegas Filho sugeriu, por exemplo, que o Itamaraty organizasse, em conjunto com as Forças Armadas e mesmo com instituições privadas atuantes nos dois países, iniciativas pontuais que pudessem reforçar a memória da FEB e sua ligação com a Itália. Mencionou possíveis ações, como o envio de convite para que o Exército Italiano participasse nas celebrações do Sete de Setembro no Brasil; a criação de um prêmio para a obra de arte que refletisse a solidariedade

264 Entrevista em: 27/10/2016.

265 *Ibid*.

266 *Ibid*.

entre os dois países; e o estabelecimento de um Dia da Amizade Ítalo-Brasileira[267].

Nesse contexto, cabe citar que o jornal milanês *Avvenire* publicou, em abril de 2014, artigo do historiador Nazareno Giusti, intitulado "*Quando la Linea Gotica si colorò di verde-oro: i 25 mila uomini della forza di spedizione brasiliana in Italia*". É mais uma prova de que as reminiscências sobre a participação da FEB na Itália permanecem vívidas também no plano da sociedade civil e da opinião pública italiana[268].

Na mesma linha, em fevereiro de 2015, o periódico regional *Il Resto del Carlino*, de Bolonha, publicou artigo, assinado pelo jornalista Nicola Baldini, sobre os eventos comemorativos que a prefeitura daquela cidade estava organizando no sopé do Monte Castello. Ao citar a "memória da antiga ligação que uniu os militares brasileiros aos combatentes italianos e com o intuito de dar seguimento ao profícuo diálogo que fez crescer a amizade entre os dois países", a prefeita de Gaggio Montano, Maria Elisabetta Tanari, declarou que a tomada do Monte Castello pelas tropas brasileiras "foi um evento fundamental para o nosso território ferido pela guerra"[269].

O historiador Vágner Camilo Alves considera de marcada relevância o trabalho de se manter viva a memória da Força Expedicionária Brasileira na Itália:

> Creio, especificamente em relação ao teatro de operações em que os combatentes brasileiros atuaram, que se deve sempre contar e frisar o papel heróico que tais forças tiveram, libertando a região da ocupação do Eixo. Trata-se de pequena área, mas nela os brasileiros foram os heróis. Todo esforço em construir e manter essa imagem, algo que os norte-americanos fazem tão bem, é missão a ser perseguida. O MRE deve atuar com mais esforço apoiando tais iniciativas e mesmo

267 Entrevista em: 14/10/2016.

268 GIUSTI, *Quando la Linea Gotica si colorò di verde-oro: i 25 mila uomini della forza di spedizione brasiliana in Italia*.

269 BALDINI, Monte Castello, símbolo dell'amicizia col Brasile. *Si festeggia il 70esimo aniversario della conquista*.

> guiando novas, talvez levando estudantes de escolas públicas para conhecer a região.[270]

Na opinião do embaixador Luiz Gilberto Seixas de Andrade, que serviu como ministro-conselheiro na embaixada do Brasil em Roma, entre os anos de 2008 e 2010, o tema da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial "é e sempre foi importante para a diplomacia brasileira, mas seu tratamento tem sido restrito à Itália". O grande desafio residiria em encontrar maneiras de ampliar a divulgação do legado da FEB geograficamente[271].

Para o embaixador Luiz Gilberto Seixas de Andrade, o ideal seria conjugar as duas frentes, com a promoção, por exemplo, pela embaixada do Brasil em Roma, de um concurso de monografias sobre a participação brasileira no *front* naquele país; e, ao mesmo tempo, com a realização de uma exposição que chegasse ao corpo diplomático em Brasília e até mesmo à sede das Nações Unidas, em Nova York[272].

Na hipótese proposta pelo presente trabalho, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial deveria de fato servir como ferramenta de aproximação e mesmo de divulgação da contribuição e da vocação brasileira para a paz junto a outros países. Para citar um exemplo histórico, em 4 de junho de 1944, o consulado do Brasil em Nova York transmitia carta, publicada no jornal *The New York Times*, de autoria de Benjamin H. Namm, antigo funcionário do escritório do coordenador interamericano em São Paulo, intitulado "*Our debt to Brazil*", o qual concluía:

> *Without the aid of Brazil, it is conceivable that we might not have brought the Second World War to a successful conclusion. It was Brazil's grant of strategic air bases to us in 1941, at the closest point to Africa, which proved a decisive factor in the defeat of Rommel in North Africa. Without Brazil's aid in supplying needed war matériel, such as rubber, quartz crystal, mica,*

270 Entrevista em: 05/10/2016.

271 Entrevista em: 17/10/2016.

272 *Ibid*.

> *tantalite, etc., our great war production record might never have been achieved... It is my fond hope that this great country of ours will never forget the debt of gratitude that we owe to Brazil for making available to us those strategic air bases and that critically needed war matériel at a time when we stood in such desperate need of them.*[273]

O Brasil guarda na memória da FEB, ainda hoje, um registro histórico pouco utilizado e valioso para a construção de ações de cooperação em diversos campos, em particular nas áreas militar e de pensamento estratégico internacional, com parceiros tradicionais como os EUA, a Inglaterra e a França.

O legado da FEB é dotado da capacidade de evocar, mesmo nos dias atuais, a colaboração prestada pelo Brasil aos EUA na época da Segunda Grande Guerra. Para o embaixador Ricardo Neiva Tavares, seria importante lembrar, mesmo em momentos em que as diplomacias dos dois países divergem, que os dois países foram aliados na vitória de 1945. São pontos de convergência que valeria a pena refletir bem sobre "como usar e quando usar", acentua o embaixador Neiva Tavares[274].

Para o embaixador Afonso Carbonar, o Itamaraty poderia reunir grupo de acadêmicos brasileiros, e com eles organizar palestras sobre a FEB em instituições norte-americanas, como no caso do *U.S. Southern Command* (SOUTHCOM), em Miami, Flórida[275]. A iniciativa poderia igualmente ser replicada em instituições semelhantes de países europeus.

Por sua vez, o embaixador Eduardo dos Santos, ex-secretário-geral das Relações Exteriores (2013-2015), relembrou, em entrevista, interessante fato histórico que diz respeito às relações bilaterais com a Inglaterra:

> Em 1944, o Brasil protagonizou, em relação à Segunda Guerra Mundial, um duplo movimento de *hard power* e de *soft power*. No primeiro caso, enviou com a FEB um contingente militar para lutar nos campos de batalha e participar diretamente do conflito bélico. Paralelamente, e

273 CDO, correspondência consular, Nova York, telegrama n. 79, de 04/06/1948, para Raul Fernandes.

274 Entrevista em: 27/10/2016.

275 Entrevista em: 02/11/2016.

> este é o segundo caso, promoveu em Londres a primeira exposição de arte na Europa. Uma coleção de quadros de artistas modernistas do Brasil foi enviada a Londres, por intermédio da embaixada britânica, para ser exposta na *Royal Academy*. Os quadros foram vendidos ou leiloados e a renda auferida foi doada ao fundo beneficente da *Royal Air Force* em apoio ao esforço de guerra no qual estavam engajados os ingleses contra os alemães. A exposição, que ocorreu durante os ataques aéreos alemães, percorreu outras cidades da Inglaterra. Marcou uma atitude de apoio e solidariedade da comunidade artística do Brasil aos ingleses. Ou seja, enquanto empunhávamos as armas na Itália, aplicando o *hard power*, recorríamos à arte, como forma de *soft power*, para demonstrar nossa adesão à causa dos aliados.[276]

Em um momento em que o cenário mundial contemporâneo assiste, com certa perplexidade, à eclosão de novos tipos de conflitos, os sinais advindos da contribuição brasileira para a derrota do nazifascismo sempre poderão ser lembrados a outros estados como prova inconteste da diligência do país em colaborar com esforços internacionais em prol de uma realidade internacional menos conflituosa.

4.2 A FEB e a administração do Itamaraty

O legado da Força Expedicionária Brasileira, sobretudo na Itália, encontra-se diretamente subordinado à administração do Itamaraty, que mantém auxiliar local lotado em Pistoia e envia recursos trimestrais para a manutenção do monumento naquela cidade. Neste segmento, o trabalho propõe ações que poderiam ser engendradas para o aprimoramento do tratamento administrativo do tema.

O foco é claramente, pela sua importância e simbolismo, o Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, valendo fazer uma referência, igualmente, a levantamento extraoficial, feito pela adidância de Defesa da embaixada do Brasil em Roma, o chamativo número de 40 Lugares de Memória da FEB na Itália.

276 Entrevista em: 21/11/2016.

4.2.1 O Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia

> *...voltamos o pensamento para o distante cemitério de Pistoia e dirigimos a nossa comovida e respeitosa saudade aos bravos companheiros que se sacrificaram no campo da luta, em defesa da sobrevivência do Brasil como nação livre e democrática.*
>
> Marechal Mascarenhas de Moraes, outubro de 1946.

Uma das questões de cunho prático que o presente trabalho pretende analisar se refere ao *modus operandi* da manutenção física dos monumentos e lugares de memória da FEB na Itália.

A embaixada do Brasil em Roma é, desde o final da Segunda Guerra Mundial, a responsável administrativa pela manutenção do legado da FEB na Itália, com a participação, nos primeiros anos depois da guerra, do consulado em Livorno, depois transferido para Florença.

Como se mencionou, o MVMBP foi projetado e construído pelo Itamaraty. Com base em pesquisa feita nos arquivos históricos do ministério, foi possível confirmar que a Secretaria de Estado das Relações Exteriores deu, em 28 de julho de 1947, instruções à embaixada em Roma, após ter consultado o Ministério da Guerra, para que "negocie e adote uma decisão final sobre o assunto" do aluguel do terreno do Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia. Acrescentava o expediente julgar inconveniente transferir "a questão em apreço – da regularização da situação do terreno –, para o consulado em Livorno[277], incumbido, apenas e de ora em diante, da administração do campo santo e do pagamento das diversas despesas para sua conservação"[278].

O auxiliar administrativo Mario Pereira realiza trabalho de constante recepção de cidadãos que procuram o MVMBP e, muitas vezes, aceita generosamente acompanhá-los, a pedido dos mais interessados, no

277 AHI, embaixada do Brasil em Roma, telegrama n. 45, de 28/07/1947, de Camillo de Oliveira ("em nome do m. de Estado") para Pedro de Moraes Barros.

278 CDO, consulado em Livorno, telegrama n. 43, de 05/07/1949, para Cyro de Freitas Valle; e telegrama n.75, de 05/11/1949, para Raul Fernandes.

percurso por algumas das localidades pelas quais passou a FEB. Segundo Pereira, é possível estimar em cerca de 1.000 o número de visitantes por ano ao monumento, em sua maioria brasileiros, em particular familiares de ex-pracinhas, mas também cidadãos norte-americanos, japoneses e alemães[279].

O trabalho de divulgação de Mario Pereira, filho do ex-pracinha Miguel Pereira, anterior guardião do Monumento de Pistoia, é amplamente reconhecido como exemplar e considerado sinônimo de uma dedicação pessoal de raízes profundas[280]. Pereira organizou e reconstruiu, no escritório do monumento, em abril de 2012, um pequeno museu dedicado à FEB, com parte do material do acervo de seu pai e com peças doadas por familiares de ex-combatentes, os quais, segundo ele, continuam a procurá-lo para realizar doações de *memorabilia* da força brasileira[281].

Para citar exemplos de sua dedicação, o auxiliar administrativo Mario Pereira ministra regularmente palestras sobre a FEB em escolas italianas, como foi possível constatar *in loco* aula por ele dada, em 3 de novembro de 2016, a alunos do ensino médio de Pianoro; participa, às suas expensas e com dias de férias regulares, dos encontros anuais da Associação Nacional de Veteranos da FEB no Brasil; e toma iniciativas como a da publicação, em 2013, de texto sobre a campanha brasileira na revista da rede *Coop* de supermercados, com tiragem de 700.000 exemplares, o que, à época, fez crescer em grande quantidade o número de visitantes ao Monumento de Pistoia[282].

279 Entrevista em: 06/09/2016.

280 Vários trabalhos históricos e reportagens de jornais atestam que o próprio marechal Mascarenhas de Moraes teria solicitado a contratação, a partir de 1966, do ex-pracinha Miguel Pereira, sargento responsável por operações de rádio, como "guardião" do Monumento de Pistoia. O atual auxiliar administrativo Mário Pereira é filho de Miguel Pereira, falecido em 2003: "meu pai dizia que tinha uma missão e depois que ele se foi me senti na tarefa de levá-la adiante", disse Mário Pereira, cujo trabalho de divulgação da FEB é tido como exemplar na leitura de depoimentos de ex-combatentes e de militares brasileiros, em depoimento ao jornal *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1635921-trabalho-do-brasil-na-segunda-guerra-e-ignorado-diz-filho-de-Pracinha.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2015.

281 Entrevista em: 31/10/2016.

282 O auxiliar administrativo Mario Pereira relatou uma ideia que, a seu ver, atrairia maciça quantidade de brasileiros em visita à Itália ao Monumento de Pistoia. O projeto consistiria, a exemplo do que foi feito na citada revista local, na publicação de artigo sobre a FEB e sobre o monumento em revista de uma das companhias aéreas que fazem a

Os recursos administrativos, que se destinam ao pagamento de serviços como luz, água, jardinagem e limpeza e ao pagamento do seguro do monumento, provêm exclusivamente do orçamento anual do Itamaraty.

Vale citar dois exemplos que atestam como o envio de recursos orçamentários de pouca monta podem fazer diferença para a adequada manutenção e melhoramento do Monumento de Pistoia.

O primeiro exemplo diz respeito aos trabalhos de restauração do Palácio Pamphilj, realizados ao longo dos anos de 2007 e 2008, com a reforma das fachadas lateral e posterior do histórico edifício e o traslado do consulado para novo espaço dentro do prédio. Com a informação de que havia pequena quantidade de recursos sobrantes destinados à reforma do Pamphilj, a embaixada em Roma solicitou autorização para transferir de rubrica o montante para a restauração e substituição das lajotas do MVMBP, algumas delas danificadas a ponto de não se encontrarem legíveis os nomes dos soldados brasileiros mortos na Itália.

Desse modo, foi possível recompor novamente os nomes de todos os soldados brasileiros que deixaram suas vidas nos campos de batalha italianos e que estão indicados nos pequenos quadrados de mármore, em memória de cada um deles, a um custo indiretamente proporcional a seu valor simbólico e recordatório[283].

Como segundo exemplo, a embaixada em Roma solicitou, em 2013, recursos para a instalação de duas vitrines no espaço interno do monumento. O pedido deveu-se a que a própria província de Pistoia havia decidido organizar, em fevereiro daquele ano, iniciativas de divulgação sobre a FEB. Na programação, contemplavam-se visitas de escolas públicas, e as vitrines solicitadas serviriam para exibir aos estudantes, sem risco de dano, peças históricas originais da FEB[284].

rota entre o Brasil e a Itália. Diz Pereira que tal ideia surgiu da constante expressão de surpresa de muitos visitantes brasileiros que se emocionam ao visitar o local, como se depreende das mensagens deixadas no livro de visitas do monumento.

283 Telegrama n. 65, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 16/01/2008.

284 Telegrama n. 36, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 10/01/2013.

Nesse contexto, o Serviço de Arquitetura (SARQ) do Itamaraty poderia contemplar a realização de visitas técnicas ao Monumento de Pistoia. Tais inspeções serviriam para avaliar as condições do mais importante monumento brasileiro no exterior. O embaixador Eduardo dos Santos acrescenta, ainda, que "manter e preservar o monumento deve ser uma prioridade do MRE e da embaixada em Roma", sugerindo que "caberia, por exemplo, dotá-lo de uma estrutura institucional, quem sabe criando-se uma fundação com estatuto próprio, conselho administrador, e abrir o espaço tanto quanto possível a visitação pública e seminários"[285].

4.2.2 A questão do terreno do monumento de Pistoia

É importante fazer expressa menção à questão do terreno do MVMBP, até hoje objeto de cessão ao governo brasileiro, renovável por trinta anos sob pagamento de taxa simbólica – e fonte de acirradas discussões entre os veteranos e historiadores da FEB.

Com efeito, ao passo que vários cemitérios militares estrangeiros em território italiano se encontram em áreas doadas – como o cemitério alemão em Passo della Futa; o polonês em Bolonha; os ingleses no rio Sango e em Cassino; e o cemitério norte-americano em Florença –, o terreno brasileiro é o único a ser objeto de cessão em vez de doação.

É interessante notar que o ministro da Guerra, general Canrobert Pereira da Costa, por aviso ministerial dirigido ao Itamaraty, já havia solicitado, em 1946, a resolução da questão do terreno do Cemitério Brasileiro de Pistoia:

> 1) Durante a campanha da Itália (período de julho de 1944 a maio de 1945), os mortos da Força Expedicionária Brasileira, foram, em sua totalidade, sepultados num cemitério improvisado em Pistoia.
>
> 2) Enquanto a F.E.B. estava integrada ao V Exército Americano, o problema da requisição do terreno para aquele fim não apresentou

285 Entrevista em: 21/11/2016.

> dificuldades, uma vez que essa providência foi diligenciada pela referida Grande Unidade Norte-Americana.
>
> 3) Com a retirada da maior parte das Forças Aliadas da Itália, o Comando Norte-Americano notificou o destacamento brasileiro de Pistoia, nos primeiros dias do corrente ano, que ia cessar o prazo de validade das requisições em aprêço.
>
> 4) Por esse motivo foram entaboladas negociações por parte do nosso adido militar em Roma com os proprietários do terreno em que se acha localizado o Cemitério Brasileiro em Pistoia, tendo sido mesmo estudadas as propostas de arrendamento, então apresentadas, sem que fosse o assunto completamente resolvido.
>
> 5) Acontece, porém, que em face de assunto dessa natureza, parece, salvo melhor juízo, deve o mesmo ser tratado de governo a governo dentro das estipulações do Tratado de Paz com a Itália, de que fomos parte, em vez de negociarmos diretamente com civis italianos, talvez mal credenciados para o assunto em foco.
>
> 6) Permita-me solicitar de V.Exa. as providências necessárias à regularização da situação do Cemitério de Pistoia, seja mediante um arrendamento para indenização imediata, seja por uma requisição do nosso governo ao da Itália ou ainda por outra forma que V. Exa julgar mais acertada.
>
> Reitero a V.Exa. meus protestos de elevado aprêço e distinta consideração.
>
> (a) Gen. Cambert P. da Costa[286]

O assunto só seria resolvido em março de 1950, quando a embaixada em Roma comunicou a decisão do governo italiano de ceder a área do terreno em Pistoia. O boletim radiotelegráfico do Itamaraty nº 1.057 informava que:

> A embaixada da Itália deu conhecimento ao Ministério das Relações Exteriores da decisão de seu governo de ceder gratuitamente ao governo brasileiro a área do terreno no qual se ergue o cemitério de Pistoia, onde estão sepultados os bravos soldados brasileiros caídos no campo de honra, durante as operações na Itália, por ocasião da última

286 CDO, correspondência recebida, aviso n. 1518/122, de 10/12/1946, ao Exmo. Senhor Ministro das Relações Exteriores.

> guerra. O ministro Raul Fernandes deu conhecimento ao general Canrobert da Costa da decisão do governo italiano, e, em resposta, o ministro da Guerra solicitou a S. Excia. expressar ao governo italiano o seu agradecimento por essa deliberação, que bem demonstra a sua elevada compreensão e resolve um problema que se havia criado, ao concluir a guerra, com a conservação em território italiano dos restos mortais dos combatentes brasileiros. Nesse sentido o ministro Raul Fernandes enviou uma nota ao Sr. Mario Augusto Martini, embaixador da Itália.
>
> Ref. of. 138, de 30.3.50, da emb. em Roma.
>
> (a) M.G.Valente[287]

Um documento datilografado, sem data, encontrado nos arquivos da embaixada em Roma, lança luz sobre o problema da cessão. Em excerto que seria publicado na 3ª edição do livro *A Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial – resumo histórico*[288], em substituição à parte intitulada "O chão do Brasil ao sopé dos Apeninos", o ex-expedicionário José Juarez B. Pinheiro traz minuciosa descrição da questão.

Segundo o autor, o ato de cessão de direito de usufruto do terreno italiano pelo Brasil teria sido feito por um prazo inicial de trinta anos, prorrogáveis no vencimento. A cessão foi consumada em 2 de dezembro de 1966, por instrumento público passado na Intendência de Finanças de Pistoia, entre o embaixador do Brasil em Roma, Francisco D'Alamo Lousada, e o Dr. Ugo Moscardine, intendente de finanças e legítimo representante da Administração das Propriedades do Estado italiano.

Pelo ato, o governo brasileiro deveria pagar um foro anual, adiantado, de caráter simbólico, na quantia de Lit 5.000 (cinco mil liras italianas), arcando com o ônus da manutenção, da guarda e da conservação do patrimônio. Também deveria permitir acesso público ao parque-monumento. A nova cessão poderia ser solicitada ao governo

287 CDO, *memorandum* n. 940, de 20/04/1950.

288 PINHEIRO, *A Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial* – resumo histórico.

italiano, por intermédio da embaixada do Brasil em Roma, com antecedência mínima de seis meses, antes de 2 de junho de 1996[289].

A renovação da cessão do terreno, por mais trinta anos, foi realizada pela embaixada do Brasil em Roma, junto ao *Ufficio del Territorio di Pistoia*, somente em 24 de abril de 1998. O documento de renovação tomava nota do atraso: "*il precedente atto di concessione, stipulato in data 02.12.1966 per la durata di anni 30* è *scaduto l'01.12.1996*"[290]. Tal fato demonstra cabalmente a importância da questão da concessão (e de sua renovação) do território do monumento de Pistoia.

Ademais, outro sério problema administrativo residiria no fato de que, segundo costume local, o governo italiano concederia ao Brasil o direito de renovação por apenas três períodos consecutivos, de trinta anos cada, da cessão do usufruto do terreno onde se situa o MVMBP.

Seria, assim, da maior importância que o tema fosse objeto de tratativas políticas entre o governo brasileiro e o governo italiano, a fim de se encontrar solução permanente para essa questão que tanto angustia – e que chega a provocar reações exaltadas em foros de discussão sobre a FEB – a comunidade de ex-pracinhas e os estudiosos do esforço brasileiro na Itália.

Segundo depoimento do embaixador Ricardo Neiva Tavares, a resolução da questão do Monumento de Pistoia com a Itália ganha marcada relevância, sobretudo em um país que se orgulha da conservação de monumentos históricos e dá importância a esse tema. Para Neiva Tavares, deve-se procurar "evitar dissabores no futuro e, ao trazer à discussão, lembrar que a Itália recebeu terreno doado para a construção de sua embaixada em Brasília, tendo sido aliás um dos primeiros países a construí-la na nova capital"[291].

289 PINHEIRO, *Monumento Votivo Militar Brasileiro*.

290 Informação fornecida pelo Setor de Administração da embaixada do Brasil em Roma em 28/09/2016. Cópia eletrônica do documento de renovação da cessão do terreno do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia figura no anexo IV deste trabalho.

291 Entrevista em: 27/10/2016.

Para citar, afinal, a opinião de um acadêmico, o professor Cesar Campiani Maximiano, autor de trabalhos importantes, como *Onde estão nossos heróis – uma breve história dos brasileiros na 2ª Guerra* e *Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*, a mais importante tarefa que caberia ao Itamaraty quanto ao legado da FEB seria lograr "a guarda permanente e conservação do Cemitério de Pistoia"[292].

4.2.3 A coordenação com o Ministério da Defesa e outros órgãos

Adicionalmente, seria importante que o Itamaraty tentasse realizar exercício de coordenação com o Ministério do Turismo e com a Secretaria Especial da Cultura do Ministério da Cidadania, com vistas a uma possível catalização de recursos orçamentários que permitisse, por exemplo, a realização de trabalhos de conservação dos demais monumentos dedicados à FEB na Toscana e na Emília-Romana.

Seria desejável a criação de uma comissão interministerial, a qual poderia contar também com a participação das associações de veteranos brasileiros e dos grupos de preservação do legado da FEB, que ampliasse o trabalho feito por Carmen Lúcia Rigoni e procedesse à catalogação oficial e à publicação de um livro com levantamento atualizado dos lugares de memória da FEB em território italiano.

Nessa linha de coordenação institucional, o embaixador Carlos Alberto Leite Barbosa, representante do Brasil na Itália entre 1987 e 1991, afirma que não deveria haver dificuldades no tratamento do tema pelo Itamaraty:

> Ao contrário, minha modesta experiência permite-me afirmar que [o Itamaraty] nunca se furtou a ampliar e renovar o elenco de seus temas de política externa. No entanto, poderiam existir, em dado momento, limitações orçamentárias e administrativas à implementação de ações imediatas. Considero de bom alvitre as parcerias com entidades da

292 Entrevista em: 13/10/2016.

> sociedade civil, incluindo-se as universidades, pelos seus departamentos de História e de Relações Internacionais.[293]

Para o embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira, ex-secretário-geral das Relações Exteriores (2011-2013), a articulação com os demais órgãos do governo brasileiro, em especial com as Forças Armadas, poderia engendrar uma dinâmica que garantisse uma melhor preservação da memória da FEB na Itália e dos monumentos que lembram a contribuição brasileira – sem, no entanto, perder de vista ter sido historicamente dada ao Itamaraty a missão de manter e preservar esse legado[294].

4.3 A FEB e a diplomacia cultural

O Departamento Educacional e Cultural do Itamaraty (DCED/MRE) poderia constituir instrumento para a articulação de uma ação abrangente de divulgação do legado da FEB no exterior.

A participação da FEB no esforço aliado afigura-se como elemento de *soft power* a ser incorporado ao discurso diplomático do Brasil e, no caso específico, à projeção da imagem do país junto a outras sociedades e a parceiros internacionais relevantes[295]. Para citar a expressão utilizada pelo embaixador Ricardo Neiva Tavares, a FEB traz em si um "capital de simpatia" de alto valor para a ação diplomática brasileira, seja na Itália, seja em outros países que formaram parte da causa aliada[296].

Novamente, o embaixador Ruy Nogueira, com a experiência de ter estado à frente da Subsecretaria-Geral do Itamaraty à qual se subordinava a área cultural, de 2003 a 2010, reforçou a importância do trabalho de divulgação do legado da FEB no exterior mediante a organização de exposições, ciclos de palestras, na projeção de material

293 Entrevista em: 16/10/2016.

294 Entrevista em: 10/11/2016.

295 NYE JR., *Soft Power*, p. 153-171.

296 Entrevista em: 27/10/2016.

audiovisual e na confecção de publicações sobre a contribuição brasileira na Segunda Guerra Mundial[297].

O elemento de *soft power* inerente ao legado da FEB poderia servir para chamar a atenção de estados mais próximos ao Brasil, e de sua opinião pública, sobre o desconhecido esforço brasileiro em prol da paz mundial, antes e depois da Segunda Grande Guerra.

4.3.1 Exposições sobre a FEB

Os exemplos de exposições sobre o legado da FEB, descritos no capítulo anterior, demonstram o potencial para a realização, pelo Itamaraty e pelo Ministério da Defesa, de cuidadosa exibição que valorize o legado da FEB e que tenha, ao mesmo tempo, caráter efetivamente cultural e educativo, sobretudo para as gerações mais jovens.

Convém também mencionar, no âmbito diplomático, o conjunto de autoridades internacionais a que interessaria ao Brasil dar a conhecer – ou relembrar – a contribuição e o esforço feito pelo país para a causa aliada.

A emblemática exposição *A II Guerra Mundial: o Brasil e Monte Castelo: Por quê? Como? Para quê?: Memória do Exército Brasileiro e do Jornal do Brasil*, de 2006, organizada pela FAAP, pelo MAB e pela Direção Cultural do Exército Brasileiro, cujos organizadores e curadores poderiam voltar a ser contatados, representa vigoroso exemplo de modelo a ser perseguido na preparação de amplo programa museológico, de divulgação e de caráter educativo das credenciais diplomáticas brasileiras a favor da paz mundial.

No caso da rede de postos no exterior, as exposições realizadas pelas embaixadas brasileiras em Buenos Aires e em Londres, respectivamente em 2015 e 2016, afiguram-se, ao mesmo tempo, como alento e desafio. Por um lado, houve, em ambos os casos, clara demonstração, pelos relatos pesquisados, de que o tema do legado da participação do Brasil

297 Entrevista em: 10/11/2016.

na Segunda Guerra Mundial desperta interesse junto à opinião pública de outros países. Por outro, a realização de apenas duas exposições de peso – isso por se tratar do ano em que se celebrava o 70º aniversário da vitória aliada –, em capitais de parceiros internacionais estratégicos para o Brasil, mostra quão extensa deve ser a tarefa de se preparar um programa cultural mais denso de divulgação do legado da FEB no exterior.

Portanto, a preparação de uma exposição bem cuidada sobre a FEB, com a devida contextualização histórica, permitiria ao governo brasileiro ter disponível, durante muitos anos, um material que venha a recordar – ou apresentar – os esforços do Brasil na Segunda Guerra Mundial em diversos países.

Um exemplo exitoso foi, como visto, a exposição dos "desenhos de guerra", feitos pelo artista plástico e pracinha Carlos Scliar, organizada, em 2016, pela embaixada do Brasil em Londres[298]. Longe de mostrar imagens de violência ou de forte impacto, os *Cadernos de guerra* de Scliar e os painéis nele contidos trazem o olhar sensível de um artista brasileiro, internacionalmente reconhecido, sobre o cotidiano enfrentado pelos soldados que então combatiam a favor da liberdade e contra um regime abominável. Iniciativas como a exposição de Carlos Scliar poderiam ser replicadas, em mostras itinerantes, a serem levadas a capitais de países com relevância política para o Brasil, em especial àqueles que precisassem ser, por assim dizer, relembrados da participação do Brasil no esforço de guerra.

Poderia ser também considerada outra exposição, semelhante à realizada no CCBA de Buenos Aires, em novembro de 2015, que contasse, por meio de fotos, a história do envolvimento do Brasil no conflito e das ações empreendidas pela FEB e pela FAB na Segunda Guerra Mundial.

298 O Instituto Carlos Scliar, situado em Cabo Frio (RJ), detém as imagens e foi o responsável pelo seu envio para a exposição organizada pela embaixada em Londres. O responsável pela autorização do uso das imagens é Elio Scliar, neto do artista, que também não obstou em concedê-la. Informação prestada pelo chefe do Setor Cultural da embaixada em Londres, secretário Hayle Gadelha, em 31/08/2016. Ao contatá-lo para solicitar autorização de reprodução de alguns dos desenhos nesta tese, Scliar mostrou-se novamente disponível e sensibilizado pela lembrança e pela divulgação dessa faceta do trabalho de seu avô.

4.3.2 Seminários acadêmicos

Como se destacou no capítulo anterior, o I SESFEB, realizado em 2009, pela UFRJ, e o II SESFEB, em 2011, constituíram pontos de inflexão, no âmbito da academia brasileira, em relação às discussões sobre o legado da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Nesse caso, dada a experiência da FUNAG e de seu Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI/FUNAG) na organização de debates e seminários sobre temas de interesse da política externa brasileira, seria interessante promover a realização de evento internacional sobre a FEB, em estreita coordenação com o Ministério da Defesa.

Para o embaixador Luiz Felipe de Seixas Côrrea, a melhor maneira para o tratamento da questão do legado da Força Expedicionária, no âmbito do Itamaraty, seria justamente "a de provocar um debate interno, com a organização de um seminário dedicado ao tema"[299].

Como foi também destacado ao longo deste trabalho, existe hoje uma geração de acadêmicos que busca esmiuçar, de forma mais neutra e analítica, a história da presença brasileira na luta aliada. Ao lado de autores que já gozam de certo prestígio acadêmico no tocante a suas pesquisas sobre a FEB, seria igualmente interessante que o Itamaraty e a FUNAG, juntamente ao Ministério da Defesa, abrissem espaço para essa nova leva de pesquisadores.

Para voltar a citar mais um exemplo que atesta a relevância do debate acadêmico a respeito do legado da FEB para sua promoção no exterior, durante a exposição sobre a FEB, realizada no CCBA de Buenos Aires, a professora María Inés Tato, do Grupo de Estudos sobre História Militar da UBA, proferiu palestra sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em tom positivo e com informações acuradas[300].

299 Entrevista em: 15/11/2016.

300 Telegrama n. 2.099, ostensivo, embaixada em Buenos Aires, 17/11/2015.

Um eventual seminário a ser organizado pela FUNAG, em parceria com o Ministério da Defesa, poderia representar o início a uma das proposições fundamentais deste trabalho: a de se proceder à incorporação da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao discurso diplomático brasileiro, cujo corolário é justamente o de, sempre que possível e cabível, relembrar a contribuição brasileira aos agentes – diplomáticos, militares e acadêmicos – dos demais países.

Nesse quadro, cabe também indicar o papel que o Instituto Rio Branco poderia exercer no âmbito do objetivo de se inserir a FEB no discurso diplomático e na imagem projetados pelo Brasil internacionalmente. Como responsável pela formação dos jovens diplomatas brasileiros, o Instituto Rio Branco poderia realizar atividades, para cada turma que ingressasse no Serviço Exterior Brasileiro, sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

A primeira delas poderia ser a promoção, na cátedra sobre política exterior brasileira, de aula ou seminário especialmente dedicado à FEB. Em 2002, o professor Francisco Doratioto convidou o jornalista da *Folha de S. Paulo*, Ricardo Bonalume Neto, autor do citado livro *A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945*, para proferir palestra sobre a FEB. Seria importante que o Instituto buscasse inserir a contribuição brasileira no combate ao totalitarismo nazifascista como tema a ser apresentado e inculcado nos futuros diplomatas brasileiros.

4.3.3 A reedição de livros sobre a FEB

A FUNAG/MRE poderia igualmente exercer papel fundamental para a implementação das propostas aqui apresentadas. Com acervo de centenas de publicações acessíveis gratuitamente pela Internet, a Fundação representa atualmente fonte de democratização e difusão do pensamento diplomático brasileiro[301].

301 Segundo os relatórios de gestão da FUNAG, disponíveis no portal da Fundação (funag.gov.br), os livros de sua biblioteca digital, disponíveis para *download* gratuito, são baixados mais de 1,3 milhão de vezes por ano.

As possibilidades com que a Fundação conta para a publicação de livros de interesse do Itamaraty abrem espaço fecundo para a edição de trabalhos sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Nesse quadro, uma das instituições com as quais a FUNAG poderia estreitar laços para realizar importantes trabalhos de reedição e edição conjuntos seria a Editora da Biblioteca do Exército (BIBLIEx). Fundada em dezembro de 1881, a BIBLIEx é órgão de marcado prestígio editorial e, no caso específico da FEB, responsável, desde o final da Segunda Guerra Mundial, pela publicação de dezenas de livros sobre a participação brasileira no conflito.

O estabelecimento de um marco de colaboração institucional entre a FUNAG e a BIBLIEx, além de aproximar duas das casas editoriais mais importantes na esfera do governo brasileiro, poderia render frutos importantes do ponto de vista do resgate de livros há muito esgotados (e de novos trabalhos que venham a ser publicados sobre a FEB). Além disso, possivelmente propiciaria uma divisão dos custos financeiros desse tipo de empreitada.

Consultados, alguns pesquisadores que se dedicam ao legado da FEB fizeram sugestões a respeito da reedição de livros que consideram fundamentais para o trabalho de resgate e de incorporação do tema da FEB ao discurso diplomático brasileiro.

Para o historiador Vágner Camilo Alves, da PUC-RJ, seria importante promover reedições de pelo menos dois livros, já citados neste trabalho: o *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*, compilação de fontes primárias lançado somente uma vez, em 1949; e o clássico *Autonomia na dependência*, de Gerson Moura, de 1980, já esgotado e que "merece uma nova edição", segundo o pesquisador[302]. Expedito Bastos, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sugeriu a reedição do livro de Manoel Thomaz Castello Branco, *O Brasil na II Grande Guerra*, publicado em 1960 justamente pela BIBLIEx[303].

302 Entrevista em: 05/10/2016.

303 Entrevista em: 14/10/2016.

Possibilidade adicional que poderia ser aventada, no conjunto de propostas do presente trabalho, é que o Itamaraty, por intermédio da FUNAG, procedesse à tradução e à publicação também de livros estrangeiros que versam sobre o legado da FEB.

O historiador italiano e, como visto, entusiasta da história da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, Giovanni Sulla, lançou, em 2016, em colaboração com Daniele Amicarella, o livro *Fratelli sulla montagna – Esercito brasiliano e partigiani sull'Appennino Tosco-Emiliano*, que procura retratar, com mais profundidade, os laços estabelecidos pelas tropas brasileiras com os *partigiani* italianos e também com a população local. A edição de tal obra em português poderia representar exercício inovador, por parte do Itamaraty, para compor o acervo que costuma publicar sobre temas da agenda da política exterior brasileira.

Poderia-se, ainda, considerar a tradução de trabalhos contemporâneos de autores brasileiros sobre a FEB, tais como os livros de Ricardo Bonalume Neto (*A nossa Segunda Guerra*) e Fernando Lourenço Fernandes (*A estrada para Fornovo*), entre outros, que pudessem ser objeto de distribuição e divulgação por meio da rede de embaixadas no exterior a interlocutores políticos, militares e acadêmicos.

4.3.4 A FEB e os centros culturais brasileiros (CCBs)

O DCED/MRE tem à sua disposição uma rede de 24 centros culturais brasileiros (CCBs) e cinco núcleos de estudos brasileiros (NEBs) no exterior, ligados diretamente às representações diplomáticas e consulares do Brasil[304].

Os CCBs e os NEBs, além de manterem cursos regulares de ensino do idioma português, têm como tarefa mais ampla a realização de

304 CCBs: Assunção, Barcelona, Bissau, Beirute, Buenos Aires, Cidade do México, Georgetown, Helsinque, La Paz, Lima, Luanda, Maputo, Nicarágua, Panamá, Paramaribo, Porto Príncipe, Praia, Pretória, Roma, Santiago, São Domingos, São Salvador, São Tomé e Tel Aviv. Núcleos de Estudos Brasileiros (NEBs): Artigas, Cidade da Guatemala, Islamabade, Malabo e Rio Branco. Informação fornecida pela Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP/MRE), em 08/11/2016.

programação sobre a cultura brasileira, que inclui projeções de filmes, apresentações musicais e teatrais, exposições artísticas, lançamento e leitura de livros, bem como a organização de debates acadêmicos.

Tais espaços poderiam constituir foros privilegiados para a implantação, por meio de iniciativas de caráter instrutivo e mais leve, próprio das atividades culturais, de programa de divulgação do legado da FEB e da contribuição brasileira à causa da paz mundial.

4.3.5 O trabalho museológico e a FEB

É importante recordar, como se fez no capítulo anterior, a existência de diversos museus e acervos, alguns públicos, outros privados, que possuem extenso material sobre a FEB.

Cabe destacar o trabalho, realizado desde 2014, por docentes e alunos do curso de Museologia, da Universidade de Brasília (UnB), de compilação e catalogação de acervo sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Segundo a professora Andréa Considera:

> Desde o mês de julho de 2016, assumi a coordenação do projeto no qual venho trabalhando. Realmente o tema é apaixonante e o nosso projeto tomou dimensões bem maiores do que esperávamos. Temos hoje aproximadamente 20 alunos da Universidade de Brasília envolvidos e alguns professores. Estamos fazendo pesquisas específicas como a participação dos negros e das mulheres no esforço de guerra e organizando um museu virtual. Minha atuação está voltada para a construção de um inventário da cultura material da FEB, discutindo questões como a memória afetiva dos Pracinhas com relação aos seus objetos do cotidiano de guerra, os limites entre o troféu de guerra e o *souvenir*, enfim, questões relativas aos objetos. Como o projeto tomou uma dimensão muito grande, nos concentramos em alguns museus da FEB (Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Campinas, SP) e nestes locais também estamos buscando familiares e colecionadores.[305]

305 Entrevista em: 06/10/2016.

O projeto tem como objetivo reunir um inventário para a criação de acervo virtual sobre a FEB, acessível ao público em geral por meio da internet. A tarefa conta com três frentes de trabalho, segundo a docente da UnB: ampla catalogação da bibliografia sobre a FEB; construção de uma plataforma virtual com o material reunido, em parceria com a Universidade Federal de Goiás (UFG); e publicação de trabalhos a respeito da questão da participação de soldados negros e das enfermeiras na tropa brasileira.

A partir de 2015, o projeto cresceu. No caso de Campinas (SP), fez questão de ressaltar a professora Andrea Considera, houve o que se costuma chamar de "museologia social", com a revitalização da associação de ex-febianos local, por parte de seus familiares, em torno da ideia de se reunir adequadamente o material que muitos mantinham em casa, por medo de furtos. Andrea Considera aponta que grande parte do acervo da FEB se encontra atualmente nas mãos de colecionadores ou de familiares de expedicionários, que podem ou não ter a real dimensão de seu valor histórico[306].

O Ministério da Defesa e o Ministério das Relações Exteriores poderiam examinar a possibilidade de apoiar o esforço desenvolvido pela museóloga da UnB. Tem-se aí um espaço para iniciativas de cooperação internacional com vistas ao intercâmbio de experiências – e de material – com universidades estrangeiras, sobretudo italianas e norte-americanas.

O professor Fernando Lourenço Fernandes, autor de livros fundamentais sobre a FEB, como *A estrada para Fornovo* e *Os incursores*, sugeriu também o estabelecimento de contato institucional do Itamaraty com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro. Fernandes lembra que o Instituto "integra a luta pelo patrimônio cultural do país e cultiva a cooperação interinstitucional" e que expressivo número de diplomatas brasileiros integra os quadros

306 Entrevista em: 18/11/2016.

do IHGB, como os embaixadores Luiz Felipe de Seixas Côrrea, Marcílio Marques Moreira, Synesio Sampaio Goes e Carlos Henrique Cardim[307].

Por sua vez, o acadêmico Cesar Campiani Maximiano opinou que, atualmente, um dos trabalhos mais relevantes que se poderia fazer em prol do legado da FEB seria a criação, com material oficial e não oficial, de um centro de documentação digital para a consulta de interessados na história da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial[308].

As questões acima indicadas e as proposições que contêm trazem aspecto que merece ser destacado: as iniciativas de difusão cultural do legado da FEB têm a capacidade de chegar a um público jovem, que, é possível afirmar, desconhece quase completamente a história da contribuição brasileira para a luta contra o totalitarismo no maior combate do século XX.

É uma história que, se não for transmitida às novas gerações, vai-se perder com o tempo. Nas entrevistas realizadas, foi unânime essa percepção por parte de diplomatas, militares, acadêmicos e autoridades das cidades italianas para cuja liberação as tropas brasileiras contribuíram.

Na opinião do professor Francisco Doratioto, "pensando nos estudantes – secundaristas e universitários – seria prioritário um documentário em formato digital, disponibilizado na Internet, sobre Pistoia, iniciando no presente e recuando até a FEB"[309].

Na cerimônia em homenagem à FEB no Monumento Votivo de Pistoia, em 2 de novembro de 2016, a Sra. Emanuela Grenti, prefeita de Fornovo di Taro, última das cidades italianas a ser libertada pela FEB, também deu o seguinte depoimento a respeito da importância de se levar aos mais jovens o legado da FEB:

> Temos um forte vínculo de fraternidade com os brasileiros pela libertação de Fornovo, onde se combateu muito. A história do passado

307 Entrevista em: 10/10/2016.

308 Entrevista em: 13/10/2016.

309 Entrevista em: 31/10/2016.

> é escrita para o futuro e as reminiscências estão desaparecendo. A colaboração dos brasileiros é lembrada e deve ser passada às gerações mais jovens. O ensino e a presença das escolas nas celebrações que lembram essa colaboração revestem-se de grande importância.[310]

Esse papel educativo, vale ressaltar, deve ser contemplado em um programa de divulgação sobre a participação do Brasil na luta contra o nazifascismo.

4.4 As autoridades brasileiras e a FEB

Chega a ser surpreendente constatar que apenas um mandatário brasileiro participou, até hoje, das celebrações dos Aliados no Dia da Vitória. Em 1995, o presidente Fernando Henrique Cardoso foi convidado e compareceu às cerimônias, realizadas em Londres, por ocasião dos 50 anos do final da Segunda Guerra Mundial.

Diante da rara presença, em tais celebrações, de figuras públicas nacionais que chamem a atenção da sociedade para o tema, é natural que se vá diluindo, tanto interna como externamente, a lembrança do legado da contribuição brasileira na luta contra o nazifascismo.

O caso da Itália, por ser o local onde se deu a luta das tropas brasileiras para a libertação daquele país e onde a presença da FEB é até hoje objeto de profundo reconhecimento, reveste-se naturalmente, como se verá, de caráter distinto. Ali, autoridades diplomáticas e militares brasileiras comparecem às homenagens feitas ao esforço dos pracinhas, embora em nível aquém do que seria desejável em termos de demonstração de interesse político-diplomático sobre o tema.

4.4.1 O Brasil e as comemorações dos Aliados

Os governos dos EUA, do Reino Unido, da França e da Rússia realizam, anualmente, cerimônias que lembram sua vitória sobre a tirania nazifascista. As celebrações mais importantes têm lugar, nos

310 Entrevista em: 02/11/2016.

países ocidentais, no dia 8 de maio (Dia da Vitória) e no dia 9 de maio, na Rússia. Realiza-se também solenidade referente ao desembarque na Normandia (Dia D), no dia 6 de junho, organizada pelo governo francês. Não há qualquer registro da participação de autoridades brasileiras em tais celebrações, à exceção da participação do ministro da Defesa nas comemorações russas, em 2015.

Em 2014, ano que marcava os 70 anos do Dia D, compareceram à cerimônia da Normandia os presidentes da França, dos EUA e da Rússia e a rainha Elizabeth II, do Reino Unido, além da chanceler alemã Angela Merkel. Cerca de 1.800 veteranos das praias de Omaha e de Utah, na Normandia, participaram também da solenidade.

Por isso, a primeira proposta relacionada à incorporação do legado da FEB ao trabalho da diplomacia brasileira sugere que o assunto seja objeto de gestões junto aos governos que organizam, anual e sistematicamente, as cerimônias da vitória dos Aliados.

Seria mais desejável que, a exemplo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em 1995, o chefe de Estado brasileiro pudesse, como fazem os de vários países aliados e mesmo os da Alemanha e da Itália, participar dessas celebrações. Constituiria demonstração, no mais alto nível, de que o Brasil deve ser arrolado entre as nações – neste caso, a única do continente sul-americano – que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

O ex-secretário-geral do Itamaraty, embaixador Eduardo dos Santos, lembra que, em 1995, por ocasião das celebrações do Dia da Vitória, "o presidente do Brasil foi o único mandatário latino-americano convidado para os festejos em Londres, que tiveram grande pompa". Para Eduardo dos Santos, com a devida cautela, "haverá situações em que essa referência se impõe naturalmente, como nas celebrações que costumam ser feitas na Europa e nos EUA, e mesmo na Rússia, em torno do Dia da Vitória"[311].

311 Entrevista em: 21/11/2016.

4.4.2 A presença brasileira nas celebrações na Itália

O Monumento de Pistoia somente recebeu, até hoje, a visita de dois mandatários brasileiros: em janeiro de 1956, ainda como cemitério militar, o presidente Juscelino Kubitschek; e, em junho de 1990, o presidente Fernando Collor de Mello.

Tal fato é notável, para os fins deste trabalho, tendo em conta a realização anual de várias celebrações que homenageiam a FEB em território italiano, onde o legado da FEB até hoje mais se faz sentir e no qual ele constitui elemento importante das relações bilaterais.

Como se destacou antes, as duas cerimônias mais significativas em homenagem à FEB, na Itália, realizam-se no dia 25 de abril (aniversário da libertação italiana), na cidade de Montese; e, a cada dia 2 de novembro, no MVMBP.

De 2003 a 2005, nos anos em que foi embaixador na Itália, o ex-presidente Itamar Franco compareceu regularmente às celebrações em Pistoia, o que foi importante politicamente, dada sua condição de ex-mandatário brasileiro. No contexto das comemorações do 60º aniversário da libertação italiana, em abril de 2005, Itamar Franco participou, a convite das autoridades locais, de uma série de homenagens em cidades nas quais foram erguidos monumentos à FEB, entre elas Pistoia, Montese, Gaggio Montano, Vergato e Modena[312].

Em 2010 e 2015, o nível das autoridades brasileiras presentes à cerimônia de Pistoia foi consideravelmente incrementado. Em abril de 2010, o então ministro da Defesa, Nelson Jobim, participou no local das celebrações pelos 65 anos do final da guerra, acompanhado por delegação de quinze veteranos da FEB e seus familiares. Jobim visitou cidades importantes da campanha brasileira: Pistoia, Montese, Zocca, Fornovo di Taro, Vergato, Porreta Terme, Pianoro, Castelnuovo, Collechio, Staffoli e Gaggio Montano. Cabe especial menção à presença, na celebração realizada em Pistoia, no dia 23 de abril de 2010, do chefe

312 Telegrama n. 214, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 14/03/2005.

do Estado-Maior da Aeronáutica italiana (autoridade mais elevada da força na Itália), tenente-brigadeiro Giuseppe Bernardis. Segundo relato do posto, as cerimônias "transcorreram em clima de grande amizade [...] e não foram raros os momentos de emoção, por parte tanto de brasileiros como de italianos", em particular no encerramento da celebração da visita a Collechio (nas imediações de Fornovo di Taro), onde se deu a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã às tropas brasileiras[313].

Registra a embaixada do Brasil em Roma que a cerimônia de 2011 foi ainda mais "comovente, sobretudo pelo carinho que até hoje demonstram os italianos da região pela solidariedade demonstrada pelo soldado brasileiro". Além da presença de autoridades locais, a missa solene foi rezada pelo bispo de Pistoia, monsenhor Mansueto Bianchi, no pequeno altar de campanha, usado em 1944 pelos capelães militares brasileiros e que havia sido recentemente recuperado por Giovanni Sulla, que o emprestou para a cerimônia[314].

Em 2014, o embaixador do Brasil participou de extensa programação, ao longo da Linha Gótica, que teve como mote os 70 anos do desembarque das tropas brasileiras em Nápoles. A viagem teve início com o deslocamento à cidade de Sassuolo, na província de Modena, para participar de cerimônia alusiva à retomada da cidade, promovida pelas tropas brasileiras e pelos *partigiani* italianos em 23 de abril de 1945. Ao lado do prefeito da cidade, Luca Caselli, estava presente o ex-combatente italiano Romano Levoni, que lutou ao lado das tropas brasileiras no conflito.

Em 2016, Levoni (conhecido à época do conflito pelo codinome "Balilla"), que começou a lutar aos treze anos na brigada Modena Armando, contou que os *partigiani* podem ser vistos como "os irmãos mais velhos dos soldados da FEB", que ajudaram, com seu conhecimento do terreno, na luta "contra o experiente Exército alemão". Ao mesmo tempo, reconheceu a ajuda material e de alimentação fornecida pelos

313 Telegrama n. 336, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 10/04/2010.

314 Telegrama n. 1272, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 11/11/2011.

brasileiros: "a participação dos brasileiros na luta pela nossa liberdade é ainda pouco conhecida. Eram pouco adestrados para a guerra nos Apeninos, mas entusiasmados e generosos"[315].

As comemorações da Festa da Liberação da Itália de 2015, que celebraram a importante data dos 70 anos do final da Segunda Guerra Mundial, contaram com a presença do comandante do Exército Brasileiro, general Eduardo Villas Bôas, e do chefe do Estado-Maior do Exército, general Sergio Westphalen Etchegoyen, em programação cultural levada às cidades de Roma, Pistoia, Montese e Parma.

Como primeira parte das celebrações, inaugurou-se, no dia 20 de abril, na embaixada do Brasil em Roma, a exposição "A participação da FEB na liberação da Itália (1944-45)", seguida de comemoração do Dia do Exército e de homenagem prestada aos sete pracinhas brasileiros presentes. No mesmo dia, teve lugar a histórica projeção, na Câmara dos Deputados da Itália, do filme *A Estrada 47*, coprodução ítalo-brasileira, que marcou seu lançamento naquele país. A sessão foi aberta pela vice-presidente daquela casa parlamentar, deputada Marina Sereni.

Em seguida, realizou-se a Coluna da Vitória 2015, comboio de dez veículos militares da época, que percorreu, de 21 a 26 de abril de 2015, a rota da FEB nas regiões da Toscana e da Emília-Romana. A iniciativa foi engendrada pela Associação Brasileira de Conservação de Veículos Militares e acompanhada pelos veteranos brasileiros e seus familiares. Em paralelo, a diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército promoveu o 4º Seminário Nacional sobre a Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, que acompanhou, de forma itinerante, o caminho percorrido pela coluna.

As celebrações alusivas ao legado da FEB no esforço de guerra encerraram-se na cidade de Parma, em 26 de abril de 2015, quando os

315 Entrevista em: 02/11/2016.

integrantes da Coluna da Vitória 2015 brasileira foram recebidos pela tradicional Coluna da Liberdade italiana[316].

Em 7 de maio de 2015, o titular da pasta da Defesa, Jacques Wagner, esteve em Pistoia e Staffoli, de onde partiu com destino a Moscou para participar das comemorações russas pela vitória na Segunda Guerra Mundial[317]. Em Pistoia, onde foi agraciado com a Cruz Europeia da Federação Italiana dos Combatentes Aliados, o ministro da Defesa proferiu discurso em que ressaltou os fortes vínculos de amizade entre Brasil e Itália e destacou o papel exercido pela FEB na liberação daquele país[318].

Em janeiro de 2016, a primeira das celebrações na Itália em torno da FEB deu-se na cidade de Gaggio Montano, com "forte simbologia para as relações entre o Brasil e a Itália", na visão da embaixada em Roma[319]. Como acontece anualmente, foram também realizadas as comemorações, no dia 25 de abril, em Montese. Na Piazza Brasile, repetiu-se a emocionante cena da entonação, por estudantes primários locais, com bandeiras italianas e brasileiras, da *Canção do Expedicionário*.

No dia 2 de novembro de 2016, o MVMBP foi lugar da cerimônia anual mais importante em homenagem à FEB, à qual compareceram não apenas autoridades pistoienses, mas de outras cidades libertadas pelas tropas brasileiras, como Staffoli e Fornovo di Taro. Registros fotográficos da celebração de Pistoia, em 2016, figuram no anexo II deste trabalho.

No dia seguinte, na pequena localidade de Pianoro, foi realizada cerimônia, com a presença do prefeito de Livergnano, em homenagem ao piloto brasileiro John Richardson Cordeiro e Silva, abatido naquela localidade no cumprimento de sua primeira missão. No museu Winter

316 Telegramas n. 223 e n. 441, ostensivos, embaixada do Brasil em Roma, respectivamente de 04/03/2015 e 30/04/2015.

317 As comemorações na Rússia pela vitória na Grande Guerra Patriótica, que se realizam no dia 9 de maio, diferem das realizadas pelos países ocidentais, com um desfile militar na Praça Vermelha, ao qual normalmente não comparecem líderes dos Aliados ocidentais. A explicação para tanto é que, em função do fuso horário, a rendição alemã se deu, na então União Soviética, no dia seguinte à rendição ocorrida em 8 de maio de 1945.

318 Telegramas n. 449 e n. 491, ostensivos, embaixada do Brasil em Roma, respectivamente de 04/05/2015 e 13/05/2015.

319 Telegrama n. 78, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 28/01/2016.

Line de Livergnano encontram-se um busto do piloto brasileiro e restos de seu caça, encontrados em 2002.

Pela primeira vez em mais de quinze anos, também compareceram à cerimônia de 2016 em Pistoia os cônsules-gerais do Brasil em Roma, em cuja jurisdição a cidade está subordinada, e em Milão. A presença dos responsáveis pelos dois consulados-gerais brasileiros na Itália – que apresentam grande movimento de público –, abre igualmente espaço para se pensar que ambas repartições poderiam participar de ações institucionais de promoção do legado da FEB na Itália e, nesse caso específico, junto à própria comunidade brasileira residente naquele país.

Para o embaixador Paulo Cordeiro Pinto, então cônsul-geral do Brasil em Milão, "a FEB representa uma riqueza em um momento em que a Itália estava dividida, apaziguando as lutas internas que eclodiram ao final da guerra". O embaixador Cordeiro diz ser fundamental a presença do consulado-geral em Milão nas homenagens à FEB, tendo em conta que a maioria dos combates terrestres das forças brasileiras tiveram lugar na jurisdição daquela repartição, em cidades como Gaggio Montano, Montese, Collechio e Fornovo di Taro[320].

Por sua vez, o cônsul-geral do Brasil em Roma, embaixador Afonso Álvaro de Siqueira Carbonar, é da opinião de que o legado da FEB poderia constituir adicional laço de aproximação entre os parlamentares dos dois países[321]. Com efeito, a exposição em homenagem à FEB, citada no capítulo anterior, organizada pelo Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Itália, em Brasília, em julho de 2016, com a presença da vice-presidente da Câmara dos Deputados italiana, Marina Sereni, se coaduna-se com as indicações do embaixador Carbonar.

Pelo que se expôs acima, seria de marcada importância que o governo brasileiro como um todo se empenhasse para que o nível das autoridades brasileiras fosse elevado nas cerimônias relativas à Segunda Guerra Mundial, tanto nas comemorações realizadas na Itália como nos

320 Entrevista em: 02/11/2016.

321 *Ibid*.

demais países aliados. No caso da Itália, em que a agenda diplomática bilateral é das mais densas, podem-se contabilizar, quase anualmente, visitas de chefes de Estado brasileiros àquele país.

Mais recentemente, o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, realizou, em 25/05/2019, visitas ao Monumento de Pistoia e à cidade de Montese, deslocando-se especialmente ao Monte Castello. É importante sublinhar a relevância de uma visita desse nível para trazer luz ao legado da FEB e à sua contribuição para a paz mundial.

Como mostra da importância do tema para o relacionamento bilateral com a Itália, Mourão estava acompanhado, durante a visita, por Guglielmo Picchi, subsecretário da Farnesina[322]. O vice-presidente da República publicou, em sua conta no Twitter, a seguinte mensagem:

> Não há como não se emocionar ao visitar o Monumento Votivo Militar Brasileiro e o Cemitério de Pistoia, na Itália, passando pelas lápides dos "Pracinhas" e ouvindo a história contada pelo Sr Mário Pereira, italiano guardião do Monumento e filho do febiano Sgt Miguel Pereira.[323]

A presença de um presidente brasileiro, acompanhado de seu chanceler, tão somente no Monumento de Pistoia, ou que incluísse passagem pelo Monte Castello, certamente constituiria um marco nas relações bilaterais. Seria gesto da maior importância no contexto de um amplo programa de resgate da memória do esforço brasileiro na Segunda Guerra Mundial e de justa homenagem aos heróis ali tombados.

4.4.3 O ERERIO e o Monumento aos Pracinhas

O Monumento aos Pracinhas do Rio de Janeiro recebeu, historicamente, visitas de mandatários e autoridades estrangeiras que passavam, oficial ou extraoficialmente, pela cidade. Seria positivo que

322 Disponível em: <http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/brasil/politica/2019/05/27/mourao-faz-homenagens-a-feb-em-breve-visita-a-italia_45a860c2-2e8c-4efb-8814-19201665454d.html>. Acesso em: 30 out. 2019.

323 Disponível em: <https://twitter.com/generalmourao/status/1132458227591974912>. Acesso em: 31 out. 2019.

o ERERIO buscasse maior aproximação com as autoridades militares responsáveis pelo Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.

Segundo a direção do local, a principal cerimônia anual ocorre no Dia da Vitória, 8 de maio, à qual normalmente comparecem o ministro da Defesa e os comandantes das três Forças brasileiras. De igual maneira, representantes dos consulados estrangeiros participam da cerimônia, o que não se tem dado com representante do Itamaraty[324].

Em abril de 2014, a Federação Israelita do Rio de Janeiro promoveu, no monumento, cerimônia de homenagem ao Soldado Desconhecido Brasileiro e alusiva ao Dia da Recordação dos Heróis e Mártires do Holocausto. Presidida pelo chefe do Comando Militar do Leste, a solenidade contou com a presença do cônsul da Alemanha, do cônsul honorário do Estado de Israel, e, cabe destacar, de diretores e membros de associações de veteranos da França, da Polônia, dos EUA e da *Royal British Legion*, além de autoridades militares brasileiras, veteranos e alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro e de escolas secundárias[325].

Para dar outro exemplo recente, em junho de 2014, a emissora estatal Voz da Rússia e a embaixada da Rússia em Brasília deram início a uma campanha, nas redes sociais, para que a bandeira do país passasse a figurar ao lado das bandeiras do Brasil, dos EUA, da Inglaterra e da França no monumento do Rio de Janeiro. A campanha deu-se um mês antes da participação do presidente Vladimir Putin na cúpula dos BRICS de Fortaleza e demonstra a importância conferida por uma potência ao aspecto simbólico de sua participação na Segunda Guerra Mundial, a ser reafirmado por seus órgãos diplomáticos sempre que possível[326].

Para o embaixador Eduardo Prisco Paraíso Ramos, chefe do ERERIO, que tem comparecido regularmente às cerimônias promovidas

324 Entrevista em: 22/09/2016. Nesse caso, é importante fazer a ressalva de que o ERERIO não tem registro de recebimento de convite oficial para a cerimônia em questão.

325 Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/fierj-e-forcas-armadas-em-emocionante-homenagem/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

326 Segundo entrevista com fonte diplomática que solicitou permanecer anônima, o tema foi objeto de gestão pessoal do chanceler russo Sergei Lavrov junto a autoridades brasileiras.

pelo Comando Militar do Leste, faz-se necessária uma maior aproximação entre o Escritório de Representação do Itamaraty e o Monumento aos Pracinhas, com vistas a sua reinclusão no roteiro de visitas oficiais – como se fazia no passado, lembrou ele – de dignitários estrangeiros que se encontrem na capital carioca[327].

Diante do exposto, é relevante apontar que, em entrevista, o embaixador Luiz Felipe de Seixas Côrrea afirmou considerar que, no âmbito do Itamaraty e do Escritório de Representação do MRE no Rio de Janeiro, "prioridade seria a valorização do monumento do Aterro do Flamengo e do cemitério de Pistoia"[328].

O diretor do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), coronel Ricardo Melo, tem procurado apoiar a citada aproximação com o AHI porque, segundo ele, "vale lembrar inicialmente que fomos, o do Exército e o dos Negócios Estrangeiros, os primeiros arquivos históricos a se estabelecerem no Brasil, com a chegada da corte portuguesa em 1808". Segundo Melo, o AHEx recebe, anualmente, cerca de 1.500 pesquisadores, dos quais cerca de 10% são estrangeiros. Muitos deles procuram não apenas registros históricos sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas igualmente informações de caráter diplomático sobre o período[329].

Por fim, há gestos que demandam decisões políticas pouco intrincadas e que têm, ao mesmo tempo, caráter simbólico marcante. Trata-se das condecorações, pelo Itamaraty, de autoridades, acadêmicos e funcionários com alguma vinculação à FEB.

Em abril de 2007, o Conselho da Ordem de Rio Branco concedeu a insígnia da Ordem ao gonfalão da FEB, cujo estandarte se encontra na embaixada do Brasil em Roma[330].

327 Entrevista em: 22/09/2016.

328 Entrevista em: 15/11/2016.

329 Entrevista em: 23/09/2016.

330 Telegrama n. 132, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 29/04/2007. A condecoração da Ordem de Rio Branco foi aposta no gonfalão da Força Expedicionária Brasileira, que é uma bandeira de guerra de três pontas. O gonfalão da FEB foi aprovado pela Portaria N° 224-A, de 8 de maio de 2006, do Comandante do Exército, publicado no Boletim do Exército nº 24, de 14 de junho de 2006.

No Brasil e no exterior, já foram agraciados com a condecoração que leva a marca do Itamaraty: o general Plínio Pitaluga; o emérito historiador Frank McCann; e o auxiliar administrativo Mario Pereira, da embaixada em Roma, que, como se viu, é responsável pelo MVMBP[331].

Haver sido agraciado com a Ordem de Rio Branco constitui, como foi possível constatar nas entrevistas realizadas durante a elaboração deste trabalho, motivo de orgulho para esses indivíduos – um reconhecimento que entendem fazer parte de uma lembrança maior do esforço brasileiro na Segunda Guerra Mundial.

331 Pereira recebeu igualmente, até o momento, entre outras, a Ordem do Mérito Militar, a Ordem do Mérito Santos Dumont, a Medalha Sgt. Max Wolf Filho, o Medalhão João Baptista Mascarenhas de Moraes (60 anos da FEB) e a Medalha da FIDCA (Federação Italiana dos Combatentes Aliados). As condecorações denotam especial reconhecimento pelo trabalho do funcionário, como visto, muitas vezes às suas próprias expensas, de divulgação constante da FEB na Itália, seja pelo esmero com que cuida e preserva o Monumento, seja pelas dezenas de palestras e apresentações que faz em associações civis, escolas e órgãos governamentais.

Conclusão

O então ministro de Estado da Defesa do Brasil, Raul Jungmann, em depoimento prestado para o presente trabalho, teceu as seguintes considerações sobre o legado da FEB:

> A participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) no combate ao regime nazifascista, durante a Segunda Guerra Mundial, constitui-se num esforço vitorioso e bem-sucedido de integração dos pracinhas brasileiros – um contingente de mais de 25 mil homens – às tropas do V Exército Americano, que contava com integrantes oriundos de todos os continentes, na Europa. As primeiras vitórias brasileiras ocorreram em setembro de 1944 e culminaram com as conquistas de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese, no ano de 1945. A data de 8 de maio é comemorada, no calendário cívico brasileiro, como o "Dia da Vitória".
>
> A FEB acelerou a ascensão do Brasil diante da América e do mundo. A participação das Forças Armadas brasileiras naquele conflito e seus feitos no teatro de operações italiano fortaleceram a credibilidade e a reputação das instituições militares perante a nação ontem, hoje e sempre. A importância de uma intensa e constante preparação militar apoiada por uma base industrial compatível com a estatura geopolítica do Brasil são ensinamentos da atuação da Força Expedicionária

> Brasileira, que jamais foram esquecidas e nortearão as ações do Ministério da Defesa para sempre.[332]

A presente obra buscou elaborar propostas estruturadas que reavivem e incluam, por meio de ações do Itamaraty e de outros órgãos do governo brasileiro, o legado da FEB no discurso diplomático brasileiro e na consequente projeção da imagem do Brasil no cenário internacional.

Procurou-se demonstrar, pela contextualização histórica e pela descrição da trajetória heróica da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, que a FEB pode e deve ser vista como um bem a ser incorporado à agenda diplomática do Brasil, seja no plano multilateral, seja no bilateral.

O embaixador Marco Antônio Diniz Brandão, filho do terceiro-sargento Wanderley Gomes Brandão, do 11º Regimento de Infantaria da FEB, fez importante reflexão acerca da utilidade da memória da FEB para a atuação diplomática do Brasil:

> Essa é questão que mereceria ser tratada a fundo, em estudos históricos, por todos os motivos. Mas se há algo que já deve ser resgatado, independentemente de estudos, são os fatos em si da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, e, naturalmente, a atuação da FEB. Esse episódio da nossa vida nacional, indiscutível, com registro claro, não carece de interpretações para ser assinalado, comemorado e salientado em nossa rotina diplomática, a exemplo, aliás, do que fazem muitos países em relação a seu papel e à participação de suas forças naquele conflito.
>
> Não se trata aí, evidentemente, de menosprezar ou provocar os antigos inimigos, os países do Eixo, que há muito se tornaram amigos e aliados do Brasil. Eles próprios relembram sua participação na Segunda Guerra sem quaisquer sentimentos de amargura, mas reconhecendo o sofrimento de suas populações e o dever cumprido por seus combatentes, na moldura de regimes que hoje não aceitariam e que deixam claro repelir.

332 Entrevista em: 20/12/2016.

> O resgate da atuação da FEB teria, para o Brasil, em sua projeção diplomática, efeito que julgo dos mais positivos. Ressaltaria nosso desejo de participação plena nas questões mundiais, deixaria clara nossa capacidade de juntarmo-nos a esforços como os feitos pelos Aliados, sempre que julgarmos necessário e justo, e daria contornos mais claros ao papel histórico do Brasil na defesa dos ideais democráticos no embate que até hoje se afigura como o mais crítico da humanidade.[333]

Outro filho de um veterano da FEB, o embaixador Everton Vargas, cujo pai, sargento João Domingos da Luz Vargas, pertenceu ao Regimento Sampaio, frisou que a história da FEB traz consigo argumentos a serem lembrados pelo Itamaraty sempre que se fizer necessário. Segundo o embaixador Vargas, a mensagem a se transmitir é de que "a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial contribui para reforçar nossa voz e argumentação em favor da democracia e contra toda forma de intolerância e discriminação"[334].

Para o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, ex-secretário-geral das Relações Exteriores, "seria de marcada importância que o Itamaraty se propusesse a incluir, no repertório da política externa brasileira, narrativa sobre o papel da Força Expedicionária Brasileira"[335].

Na mesma linha, o embaixador Carlos Alberto Leite Barbosa consideraria "louvável a iniciativa de tornar mais presente em nosso ativo de política exterior a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial"[336].

Para o general de exército Décio Luis Schons, chefe do Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército e considerado referência acadêmica na instituição, o aproveitamento do legado da FEB pelo discurso diplomático brasileiro afigura-se como reforço "perfeitamente viável":

333 Entrevista em: 02/12/2016.

334 Entrevista em: 21/11/2016.

335 Entrevista em: 22/11/2016.

336 Entrevista em: 16/10/2016.

> A história da FEB é, antes de tudo, uma história de superação. Quando sabemos da dificuldade que tivemos para aprestar os primeiros contingentes para a MINUSTAH, apesar de ser um efetivo bem inferior e com os recursos de um país consideravelmente mais evoluído, 60 anos depois, é que podemos aquilatar o que foram aquelas jornadas vividas pelos nossos predecessores, num ambiente de dificuldades inauditas, escassez endêmica e total descrédito da parte da população [...] seguramente, o ato de contar essa história de maneira competente e convincente a estrangeiros interessados em assuntos brasileiros poderá servir como poderosa ferramenta de divulgação de nossa cultura e de nossa história.[337]

Com efeito, a visão da FEB como ponto de partida embrionário para a crescente participação do Brasil nas missões de paz da ONU – e como sinal inequívoco da posição do Brasil em favor da democracia e da paz mundiais – demonstra a utilidade de que essa experiência seja recordada no âmbito da comunidade internacional em geral e, em particular, dos países mais próximos do Brasil. Vale citar o depoimento do jornalista e historiador Ricardo Bonalume Neto:

> A frase ainda não era popular, mas a FEB fez 50 anos em cinco. As Forças Armadas que eu tive a chance de conhecer 50 anos depois – noticiando realizações tecnológicas da Marinha, viajando em aviões da FAB ou até mesmo visitando um contingente do Exército Brasileiro na força de paz em Moçambique – são fruto direto daquelas que tiveram que improvisar meios para lutar contra o *Reich* que deveria durar mil anos. Elas se tornaram profissionais graças aos minúsculos caça-submarinos patrulhando o litoral ou aos pelotões escorregando na neve dos Apeninos.[338]

Por sua vez, as relações bilaterais com a Itália, caso emblemático, e com outros Aliados ao lado dos quais o Brasil combateu o nazifascismo, como os EUA, em muito se beneficiariam da incorporação dos laços construídos em torno do legado da FEB.

337 Entrevista em: 11/12/2016.

338 BONALUME NETO, *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, 1942-1945, p. 14.

Ao concluir visita a várias das localidades atravessadas pelas tropas brasileiras, em 2014, o então embaixador do Brasil junto à República Italiana, Ricardo Neiva Tavares, captou, em telegrama oficial dirigido à Secretaria de Estado, a essência deste trabalho:

> Entre os habitantes da região de Pistoia, a participação brasileira no esforço de guerra é sempre lembrada de forma muito especial, tendo eu testemunhado, mais de uma vez, o grande carinho com que a população local trata tudo que se refere aos "pracinhas" brasileiros. Esses laços de afeto e amizade têm inegável efeito positivo para as relações bilaterais. Não obstante a importante presença na região e os esforços envidados, ao longo dos anos, pelo posto, em particular a adidância do Exército, bem como pelas associações de ex-combatentes dos dois lados, pode-se afirmar que o Brasil ainda é basicamente esquecido nos eventos alusivos à Segunda Guerra Mundial.[339]

O embaixador Neiva Tavares terminava por sugerir, nas comemorações dos 70 anos do final do Conflito Mundial, que seriam feitas em 2015 – "provavelmente a última grande celebração relacionada com a Segunda Guerra Mundial à qual terão a oportunidade de comparecer os ex-combatentes, todos em idade avançada" –, a participação de alta autoridade brasileira, o que, segundo ele, "serviria para marcar, definitivamente, no imaginário dos italianos, o lugar do Brasil na história da liberação do país e teria impacto positivo permanente nas relações bilaterais"[340].

O Itamaraty, advogou-se ao longo deste trabalho, deveria incorporar a história da FEB a seu discurso e exercer papel inédito na configuração de amplo programa de divulgação desse legado. As ações propostas não se restringiriam à manutenção dos monumentos em homenagem à Força brasileira, mas poderiam contemplar igualmente aspectos didáticos, educativos, museológicos, acadêmicos e sociais sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

339 Telegrama n. 1.117, ostensivo, embaixada do Brasil em Roma, 04/11/2014.

340 *Ibid*.

Basta relembrar a imagem dos pequenos estudantes que, a cada 25 de abril, saem às ruas da cidade de Montese e, com bandeiras brasileiras e italianas nas mãos, entoam, em português, a difícil letra da *Canção do Expedicionário* para se ter uma dimensão da relevância geracional dessa tarefa que ora se propõe à diplomacia brasileira.

Assim, as propostas do presente trabalho podem ser resumidas de acordo com as seguintes esferas temáticas:

a) Plano político

A inclusão do legado da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial na agenda do discurso diplomático brasileiro tem como ponto de partida sua incorporação duradoura pelas áreas temáticas pertinentes do MRE.

Nesse caso, propôs-se que a Divisão de Assuntos de Defesa (DADF) reunisse informações atualizadas sobre a campanha brasileira na Itália e as transformasse em tema disponível dentro do discurso diplomático brasileiro.

Da mesma forma, propôs-se que o ministério fizesse uso, nos subsídios e na preparação das agendas de reuniões bilaterais, da história da contribuição brasileira na luta contra o nazifascismo. O tema deveria ser trazido à discussão sempre que se fizesse necessário recordar aos parceiros tradicionais do Brasil o compromisso do país com um sistema internacional mais justo, democrático e pacífico.

Nesse caso, o plano multilateral abriria igualmente espaço para que a lembrança da FEB fosse nele utilizada como demonstração do compromisso histórico da diplomacia brasileira com valores cada vez mais necessários no cenário internacional contemporâneo – de combate ao extremismo, ao totalitarismo e ao desrespeito aos direitos humanos.

Ainda no plano multilateral, o trabalho procurou demonstrar que a experiência do envio da única tropa sul-americana para o *front* europeu, durante a Segunda Guerra Mundial, abriu espaço para que o Brasil se tornasse um dos países que mais contribuíram com efetivos para as forças de estabilização e de manutenção de paz das Nações Unidas.

No entanto, é necessário, como alertaram experientes diplomatas e acadêmicos entrevistados para a obra, ter presente o elemento de cautela e planejamento com que o legado da FEB deve ser apresentado no portfólio das credenciais diplomáticas brasileiras, especialmente se se pensar no entorno sul-americano e em parceiros do Brasil, como Alemanha e Japão, membros do G4.

O cerne da reflexão proposta no trabalho passa, no entanto, ao largo de qualquer tipo de proposição que vise à incorporação do legado da FEB como item recordatório da capacidade e projeção bélicas do Brasil.

Muito pelo contrário, a história da participação brasileira do lado correto na Segunda Guerra Mundial gerou indubitavelmente um elemento simbólico que poderia – e deveria, como defende o presente exercício – ser apresentado como marca histórica do firme compromisso da diplomacia brasileira com a democracia e com a paz no cenário internacional.

A FEB e o seu legado poderiam ser incorporados sem receio ao discurso diplomático brasileiro em suas relações políticas bilaterais e na esfera multilateral, tendo em vista tratar-se de sinalização histórica da posição construtiva e pacifista característica da vocação internacional do Brasil.

b) Administração do Itamaraty

O trabalho procurou reunir informações que demonstrassem como o Itamaraty se tornou, desde o final da Segunda Guerra Mundial, mantenedor do legado da participação do Brasil no maior conflito global do século XX.

Tal legado é consubstanciado, hoje, pelo Monumento Votivo Militar Brasileiro localizado na cidade de Pistoia, sede do antigo cemitério onde foram enterrados os pracinhas que faleceram durante a campanha italiana.

O item central dessa seção refere-se à proposta de equacionamento político da questão do terreno do Monumento de Pistoia. Ao contrário

de outros cemitérios militares em solo italiano, como o norte-americano, o polonês e o alemão, o terreno no qual se encontra o mais importante monumento, erigido no exterior, em homenagem à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi objeto apenas de cessão, em 1966, por parte do governo italiano.

Atualmente, a referida cessão encontra-se em seu segundo período de validade e poderia ser objeto, em 2026, de mais um pedido de renovação. Ocorre que tal empréstimo não se coaduna com a representatividade do esforço feito pelo Brasil para a libertação da Itália, nem, em termos práticos, com o fato de o governo brasileiro ter doado terreno para a construção, em Brasília, da representação diplomática italiana – sem reciprocidade, dado que o Palácio Pamphilj, onde se encontram a embaixada do Brasil junto à República Italiana, o consulado-geral do Brasil em Roma e a missão do Brasil junto à FAO, foi adquirido pelo governo brasileiro em 1960.

Nessas condições, e com base em opiniões abalizadas de ex-embaixadores do Brasil naquele país, o trabalho propôs que o tema fosse elevado ao nível do diálogo político entre os dois países, sistematizado na Reunião de Consultas Políticas Brasil-Itália. As negociações políticas poderiam ser o melhor caminho para seu equacionamento definitivo, que desfizesse a possibilidade de o terreno do Monumento de Pistoia vir a ser futuramente reclamado em desfavor do Brasil e da memória de sua contribuição para a libertação daquele país-irmão.

Ademais, a obra fez menção aos outros monumentos existentes, principalmente nas localidades da Toscana e da Emília-Romana, em homenagem à colaboração do País e de seus soldados, recordados até os dias de hoje pelo trato cordial e generoso para com uma população civil que atravessava os horrores da guerra. Tais monumentos, muitas vezes erigidos, de forma espontânea, pelas próprias autoridades e populações locais, deveriam ser objeto de inspeção e catalogação rotineiras.

c) Temas culturais

A presença do Brasil ao lado das forças que lutaram do lado incontestavelmente correto daquela que é considerada a guerra justa do século XX traz em si um cabedal de elementos até agora pouco incorporados à divulgação do Brasil no exterior, em campos como o da literatura, do cinema, de seminários e debates, e de exposições.

O trabalho procurou demonstrar que o DCED/MRE poderia ser o canalizador do lançamento de um programa denso de preservação, divulgação e instrução no que diz respeito às potenciais atividades que o Itamaraty poderia desenvolver em torno da memória da FEB. Por meio dos CCBs e dos NEBs, aquele departamento poderia dar início a uma programação a respeito da contribuição brasileira na luta contra o nazifascismo que incluísse aspectos culturais, educativos e museológicos, por meio da organização de exposições.

Na esfera acadêmica, a presente obra procurou apresentar propostas que possam envolver a FUNAG e seu Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais.

No primeiro caso, a FUNAG, dada sua experiência na organização de debates sobre temas de política exterior, poderia promover a realização de seminário internacional sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Tal evento poderia congregar diplomatas, historiadores militares e acadêmicos que, desde a década de 1990, vêm produzindo trabalhos mais equilibrados e mais bem documentados sobre o real alcance da campanha brasileira na Itália.

Adicionalmente, a FUNAG, em parceria com outra prestigiosa editora governamental, a BIBLIEx, poderia proceder à reedição de obras sobre a campanha da FEB e, igualmente, dar início à tradução de livros sobre a FEB para outros idiomas, a fim de que fossem distribuídos a interlocutores de interesse pelas representações diplomáticas brasileiras.

Além disso, o Instituto Rio Branco poderia transmitir às novas turmas de diplomatas informações relevantes sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o que poderia ser feito em conjunto

com as Forças Armadas, no intuito de incutir precocemente o tema no repertório profissional a ser utilizado pelos colegas mais novos em suas carreiras.

O trabalho defendeu, em suma, que a discussão contemporânea sobre a contribuição brasileira à causa aliada resultasse em relevante exercício de diplomacia cultural e acadêmica por parte do Itamaraty, com segura repercussão junto ao público em geral e a formadores de opinião no exterior.

Por fim, de forma propositada para acentuar sua importância, o trabalho apresentou sugestões de ação com vistas ao incremento do nível da presença das autoridades brasileiras nas cerimônias alusivas ao final da Segunda Guerra Mundial. Do mesmo modo feito por outras chancelarias, o Itamaraty deveria engendrar esforços para incluir na agenda internacional das altas autoridades nacionais sua presença nas celebrações da vitória aliada.

No caso específico da Itália, propôs-se, por ocasião de visitas de trabalho àquele país, a realização de gestões internas para que o senhor presidente da República e o senhor ministro de Estado das Relações Exteriores possam incluir, em seus roteiros, merecida homenagem aos soldados brasileiros caídos, no MVMBP. Tais visitas, se realizadas, seriam possivelmente ladeadas no mesmo nível, pela parte italiana, com a criação de atmosfera de marcado significado político para as relações entre os dois países.

Em resumo, o objetivo do presente trabalho foi propor ao Itamaraty uma série de medidas e atividades para que a participação do Brasil na Segunda Mundial se incorpore à agenda diplomática brasileira.

Da mesma forma, almeja-se, com a obra, que o Itamaraty se possa somar a trabalho mais amplo de divulgação da FEB no plano internacional, por meio de sua rede de postos e centros culturais no exterior, em coordenação com o Ministério da Defesa, a Secretaria Especial da Cultura, os centros de documentação militares e as

associações civis dedicadas a resguardar a memória dos veteranos brasileiros.

Ao reconstituir a trajetória histórica que levou a diplomacia pendular de Getúlio Vargas ao rompimento de relações diplomáticas e à declaração de guerra aos países do Eixo, o trabalho procurou focar as implicâncias diplomáticas dessa ação.

A decisão de criação e o processo de formação e envio de uma Força Expedicionária para o *front* italiano fizeram, procurou-se demonstrar, parte de fenômeno mais abrangente para o Brasil. A contribuição dada pelo Brasil aos Aliados proporcionou ao país a oportunidade de colocar-se do lado correto contra o totalitarismo nazifascista. Foram reafirmados valores, tais como a defesa da democracia, da igualdade entre os estados, dos direitos humanos e, enfim, do valor da paz mundial, que se tornariam marcas basilares da diplomacia brasileira.

Por sua vez, a descrição da campanha da FEB na Itália pôde dar uma ideia das dificuldades enfrentadas pelas tropas do único país sul-americano a enviar um contingente militar, de 25.000 homens, para lutar no teatro de operações europeu. Mais importante: foi possível verificar que, com percalços naturais em uma situação de conflito, tanto a FEB como o 1º Grupo de Caça cumpriram exemplarmente as missões que lhes foram confiadas pelo Comando Aliado.

Por fim, a releitura, 70 anos depois, da história da FEB, e as pesquisas e entrevistas realizadas para a elaboração do trabalho permitiram constatar que permanece vivo o legado da contribuição das tropas brasileiras na Segunda Guerra Mundial. A lembrança da atitude solidária dos soldados brasileiros, presente sobretudo na Itália, e as celebrações que procuram homenagear tal memória permitiram constatar que, de fato, a história da participação brasileira na vitória contra o Eixo pode e deve ser utilizada como ferramenta pela diplomacia brasileira.

Tal legado constituiu, defende-se no trabalho, importante fonte a ser incorporada à imagem que o Brasil queira projetar perante a

comunidade internacional. Trouxe consigo valores humanitários, democráticos e pacifistas que deveriam ser utilizados pelo Itamaraty na promoção dos interesses brasileiros no exterior, seja no plano multilateral, seja na esfera bilateral.

Espera-se, assim, que o Itamaraty, uma das instituições historicamente mais sólidas do Estado brasileiro e motivo de orgulho para a sociedade nacional, possa-se unir ao lema até hoje bradado, em alta voz, pelos ex-combatentes da FEB e por todos aqueles que se emocionam com o heroísmo dos brasileiros que combateram na Segunda Guerra Mundial: "A COBRA CONTINUA FUMANDO!".

Referências

ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ALMEIDA, Paulo Roberto de; FARIAS, Rogério de Souza; LIMA, Sérgio Eduardo Moreira (org.). *Oswaldo Aranha*: um estadista brasileiro. Brasília: FUNAG, 2017. 2 v.

AMICARELLA, Daniele; SULLA, Giovanni. *Fratelli sulla montagna – Esercito brasiliano e partigiani sull'Appennino Tosco-Emiliano*. Modena: Ed. Il Fiorino, 2016.

ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

ASSIS, Ivone Gomes de. *Guerra em Surdina*: a ficção de Boris Schnaiderman entre a politica e a poética. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

ATKINSON, Rick. *The Day of the Battle – The War in Sicily and Italy, 1943-1944*. Nova York: Holt, 2008.

BACK, Sylvio. *Rádio Auriverde*: a FEB na Itália. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991 (roteiro, sinopse e comentários).

BARONE, João. *1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BELLAMY, Alex. *Guerras justas*. *De Cicerón a Iraq*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

BELLISI, Walter. *Arrivano i nostri – Il Brasile nella Seconda Guerra Mondiale, la presa di Montecastello e la Bataglia di Montese*. Formigine (Modena): Golinelli, 1995.

BERDING, Andrew Henry Thomas; HULL, Cordell. *The Memoirs of Cordell Hull*. Nova York: Macmillan Co., 1948. 2 v.

BETHELL, Leslie. *Brazil*. *In*: BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (org.). *Latin America between the Second World War and the Cold War, 1944-1948*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 33-65.

BLAJBERG, Israel. *Soldados que vieram de longe*: os 42 heróis brasileiros judeus da 2ª Guerra Mundial. Resende: AHIMTB, 2008.

BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra*: os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

_____; MAXIMIANO, Cesar Campiani; BUJEIRO, Ramiro. *Brazilian Expeditionary Force in World War II*. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BRAGA, Rubem. *Com a F.E.B. na Itália*. Rio de Janeiro: Ed. Zelio Valverde, 1945.

BRASIL. Adidância do Exército junto à embaixada do Brasil na Itália em colaboração com Mario Pereira. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial* – a participação da Força Expedicionária Brasileira na ampanha da Itália. Nova edição. Modena: ETA Edizioni, 2008, 214 p.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. 2 v.

BRATZEL, John F.; LEONARD, Thomas M. (org.). *Latin America during World War II*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2007.

BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BROOKS, Thomas R. *The War North of Rome June 1944 – May 1945*. Cambridge: Da Capo Press, 2003.

BULL, Hedley. *A sociedade anárquica*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, IPRI; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

CABRAL, Francisco Pinto. *Um batalhão da FEB no Monte Castelo*. Brasília: Thesaurus, 1987.

CADERNO de Guerra de Carlos Scliar. São Paulo: Pinacoteca, 1995.

CALKINS, Derreck T. *A Military Force on a Political Mission: the Brazilian Expeditionary Force in World War II*. 2011. 126 f. Dissertação (graduação) – Jack N. Averitt College of Graduate Studies, Georgia Southern University, Statesboro.

CALVOCORESSI, Peter; PRITCHARD, John; WINT, Guy. *The Penguin History of the Second World War*. Londres: Penguin Books, 1999.

CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder de (org.). *Meio século de combate*: diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CAMPELLO, Ruy Leal. *Um capitão de infantaria da FEB*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

CANSANÇÃO, Elza. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. *Um! Dois! Esquerda! Direita! Acertem o passo!* Maceió: Fundação Municipal de Ação Cultural, 2003.

CARVALHO, Nelson Rodrigues de. *Do Terço Velho ao Sampaio da F.E.B.* Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1953.

CASALI, Claudio Tavares (coord.). *Força Expedicionária Brasileira em Lisboa* – a Célebre Passagem das Tropas Brasileiras em Portugal. 1ª ed. Lisboa: adidância do Exército junto à embaixada do Brasil, 2015.

CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália*: o papel da diplomacia. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Istituto Italiano di Cultura, 1992.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

CERVO, Amado Luiz; DE MELLO, Carlos Ernesto Cabral. *Imagens da diplomacia brasileira*. Brasília: FUNAG, 2010.

CINQUINI, Carlos. *Abrindo caminho para a vitória*: a Defesa do Brasil na ação anti-submarino na Segunda Guerra Mundial (1942-1945). 2008. 57 f. Dissertação (graduação) – Universidade Católica de Santos, Santos.

CLARK, Mark W. *Risco calculado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1970.

COLA, Camilo. *A estrada da vida*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

COSTA, Octavio. *Cinquenta anos depois da volta*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

CRITTENBERG, Willis D. (coord.). *Campanha ao noroeste da Itália*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.

CUNHA, Vasco Tristão Leitão da. *Diplomacia em alto-mar*: depoimento ao CPDOC. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

DAL Brasile a Montese – storia, memoria e amicizia 1943-2008. Modena: ETA Edizioni, 2008, 214 p.

DUROSELLE, J.; RENOUVIN, P. *Introdução à história das relações internacionais*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

ELSTER, Jon. *Peças e engrenagens das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FALCÃO, João. *O Brasil e a 2ª Guerra* – Testemunho e Depoimento de um Soldado Convocado. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

FERGUSON, Niall. *The War of the World: Twentieth-Century Conflict and the Descent of the West*. Londres: Penguin Press, 2006.

FERNANDES, Fernando Lourenço. *A estrada para Fornovo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *Os incursores*: a guerra do brasil no mar. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2013.

FERNANDES, Mário. *Xavantes na Itália:* crônicas de pracinhas da FEB. 2ª ed. Porto Alegre: Rígel, 2001.

FERRARI, Pedro Felipe M.G. *Entreato*: o cotidiano de um praça brasileiro na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

FERRAZ, Francisco Cesar Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *A guerra que não acabou* – a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Londrina: EDUEL, 2012.

FERREIRA, Gilberto da Costa. *A Segunda Guerra Mundial e a participação da Força Expedicionária Brasileira*. 2ª ed. Taubaté: Rubens Artes Gráficas, 1991.

FIASCHI, Cesare. *La Guerra sulla Linea Gotica Occidentale. Divisione Monterosa 1944-45*. Milão: Lo Scarabeo, 1999.

FIFTH Army at the Winter Line 15 November 1943 – 15 January 1944. Washington: Center of Military History U.S. Army, 1990.

FONSECA, Ruy de Oliveira. *Uma face da glória* – reminiscências e diário de Campanha. Rio de Janeiro: Ed. Agora da Ilha, 2002.

FONTOURA, Paulo Roberto Campos Tarrisse da. *O Brasil e as operações de manutenção da paz das Nações Unidas*. Brasília: FUNAG, 1999.

FURTADO, Celso. Contos da vida expedicionária de Nápoles a Paris. *In:* FURTADO, Celso. *Obra autobiográfica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Tomo I. 3 v.

GABRIELE, Mariano. *La Forza di Spedizione Brasiliana (FEB) nella Campagna* d´*Italia (setembre 1944 aprile 1945)*. Roma: Ed. Ufficio Storico SME, 1986.

GAMA, Artur Oscar Saldanha da. *A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1982.

GARCIA, Eugênio Vargas. *O sexto membro permanente*: o Brasil a e a criação da ONU. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

GIANNASI, Andrea. *Il Brasile in Guerra: la Força Expedicionária Brasileira in Italia (1944-1945)*. Roma: Carocci Editore, 2014.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GONÇALVES, José; MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Irmãos de armas*: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial. São Paulo: Códex, 2005.

GORENDER, Jacob. A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e suas consequências. *In:* SZMRECSÁNYI, T.; GRANZIERA, R. B. (org.). *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. 2ª ed. rev. e ampl. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.

GOYOS JR., Durval de Noronha. *A campanha da Força Expedicionária Brasileira pela libertação da Itália*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

GUALANDI, Fabio. *Monumenti dedicati al soldato brasiliano della Forza di Spedizione Brasiliana in Italia (F.E.B.)*.Vergato: Tip. Ferri, 2005.

HASTINGS, Max. *Inferno*: *The World at War, 1939-1945*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2011.

HARRISON, John R. *Fairwing Brazil – Tales of the South Atlantic in World War II*. Atgler: Schiffer Publishing, 2014.

JUNQUEIRA, Leonel. *Força Expedicionária Brasileira* – fragmentos de história. 2ª ed. São Lourenço: Editora do autor, 2005.

KEEGAN, John. *The Battle for History: Re-fighting the World War II*. Nova York: Vintage Books, 1996.

KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas*: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAVENÈRE-WANDERLEY, Nelson Freire. *La Forza Aerea Brasiliana durante la Seconda Guerra Mondiale*. 2ª ed. Brasília: Centro de Comunicação Social da Aeronáutica, 2002.

LE BRAS-CHOPARD, Armelle. *La Guerre: théories et idéologies*. Paris: Descartes & Cie, 1994.

LIMA, Rui Moreira. *Senta a Pua!* 2ª ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia/Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica, 1989.

_____. *O diário de guerra*. Rio de Janeiro: Editora Adler, 2008.

LOCHERY, Neill. *Brazil: The Fortunes of War: World War II and the Making of Modern Brazil*. Nova York: Basic Books, 2014.

MAJDALANY, Fred. *The Battle of Cassino*. Nova York: Ballantine Books, 1957.

MARIZ, Vasco. *Nos bastidores da diplomacia*: memórias diplomáticas. Brasília: FUNAG, 2013.

MATTOS, João Baptista de. *Os monumentos nacionais* – a Força Expedicionária no Bronze. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1960.

MASCARENHAS DE MORAES, João Baptista. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 2 v.

_____. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

MASCARENHAS DE MORAES, Roberto (org.). *O Cruzeiro do Sul* – coleção completa do órgão especial da FEB na Itália. 2ª ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial/Biblioteca do Exército, 2011.

MATTOS, Carlos de Meira. *O marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 2 v.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Onde estão nossos heróis* – uma breve história dos brasileiros na 2ª Guerra. Aparecida: Santuário, 1995.

_____. *Barbudos, sujos e fatigados:* Soldados Brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.

MCCANN JR., Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

MEUNIER, Claudio Gustavo. *Del infierno a la victoria*. Buenos Aires: Grupo Abierto Libros, 2009.

MORGENTHAU, Hans J. *Politics among Nations: The Struggle for Power and Peace*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1973.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência:* a política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1950:* mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012.

_____. *Sucessos e ilusões* – relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1991.

MUYLAERT, Roberto. *1943* – Roosevelt e Vargas em Natal. São Paulo. Editora Bússola, 2012.

O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. Rio de Janeiro: Ag. Globo Serviços de Imprensa Ltda., 1985, 175 p.

OLIVEIRA, Sérgio. *Getúlio Vargas depõe:* o Brasil na II Guerra Mundial. Montemurlo: Grafiche Votino, 2015.

ORGILL, Douglas. *The Gothic Line. The Autumn Campaign in Italy, 1944*. Londres: Pan Books, 1969.

PARKER, Matthew. *Monte Cassino: The Hardest-fought Battle of World War II*. Nova York: Anchor Books, 2005.

PEREIRA, Durval Lourenço. *Operação Brasil* – o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2015.

PEREIRA, Miguel. *Diario 12.10.1944 – 24.11.1944*. Pistoia: Editrice C.R.T., Editrice Petite Plaisance, 2004.

PINHEIRO, José Juarez Bastos. *A Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial* – Resumo Histórico. Rio de Janeiro: I. A. Nunes Comércio de Livros, 1980.

PORCH, Douglas. *The Path to Victory – The Mediterranean Theater in World War II*. Nova York: Farar, Strausand Giroux, 2004.

REVISTA do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Número comemorativo do 25º aniversário da atuação das Forças Armadas Brasileiras na II Guerra Mundial. Número especial, ano XXXI, v. LI. Rio de Janeiro: IGHMB, 1972.

RIBEIRO, Maria Izabel Branco (coord.). *A II Guerra Mundial*: o Brasil e Monte Castelo*:* Por quê?, Como?, Para quê?: Memória do Exército Brasileiro e do Jornal do Brasil. São Paulo: FAAP, 2006.

RIGONI, Carmen Lúcia. *Nas trilhas da 2ª Guerra Mundial.* Curitiba: Torre de papel, 2001.

_____. *Monumentos brasileiros na Itália, honra e glória aos veteranos da FEB.* Curitiba: Torre de Papel, 2005.

_____. *Bravos combatentes da F.E.B*: memórias, monumentos, testemunhos perpétuos de uma história (1995-2005). Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

RODRIGUES, Agostinho José. *Terceiro Batalhão* – o Lapa Azul. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

RODRIGUES, Thiago Moreira de Souza. *Guerra e política nas relações internacionais*. 2008. 415 f. Tese (doutorado em Ciências Sociais – Relações Internacionais) – PUC-SP, São Paulo.

SALUN, Alfredo Oscar. *"Zé Carioca" vai à guerra* – histórias e memórias sobre a FEB. São Paulo: Edições Pulsar, 2004.

SANTOS, Karine dos. *Os bastidores das batalhas*: o cotidiano dos pracinhas brasileiros na Segunda Guerra Mundial. 2004. 39 f. Monografia (graduação) – Setor de Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba.

SAUNDERS, Anne Leslie. *A Travel Guide to World War II Sites in Italy – Museums, Monuments, and Battlegrounds*. Charleston: Travel Guide Press, 2010.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina* – histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial. 3ª ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Caderno italiano.* São Paulo: Perspectiva, 2015.

SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 2000.

_____. *O Brasil vai à guerra*: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Manole, 2003.

SHAW, Antony. *World War II Day by Day*. Nova York: Chartwell Books, 2010.

SHERWOOD, Robert E. *Roosevelt e Hopkins*: uma história da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Editora Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998.

SHIRER, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich – A History of Nazi Germany*. Nova York: Simon & Schuster, 1990.

SILVA, Hélio. *1944:* o Brasil na guerra. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1974.

SILVA, José Alves da. *A saga de um catarina na FEB*. Florianópolis, Itajaí: edição do autor, 2001.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *Cruzes brancas:* diário de um pracinha. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

_____. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

SILVEIRA, Joel; MITKE, Thassilo. *A luta dos pracinhas:* a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Record, 1983.

_____. *Histórias de pracinha* (Oito meses com a Força Expedicionária Brasileira). Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A., 1967.

_____. MITKE, Thassilo. *Segunda Guerra Mundial:* todos erraram, inclusive a FEB. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

_____. *O inverno da Guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira; São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SULLA, Giovanni; TROTA, Ezio. *Gli eroi venuti dal Brasile*. Modena: Ed. Il Fiorino, 2005.

TAVARES, Italo Diogo; TAVARES, Eduardo Diogo (org.). *Nós vimos a cobra fumar*. Salvador: P&A Gráfica e Editora Ltda., 2012.

TORRES, Alberto Martins. *Overnight Tapachula* – histórias de aviador. Rio de Janeiro: Editora Revista Aeronáutica, 1985.

UZIEL, Eduardo. *O Conselho de Segurança, as missões de paz e o Brasil no mecanismo de segurança coletiva das Nações Unidas*. 2ª ed. Brasília: FUNAG, 2015.

VIDAL, Paulo. *Heróis esquecidos*. Rio de Janeiro: GRD, 1960.

VIOTTI, Cássio Abranches. *Crônicas de guerra* – a Força Expedicionária Brasileira na Itália. Belo Horizonte: Edição do autor, 1998.

WAACK, William. *As duas faces da glória:* a FEB vista pelos seus aliados e inimigos. São Paulo: Planeta, 2015.

WALTERS, Vernon. *Missões silenciosas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

WALZER, Michael. *Guerras justas e injustas*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Reflexiones sobre la guerra*. Barcelona: Paidós, 2004.

WEINBERG, Gerhard L. *A World at Arms: A Global History of World War II*. Nova York: Cambridge University Press, 1994.

ZUEHLKE, Mark. *The Gothic Line – Canada's Month of Hell in World War II Italy*. Vancouver: Dougas & McIntyre, 2006.

Artigos de publicações periódicas (revistas e jornais – impressos e eletrônicos)

"A FEB, orgulho da nação brasileira" (diversos depoimentos). *Revista do Clube Militar*, Rio de Janeiro, ano LXXVII, n. 396-397, jun./jul./ago. 2002.

BALDINI, Nicola. *Monte Castello, símbolo dell'amicizia col Brasile*. *Si festeggiail 70 esimo anniversario della conquista*. *Il Resto del Carlino*. Bolonha, 13 fev. 2015.

BARBOSA, João Felipe Sampaio. Regresso e desmobilização da FEB: problemas e consequências. *A Defesa Nacional*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, ano 71, n. 719, p. 27-44, maio/jun. 1985.

BRAGA, Gustavo Lisboa. A patrulha. *Revista do Clube Militar*, Rio de Janeiro, ano LXXIII, n. 368, p. 5, fev. 2000.

BONALUME NETO, Ricardo. FAAP registra o Brasil na 2ª Guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 out. 2005. Acontece.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. Teoria e prática da metodologia da pesquisa histórica: reflexões sobre uma experiência didática. *Revista de Teoria da História*, Goiás, ano I, n. 3, p. 8-19, jun. 2010.

CÂMARA, Hiram. Carlos de Meira Mattos e a revitalização da geopolítica. *A Defesa Nacional,* Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, p. 11-14, jan./abr. 2007.

CAMPELLO, Ruy Leal. Um herói da FEB – Apollo Miguel Rezk. *Revista do Clube Militar*, Rio de Janeiro, Ano LXXII, n. 359, p. 12-13, maio 1999.

_____. A Segunda Grande Guerra na península da Itália. *A Defesa Nacional*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, n. 796, p. 149-169, maio/ago. 2003.

CARVALHO, Luiz Paulo Macedo. Sessenta anos depois. *Carta Mensal*, Confederação Nacional do Comércio, Rio de Janeiro, v. 50, n. 600, p. 52-74, mar. 2005.

CENTENÁRIO de nascimento do Sargento Max Wolff Filho – Força Expedicionária Brasileira (diversos artigos). *Verde-Oliva*, Brasília, ano XXXIX, Centro de Comunicação Social do Exército, n. 212, p. 24-28, jul./set. 2011.

CORTÊS, Celina. Major Elza. *Istoé*, São Paulo, 30 jan. 2002. Brasil, p. 43.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. Um militar exemplar. *Revista de História da Biblioteca Nacional,* Rio de Janeiro, maio 2015. Disponível em:<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/um-militar-exemplar>. Acesso em: 17 nov. 2016.

DUARTE, Carlos Sérgio Sobral. A política externa brasileira de 1934 a 1942: diplomacia 'pendular' ou hegemonia norte-americana? *Cadernos do IPRI*, FUNAG, Brasília, n. 2, p. 10-18, 1989.

FARIA, Durland Puppin de. A intendência da FEB nos campos da Itália. *Verde-Oliva*. Força Expedicionária Brasileira – 70 anos de início das operações na Itália. Brasília, ano XLII, Centro de Comunicação Social do Exército, n. 224, p. 24-28, jul. 2014.

FRÖLICH, Sebastião. *"Liberatori". Verde-Oliva*. Força Expedicionária Brasileira – 70 anos de início das operações na Itália. Brasília, ano XLII, Centro de Comunicação Social do Exército, n. 224, p. 15-20, jul. 2014.

GARCIA, Eugênio V. De como o Brasil quase se tornou membro permanente do Conselho de Segurança da ONU em 1945. *Revista Brasileira de Política Internacional*, IBRI, Brasília, v. 54, n. 11, p. 159-177, 2011.

GIUSTI, Nazareno. *Quando La Linea Gotica si coloro di verde-oro: i 25 milauo mini della forza dispedizione brasiliana in Italia*. *Avvenire,* Milão, 14 abr. 2014, p. 24.

HAAG, Carlos. *In search of FEB's "Good War". Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 210, ago. 2013. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/en/2013/10/09/in-search-of-the-febs-good-war>. Acesso em: 8 dez. 2015.

JOSÉ, Emiliano. A revolução de Jacob Gorender. *Carta Capital*, São Paulo, 3 jul. 2013. Cultura. História. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/cultura/a-revolucao-de-jacob-gorender-6327.html>. Acesso em: 8 set. 2016.

KOIFMAN, Fábio; Oda, Humberto Manabu. A declaração brasileira de guerra ao Japão. Trabalho apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

LIMA, Ludmilla de. Iphan publica tombamento definitivo do Monumento aos Pracinhas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 nov. 2013. Rio.

MALINA, Salomão. Reflexão sobre um momento histórico. *Política Democrática*, Fundação Astrojildo Pereira, Brasília, 2001.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. Pela ótica dos adversários. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 2001. +Mais.

_____. *The Fight for Remembering – Brazilian Expeditionary Force War Recollections* (monografia), Curitiba, p. 1-9, 2005.

_____. Aprendendo com o inimigo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 76, p. 30-33, jan. 2012.

_____. Reedição de "As duas faces da glória" traz pesquisa falha de William Waack. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr. 2015. Ilustrada.

MELO, Aláudio de Oliveira. II conflagração mundial: atuação da Força Expedicionária Brasileira. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 5, n. 18-19, p. 49-74, jan./jun. 1975.

MEIRA MATTOS, Carlos de. As Forças Armadas do Brasil na Segunda Guerra Mundial. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 151, 1990.

MILLER, David. Cada 9 de mayo se abren las heridas. *Agencia Andina, Suplemento Ruso.* Lima, 2 maio 2016. Especial, p. 2.

MIOTO, Ricardo. Pracinhas foram à 2ª Guerra sem preparo. *Folha de S. Paulo,* São Paulo, 3 abr. 2011. Poder, p. A10.

MOURA, Gerson. O Brasil na Segunda Guerra Mundial. *Sessenta anos de política externa brasileira*. São Paulo: Cultura Editores Associados, p. 87-102, 1996, 2 v.

NETO, Anysio Henriques. A Segunda Guerra Mundial: o cotidiano dos pracinhas brasileiros no *front*. *Centro de Pesquisas Estratégicas "Paulino Soares de Sousa"*, Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em:<http://ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/SGMPB.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2015.

NYE JR., Joseph S. Soft Power. *Foreign Policy*, Washington, ano 20, n. 80, p. 153-171, 1990.

PARREIRAS, Mateus. Esquecido, último pracinha do Brasil enterrado na Itália ainda não foi identificado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 dez. 2010. Mundo.

PAVAM, Rosane. Relatos do praça Boris Schnaiderman. *Carta Capital*, São Paulo, 18 set. 2015. Cultura. Disponível em:<http://www.cartacapital.com.br/revista/867/boris-schneiderman-relatos-de-um-praca-9039.html>. Acesso em: 31 maio 2016.

PAVAM, Rosane. O ato desmedido de Boris Schnaiderman. *Carta Capital*, São Paulo, 20 maio 2016. Cultura. Disponível em:<http://www.cartacapital.com.br/cultura/o-ato-desmedido-de-boris-schnaiderman>. Acesso em: 31 maio 2016.

PINHEIRO, José Juares Bastos. *Monumento Votivo Militar Brasileiro*. Mimeo assinado, Embaixada do Brasil em Roma, s/d.

PINHEIRO, Leticia. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. *Revista USP*, São Paulo, ano 20, n. 26, p. 108-119, 1995.

Projeto Montese (extrato de depoimento gravado pelo Coronel Iporan Nunes de Oliveira, 26/03/1985). *A Defesa Nacional*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, v. 76, n. 737, p. 7-18, maio/jun. 1988.

RABUFETTI, Fiorella. Aporías de la guerra global contra el terror desde la tradición de la guerra justa: más allá de la despolitización de la violencia. *Documento de trabalho on-line n. 3,* Instituto de Ciência

Política, Faculdade de Ciências Sociais, Universidad de la República, Montevidéu, jun. 2012. Disponível em: <http://cienciassociales.edu.uy/institutodecienciapolitica/wpcontent/uploads/sites/4/2015/04/DOL_12_03_Rabuffetti.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2015.

RESENDE, José Venâncio de. 2ª Guerra Mundial: por que Montese (Itália) e SJDR ainda não são cidades irmãs? *Jornal das Lajes*, Resende da Costa, 12 ago. 2015. Especiais.

RIGONI, Carmen Lúcia. O futuro das associações de veteranos da FEB: quem continuará levantando esta bandeira? *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná,* Curitiba, v. LXIII, p. 116-124, 2011.

_____. *70 anos da conquista de Monte Castello na Itália* – Os traços de Mary Vieira. Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/70-anos-da-conquista-de-monte-castello-na-italia-os-tracos-de-mary-vieira/>. Acesso em: 8 nov. 2016.

RODRIGUES, Fernando. Rússia faz campanha para ter bandeira no Monumento aos Pracinhas, no Rio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 2014. Blog Fernando Rodrigues. Disponível em: <http://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2014/06/26/russia-faz-campanha-para-ter-bandeira-no-monumento-aos-pracinhas-no-rio/>. Acesso em: 20 mar. 2016.

Rússia celebra vitória na 2ª Guerra Mundial com marcha de mais de 10 mil militares. *O Estado de S. Paulo,* São Paulo, 9 maio 2016. Internacional. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,pais-foi-chamado-a-ocupar-a-austria,383584>. Acesso em 9 maio 2016.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; Almeida, Cristóvão Domingos de; Guindani, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais,* Rio Grande do Sul, ano I, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

SCHNAIDERMAN, Boris. Uma velha história revisitada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 ago. 1992. Opinião, p. 3.

SEITENFUS, Ricardo. Quatro teses sobre a política externa brasileira nos anos 1930. *Sessenta anos de política externa brasileira*, São Paulo, Cultura Editores Associados, p. 145-146, 1996.

SILVA, Edmundo de Macedo Soares e. O Brasil na Segunda Guerra Mundial. *Carta Mensal*, Confederação Nacional do Comércio, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 284, p. 15-39, nov. 1978.

TIEZZI, Monica. Parma? È a due passi dal Brasile. *Gazzetta di Parma*. Parma, 26 out. 2016.

TOSTA, Wilson. País foi chamado a ocupar a Áustria. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 2009. Internacional. Disponível em: http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,pais-foi-chamado-a-ocupar-a-austria,383584>. Acesso em: 1 jun. 2016.

VAZ, Nuno Mira. Guerra justa em tempo de terrorismo: reflexão em louvor de Michael Walzer. *Nação e Defesa*, Lisboa, 3ª Série, n. 113, p. 91-106, primavera de 2006.

Material audiovisual

A COBRA FUMOU. Direção: Vinícius Reis. Narração: Bete Mendes. Brasília: BSBCinema, Limite Produções e Raccord Produções, 2002. 1 DVD (92min).

A ESTRADA 47. Direção: Vicente Ferraz. Produção: Isabel Martinez, Leonel Vieira. Intérpretes: Daniel de Oliveira, Francisco Gaspar, Júlio Andrade e outros. Portugal-Brasil: Três Mundos Produções e Primo Filmes, 2013. 1 DVD (105 min.).

BRAZIL AT WAR. Washington: *US Office of War Information/ Office of the Coordinator of Inter-American Affairs,* 1943. 1 DVD (9 min.).

FUOCO SULLA MONTAGNA, LA LINEA GOTICA FRA IL RENO E IL PANARO. Direção: Marco Managlia. Produção: Massimo Carpani. Música: Gianmarco Gualandi, Luca Testoni e Massimo Carpani. Bolonha: Maxmusic Multimediale, 2002. 1 DVD (60 min.).

IL FILO BRASILIANO. Direção: Marilia Cioni. Montagem: Giusi Santoro. Música: Andre dal Pian. Fotografia: Fabrizio da Palombora e Maurizio D'Atri. Roma: Medioteca Regionale Toscana, 2004. 1 DVD (75 min.).

O LAPA AZUL. Direção: Durval Lourenço Pereira Jr. Fotografia: Mauro Pianta (Brasil) e Wallace Hull/HG2 Studio (Itália). Juiz de Fora: Insight Vídeo, 2007. 1 DVD (60 min.).

O BRASIL NA BATALHA DO ATLÂNTICO. Direção: Erik de Castro. Roteiro: Erik de Castro e Márcio Bokel. Produção: Erik de Castro e Keilla Pinheiro. Fotografia: Cezar Moraes e ABC. Montagem: William Araújo e Heber Trigueiro. Música: Eugênio Matos. Brasília: Ministério da Cultura (MinC), BSBCinema e Panda Produções, 2012. 1 DVD (82 min.).

O BRASIL NA GUERRA, A FEB CONTRA O NAZIFASCISMO. Direção: Jorge Ileli. Montagem: Maria Guadalupe. Narração: Armando Bogus e Fabbio Perez. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura (MEC)/ Instituto Nacional de Cinema, 1969. 1 DVD (20 min.).

RÁDIO AURIVERDE. Direção: Sylvio Back. Produção: Margit Richter. Curitiba e Rio de Janeiro: Sylvio Back Produções Cinematográficas; Empresa Brasileira de Filmes S.A. (Embrafilme); Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Cinemateca Brasileira; Fundação do Cinema Brasileiro; e Fundação Cultural de Curitiba, 1991. 1 DVD (70 min.).

SENTA A PUA. Direção: Erik de Castro. Música: Eugênio Matos. Fotografia: Cezar Moraes. Brasília: BSBCinema, 1999. 2 DVDs (112 min.).

THE WORLD AT WAR. Direção: Charles Martin Smith, David Elstein, Hugh Raggett, John Pett, Michael Darlow, Ted Childs. Produção: Jeremy Isaacs. Narração: Laurence Olivier. Londres: Thames Television, 1973. 11 DVDs (1352 min.).

Sítios eletrônicos de referência

Exército Brasileiro
<http://www.exercito.gov.br>
Arquivo Histórico do Exército Brasileiro
<http://www.ahex.ensino.eb.br/>
Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB)
<http://www.anvfeb.com.br>
Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB)
<http://www.excombatentesbrasildf.com.br>
Museu do Expedicionário
<http://www.curitiba-parana.net/expedicionario.htm>
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas
<http://cpdoc.fgv.br>
Biblioteca Nacional
<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>
Portal FEB (sítio civil dedicado à memória da FEB)
<http://www.portalfeb.com.br>
Ecos da Segunda Guerra (acervo eletrônico sobre a Segunda Guerra Mundial)
<http://segundaguerra.net>
Página do Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistoia no Facebook
<https://www.facebook.com/MonumentoVotivoMilitareBrasilianoPistoia>
Página do Museu da FEB BH, Belo Horizonte, no Facebook
<https://www.facebook.com/museudafebbh/>
Página do Grupo Histórico FEB no Facebook
<https://www.facebook.com/Grupo-Historico-FEB>

Página dos Correspondentes FEB no Facebook
<https://www.facebook.com/correspondentesfeb>

Fontes primárias

Documentos

- Série telegráfica histórica do Itamaraty
- Documentos administrativos do arquivo da embaixada do Brasil em Roma
- Documentos do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia
- Documentos da Diretoria do Patrimônio Histórico e de Documentação da Marinha
- Documentos da Direção do Arquivo Histórico do Exército
- Documentos do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica
- Documentos da Associação Nacional dos Veteranos da FEB-RJ

Entrevistas

- Sr. Mario Pereira (06/09/2016, 31/10/2016 e 03/11/2016) – Auxiliar administrativo do MVMBP
- Tenente-coronel Carlos Alexandre Cunha Campos – Diretor do MMSGM (22/09/2016)
- Embaixador Marcos Castrioto de Azambuja (22/09/2016)
- Embaixador Eduardo Prisco Paraíso Ramos – chefe do ERERIO (23/09/2016)
- Coronel Ricardo Melo – diretor do AHEx (23/09/2016)
- Sr. Breno Vinicius de Amorim – presidente da ANVFEB (23/09/2016)
- Professor Vágner Camilo Alves – PUC-RJ (05/10/2016)
- Professora Andrea Considera – Universidade de Brasília (06/10 e 18/11/2016)

- Professor Fernando Lourenço Fernandes – Universidade Federal de Uberlândia e IHGB (10/10/2016)
- Professor Cesar Campiani Maximiano – PUC-SP, Escola do Comando do Estado-Maior do Exército, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (13/10/2016)
- Professor Expedito Bastos – Universidade Federal de Minas Gerais (14/10/2016)
- Embaixador José Viegas Filho (14/10/2016)
- Embaixador Carlos Alberto Leite Barbosa (16/10/2016)
- Conselheiro Eduardo Uziel (17/10/2016)
- Embaixador Luiz Gilberto Seixas de Andrade (17/10/2016)
- Sr. Eduardo Viotti (18/10/2016)
- Sr. Israel Blajberg – diretor Cultural da ANVFEB (24/10/2016)
- Professor Amado Luiz Cervo – Universidade de Brasília (24/10/2016)
- Embaixador Ricardo Neiva Tavares – então embaixador do Brasil na Itália (27/10/2016)
- Professor Francisco Doratioto – Universidade de Brasília (31/10/2016)
- General Helio Chagas de Macedo Junior – ex-adido do Exército junto à embaixada do Brasil na Itália – 1999-2001 (01/11/2016)
- Coronel Hamilton Teixeira Camilo – adido do Exército junto à embaixada do Brasil na Itália – 2015 (01/11/2016)
- Embaixador Paulo Cordeiro de Andrade Pinto – então cônsul-geral do Brasil em Milão (02/11/2016)
- Embaixador Afonso Álvaro de Siqueira Carbonar – cônsul-geral do Brasil em Roma (02/11/2016)
- Sr. Giovanni Sulla – colecionador e historiador da FEB (02/11/2016)
- Sra. Emanuela Grenti – prefeita de Fornovo di Taro, Itália (02/11/2016)
- Sr. Romano Levoni – *partigian*o "Balilla" (02/11/2016)
- Coronel Mariano Bianchi – Brigada *Folgore*, Exército da Itália (02/11/2016)
- Sr. Gabrielle Minghetti – prefeito de Pianoro, Itália (03/11/2016)

- Brigadeiro Delano Teixeira Menezes – diretor do Núcleo Brasília da Escola Superior de Guerra (03/11/2016)
- Embaixador Paulo Roberto de Almeida – então diretor do IPRI (08/11/2016)
- Embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira (10/11/2016)
- Embaixador Luiz Felipe de Seixas Côrrea (15/11/2016)
- Embaixador Everton Vieira Vargas (21/11/2016)
- Embaixador Eduardo dos Santos (21/11/2016)
- Embaixador Paulo Roberto Campos Tarrisse da Fontoura (22/11/2016)
- Embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima (22/11/2016)
- Ministro Fabio Vaz Pitaluga (22/11/2016)
- General de divisão Décio Luis Schons, então comandante da Segunda Divisão do Exército Brasileiro (11/12/2016)
- Sr. Raul Jungmann – então ministro de Estado da Defesa do Brasil (19/12/2016)

Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (FEB)

- Tenente-médico Carlos Bessa - 1º Batalhão de Saúde (23/11/2016)
- Veterano Ramiro Hey Cabral - 5º Escalão da FEB (24/11/2016)
- Tenente Hugo Alves Correa - 6º Regimento de Infantaria (24/11/2016)
- Soldado Antonio de Pádua Inham - 11º Regimento de Infantaria (28/11/2016)
- Tenente José Cândido da Silva - 1º Regimento de Infantaria (28/11/2016)
- Coronel Amerino Raposo Filho - 2ª Bateria de Obuses do 3º Grupo 105 (28/11/2016)
- Tenente Israel Rosenthal - Centro de Recompletamento (29/11/2016)

ANEXO I

Fotos históricas



Roosevelt e Getúlio em Natal-RN, 28/01/1943.
Fonte: ANVFEB.



Presidente Getúlio Vargas visita pracinhas no embarque para a Itália, a bordo do navio General Mann, no porto do Rio de Janeiro, 30/06/1944.
Fonte: DPHDM.



Primeiro tiro da FEB na Itália, 16/09/1944. O então cabo Adão Rosa da Rocha, com 22 anos, compareceria, até 2008, um ano antes de seu falecimento, à cerimônia anual que celebra o feito, no Forte Barão do Rio Branco, em Jurujuba, Niterói (RJ).
Fonte: 3ª Seção do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM).



Soldado José Maria Torres, natural de Viçosa (MG), um dos primeiros militares a disparar contra as posições alemãs, em setembro de 1944.
Fonte: AHEx.



Soldados brasileiros treinam com fuzil Springfield, s/d.
Fonte: AHEx.



População civil de Massarosa recebe a FEB, setembro de 1944.
Fonte: AHEx.



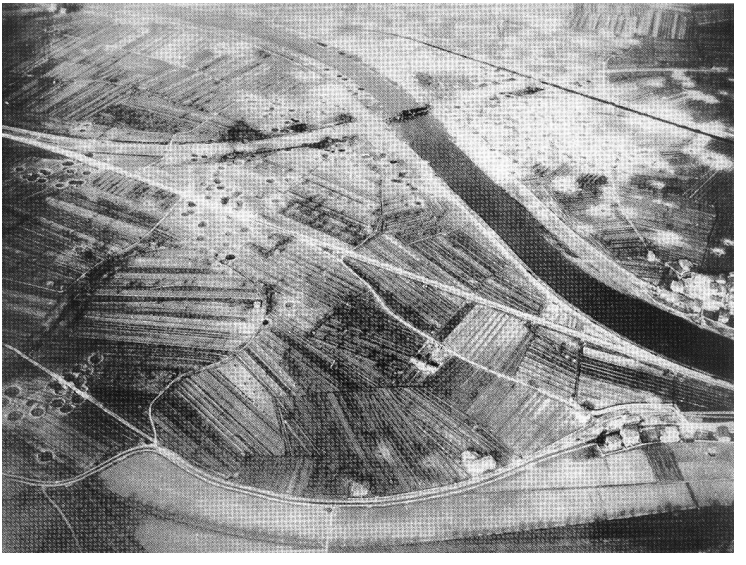
Instalações da Intendência da FAB em Tarquínia, aonde o 1° Grupo de Aviação de Caça chegou em 6 de outubro de 1944.
Fonte: INCAER.



Emblema do 1º Grupo de Caça: "Senta a Pua!", criado pelo capitão aviador Fortunato Câmara de Oliveira.
Fonte: INCAER.



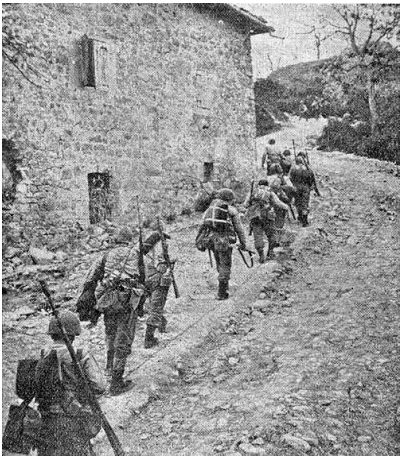
Mecânico nos preparativos dos caças Republic P-47 Thunderbolt, utilizados pelo 1º Grupo de Caça da FAB na Itália.
Fonte: INCAER.



Ponte destruída pelo grupo de caça "Senta a Pua!"
Fonte: INCAER.



Capitão Plínio Pitaluga (à direita), com seus colegas Jansen e Tavolucci, na comuna de Granaglione, em janeiro de 1945.
Fonte: Arquivo Fábio Vaz Pitaluga.



Tomada de Montese, abril de 1945.
Fonte: ANVFEB.



General Falconiere da Cunha, durante a rendição da 148ª Divisão alemã e coronel Nelson de Mello, em 29 de abril de 1945.
Fonte: AHEx.



Torre di Nerone, uma das primeiras posições tomadas pelos brasileiros.
Fonte: AHEx.



Clarice Lispector sentada em carro da Força Expedicionária Brasileira, Nápoles, 1945.
Fonte: IMS.



Última fotografia do sargento Max Wolf Filho, tirada em 12/04/1945. Wolf, morto em emboscada inimiga, é considerado um dos nomes mais emblemáticos da FEB por sua coragem, companheirismo e liderança.
Fonte: Adidância de Defesa, embaixada do Brasil em Buenos Aires.



Capitão Pitaluga (terceiro, da direita para a esquerda) e oficiais, maio de 1945.
Fonte: 1º Esquadrão de Cavalaria Leve do Exército, Valença (RJ).

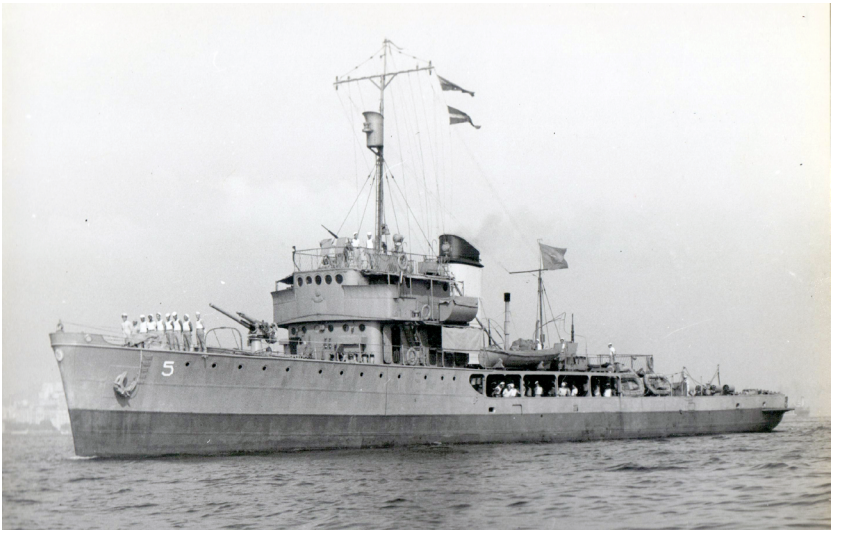




Plínio Pitaluga, ainda como capitão, na Itália, em 1945, e como general na década de 1970.
Fonte: Arquivo Fábio Vaz Pitaluga.



Briefing antes das missões do 1° Grupo de Caça na Itália, então major aviador Oswaldo Pamplona Pinto (no quadro).
Fonte: INCAER.



Corveta *Caravelas*, da Força Naval do Nordeste (FNNE), embarcação brasileira com o maior número de participações em comboios (77) durante a Segunda Guerra Mundial.
Fonte: DPHDM.



Navio brasileiro em comboio durante a Segunda Guerra Mundial.
Fonte: DPHDM.



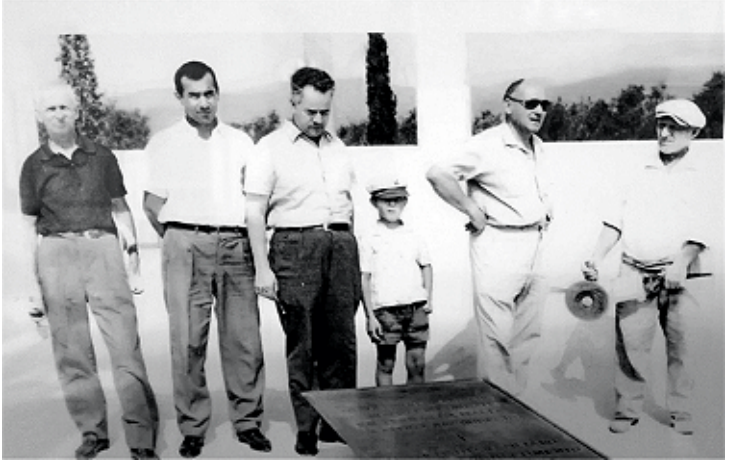
Desfile da FEB em Lisboa, 03/09/1945.
Fonte desconhecida.



Variação do "Roteiro da FEB na Itália" (Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra, 1945). Desenho original de Alberto Lima, diretor da Oficina de Cartografia do Exército Brasileiro.
Fonte: MVMBP.



Azeredo da Silveira, cônsul em Florença, deposita coroa de flores no MVMBP, em 02/11/1956.
Fonte: Acervo MVMBP.



Inauguração do túmulo do "Soldado Desconhecido" no cemitério de Pistoia, em 10/05/1967.
Fonte: Acervo MVMBP.

ANEXO II

Fotos dos monumentos e museus da FEB



Monumento, na localidade de Precaria, no município de Vergato, em homenagem aos “Três Heróis Brasileiros”, falecidos em combate, em abril de 1945.
Fonte: Mario Pereira.



Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistoia, 01/11/2016.
Fonte: Foto do autor.



Antigo edifício do Comando da FEB em Porreta Terme, 01/11/2016.
Fonte: Foto do autor.



Monumento dedicado à Força Aérea Brasileira na Piazza Brasile de 1995. Montese, 03/11/2016.
Fonte: Foto do autor.



Cerimônia anual realizada no Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 02/11/2016.
Fonte: Foto do autor.



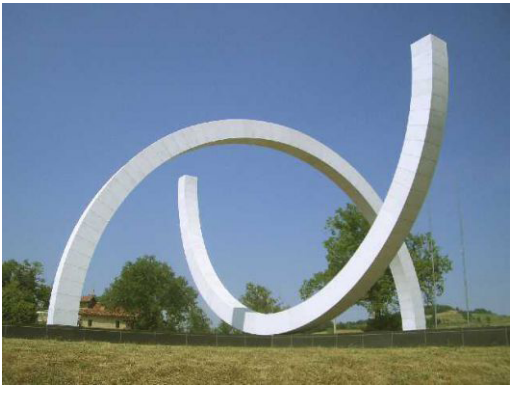
Cerimônia anual realizada no Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 02/11/2016.
Fonte: Foto do autor.



Monumento a Max Wolff Filho, Riva de Biscia, 03/11/2016.
Fonte: Foto do autor.



Monumento aos 17 de Abetaia. Flores colocadas anonimamente, 03/11/2016.
Fonte: Foto do autor.



Monumento do Monte Castello, 03/11/2016.
Fonte: Foto do autor.

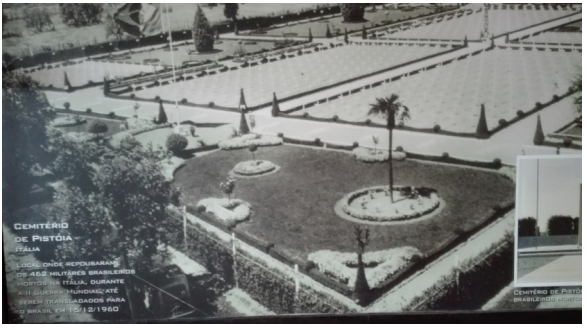


Foto do antigo Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, de onde as urnas foram transportadas, em 1960, para o Rio de Janeiro.
Exibido no MMSGM.



Monumento aos Mortos na Segunda Guerra Mundial, Rio de Janeiro, setembro de 2016.
Fonte: Foto do autor.



Museu da Associação Nacional dos Veteranos da FEB.
Fonte: Foto do autor.

ANEXO III

Reproduções do Caderno de Guerra de Carlos Scliar

O autor e a editora agradecem a senhora Eunice Delgado Medeiros Scliar, o senhor Elio Scliar e a Casa Museu Carlos Scliar pela autorização de publicação dos desenhos de guerra do artista plástico e veterano da FEB Carlos Scliar (1920-2001) que constam do presente anexo.



Desenho de guerra de Carlos Scliar de 03/07/1945.



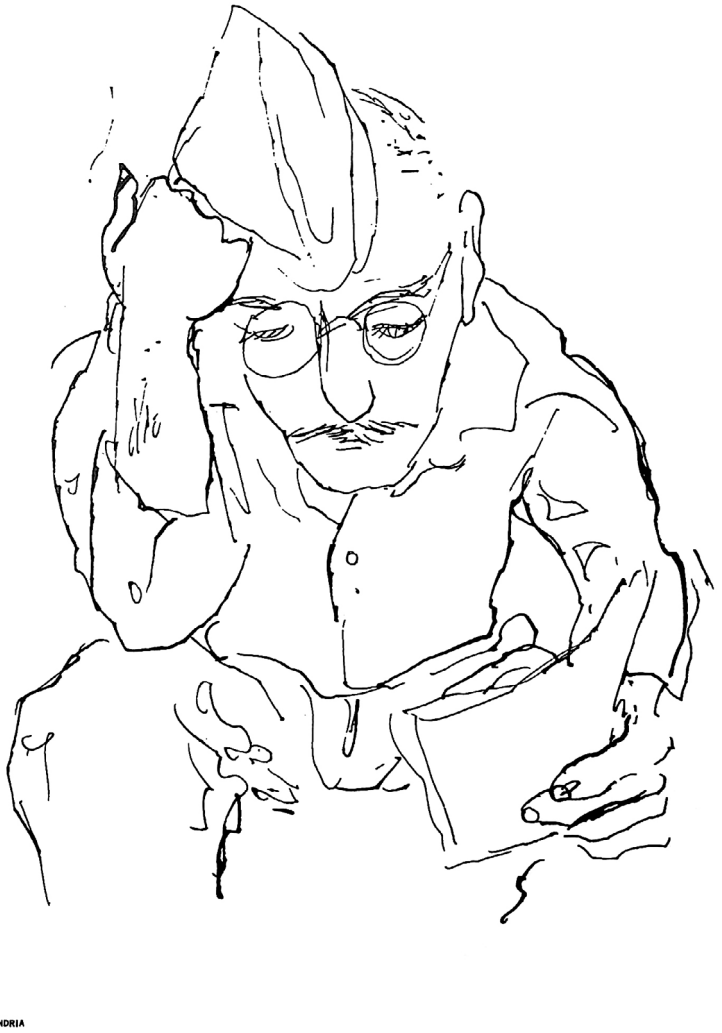
Desenho de guerra de Carlos Scliar de 13/05/1945.



Desenho de guerra de Carlos Scliar de 1/08/1945.



Desenho de guerra de Carlos Scliar de 13/05/1945.



Desenho de guerra de Carlos Scliar de 03/05/1945.



Desenho de guerra de Carlos Scliar de 04/04/1945.



Desenho de guerra de Carlos Scliar de 02/04/1945.



Desenho de guerra de Carlos Scliar de 02/04/1945.

ANEXO IV

Documentação

Relatório da missão do embaixador Marcos Azambuja, então subsecretário de Temas Multilaterais do Itamaraty, realizada em abril de 1987 ao Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia

Fonte: Arquivo embaixada do Brasil em Roma

DE

P I S T O I A

SUMÁRIO HISTÓRICO

Em 2 de novembro de 1959 foi lançada a Pedra Fundamental do MONUMEI sendo Prasidente da República dos Estados Unidos do Brasil Sua Exce lência o Senhor Doutor JUSCELINO KUBITSCHEK DE CLIVEIRA, Embaixador do Brasil em Roma, o Senhor ADOLPHO CARDOSO ALENCASTRO GUIMARÃES, Cor sul do Brasil em Florença o Senhor MURILO PESSÔA, presentes ao áto Autoridades brasieiras e italianas, a Benção foi Oficiada por Sua Eminência Reverendíssima Monsenhor ARRIGO PINTONELLO, Primaz Milita da Italia.

O MONUMENTO foi erigido por ordem executiva do Senhor Presidente d República.

Em 7 de junho de 1966, foi inaugurado:"SENDO PRESIDENTE DA REPÚBLIC O MARECHAL UMBERTO CASTELO BRANCO, MINISTRO DA GUERRA O GENERAL ARTHUR DA COSTA E SILVA, MINISTRO DAS RELACÕES EXTERIORES O EMBAIX DOR JURACY MAGALHÃES E EMBAIXADOR DO BRASIL EM ROMA O SENHOR FANCIS D'ALAMO LOUSADA FOI INAUGURADO ÈSTE MONUMENTO, INICIADO DURANTE A G TÃO DO EMBAIXADOR VASCO LEITÃO DA CUNHA NA PASTA DAS RELACÕES EXTE RIORES , SEGUNDO PROJETO DO ARQUITETO OLAVO REDIG DE CAMPOS E EXECU CÃO DO ENGENHEIRO LUIGI CAFIERO. PISTOIA - VII-VI-MCMLXVI".

O MONUMENTO esta situado no Subúrbio de "Candeglia" na "Via Sei Ar quase fronteiro à Igreja de"San Rocco - PISTOIA".

O Monumento possui uma área de 7.320 metros quadrados, exatamente terrêno acupado anteriormente pelo CEMITERIO MILITAR BRASILEIRO.

O Monumento possui tambem uma estrada de serviço de 82,50 por 4,00 que vai do Portão dos fundos, situado do lado direito(norte), até à "Via Brescandola.

(continua à Pag. nº 2)

(Sumario historico - continuaçao pag.2)

DESCRIÇÃO DAS VÁRIAS PARTES DO MONUMENTO

- O ingresso pela estrada "Sei Arcoli" é formado por uma calçada de paralelepípedo e marmore,de 18 metros de comprimento por 2,60 de largura, quatro Pirâmides de mármore de 1,40 mts. de altura, por 60 centimetros de base, com quatro lados; três segmentos de corrente de bronze de 5.40 metros cada uma, formando uma abertura de 16 metros;
- Entrando à esquerda dois Prismas de mármore de 1.45 mts. de altura por 40 centimestros de lado, onde estão gravados significativos dizeres explicando como o Arquiteto concebeu o Monumento;
- Logo se nota três mastros de 8 metros de altura, para as Bandeiras: Nacional Brasileira, Nacional Italiana e do Municipio de Pistoia;
- Diàriamente é hasteada somente a Bandeira do Brasil, no mastro central; nos dias de cerimônias todas as três Bandeiras, referidas;
- A Calçada principal de 5,40 mts. de largura e 40 de comprimento, vai do Ingrasso até a Plataforma;
- A Plataforma sobrelevada 40 centimetros do sólo,em mármore travertino romano (sempre que se fala em mármore é dêsse tipo) mede 400 metros quadrados;
- Na Plataforma se acham: A Pira formada por uma Pirâmide de 1,8o mts. de largura,por 60 centimetros de altura, e base quadrada;
- Logo a seguir está o conjunto: Cruz de Santo Andrea, sôbre a qual o ALTAR de Mármore de 2,50 de comprimento, por 1,20 mts. de largura e 45 centrimetros de espessura, com base de cimento armado, e a EDÍCULA em Cimento armado de onze metros de altura;
- A direita do Altar está o Mastro de 16 metros de altura, para a Bandeira grande de 7 panos, que é hasteada nos dias de Solenidade pela máxima Autoridade brasileira que Preside a Cerimônia. Dito Mastro fica na altura da Chama perpétua;

(continua à Pag. 3)

(Sumario historico - pag. 3)

- À esquerda do Altar, sempre na altura da Chama perpétua, num apêndice da Plataforma Principal, está situada a PENSILINA, cujo pavimento mede 36 metros quadrados, e é o Palanque Oficial, com capacidade para 60 pessôas em pé ou 32 cadeiras;
- Na frente da Chama Perpétua fica o TÚMULO DO SOLDADO DESCONHECIDO, do Brasil no Exterior, encimado por uma Chapa de bronze con o dizer:"AO SOLDADO BRASILEIRO MORTO EM COMBATE EM TERRAS DA ITALIA A PÁTRIA RECONHECIDA", uma pequena Cruz em Relevo e logo a tradução em italiano, a data - VII-VI-MCMLXVII;
- Na calçada Principal estão gravadas,em ordem cronológica, as oito principais Batalhas da Fôrça Expedicionária Brasileira, e relativas VITÓRIAS:

1)	CAMAIORE	18-IX-1944
2)	MONTE PRANO	28-IX-1944
3)	MONTE CASTELLO	2I-II-1945
4)	CASTELNUOVO	05-III-945
5)	MONTESE	14-IV-1945
6)	ZOCCA	21-IV-1945
7)	COLLECCHIO	27-IV-1945
8)	FORNOVO	28-IV-1945

- O Soldado brasileiro desconhecido foi recuperado 22 anos após o tèrmino da guerra;
- Só DEUS SABE O SEU NOME, qual o mistério que determinou sua Sepultura formando uma CRUZ exatamente no lugar onde,no Cemiterio Militar Brasileiro estava o Túmulo do Capitão Capelão ANTÔNIO ÁLVARES DA SILVA + Frei Orlando, hoje PATRONO DO SERVIÇO RELIGIOSO e o significado dessa coincidência!
- O Monumento tem um Lago entre a Plataforma e o muro de mármore, de de 3 metros de altura, por 70 metros de comprimento, o muro alem de limitar o Lago, tem os 465 nomes dos "PRACINHAS" gravados, em ordem hierárquica e alfabética, e no centro, na altura do ALTAR, o seguint

(continua à pag. 4)

(Sumario Historico - pag. 4)

o seguinte:"ESTA TERRA SAGRADA FOI SEPULTURA DOS SOLDADOS BRASILEIROS MORTOS NO CAMPO DE HONRA PELA DIGNIDADE DA PESSOA UMANA

MCMXLV (tèrmino da guerra)

SEUS NOMES ESTÃO GRAVADOS NESTA PEDRA PARA ETERNA MEMÓRIA DOS HOMENS

MCMLXVI"(inauguração do Monumento)

- Êsse dístico acima registrado é de autoria do Arquiteto OLAVO REDIG DE CAMPOS, que projetou o Monumento;
- No lado direito do Monumento, no fundo do terrêno se encontra o Edifício (bem pequeno), com Sala de visitas, deposito de material e banheiro.
- Na Sala de Visitas está situada a lápide Comemorativa da inauguração, Fotografia do Marechal JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, Retrato do Capitão Capelão ANTÔNIO ÁLVARES DA SILVA, Fei Orlando - Patrono do Serviço religioso, Homenagem da Escola Superior de Guerra do Brasil , Roteiro da FEB , na Campanha da Italia, Mensagem do Presidente JOSE SARNEY, fotografia do Monumento Nacional aos Mortos da 2a. Guerra Mundial,da Glória e muitas outras relíquias.
- Na parte não construida está o jardim: Gramado, flôres, arbustos e muitas árvores;
- Para visitar o Monumento e o jardim se percorre 400 metros de calçada em mármore, de 60 centimetros de largura e 20 de espessura sôbre o solo.

RESTAURACÃO DO MONUMENTO E MODIFICACÃO DO JARDIM

- Em conseqüência de calamidade natural o Monumento teve que ser restaurado, e a pedido das Viuvas dos Militares foram colocadas lajotas de mármore com uma pequena cruz e o nome e graduação de cada Militar gravados, êsses trabalhos foram executados de junho de 1986 a março de 1987;
- Em redor da Chama Perpétua e Túmulo do Soldado desconhecido foram colocadas 4 pequenas Piramides e correntes de bronze;
- Em 24 de abril de 1987, com solenidade, às 10:30 hs se raalizou a

(Continua a pag. 5)

(Sumario historico - pag. 5)

Cerimônia de reabertura do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, Presidida pelo General PAULO CAMPOS PAIVA, Ministro-Chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas, que dando iniciu a solenidade executou o hasteamento da Bandeira, com a assistência dos três Adidos das Fôrças Armadas;

- A Delegação brasileira era Chefiado pelo Senhor Ministro-Chefe do E.M. das Fôrças Armadas e composta de mais os Senhores: Embaixador MARCOS CASTRIOTO DE AZAMBUJA, General PLÍNIO PITALUGA, Coronel ANTÔNIO APARECIDO, todos da Delegação Especial;
- Outra Delegação era composta pelas Viuvas, e chefiada pela Senhora MARVIONE FERRAZ FALCÃO, Pres. da Ass. das Viuvas de Militares, Srs. HELENA DO AMARAL, MAGDA CRISTINA MUNIZ, NOEMI MAHCADO, Sr. ELOI MACHADO, do Rotary de São Paulo e o Presidente da Ass. dos Veteranos de São Paulo SAMUEL SILVA e Senhora;
- Participaram da Cerimônia: Embaixador CARLOS ALBERTO LEITE BARBOSA e Senhora, Comandante JACOB ENNES DA SILVA e Senhora, Coronel ANGENOR FRANCISCO HOMEM DE CARVALHO e Senhora, Coronel Av. WALTER WERNER BAUER e Senhora e Secretária MARÍLIA SARDENBERG ZELNER GONÇALVES, os Senhores Secretário MARIO VILALVA e Tenente LEOCADIO RIBAS CLARO e Senhora.

Ato de renovação da concessão do terreno do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 20/04/1998

Fonte: Arquivo embaixada do Brasil em Roma



REPUBBLICA ITALIANA
MINISTERO DELLE FINANZE
DIPARTIMENTO DEL TERRITORIO
UFFICIO DEL TERRITORIO DI PISTOIA

PROT.N. 4226 REPERTORIO N.5

ATTO DI CONCESSIONE IN USO DELL'AREA EX CIMITERO BRASILIANO DI PISTOIA DI PROPRIETA' DELLO STATO SULLA QUALE INSISTONO IL PARCO MONUMENTO, LA CAPPELLA E LA STELE COMMEMORATIVA.

L'anno 1998 il giorno 24 del mese di aprile alle ore 11.00 presso la sede dell'Ufficio del Territorio di Pistoia in via B. Buozzi n. 28, davanti a me Dott. Vincenzo Di Lauro nato a Nola il 28.06.1943, funzionario della IX qualifica funzionale, delegato con decreto del Direttore Compartimentale del Territorio per la Toscana e l'Umbria prot. 10232 del 10.07.97 per la stipula, quale Ufficiale Rogante, degli atti in forma pubblica amministrativa dell'Ufficio del Territorio di Pistoia e della propria Sezione Staccata di Pescia è assistito dalla continua e contestuale presenza dei testimoni Sig.ri :

- Geom. BANI Raffaello Direttore Tributario (IX q.f.) nato a Firenze il 23.10.1948;
- Signor DE MARTINI Fabrizio, assistente tributario, (VI q.f.) nato a Roma il 02.09.1970,

entrambi impiegati in servizio presso l'Ufficio del Territorio di Pistoia, testimoni idonei a norma di legge, sono comparsi i Sig.ri :

- Dott. Ing. Carla BELFIORE nata ad Ancona il 27.02.1952 nella sua qualità di Dirigente Reggente dell'Ufficio del Territorio di Pistoia e di

locale rappresentante dell'amministrazione finanziaria (C.F. Ufficio del Territorio 80006310470);

- Dott. Sarkis KARMIRIAN nato a Rio de Janeiro il 12.12.1948 ministro consigliere presso l'Ambasciata del Brasile come da passaporto diplomatico n. DA 038724 rilasciato a Brasilia il 23.09.1994.

Premesso che l'Ambasciata del Brasile ha chiesto il rinnovo della concessione in uso al Governo Brasiliano dell'area ex cimitero brasiliano di Pistoia su cui insistono il Parco-Monumento, la Cappella e la Stele commemorativa;

che il precedente atto di concessione, stipulato in data 02.12.1966 per la durata di anni 30 è scaduto l'01.12.1996;

che con nota n. 98103 del 16.01.1997 il Ministero delle Finanze - Direzione Centrale del Demanio - premesso che il Ministero degli Esteri ha espresso parere favorevole all'accoglimento della suddetta richiesta, ha autorizzato la stipula di un nuovo atto di concessione della durata di anni 30 e con previsione del canone minimo ricognitorio di L. 240.000.- (Duecentoquarantamila) annue, attesa la natura e la finalità della concessione.

Tutto ciò premesso, il Dott. Ing. Carla BELFIORE nella qualità suindicata concede al Governo Brasiliano, legalmente rappresentato dal Dott. Sarkis KARMIRIAN, nella suddetta qualità,l'uso dell'area ex cimitero brasiliano in Pistoia sulla quale insistono il Parco-Monumento, la Cappella e la Stele commemorativa, identificata al N.C.E.U. del Comune di Pistoia alla partita 17511 Foglio188 Mappali 357, 408 e 409 categoria E/9 senza rendita, ai patti e alle condizioni qui di seguito indicate:

1. la durata della concessione è stabilita in anni 30 a decorrere dall'01.06.1998;
   il canone annuo a carico del Governo Brasiliano viene stabilito in L. 240.000.- (Duecentoquarantamila.-) annue con pagamento anticipato. Ai sensi e per gli effetti dell'art. 10 della legge 24.12.1993 n. 537, il predetto canone sarà aggiornato annualmente, a decorrere dall'01.06.1999 secondo i criteri dell'adeguamento alla variazione dell'indice dei prezzi al consumo rilevato nell'anno solare precedente. Si dà atto che dall'01.01.1997 al 31.05.1998 è stata corrisposta l'indennità di occupazione determinata in misura pari ad una annualità del predetto canone. E' stato, altresì, corrisposto il canone annuo relativo al periodo 01.06.98 - 31.05.99 come da ricevuta dei versamenti effettuati al Concessionario di Pistoia in data 01.04.98 e 23.04.98.;
2. il concessionario è tenuto a sostenere gli oneri di manutenzione, della custodia e della conservazione dei manufatti del parco;
3. il Governo Brasiliano si obbliga a consentire l'accesso del pubblico al parco sopra indicato;
4. a tutti gli effetti di legge le parti contraenti eleggono domicilio presso l'Ufficio del Territorio di Pistoia;
5. tutte le spese afferenti e dipendenti dal presente atto sue preparatorie e consequenziali sono a carico del concessionario.

Il presente atto, mentre sarà immediatamente esecutorio per il concessionario, lo diverrà, per la parte concedente, solo dopo che sarà intervenuta l'approvazione del Ministero delle Finanze - Direzione Centrale del Demanio.

Letto, approvato e sottoscritto

Dott. Ing. Carla Belfiore

Dott. Sarkis KARMIRIAN

Geom. Raffaello BANI (Teste)

Signor Fabrizio DE MARTINI (Teste)

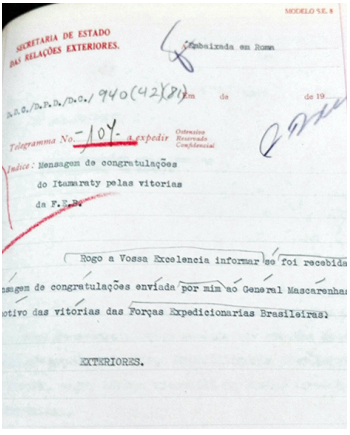
Dott. Vincenzo DI LAURO (Ufficiale Rogante)

UFFICIO DEL TERRITORIO
PISTOIA

Il presente atto è stato approvato con decreto del Direttore Compartimentale per le Regioni Toscana e Umbria n°11971/98 del 02.11.1998, prenotato dalla Ragioneria Provinciale dello Stato di Firenze al n°365 e registrato presso la Corte dei Conti delegazione Regionale di Firenze in data 02.02.1999 Reg.1 Foglio n°34

Il presente atto è stato registrato presso l'Ufficio del Registro di Pistoia in data 29.03.1999 sul Registro Atti Privati al n°2486

L'Ufficiale Rogante
Direttore Tributario
(Dott.Vincenzo Di Lauro)



SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES.

Embaixada em Roma

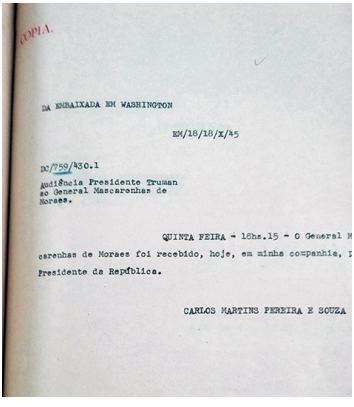
Telegramma No. 107 - A expedir

Indice: Mensagem de congratulações do Itamaraty pelas vitorias da F.E.B.

Rogo a Vossa Excelencia informar se foi recebida mensagem de congratulações enviada por mim ao General Mascarenhas motivo das vitorias das Forças Expedicionarias Brasileiras)

EXTERIORES.

Minuta de telegrama nº 107, de 1945, pelo qual a Secretaria de Estado das Relações Exteriores indaga a embaixada em Roma se foi transmitida a mensagem de congratulações enviada pelo ministro das Relações Exteriores, embaixador Pedro Leão Velloso, ao general Mascarenhas de Moraes, por motivo das vitórias da FEB.
Fonte: AHI



COPIA.

DA EMBAIXADA EM WASHINGTON

EM/18/18/X/45

DO/759/430.1

Audiência Presidente Truman ao General Mascarenhas de Moraes.

QUINTA FEIRA - 16hs.15 - O General M carenhas de Moraes foi recebido, hoje, em minha companhia, p Presidente da República.

CARLOS MARTINS PEREIRA E SOUZA

Telegrama 759, de 18/10/1945, da embaixada do Brasil em Washington, informa sobre audiência concedida pelo presidente Harry Truman ao general Mascarenhas de Moraes naquela data.
Fonte: AHI

ANEXO V

Depoimento do embaixador Fábio Vaz Pitaluga

Moscou, 4 de dezembro de 2016.

FEB

DEPOIMENTO

1. Sinto-me muito honrado pela confiança e pela oportunidade de dizer breves palavras sobre a participação do Brasil na II Guerra Mundial. Entendo que a tese pretende discutir possíveis caminhos para a incorporação ao nosso discurso diplomático, por meio de ações políticas, administrativas e culturais, do extraordinário legado da participação de nossos pracinhas na campanha da Itália. Decorridos 71 anos da vitória na II Guerra Mundial, considero extremamente oportuno que seja feita reflexão sobre os extraordinários sacrifícios e desafios vividos por uma geração de brasileiros e brasileiras que com muita garra, coragem e dignidade lutou contra as forças totalitárias do nazifascismo.

2. Sou filho do general Plínio Pitaluga, natural da cidade de Cuiabá, Mato Grosso, pertencente à turma de 1934 da Escola Militar do Realengo, que durante a guerra, como capitão, comandou o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, hoje Esquadrão Tenente Amaro, sediado em Valença, Rio de Janeiro. Recebeu meu pai as seguintes medalhas e condecorações pela campanha na Itália: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Estrela de Bronze, Estados Unidos; Cruz de Guerra com Palma, França; e Cruz ao Valor Militar, Itália. Quando de sua passagem para a reserva, em 1973, assumiu a Presidência do Conselho Nacional das Associações dos Ex-Combatentes, função que exerceu, por meio de sucessivas eleições, até seu falecimento em dezembro de 2002.

3. Às vésperas da II Guerra Mundial, o Brasil vivia divisões no campo político e deterioração em sua estrutura militar. A intentona comunista de 1935 e a tentativa de golpe integralista de 1938 mostravam a polarização política interna dominada pelo Estado Novo. A guerra aqui era vista com indiferença, tratada como assunto distante, um problema europeu, quando, na verdade, era um drama que viria a adquirir impacto

global. No Brasil, havia indecisões políticas e fraquezas militares. A despeito disso, discutíamos com outros países sul-americanos e com os EUA, por meio das conferências interamericanas, as futuras posições e medidas de contenção a serem tomadas, diante da agressividade cada vez maior da Alemanha. Tínhamos grande preocupação com a defesa do Nordeste que, caso conquistado, poderia servir de base para ameaçar outros pontos do continente americano. Quando passamos a sofrer restrições em nosso comércio, ameaças à nossa navegação e à integridade territorial, a consciência nacional finalmente despertou de sua letargia. Os ataques dos submarinos alemães e italianos fizeram o Brasil perder 31 navios mercantes e levaram ao falecimento de cerca de 1000 nacionais. Finalmente, em 28 de janeiro de 1942, por ocasião da Reunião de Chanceleres do Rio de Janeiro, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha e a Itália. Os ataques aos nossos navios se intensificaram, o que nos levou à declaração da guerra em agosto do mesmo ano. O Brasil teria que se organizar para a guerra.

4. Estávamos preparados para essa guerra? De maneira alguma. Que Forças Armadas possuía o Brasil então? O Exército, a Marinha e a Aeronáutica tinham materiais obsoletos, estavam mal equipados, com manutenção praticamente inexistente de equipamentos, além de efetivos militares muito limitados. Não existia uma visão de conjunto da política internacional. Nossas Forças Armadas, sem estrutura adequada, estavam despreparadas tanto do ponto de vista material quanto psicológico para a guerra. A guerra, como dizia meu pai, bem me recordo, "não espera que os adversários se preparem; ela é cruel, violenta e penaliza brutalmente a imprevidência, o despreparo e a indiferença; e leva à destruição dos mais fracos que são submetidos ao domínio dos mais fortes".

5. A Força Expedicionária Brasileira teve que ser criada praticamente do zero. Fomos chamados à dura realidade da guerra a fazer frente ao nosso atraso e despreparo. De sua criação até o embarque do 1º Escalão para a Itália, no final de junho de 1944, transcorreu quase um

ano. Inúmeros obstáculos tiveram que ser superados e, várias foram as discussões com os EUA, desde as relativas à liberação do equipamento militar, o que apenas se deu em princípios de 1944, até a definição quanto à área de atuação da FEB. A vantagem é que, apesar de todos os problemas, tínhamos uma estrutura militar com boa cultura profissional. Foi possível, assim, empreender uma extraordinária mobilização. Em pouco tempo, o Exército, por exemplo, pôde elevar seu efetivo básico de 60 mil para 200 mil homens. A FEB contou com efetivo de cerca de 25.500 homens. Tivemos a capacidade de assimilar as novas doutrinas, os novos processos e técnicas de combate. As dificuldades, no entanto, eram imensas num Brasil atrasado, despreparado, sem petróleo, com indústria incipiente, com limitações imensas em sua capacidade produtiva. O Brasil tinha importante parcela da população analfabeta, era formado por ilhas geográficas, que praticamente não se comunicavam entre si. As comunicações, as estradas, os meios de transporte eram extremamente deficientes.

6. Como se percebe, foram vários os obstáculos e desconfianças que tiveram que ser superados. O descrédito era muito grande. Poucos acreditavam que iríamos realmente conseguir organizar a FEB e, sobretudo, embarcar para a Itália, o que fizemos, com o apoio de navios americanos, em 30 de junho de 1944. Em setembro do mesmo ano, já estávamos em combate. No teatro de guerra, as desconfianças também existiam por parte dos Aliados. Olhavam para aquela tropa desconhecida, sem tradição de guerra, de aspecto marcial pouco desejável, com treinamento precário, com imensa desconfiança. De qualquer forma, foi possível motivar a tropa para uma guerra externa, em terreno desconhecido, com clima adverso, hostil, contra um inimigo veterano, obstinado e decidido. Tivemos, no início, sucessos parciais, num *front* secundário, no vale do Serchio. Posteriormente, sobretudo, em novembro/dezembro de 1944, tivemos insucessos naturais em Monte Castelo – Belvedere – La Torracia, numa tropa ainda carente de

treinamento adequado. A indisciplina e a apatia da tropa preocupavam, a falta de confiança se fazia sentir.

7. Medidas enérgicas foram adotadas. Recuperada a disciplina e a confiança, aprimorada a instrução de combate e a maior destreza no manejo do equipamento, pode-se perceber que aquela tropa que chegara desacreditada começou a se apresentar com maior valor, maior eficiência, maior disposição e confiança para o combate. Aqueles soldados tinham agora maior compreensão da guerra, do terreno, de suas possibilidades, confiança nos seus chefes. Aquela tropa vacilante de setembro a dezembro de 1944 apresenta-se no cenário dos Apeninos mais motivada e confiante. As vitórias sucedem-se: Monte Castelo - La Serra – Castelnuovo – Soprassosso. As incursões noturnas crescem em ousadia. Monte Castelo e Montese conquistados, as fases do "aproveitamento do êxito" e "perseguição", nas quais o Esquadrão de Cavalaria comandado pelo meu Pai teve sua atuação mais extraordinária, de perseguição, cerco e destruição do inimigo, típicas da Cavalaria, ganham força a partir de Zocca, quando nossas tropas atingem o vale superior do rio Panaro. A partir da travessia do Panaro, a corrida e a perseguição intensificam-se; não há limites para os esforços físicos e materiais; são ações profundas, eivadas de incertezas, distantes do grosso da tropa; trata-se, como dizia meu pai, de "iluminar o teatro" para melhor acutilar os últimos redutos do inimigo.

8. A liberação de Collechio e o cerco de Fornovo, com a prisão da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, o mais espetacular feito da FEB, tiveram participação decisiva do Esquadrão de Cavalaria. Mostrou o valor de nossos chefes militares, o planejamento flexível e adequado e a execução extraordinária por parte de nossas tropas, que se lançaram na perseguição às forças inimigas. Nossos pracinhas marcharam, combateram, lutaram, mostraram valor e dignidade, venceram. Como diz meu pai, em entrevista publicada no Tomo 1 da História Oral do Exército na II Guerra Mundial, "sobrepujamos o julgamento de fraqueza de alguns, a indiferença do nosso povo, a falta de entusiasmo dos aliados

e até a falta de confiança em nós mesmos e nos ombreamos com as melhores tropas do mundo e voltamos vencedores". A FEB foi preparada às pressas; nossas tropas tiveram pouca instrução, treinamento técnico e preparação física. Aprenderam, no entanto, no teatro de operações, na realidade dura, crua e brutal da guerra; em terreno desconhecido e clima completamente adverso; e conseguiram impor-se a si mesmas, aos aliados e ao inimigo.

9. Não me deterei em todos os detalhes de nossa operação na Itália. Chamo a atenção para o comportamento do governo Vargas na volta de nossos pracinhas. Quando o Primeiro Escalão de nossas tropas desembarcou no Brasil houve alegria e uma recepção entusiástica. Quando os demais escalões desembarcaram, no entanto, não houve esse entusiasmo; houve até mesmo indiferença e muita mágoa por parte de nossos soldados. O governo, desconfiado com relação à sua própria sobrevivência política, tratou de desmobilizar a FEB com a urgência possível, o que não evitou, em 29 de outubro de 1945, a queda de Vargas e o fim do Estado Novo.

10. Recordo-me bem que, desde pequeno, acompanhei meu pai, por diversas vezes, nos desfiles do Dia da Vitória e nas reuniões com os ex-combatentes. Tinha orgulho de estar em contato com aqueles homens e mulheres que lutaram por nós, pela liberdade, contra as forças totalitárias e do obscurantismo. Foram para a guerra sem nada pedir em troca. Ao voltarem, ao serem desmobilizados, muitos foram esquecidos, abandonados; viraram-lhe as costas; muitos voltaram mutilados, com suas dores, ferimentos no corpo e cicatrizes profundas na alma. Meu pai, já general, quando passou para a reserva em 1972, jamais abandonou seu Exército, seus companheiros de armas. Como presidente, por mais de trinta anos, do Conselho Nacional das Associações dos Ex-Combatentes, empregou parte importante do seu tempo, energia e saúde para lutar por melhores e mais justas condições de vida para aqueles que não ficaram em Pistoia. Procurou sempre amparar os doentes, os mais necessitados, colocando seu grande prestígio no Exército e nas Forças Armadas a

serviço daqueles que, com ele, lutaram ombro a ombro pelos mais altos e caros valores democráticos. Costumava meu pai dizer que "nunca se sabe quando a guerra estará batendo às nossas portas novamente...; há que se preparar para ela nos tempos de paz ...; a guerra é arte de execução; exige-se, assim, uma criatividade grande para preparar o elemento básico fundamental, nosso desafio permanente: o homem, com todas as suas qualidades, defeitos e limitações". Recordo-me também que ele dizia ser difícil, doloroso e desafiante preparar esse homem para a guerra, para a morte, para a destruição. Recordo-me também que uma de suas principais preocupações era a de prestar contas, por meio de inúmeras palestras que costumava fazer nos meios civis, políticos e militares, escolas, universidades; contar o que foi a FEB, suas dificuldades, os obstáculos que teve que superar, as lições aprendidas, sua vitória; falar sobre o que aqueles homens e mulheres viveram, viram, lutaram; suas ilusões, dores, sofrimentos, as histórias de coragem, superação, determinação, dignidade, coragem e heroísmo.

11. A ousadia, a determinação, a coragem, o espírito indomável, a modéstia, apesar de todos os louros conquistados nos campos de batalha, a inteligência aguçada, a paixão pela História, pela família, pelo Brasil, a compaixão pelos mais humildes e necessitados, a alma de poeta que se confunde com a de soldado, são características marcantes desse homem, desse guerreiro, a quem muitos glorificam, admiram e exaltam e a quem eu, com muito orgulho e gratidão, tenho a honra de chamar simplesmente de pai.

12. O general Plínio Pitaluga faleceu no Rio de Janeiro em 17 de dezembro de 2002, próximo de completar 93 anos, tendo recebido as mais altas honras militares, que contou com a presença do Alto Comando do Exército. Várias foram as homenagens que se seguiram após seu falecimento.

13. Para melhor ideia do papel desempenhado pelo então capitão Pitaluga na campanha da Itália, transcrevo, a seguir, em linguagem contemporânea, o teor do seu Diploma da Cruz de Combate de Primeira

Classe, a mais alta condecoração de guerra do Brasil, cuja versão original encontra-se no Museu Capitão Pitaluga (sala General Pitaluga), localizado no Esquadrão Tenente Amaro, em Valença (RJ):

****

"Diploma da Cruz de Combate
Criada por Decreto lei 6.795, de 17 de agosto de 1944
O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil resolveu, de acordo com o Decreto de 26 de janeiro de 1946, conceder a Cruz de Combate de Primeira Classe ao Capitão Plínio Pitaluga. Pela sua atuação, pelo aproveitamento do êxito de MONTESE às margens do PANARO. Durante as operações que redundaram na ocupação de RANOCCHIO, SALTO e BERTOCCHIO e principalmente no árduo combate de MARANO SULL PANARO, o Capitão Pitaluga demonstrou bravura, desprendimento e um elevado senso de cumprimento do dever militar. Seu exemplo constitui sempre uma inspiração para seus homens. Sua conduta destemida e enérgica capacidade de comando e sangue frio asseguraram a magnífica performance de sua unidade que bem refletindo a personalidade de seu chefe soube, a despeito da inferioridade de meios, manter a vanguarda inimiga em COLECCHIO, desfechando golpes de sonda na região de FORNOVO, cooperando sem dúvida para a rendição espetacular de COLECCHIO–FORNOVO, o mais sensacional feito de armas da FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA. Confirmou plenamente o Capitão Pitaluga as ótimas virtudes militares de que é dotado, bem como suas esplendidas qualidades de chefe proficiente, enérgico e ousado.
Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1946
125º da Independência, 68º da República"

****

14. Nossa participação vitoriosa na II Guerra Mundial não chegou a favorecer nosso objetivo de nos tornarmos atores de primeira

grandeza na nova ordem mundial que surgiria ao final da guerra. Essa ordem já vinha sendo moldada por ocasião das conferências aliadas. Permitiu-nos, porém, estarmos em contato direto com uma nova realidade, a importância da mobilização, da indústria, da capacidade de atuar; lutamos contra regimes totalitários, em prol dos valores democráticos, o que parecia uma contradição, tendo em vista que vivíamos no autoritarismo, perseguições e censuras do Estado Novo.

15. Estou certo que, discutindo vários dos aspectos políticos, administrativos e culturais, o Itamaraty poderia levar adiante programa para preservar a memória da FEB e melhor compreender seu legado, tema hoje tratado basicamente pelas Forças Armadas. Nossa história de luta, em momento de extrema provação e drama mundial, pelos valores democráticos, pela liberdade, precisa ser conhecida, estudada, analisada, sob pena de ser perdida, esquecida, distorcida e deturpada por forças obscurantistas.

Fábio Vaz Pitaluga

Copyright © Fundação Alexandre de Gusmão

FUNDAÇÃO
ALEXANDRE
DE GUSMÃO

Acompanhe nossas redes sociais

@funagbrasil

Marina Artes Gráficas e Editora

Papel da capa: cartão supremo 250g

Papel do miolo: pólen soft 80g

Qual a importância da participação brasileira na luta contra o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial? Qual o peso do legado histórico da Força Expedicionária Brasileira (FEB)? A colaboração brasileira prestada à Causa Aliada pode servir, nos dias de hoje, como instrumento para a projeção internacional do Brasil?

São essas as perguntas que o presente trabalho, apresentado no Curso de Altos Estudos (CAE) do Instituto Rio Branco, tenta responder. O texto, revisto e agora trazido a um público mais amplo pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), procura examinar aspectos historiográficos, políticos, diplomáticos e culturais da memória da FEB.

Trata-se, também, de uma merecida homenagem do Itamaraty aos heróis da FEB. O envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial contra o maior desafio enfrentado pela democracia e pela paz mundial no século XX constituiu uma causa justa a ser recordada e celebrada pelo Brasil e por todas as suas nações amigas.

1945-2020 INSTITUTO RIO BRANCO 75 ANOS

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

ISBN 978-85-7631-838-5